HISTORIA DA MAÇONNARIA

ALFREDO DE PAIVA

HISTORIA

DA

MAÇONNARIA

RIO DE JANEIRO
M. A. DE OLIVEIRA - EDITOR E PROPRIETARIO

1895

DUAS PALAVRAS

Encarregando da confecção do presente trabalho ao illustre professor Sr. Alfredo de Paiva, e emprehendendo a sua publicação, tive unicamente em vista, prestar um serviço á Ordem Maçonnica no Brasil, e á Ben.·. Loj.·. Cap.·. Asylo de Caridade, uma homenagem.

Nada havendo escripto de moderno em lingua portugueza, sobre assumpto de tanta magnitude, e o pouco que ha esparso em uma ou outra publicação, hoje rarissimas, e confiando na proverbial intelligencia do illustre professor Sr. Alfredo de Paiva, auctor de diversas obras sobre outros assumptos, é que me animei a fazel-o, e creio ter-me saido bem da empreza, pois que se encontra reunido no presente livro tudo quanto possa interessar não só ao Maçon, que queira saber os principios e fins da nossa Ordem, como á curiosidade dos profanos.

Este livro, simples estudo historico e comparativo, será, como digo, digno de se lêr com reflexão mais de uma vez, e de se conservar como preciosidade litteraria, pelo nome do seu auctor.

Apresentando-o, pois, creio ter cumprido com o meu dever de verdadeiro e sincero Maçon.

M. A. de Oliveira.

Petropolis — 1895.

A

MAÇONNARIA UNIVERSAL

e á Benemerita

LOJA CAPITULAR ASYLO DE CARIDADE

DA CIDADE DE PETROPOLIS

Como preito de homenagem e de sympathia á grande Instituição, e a esta Benemerita Loja, offerece este pequeno fructo de suas vigilias

ALFREDO DE PAIVA.

Petropolis — 1895.

CARTA-PREFACIO

Ao Exmo. Sr. Commendador M. A. de Oliveira, Mui Digno Veneravel da « BENEMERITA LOJA CAPITULAR ASYLO DE CARIDADE » *da Cidade de Petropolis*

Quizera dispor dos mais elevados dotes de espirito, secundados por poderosa erudição scientifica e litteraria, para sempre, e em toda occasião, bem collaborar na edificação das obras mais uteis e proveitosas ao bem estar geral da Patria e da Humanidade.

O convite por V. Exa. feito, para dedicar-me ao estudo das bellezas da Instituição Maçonnica, encontrou-me nessa disposição de espirito, tão propria daquelles que se consagram ás luctas do pensamento, e aos debates que têm por arena o vasto campo da intellectualidade.

Atarefado, e bastante, dividindo o meu precioso tempo entre a cathedra do mestre, as preoccupações do jornalista e os arduos labores de

confeccionador de diversos livros que tenho em mãos, não me foi possivel elaborar trabalho completamente original, sobre instituição tão discutida, mas tão pouco conhecida, como é a Maçonnaria. Desejoso, porém, de corresponder á tão amavel solicitação de V. Exa., que tão benevolamente me faz a honra de distinguir com a sua affeição, levei a cabo o presente e rapido bosquejo historico, servindo-me de antigas publicações sobre tão transcendental assumpto.

Quem perlustrar as paginas do presente estudo, terá occasião de fazer uma pittoresca digressão através de longos periodos da historia da humanidade, sempre sacudida por tão fortes commoções e agitações de todo o genero. Será notavel a impressão do leitor ante o desdobramento dos fios dessa poderosa associação, que phases tão brilhantes e tão interessantes tem apresentado. Ha nos espiritos como que uma prevenção contra a Maçonnaria, e desse facto tem promanado injustas ponderações.

Se os homens podessem conseguir amortecer essa chamma ardente das paixões que estuam fortes, produzindo á par de grandezas e heroicidades tanta miseria, e manter o pleno dominio da fraternidade, em toda sua pureza, por certo que o ideal Maçonnico ter-se-ia concretisado, realisando o plano bem concebido da união de todas os homens.

Mas, infelizmente, elles, nessa grande cam-

panha, emprehendida, ora em prol da Fé, ora em prol da Verdade, ora em prol da Sciencia, se têm dividido em innumeros campos, apostrophando o adversario, o que não communga com suas idéas, mas, creio eu, fitando todos um mesmo poncto luminoso, perdido no espaço infinito das abstracções philosophicas, dos vôos metaphysicos e dos sonhos theologicos.

E vão se sepultando os seculos nos vastos sarcophagos do passado, e as luctas vão se succedendo, os embates se produzindo, a luz se fazendo, os velhos edificios de estylos archaicos ruindo, e sobre as suas ossadas se levantando novos, mas a humanidade sempre gemendo sob o guante de ferro das paixões que tudo ensombram, que ennegrecem os horizontes da vida, transformando-a n'uma noite perenne de duvidas, apezar das riquezas de constellações que a rasgam de sulcos luminosos.

Desde o momento em que o homem, deixando de ser o bruto vivente das cavernas prehistoricas, para se tornar o instrumento da realisação de um plano occulto nos mysterios insondaveis da natureza, que elle se dispersou pela superficie do nosso planeta, procurando arrancar a verdade ora das camadas subterraneas, ora das profundezas insondaveis do infinito.

Formou-se, cresceu e desenvolveu-se a civilisação, e a philosophia levantou logo o seu marco no

meio das disputas e das polemicas que visavam o conhecimento do incognoscivel.

E até as culminancias do presente seculo, que está prestes a expirar, continua a sciencia humana a bracejar no grande pelago dos problemas philosophicos, biologicos e sociologicos : mas o grande enigma continua vedado ás investigações do espirito do homem.

Platão, Aristoteles, Kant fundaram escolas, e tantos outros de egual estatura intellectual têm creado outras muitas, que são verdadeiros esforços do pensamento em busca do insaciavel desejo de verdade e de sciencia : mas o grande enigma continua vedado ás investigações do espirito do homem.

Os doutores da Egreja, philosophos e philosophantes, disputam todos entre si a posse desse ideal para que tende toda a aspiração das nossas mais bellas e mais eminentes faculdades, que nos fazem ardente admirador da enorme epopéa do mundo creado, e conscio da nihilidade e da puerilidade de nós mesmos, particulas, atomos insignificantes que somos do Poder Creador e Omnipotente.

E' pena que a Humanidade não se acolha toda á sombra de um sentimento profundo e intenso, e de uma idéa luminosa e coruscante, bôa e generosa !

Não ! E' o contrario disso que se dá, e o scenario do mundo está todo encharcado de poças de

sangue humano, por via de idéas, de aspirações, de sentimentos, de ambições, da politica e da religião.

O que mais me confrange a alma é reconhecer que a propria religião, que nos encaminha para Deos, para o Bem e para o Justo, seja a causa efficiente de tantas luctas entre os homens, dando logar ao fanatismo imbecil e á superstição ignorante!

Catholicos e protestantes, methodistas e baptistas, mussulmanos e schismaticos, todos têm traçado o seu caminho por onde pretendem chegar até Deos, o Summo Bem, o Ideal grandioso das almas intelligentes.

E guerra declaram uns aos outros, creando a intolerancia, que é a fonte do erro, e a morte da consciencia livre do homem livre.

Sou catholico, mas não me sinto com o direito de fechar a minha porta ao mussulmano, e condemnal-o ao inferno, porque elle não quer pensar commigo, nem crer no que eu creio.

Esta tem sido toda a nórma de minha vida como escriptor e jornalista.

Achando-me, em certo tempo, residindo numa cidade do interior do Brasil, aliás com fóros de altamente civilisada, tive de ser espectador de pungente e doloroso espectaculo, que contristou-me a alma e entristeceu-me o coração.

Vadios intolerantes e ignorantes apedrejaram uma importante casa de educação de moças, dirigida por uma intelligente senhora da Norte America, pelo facto de seguir a religião methodista!

No dia seguinte, a folha dessa cidade publicava um artigo meu, sob a epigraphe Intolerancia, *do qual transcrevo os seguintes topicos:*

« *A liberdade de imprensa, a de consciencia, a tolerancia — eis, sem duvida alguma, a mais bella conquista da civilisação moderna.*

O Collegio Mineiro é um estabelecimento de ensino, uma casa de educação do sexo feminino, dirigido por uma illustre senhora, Miss Bruce, a quem estão confiados os destinos de futuras mães de familia.

Seja ou não catholico o ensino religioso fornecido naquelle estabelecimento, a ninguem compete ultrajar os fóros das consciencias alheias.

Sou catholico, mau, é verdade, por não cumprir, como deveria, os seus mais sagrados e divinos preceitos. Defenderei a bella religião que atravessa serena por entre as procellas do mundo moderno. Isto, porém, não me auctorisa a condemnar nem o protestante, nem o methodista, nem o judeu, nem o mussulmano.

Seria a implantação da — intolerancia!!

....

Sou catholico, e venho em auxilio do methodista, que é tão bom cidadão como qualquer de nós, e um collaborador da nossa grandeza e da nossa civilisação.

O contrario disso, é a intolerancia, o despotismo, a barbaria, e uma vergonha...»

Ora, eu quero crêr que assim pensando, assim agindo, e todos se deixando saturar do influxo benefico destes principios, teriam contribuido para encaminhar a humanidade para o gozo de dias mais felizes, banhados de luz, impregnados do fino odôr de sentimentos mais puros e nobres, e sobretudo mais fraternaes.

E é este o ideal prégado pela Maçonnaria, que veio a soffrer a condemnação da Egreja, a excommunhão papal, e as sentenças condemnatorias de Léo Taxil, em França, e de Souza Monteiro, em Portugal!! Dois homens naturalmente instruidos e lidos, que se iniciaram nos mysterios, e que depois os repudiaram, como têm feito tantos outros pertencentes a diversos crédos religiosos, que têm mudado de idéas e de aggremiações como qualquer mortal muda de camisa, segundo a expressão popular.

Porque se iniciaram então? Para condemnar o que tinham abraçado? A conclusão a tirar é que eram ineptos, que se deixaram mystificar por outros, não tendo a preciza energia para repudiar o que

se lhes propunha, ou eram homens de má fé. Demais, a historia da Maçonnaria está conhecida, e a espiritos tão cultos não seria dado acreditar que se iniciassem, ignorando os mysterios da grande Associação Universal!

Léo Taxil empunha da clava da mais acerba censura, e procura pulverisar os intuitos da Instituição Maçonnica. — Atira á responsabilidade da Maçonnaria, muitos e muitos crimes, entre os quaes os assassinatos de Garcia Moreno, presidente da Republica do Equador, e o do notavel democrata francez, o eminente Léon Gambetta.

Entretanto, quem, com attenção, acompanhar a serie de argumentos de Léo Taxil acerca do assassinato desse ultimo, vê immediatamente a bôa vontade e a sinceridade com que elle *o faz!*

Quem ignora que o illustre estadista da França, era um cavalheiro cheio de aventuras amorosas, e que foi victima de uma dellas?

E para que procurar atirar o labéo e o estigma vergonhoso da maldição contra uma instituição, quando todas as outras *incorreram ainda em maiores atrocidades, que nos são narradas nos* Mysterios da Inquisição! *de illustre escriptor?*

Infelizmente, meu amigo, é o que eu já disse em linhas anteriores: — a historia da humanidade não passa de um pouco de lôdo argamassado de

sangue, por onde zig-zagueiam, *de quando em vez, os fógos fatuos de actos meritorios, louvaveis, ou heroicos!*

Triste e miserrimo poema, cujas estrophes sanguineas cantam as batalhas, em que os homens se dilaceram diante da mudez pavoroza do infinito!

E é tocar para diante, meu caro, porque hoje, apezar da intensa luz projectada por Spencer, Hæckel, Claude Bernard, Darwin, Letourneau, Donnat, Büchner, Broca, Huxley, Strauss e tantos outros, inclusive o athêo positivista, Augusto Comte, que está dando as cartas *no Brasil, a humanidade continua da mesma maneira* a dar com a cabeça pelas paredes, *e a repetir em pleno seculo XIX os lamentaveis actos de despotismo dictatorial dos periodos primévos do mundo!*

E é por isso que no meio de tão agitadas procellas, tem a fraternidade Maçonnica conseguido, e muito, entrelaçar o homens pelos laços da amisade, despindo-os de toda e qualquer intervenção de idéa politica, ou de crença, admittindo a todos em o seu gremio.

Os actos de sua caridade e beneficencia, sempre occultos, a practica das virtudes, sob o manto da mais recatada modestia; o derramamento e a expansão do ensino, pela creação de opulentas e ricas bibliothecas publicas, essas verdadeiras pharmacias

do espirito, no dizer de um escriptor; e escolas populares que lançam nos cerebros infantis punhados de luz e de verdade, taes são os circulos luminosos onde descreve a sua extensa orbita a grande e mysteriosa associação, que tem contado em seu seio os homens mais illustres de todos os tempos.

Entre nós, no Brasil, para não ir muito longe na escala dos annos, citarei os nomes do Visconde do Rio Branco, o grande libertador do negro; Vieira da Silva, espirito da mais elevada cultura, estadista de grande nota no imperio; Joaquim Saldanha Marinho, o intemerato batalhador das liberdades publicas, colossal polemista da Egreja e o Estado, *homem dos sentimentos mais nobres e mais elevados, ha pouco tombado no sepulchro; o Visconde de Jary, Conselheiro Dantas, os illustres Srs. Drs. Macedo Soares e Henrique Valladares, e os actuaes chefes da situação politica Sr. Quintino Bocayuva, e tantos e tantos outros, filhos da nobre instituição, fulminada pelos raios do Vaticano, mas que tem produzido salutar influencia sociologica, pela infiltração dos seus principios de fraternidade.*

Estou aqui escrevendo estas despretenciosas linhas, ao correr da penna, e a reflectir na condemnação que muitos espiritos, ainda pouco amadurecidos nas cousas do mundo, farão recair sobre a minha obscura individualidade de escriptor publico,

que tanto condemnou, pela imprensa, o exilio de Deos, desterrado pela nova éra que se abrira ao Brasil, e o exaltamento que faço dos principios da fraternidade Maçonnica, que aliás só se inspira em Deos, e tão sómente em Deos.

Mas, qualquer que seja a sentença, eu sinto-me satisfeito, por haver cumprido a ordem de um amigo tão distincto e virtuoso, como o illustre Veneravel da « Benemerita Loja Capitular Asylo de Caridade », que encarregou-me de elaborar o presente estudo, por mim coordenado, auxiliado pelos seguintes trabalhos, além de muitos outros :

— Historia dos Pedreiros Livres ;

— Architectura Mystica ;

— Etudes sur la Maçonnerie Symbolique, *de F. Rédarès ;*

— Bilbliotheca Maçonnica ;

— A Maçonnaria e os Jesuitas, *por um irmão Catholico Apostolico Romano ;*

— Annuaire du Grand Orient de France ;

— Boletim do Grande Oriente do Brasil ;

— *J. M. Ragon, auctor de diversos trabalhos Maçonnicos ;*

— Freemason 's Guide, *de Daniel Sickels ;*

— Astréa (*Almanak Maçonnico, para 1845*) ;

— Les Franc-Maçons, *por Saint-Albin;*

— Os Mysterios da Franc-Maçonnaria, *por Léo Taxil, traduzidos pelo Padre Ferreira Nunes, e muitos outros escriptos e publicações, entre as quaes os grandes diccionarios de Lachâtre e de Pierre Larousse.*

As polemicas vibrantes em prol das mais nobres aspirações dos ideaes humanos, são sempre uteis e proveitosas. Borrifem-n'as o orvalho purificador dos bons sentimentos, da lealdade e da sinceridade.

Fé em Deos, no Trabalho e na Virtude.

Petropolis, 14 de Julho de 1895.

ALFREDO DE PAIVA.

HISTORIA DA MAÇONNARIA

Introducção Historica

Maçonnaria é a associação de individuos que se empenham, sob juramento, em guardar inviolavelmente os segredos de sua ordem, reconhecendo-se por meio de signaes particulares.

No dizer de um illustre pensador, a Maçonnaria é a religião universal.

E' uma instituição philosophica e philantropica que penetrou em todas as regiões do globo com o espirito de progresso e de liberdade do seculo XVIII, firmando-se solidamente.

Reune, com auxilio de symbolos e de signaes particulares, os homens livres, assegurando-lhes as vantagens da associação pelo exercicio dos seus direitos e de seus deveres, quer para com seus semelhantes, quer para comsigo mesmos.

Tem por objectivo, por méta a regeneração moral e material do homem, e por principios a lei do

progresso da humanidade, e as idéas de *tolerancia*, *fraternidade*, *egualdade*, *liberdade*, abstracção feita da fé religiosa ou politica, das nacionalidades e das distincções sociaes.

Pesquiza a verdade, estúda a moral universal, as sciencias, artes, e exercita a caridade.

A solidariedade humana, a immortalidade da alma e a existencia de Deus são tres luminosos circulos que fulguram na constellação Maçonnica.

Auctor abalisado e conspicuo define Iniciação, Maçonnaria ou Franco-Maçonnaria uma escóla de philosophia, onde, por meio de symbolos e hieroglyphicos, o homem se torna bom pae, bom amigo e bom patriota.

As virtudes e a moral de Jesus, isto é, o que elle prégou, são os fundamentos da Fraternidade Maçonnica.

E', com effeito, a Maçonnaria a escóla da fraternidade, pois, os Maçons entre si chamam-se *Irmãos*, e, tanto nas suas reuniões particulares, como em sua practica social, tractam de exercer o sentido moral da palavra irmão.

Da Fraternidade em acção resultam o *Patriotismo* e a *Caridade*.

As pequenas familias ou Sociedades, assim como as grandes ou Estados, carecem da união domestica e civil, para obterem a felicidade e a civilisação,

contra a qual sempre se oppõem a *ambição*, o *fanatismo* e as *castas privilegiadas*.

Cumpre, portanto, aos chefes das pequenas e grandes familias empregar todos os meios, para manter a *fraternidade* entre os seus subordinados; porque é só nesta união que consiste a felicidade domestica e a do Estado.

Procurar pão e trabalho aos industriosos; mitigar a dôr aos afflictos; estender a mão caritativa *mas occulta* aos necessitados: taes são geralmente os actos proprios de irmãos e dos bons Maçons. Os melhores estabelecimentos de caridade sciencias e artes, que tanto abundam na Inglaterra, Franca e Belgica, são organisados e sustentados por Maçons, entre os quaes figurava quasi sempre o Chefe do estado, ou o *primus inter pares*.

Divide-se a Maçonnaria, assim como a antiga Iniciação, em *pequenos* e *grandes Mysterios*. Ha differentes *Ritos* com diversas *Ordens*; mas todos assentam sobre a *Maçonnaria Symbolica ou Universal*, que se divide em 3 graus: *Aprendiz*, *companheiro e mestre*.

—O *grau* de *Aprendiz* é consagrado ao desenvolvimento dos principios fundamentaes da Maçonnaria, e ao ensino de suas leis e usos; encerra-se todo nas seguintes palavras; *Deos*, *Beneficencia* e *Fraternidade*.

—O *grau* de *companheiro* é consagrado á direc-

proso da mocidade, e á felicidade possivel, por meio do trabalho, da virtude, e das sciencias, que lhe serão recommendadas.

— O *grau* de *mestre* é consagrado ao pundonor inflexivel, que não transige com o dever, e aos grandes homens, que se sacrificaram pelo bem e segurança publica.

Em relação ao magno problema da origem da Maçonnaria, muitos espiritos se têm manifestado.

Auctores pretendem que a Maçonnaria foi creada com o Universo; outros que ella foi instituida pelo Romulo, outros por Augusto.

Alguns querem que ella provenha das ceremonias dos antigos Mysterios que, do Egypto e da Phenicia, passaram directamente á Europa; outros suppõem que ella originou-se das escolas de Pythagoras e de Platão.

Allegam ainda outros que a Maçonnaria foi creada por Salomão, accreditando certos espiritos que ella fosse invenção dos Jesuitas.

Rebold, em seu livro *Précis Historique de la Franc-Maçonnerie Ancienne et Moderne*, escreve: «A Maçonnaria, segundo alguns, deve sua origem ás corporações operarias (*collegio artificum*), creadas por Numa, 715, antes de J. C. Estas corporações foram estabelecidas por elle como sociedades civis e religiosas, com privilegio exclusivo de elevar templos e

monumentos publicos; comprehendiam todas as artes e officios necessarios á architectura religiosa, civil, hydraulica e naval, e se compunham dos homens mais eminentes da época e mais versados nas sciencias. Pela protecção que os collegios de constructores dispensavam ás instituições e aos cultos estrangeiros, se tinham desenvolvido entre elles doutrinas e maximas muito acima das idéas de seu tempo e que envolviam symbolos e emblemas que velavam seus segredos internos».

A Constituição Maçonnica do Grande Oriente votada em 1865, diz textualmente que «a propaganda Maçonnica pela palavra, escriptos e bom exemplo, é recommendada a todos os Maçons» e accrescenta que todo o Maçon tem o direito de publicar sua opinião sobre as questões Maçonnicas.

Em certas lojas, a unica occupação é a practica da caridade. Em outras, os membros mais instruidos e mais zelosos realisam conferencias sobre direito, hygiene, e economia social. Aqui, questões philosophicas; acolá, problemas sociaes.

Eis o programma das questões que estavam na ordem do dia, em algumas das lojas de Paris, em 1866.

—*Definir o caracter definitivo da instituição Maçonnica.*

—*Discussão das causas geraes da prostituição.*

—*Estudo sobre a educação.*

—*Pesquiza das bases da egualdade.*

—*Da influencia da Maçonnaria sobre o pae de familia.*

—*Dissertação sobre a marcha do progresso.*

—*Como a moral deve ser comprehendida pelos adeptos da Maçonnaria.*

—*Da justiça na familia.*

—*Da conciliação do trabalho e do capital.*

—*Estudo sobre os preconceitos.*

—*Meios de vulgarisar a instrucção primaria.*

—*Vulgarisação da Maçonnaria.*

Mas acima de todos estes trabalhos ha em todas as lojas um trabalho latente, incessante e mais proveitoso que os cursos scientificios: — é o contacto pacifico e fraternal de homens animados d'um egual espirito de progresso, pertencendo a todas as profissões honestas, apertando-se as mãos, e se agrupando para realisar a mesma obra eminentemente moral e humanitaria, esquecendo as divisões ficticias, creadas pelas exigencias sociaes, amando-se e estimando-se mutuamente para bem fazer. O Franco-Maçon que comprehende o fim da instituicão torna-se realmente melhor, e espalha em torno de si os principios de tolerancia, progresso e de solidariedade.

A Maçonnaria, attentas as suas grandes van-

tagens e influencia benefica sobre as sociedades, acha-se espalhada por toda a superficie do globo. Foi transplantada para as colonias inglezas da Africa, pela grande loja da Inglaterra, que ahi nomeiou um grão mestre provincial em 1737.

Na Allemanha, a primeira loja foi fundada em Hamburgo em 1737; na Prussia em 1740.

Foi introduzida em Saxe por um Maçon russo, o conde Routorwki, que ahi creou uma grande loja provincial em 1741.

A America do Norte é, com a Inglaterra, a patria privilegiada da Franco-Maçonnaria que goza ahi de liberdade absoluta, de justa consideracão. A grande loja de Inglaterra nomeiou em 1733 o irmão H. Price, grão mestre provincial em Boston.

A Hespanha assim como a Italia são terras infelizes para a Franco-Maçonnaria, perseguida pelo clero.

Na Hollanda, foi introduzida em 1725, fundando-se a primeira loja em Haya.

Foi introduzida nas Indias Inglezas em 1728 por Jorge Pomfret, nomeado grão mestre provincial, com o intuito de estabelecer a primeira loja em Bengala.

A grande loja de Londres constituio a primeira loja em Moscou, nomeando grão mestre provincial a John Philips.

Na Suecia foi installada em 1736; na Suissa em 1737.

Na America do Sul, a Maçonnaria estabeleceu-se depois que as antigas colonias hespanholas e portuguezas sacudiram o jugo da metropole.

Longe iriamos se quizessemos dissertar no sentido destas ultimas considerações.

Basta, porém, considerar que maravilhosos, reaes, beneficos, são os resultados obtidos por esta instituição philosophica, para concluir da sua grande utilidade, como factor sociologico.

O Grande Oriente é a loja central que administra o complexo das lojas do mesmo rito em um estado. Substituio em 1773 a grande loja de Franca, que dirigia anteriormente as lojas francezas.

A grande loja de França teve por grão mestre em 1765, o conde de Clermont (da casa de Bourbon-Condé).

A historia do Grande Oriente se pode dividir em seis periodos, em que se agitaram luctas tremendas, entre o espirito liberal e generoso da Maçonnaria e a intolerancia dos pôderes inquisitoriaes.

O 1.º periodo estende-se de 1773 até 1791; o 2.º de 1791 a 1815; o 3.º de 1815 a 1830; o 4.º de 1830 a 1848, o 5.º de 1848 a 1868, e o 6.º d'esta ultima data até a actualidade.

A Maçonnaria, que esteve em decadencia no tempo do principe Luciano Murat, desenvolveu-se e expandiu-se depois de 1862. Multiplicaram-se as suas lojas, regulamentos geraes mais favoraveis á expansão da vida Maçonnica foram votados pela assembléa do Grande Oriente, que contava em 1867, 345 *ateliers*, tanto em França como nas colonias e em paizes estrangeiros: 263 lojas, 64 capitulos, 18 *ateliers* chamados philosophicos.

Achamos de conveniencia fazer entrar na introduccão desta obra, alguns considerandos sobre as lojas Maçonnicas em geral.

Denomina-se *grande loja*, em differentes paizes, o poder central que administra o conjuncto de *lojas*, e que tambem se chama *Grande Oriente*.

A mais antiga e a mais notavel das *grandes lojas* é a de Londres.

Chama-se grande *loja provincial* um centro secundario que administra as lojas de uma provincia, sob a auctoridade de uma *grande loja* ou do *Grande Oriente*.

Na França, segundo affirmam escriptores emeritos, o grande Oriente preferiu crear poucas lojas provinciaes, afim de melhor manter a unidade administrativa.

A ultima *grande loja* provincial franceza, foi a de Lyão, que manteve-se até á Restauração.

A' titulo de curiosidade, inserimos ainda nesta curiosa secção desta obra, o seguinte referido por competente escriptor.

João Paulo Richter publicou em 1792, uma obra em dois volumes, sob o epipraphe «*A loja invisivel*». O heróe deste romance é uma creança educada em uma gruta, donde sae como se passasse da terra ao céu, admirando extraordinariamente o explendor da natureza, acerca da qual ella não tinha siquer suspeitado.

Este acontecimento proporcionou ao escriptor ensejo para dár pabulo á sua fecunda imaginacão, e, ao mesmo tempo, revelar toda graça e ternura de sua alma impressionista.

Este romance entrecortado de numerosas digressões e cuja acção principal pouco vale, se prende a certos fragmentos que pintam sob côres mysticas os subterraneos dos illuminados e dos Franco-Maçons do seculo XVIII.

Cumpre-nos ainda inserir nesta secção o que diz respeito aos *symbolos* e *hieroglyphos*.

Os primeiros são certas figuras ou imagens allusivas a algum sentido moral: o *Triangulo*, *esqua-*

dria, *compasso*, *regua*, *sol*, *lua*, *estrellas*, *estatuas*, etc. Foram usadas pelos primeiros iniciados e pelos sabios da Persia, para occultar o verdadeiro sentido de seus pensamentos.

Os padres e os primeiros legisladores do Egypto adoptaram tambem esta linguagem emblematica, mas algum tempo depois tambem lhe ajuntaram os *hieroglyphos*, que são certos caracteres com que, sem o auxilio da palavra, os padres do Egypto occultavam ás massas os seus pensamentos —*páus*, *pedras*, *plantas*, *animaes*, etc.

Eram verdadeiros enigmas que symbolisavam factos profanos ou sagrados.

Para representarem a *Natureza* em hieroglypho, os padres do Egypto construiam um homem alado, de rosto côr de fogo, cornos, barba, um bastão na mão direita e sete circulos na esquerda. A côr e os cornos exprimiam o sol com seus raios; a barba figurava os *elementos*; o bastão era o symbolo do *poder*, que o sol exerce nos corpos; as coxas representavam a *terra* cheia de arvores e de fructos; as aguas saiam pelo *umbigo*; o penis era o emblema da *reproducção*; os joelhos indicavam as *montanhas*; as azas o *curso* dos ventos, emfim os 7 circulos eram o symbolo dos 7 *planetas*.

Mas como se tornava muito difficil marcar épocas, ou consignar factos pelos hieroglyphos, fo-

ram creados os *Pequenos* e *Grandes Mysterios*, que eram privativos aos iniciados, aprendiam-se as sciencias, e os erros da Metempsycose. D'ahi se conclue que os primeiros tinhão por objecto fazer cidadãos virtuosos, e os segundos deviam formar sabios, que servissem de phanaes á civilisação do mundo.

Era Maçonnica

A éra Maçonnica data desde o principio do mundo, segundo a chronologia hebraica, que os Maçons adoptaram.

O anno Maçonnico é o anno legal e religioso dos Hebreus, que começa no mez de *Nisan*, o qual corresponde ao mez de Março, da éra vulgar, época em que (segundo o Exodo, cap. XII, v. 40) os Hebreus sairam do Egypto. O anno dos Judeus começava em Thischri, que corresponde ao mez de Setembro; e como os mezes eram lunares, o anno dos Judeus compunha-se de *treze* mezes, que se contava por primeiro e segundo *Adar*. Os Maçons não admittem mais que doze, cuja ordem e nomes são os seguintes:

1º mez Nisan........................ Março
2º » Jiar........................ Abril

3.º	mez	Sivan	Maio
4.º	»	Thammuz	Junho
5.º	»	Ab	Julho
6.º	»	Elul	Agosto
7.º	»	Thischri (*)	Setembro
8.º	»	Marshevan	Outubro
9.º	»	Chisleu	Novembro
10.º	»	Thebeth	Dezembro
11.º	»	Sabeth	Janeiro
12.º	»	Adar	Fevereiro

(*) Na *Astréa*, no setimo mez Maçonnico, lê-se: — *Ethanion*.

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO I

SUMMARIO: — Maçonnaria entre os Egypcios — Ritual dos Mysterios egypcios e gregos. Maçonnaria entre os Hebreus — Supremacia dos egypcios sobre os Hebreus.

CAPITULO I

Maçonnaria entre os Egypcios

RITUAL DOS MYSTERIOS EGYPCIOS E GREGOS

Os sacerdotes de Isis, os Judeus e *Phocio* consideraram a Iniciação aos Mysterios christãos como *o fim da vida profana e da morte do vicio*.

O Neophyto, quando attingia aos limites da vida profana, não achava, ao ter de iniciar-se, senão obices terriveis e obstaculos poderosos; mas, transpostos uma vez, uma *luz celeste* embriagava seus olhos, descortinando em torno de si espectaculos admiraveis e encantadores; canticos deliciosos, harmonias divinas, visões sanctas, paysagens incognitas o engolphavam num pelago de sensações suaves,

e era então revestido do caracter de *Eleito*.

Por fim era coroado e admittido á sciencia das doutrinas sacras da *Resurreição*. O celebre Herodoto, tractando dos Mysterios Egypcios, refere-se a um tumulo e a um homen sacrificado. Diz que este sarcophago se encontrava em certo logar do Templo, onde se viam figuras symbolicas e uma corôa circular.

Era alli que os padres Egypcios representavam os soffrimentos dum Deos, feito homem, como simulacro do Deus *Luz*, morto por *Typhon*, principe das Trevas; e diz mais que depois de sua morte o cadaver era posto no esquife, e que sua *resurreição* real succedia immediatamente no meio de relampagos, de trovões. Estes soffrimentos, considerados historicos por Hérodoto, não passam de allegorias.

Os soffrimentos designavam o *curso* do Sol durante o verão; a morte era a

imagem do outomno; o tumulo representava o *inverno*; e a *resurreição* do heroe não era senão a *imagem* da primavera.

A afflição era produzida pela falta do Deos *Sol*, como a alegria era produzida pelo seu reapparecimento.

Pensadores consummados, poetas e outros, convencidos da magestade dos Mysterios de Isis, foram ao Egypto, para iniciarem-se. Pythagoras foi o ultimo grego iniciado no Egypto, que, para poder ser admittido a conhecer as sciencias da Iniciação, consentiu na circumcisão Zoroastro, Platão, Solon, Moysés levaram para sua patria um culto e leis que tinham sido organisados em Memphis e Thebas, submettendo-se a todos os rigores da Iniciação. Os symbolos do Egypto diziam respeito á sua astronomia, ás leis e á agricultura.

Por isso esses sabios levaram comsigo a chave desses mesmos conhecimentos

Os padres egypcios ensinavam que um *Deus unico e supremo* tinha concebido o mundo antes de o formar por sua vontade. D'onde se conclue que a idéa da *unidade* de Deos é devida á philosophia egypcia.

Provavam os padres que o que *era mortal*, não podia ser Deos. Os philosophos gregos e romanos assim pensavam.

Os sacerdotes do Egypto ensinavam que *Deus unico* tinha coordenado dous principios para reger o mundo:—*destruição* e *regeneração* dos sêres, a *Luz* e as *Trevas*, o *Bem* e o *Mal* physico. Construiram um Templo, onde se adorava a divina *Sabedoria* e onde se lia a inscripção : — *Fui, sou e serei*, e *nenhum mortal levantará o veo que me cobre*.

A doutrina da *geração*, da *destruição*, e da *regeneração* se revela nitidamente no 3º. gráo da Maçonnaria universal, cujas palavras sagradas M .·. B .·. (producto da putrefacção) dão idéa clara da

condição necessaria ao desenvolvimento de outros sêres e ao principio de novas existencias.

Estas doutrinas se acham em outros muitos gráos da Maçonnaria nos quaes se representa a creação do mundo, o diluvio e a redempção do genero humano.

Diz Vassal: « Os padres do Egypto, sendo iniciados nos Mysterios dos Brachmanes, trouxeram para o seu paiz a iniciação primitiva dos Magos.

Conforme a auctoridade de Strabão, os padres do Egypto receberam dos Brachmanes a primeira idéa dos Mysterios, e Pythagoras, que muitos seculos depois foi á India consultal-os, trouxe tambem comsigo luzes semelhantes que em mui pouco differem da Iniciação de Memphis e de Samothracia.

A iniciação dos Egypcios conhecida pelo nome de Mysterios d'*Isis* e *Osiris* remonta, segundo Vassal, a 2.900 annos antes da éra vulgar. Sua doutrina tinha

por fim, dum lado o culto Egypcio ou Metempsycose, d'outro os acontecimentos humanos em allegorias.

A iniciação Egypcia era dividida em *pequenos* e *grandes* Mysterios. Os primeiros eram religiosos e *publicos;* e os segundos scientificos e *privados*. Era no alto Egypto que os iniciados successores de *Sesostris*, exerciam, senão a soberania, pelo menos os privilegios suzeranos dos reinos de Memphis, This.

Si os padres do Egypto se enganaram no modo de guiar os povos, *Socrates* e *Confucio* tambem foram seus companheiros, pois, tacitamente approvaram o seu *duplicado methodo*: e o seu sabio *Boulanger* diz que os *antigos Mysterios foram inventados mais em favor dos povos, do que dos padres*. E quatro mil annos depois verifica-se que o aspecto geral do mundo moral está completamente transformado.

Os padres do Egypto, occupados no

culto e nas sciencias exclusivamente, se reveláram constantemente amigos de todos os homens em geral, e fizeram permuta amistosa de conhecimentos com os Magos, com os Brachmanes, e com os philosophos gregos.

Foi nos seus Mysterios que os reis legisladores, os sabios e os grandes do Egypto adquiriram os profundos conhecimentos, porque se tornáram tão recommendaveis á posteridade. E os Egypcios não foram felizes senão emquanto foram dirigidos por Iniciados.

Asseguram viajantes, que passáram pelas terras do Oriente, que as grandes pyramides do Egypto davam entrada a longos subterraneos, onde se faziam as Iniciações.

A historia dos povos Orientaes não tendo sido consignada senão em symbo-

los e allegorias, sómente as tradições oraes ou escriptas poderão nestes casos servir de guia ao chronista e ao historiador. Ora a *Crata Repoa*, escripta em germanico em 1770, e traduzida em francez pelo Irmão Bailleul em 1821, é de todas as obras a que melhor descreve as experiencias da antiga Iniciação. Por consequencia, para que o nosso trabalho seja mais correcto, exporemos, em synthese, o systema da *Crata Repoa*.

Primeiro Gráo

PASTOPHORIS

As ingentes experiencias physicas de Memphis eram a *terra*, o *fogo*, a *agua*, e o *ar*.

Aquelle que havia-se iniciado em ultimo logar era o guia do Neophyto até ao limiar dos subterraneos, onde lhe en-

tregava uma alampada accesa para orien-
tal-o nos labyrinthos. O Neophyto cami-
nhava só, attravessando corredores tão-
baixos, que era obrigado a engatinhar.

Transpostos estes primeiros obices, o Neophyto deparava uma cisterna enorme, á qual se prendia uma escada de ferro polido, por onde devia descer até sessenta pés de fundo: mas não podendo continuar a marcha por falta de degráos, tornava a subir e via um pequeno orificio, que dava entrada a uma senda em espiral, que ia ter a um grande tanque.

Ahi chegado via o Neophyto duas grades, uma de ferro ao *meio-dia*, e outra de bronze ao *norte*, a qual deixava vêr um corredor, allumiado por tochas e alampadas, adornado nas partes lateraes por arcadas successivas.

Esta experiencia era o symbolo do chaos da natureza inerte.

Apenas o Neophyto penetrava no corredor, e passava a porta de bronze,

esta repentinamente se fechava, produzindo um sussurro terrivel. O Neophyto, depois de ter andado uns cincoenta passos no corredor, encontrava uma abobada cheia de fogo, que elle devia attravessar, e que imitava uma fornalha ardente de cem pés de longo.

Era a experiencia do fogo. Depois, seguia-se um canal, cuja agoa, oriunda do rio Nilo, entrava por um lado no subterraneo, e saia por outro, com estrondo e rapidez.

Era necessario que o Neophyto com a sua lanterna o attravessasse. Era a experiencia da agoa.

O Neophyto, depois de haver transposto o canal, encontrava uma arcada com degráos que o levavam a uma ponte levadiça, em cuja extremidade havia uma porta de marfim que o Neophyto debalde luctava por abrir. No momento, porem, em que elle lançava mão de duas argollas fixas nas umbreiras da porta, uma mola

real, que fazia movimentar muitas rodas, abalava a ponte, e fazia assoprar um vento fortissimo, que conseguia apagar a sua lanterna

Ahi se achando cerca de dous minutos nesses transes afflictivos, que lhe deixava descortinar um precipicio immenso, tor nava a descer para o mesmo logar, e achava-se defronte da porta de marfim, que se abria immediatamente

Era a prova do ar

Realisadas estas quatro provas da iniciação, o introductor (*Thesmophores*) vendava o candidato e o conduzia pela mão até á *porta dos homens* que era exteriormente guardada pelo ultimo iniciado. (*Pastophoris*)

O introductor batia sobre o hombro do guarda exterior; e este batia á porta do Templo, para annunciar a presença do Candidato Este, satisfazendo ás questões, que então lhe eram feitas, entrava no Templo e pela *porta dos homens*, e

lá ouvia ler toda a sua vida profana, que os padres sabiam cuidadosamente verificar.

O presidente (*Hierophante*) fazia novas questões sobre diversos assumptos, que o Candidato devia responder com rectidão.

Depois era obrigado à fazer uma viagem no circuito de *Birantha* (recinto exterior do Templo) durante o qual os padres, fingindo tempestades, procuravam assustar o Candidato que, firme, tornava a entrar no templo, promettendo confor mar-se com os Estatutos da Ordem, que antes lhe tinha sido apresentados pelo leitor das leis (*Menies*).

Após esta adhesão,que era puramente voluntaria, o Candidato ajoelhava perante o presidente, que, pondo-lhe um alfange sobre o pescoço, lhe fazia prestar o juramento de *fidelidade e discrição*, tomando por testemunhas o Sol, a Lua, e os demais Astros.

Era depois collocado entre duas columnas (*Betilies*) A venda lhe era tirada.

Aprendia a Palavra de Ordem que era *Amoun* (sêde discreto) e recebia um barrete pyramidal; um toque manual, e um avental chamado Xylon.

As outras obrigações cifravam-se em o Candidato consagrar-se ao estudo da theologia, da physica, da medicina, da linguagem symbolica, tendo tambem como dever guardar a *porta dos homens*.

Segundo Gráo

NEOCORIS

Desde que Pastophoris houvesse dado provas de intelligencia, lhe era recommendado severo jejum, afim de se preparar para o gráo de Neocoris.

Quando concluia o jejum que durava doze ou quinze dias, o iniciado era posto numa camara escura — *Endimion*—onde formosas mulheres iam reanimar-lhe as forças com deliciosos manjares, provocando-o com estimulos amorosos.

Cumpria que o iniciado, para demonstrar o imperio que tinha sobre si mesmo, devia triumphar desta difficil experiencia.

O *Thesmophores* interrogava o iniciado sobre as sciencias do Gráo precedente, e depois de ter respondido a diversas questões, era introduzido na assembléa.

O *Stolista* (hysopista) derramava agua sobre o iniciado para purifical-o e era obrigado a affirmar *que sua conducta tinha sido casta.*

Depois o Presidente, com uma serpente artificial na mão, corria ao iniciado, que, com ella enleado, era conduzido a um sitio cheio de animaes.

Era depois collocado entre duas altas

columnas, que representavam o Oriente e o Occidente.

Entre estas havia um grypho (emblema do Sol) que empurrava uma roda de quatro raios (symbolo das quatro estações.)

O Presidente lhe dava a Palavra de Ordem, que era *Eva*, e lhe narrava a historia mythologica da ruina do genero humano. Cruzar os braços sobre o peito era o Signal de reconhecimento; e o novo emprego do Iniciado era lavar as columnas.

Estudavam-se neste Gráo a architectura, a geometria, a arithmetica e a hygrometria, para conhecer as inundações do rio Nilo.

O Neocoris recebia como insignia um bastão, circumdado por uma serpente, como o caduceo de Mercurio

Terceiro Gráo

PORTA DA MORTE

OU

MELANEPHORIS

Quando os padres julgavam o Neophyto digno, era denominado *Melanephoris*, e conduzido a um portico, onde se lia a inscripção:

—*Porta da Morte*, que dava entrada a um edificio cheio de mumias e tumbas figuradas, onde o iniciado encontrava os *Paraskistes* e os *Heroi* (os que abrem e embalsamam cadaveres.)

No centro via-se o sarcophago de *Osiris*, que por causa de seu assassinio mostrava ainda vestigios de sangue.

Ahi se perguntava ao iniciado se tinha ou não tomado parte no assassinio de seu mestre? Dada a resposta, dous *Tapixeytes* (coveiros) o conduziam para uma sala, onde se achavam todos os Melanephoris vestidos de preto.

O rei se approximava do iniciado, e com ar gracioso lhe offerecia uma corôa de ouro afim de melhor vencer os obstaculos.

O Candidato, já instruido a respeito, tomava a corôa e pisava-a aos pés.

O rei então exclamava:

—*Ultraje! Vingança!* e tomando o machado dos sacrificios tocava levemente com elle a cabeça do Iniciado.

Era depois o Iniciado atirado por terra pelos dous Tapixeytes, e os Parakistes o envolviam em faixas de mumia. Durante esta ceremonia, os assistentes gemiam ao redor do Iniciado que era depois conduzido até a porta do *Sanctuario dos Espiritos*. Ahi se achavam os juizes das sombrias praias.

Plutão estava assentado na sua cadeira, tendo ao lado *Rhadamanto*, *Minos*, *Alectão*, *Alaster* e Orpheo. Este tribunal terrivel, depois de haver interrogado ao candidato sobre as sciencias e a moral,

devia condemnal-o a errar nas galerias subterraneas.

Tiravam depois as faixas ao Candidato e lhe recommendavam as tres seguintes sentenças :

— *1.ª Não ser sanguinario ; e não deixar de soccorrer o seu semelhante, quando em perigo ;*

— *2.ª Outorgar sepultura aos mortos ;*

— *3.ª Esperar uma resurreição.*

O signal deste Gráo era um abraço particular, que exprimia o poder da morte. As Palavras eram *Monach, Caron Mini* (passo os dias da colera).

As artes deste gráo eram a rhetorica, o dezenho e a escripta *hiero-grammatical*, para bem entender a geographia, a astronomia e a historia do Egypto.

Quarto Gráo

BATALHA DAS SOMBRAS

OU

CHRISTOPHORIS

Era de 18 mezes o tempo empregado na apredizagem do Gráo anterior, e que era conhecido sob a denominação de *tempo de cólera*. Desde que o Candidato revelava adiantamento, o Termosphoris entregava-lhe uma cimitarra e um escudo, e caminhavam os dous por caminhos sombrios. Era então o Candidato subitamente atacado por homens armados e horrendamente mascarados que acclamavam — *Panis !*

O Candidato defendia-se valentemente succumbindo finalmente ao numero.

O Candidato era depois vendado pelos homens armados, que lhe lançavam uma corda ao pescoço, sendo arrastado até á sala, onde devia receber o novo Gráo. Ahi os homens armados desappareciam, lançando estridentes gritos.

O Candidato depois de tirada a venda, observava nesta rica e esplendida sala selecta e notavel reunião. O *Rei* assentado ao lado do Inspector da Ordem (*Demiurgos*); o Orador (*Odus*); o Hysopista (*Stolista*); o secretario (*Hiérostalista*); o thesoureiro (*Zacoris*); e o Mestre de banquete (*Komastis*).

Tinham todos a condecoração *Alydea*, ornamento egypcio que representa a *Verdade*.

O orador pronunciava uma allocução com o fim de dar valor ao candidato que bebia um licor amargo (*Cice*), ornando-se com um escudo d'*Isis*, com a capa d'*Orei* e com o capacete d'*Anubis*.

Depois era ordenado ao Candidato cortar a cabeça d'um individuo, que se achava n'uma caverna, e de trazel-a ao rei.

Todos então gritavam: — *Niobe!* (eis a caverna do inimigo).

Ahi penetrando, o Candidato deparava

uma formosa mulher, preparada com tal arte que parecia viva. Tomava-a pelos cabellos e cortava-lhe a cabeça.

A sua acção era louvada e ficava sabendo que a cabeça cortada era a de *Gorgo*, esposa de Typhon, que havia dado occasião ao assassinato de *Osiris*.

Inscrevia-se o nome do Iniciado no livro onde se viam os nomes de todos os juizes do paiz.

Entregavam-lhe o codigo, uma insignia que representava *Isis* em fórma de coruja.

Explicavam-lhe as allegorias do Gráo e o Candidato, já Iniciado, devia estudar a legislação e a linguagem *amunica*. Joab era a Palavra d'Ordem.

Quinto Gráo

BATAHATE

O Candidato era introduzido n'um salão decorado com ornamentações theatraes. Todos desempenhavam o seu papel, exceptuando apenas o Iniciado que era o unico espectador.

Um personagem (*Horus*), seguido de diversos Batahates, armados de archotes, marchava no salão como quem procurava algum objecto. Uma vez chegado a uma caverna onde estava o assassino Typhon (de braços longos, corpo de escamas, e de cem cabeças), *Horus* desembainhava a cimitarra e cortava o pescoço ao monstro, e sem dizer uma só palavra, era apresentada a cabeça a todos os membros.

Vassal affirma que esta scena mythologica servio de base ao undecimo Gráo do Rito Escossez.

Acabava por uma explicação allego-

rica, pela qual o Iniciado aprendia que Typhon representava o fogo, agente terrivel e ao mesmo tempo necessario, que *Horus* era o symbolo da industria e da razão, com que o genio humano podia vencer mil obices, e arrancar os segredos do seio da natureza.

Estudava-se neste Gráo a alchimia.

Esta era a Palavra d'Ordem.

Sexto Gráo

ASTRONOMO (DEFRONTE DA PORTA DOS DEOSES)

Depois que o Iniciado se achava já conhecedor da alchimia, o Thermosphoris o levava algemado até á *porta da morte*, onde encontrava uma caverna cheia d agua em que fluctuava o baixel de *Caronte*

Viam-se sarcophagos nas partes lateraes suppondo-se que elles contivessem as cinzas daquelles que tinham trahido a sociedade.

Mostrava-se então ao Iniciado que o mesmo lhe aconteceria, caso viesse a cair no mesmo erro.

Depois prestava um novo juramento, e ouvia explicações e allocuções acerca da origem dos Deoses populares. Era ahi que os padres faziam saber ao Candidato não só a necessidade de manter o polytheismo no seio do povo como tambem que os ensinamentos do 1.º Gráo tinham por objectivo o *Ente Supremo*, que rege o systema do Universo.

Depois de ter o Candidato transposto a *Porta dos Deoses*, era introduzido num Templo esplendoroso, onde se achavam representados todos os Deoses até então adorados.

Demiurgos procurava explicar a causa efficiente do polytheismo, apresentando

ao Candidato uma lista por ordem chronologica de todos os membros da Ordem espalhados por todo o mundo.

Neste Gráo o Iniciado fazia observações astronomicas e aprendia uma dança, que symbolisava o curso e a orbita dos astros nos espaços sem fim.

Ibis, (vigilancia) era a palavra d'ordem deste Gráo.

Setimo Gráo

PROPHETA, ou SAPHENATPANCAH

HOMEM QUE CONHECE OS MYSTERIOS

Neste Gráo recebia o Candidato a explicação de todos os Mysterios.

O Candidato só podia alcançar este Gráo (que o habilitava para os empregos publicos e politicos) com a sancção do

Hierophante, de Demiurgos e dos outros membros.

Depois de se ter certificado de que o Candidato estava de posse dos fins dos Mysterios, havia uma procissão publica *Pamylach (circumcisão da lingua*, pois o Iniciado podia falar sobre tudo), na qual eram expostos ao publico os objectos sacros.

Concluida a cerimonia, saiam da Villa, á noite, todos os Prophetas, e iam occultamente reunir-se em sumptuoso Templo, situado perto de Memphis--*Maneras*, porque o povo estava na supposição de que nesse logar os Iniciados communicavam com as almas dos mortos.

Era um edificio quadrado, cheio de columnas, em que se viam, sphynges, tumulos e diversas outras figuras, que representavam todos os tranzes da existencia terrena.

Logo que o Candidato entrava no Templo *(Maneras)* offerecia-se-lhe uma

bebida feita de vinho e mel—*Oimellas* e se lhe dizia «que o termo de suas experiencias tinha chegado, e que a doçura da bebida exprimia a recompensa de seus longos estudos».

O novo Propheta recebia como decoração perpetua uma cruz tautica, da qual a significação era só conhecida dos Iniciados deste Gráo. Cobria-se com uma tunica branca — Etangi, e além de ser tonsurado, trazia na cabeça um toucado de forma quadrada.

O signal principal era encruzar os braços, e metter as mãos nas longas mangas da tunica

A palavra d'Ordem era *Adôn* (Senhor, Sol)

Os iniciados gozavam da regalia de de concorrer á eleição do rei, e de possuir a *vĩga*, ou chave-real, para poderem lêr todos os documentos mysticos em linguagem *amonnica*.

Cada um dos empregados tinha ha-

bitos differentes e a sua reunião terminava por uma *cêa mystica*.

Escreve Vassal:

«Este Gráo tem grande semelhança com a consagração do Sacerdocio, e com a ordenação do Catholicismo; por isso elle não era conferido sinão aos que se destinavam a ser Padres nos Templos egypcios.

Moysés parece ser o unico, que, por excepção, recebeo este Gráo e o conferio depois a seu Irmão *Aarão*, quando Hierophante do culto hebreo.

Maçonnaria entre os Hebreus

Temos hoje que referirmo-nos ao celebrado *Moysés* (salvo das aguas), cuja historia é bastante conhecida nos nossos dias, pela tradição, e por diversos livros

da Biblia, que se suppõem de sua lavra, taes como:—o *Genesis*, o *Exodo*, o *Levitico*, os *Numeros*, e o *Deuteronomio*

Ha nessas obras verdadeiros pontos de contacto com as instrucções dos padres egypcios.

Moysés havia-se instruido nas paginas da «Historia Phenicia da Creação» escripta por *Sanchoniat'hon*, padre de Beryte, que viveu 937 annos antes de Moysés e de Semiramis, onde se verifica que houve um povo *Eleito* pelo Eterno, que sua creação começou tambem por um *Adão*, e que seu primeiro filho foi um Caim.

Moysés instituio a *Paschoa* (passagem) Depois desta cerimonia retirou-se do Egypto, á frente dos Israelitas

Attravessou aridos desertos, afim de chegar â Judéa — a *terra da Promissão* Estabelecendo ahi o seu governo, creou leis, policia, e afim de melhor dominar, fez constar que elle havia sido *escolhido*

por Deos afim de realisar esse *desideratum* como *eleito*.

Deu para fundamento de sua religião o culto de *um Deos unico (Jehovah)*, a quem se deviam consagrar todos os votos do povo.

Admittio tambem para collaboradores o *bom* e o *mau principio* que os Judeos transformaram em *Anjos da Luz* e das *Trevas*, que presidem aos elementos e aos planetas, e que o *Apocalypse* arranjou em batalha, constituindo uma *allegoria* para elucidar o contraste do *bem* e do *mal*.

Moysés dividio o seu povo em 12 tribus, para commemorar os 12 Patriarchas, que governaram os Israelitas antes da sua saida do Egypto.

Estabeleceu que os padres fossem sustentados pelo publico e que se vestissem de *linho*, e que o Soberano Pontifice trouxesse ao pescoço a imagem da *Verdade* sobre uma *saphira*. Os Judeos

assim como os padres do Egypto barbeavam a cabeça, habito esse que passou até aos Imperadores Romanos e aos sacerdotes de Christo.

Os Pontifices de Isis e os de Moysés, traziam sobre a *Alva* uma *Capa de Asperges*, em torno da qual se viam 365 campainhas de ouro, que eram a recordação dos dias do anno. Entre os Egypcios eram 72, indicando os 72 assassinos de Osiris Este adorno passou dos Egypcios aos Judeos e destes aos Pontifices Christãos.

Moysés inspirou aos Judeos as *abluções*, as *flagellações*, a *circumcisão* e a *prohibição* de certas *carnes*, consideradas *impuras* pelos padres do Egypto. Estabeleceu a *casta privilegiada* dos padres, na tribu de Levi, instituindo experiencias para a sua *adopção*.

Prescreveu *segredos* impenetraveis ao povo, o que tambem os Christãos e os Maçons conservam em seus Mysterios.

Os *Levitas* foram os guardas dos vasos sagrados e dos logares sanctos. Foram consagrados por Moysés pela *imposição das mãos*. Depois os fazia entrar no *atrio* do Templo; tomava-os pelas mãos, e levantando-os um pouco acima da terra, lhes fazia dar movimentos de agitação para os *quatro ponctos cardeaes*.

Antes de se realisar esta ceremonia, o Candidato devia estar 7 dias no *Tabernaculo*.

Na consagração pela imposição das mãos, *Moysés* empregou um *oleo sancto*, de que usáram os Egypcios, e usam hoje os Christãos. Era com este oleo que elle untava os vasos, aptos para o serviço de Jehovah.

Moysés encarregou os padres da *instrucção publica*, da *conservação* dos Mysterios e de suas ceremonias.

Em seus Mysterios, Moysés, e depois

Salomão, adoptou um grande numero de symbolos egypcios que nós conservamos na Maçonnaria

Eil-os: *Mar de Cobre*, que servia entre os egypcios para a purificação dos Neophytos por meio da agua

Representava o symbolo do anno sustentado por doze *Novilhos* que designavam os 12 mezes; tres dos quaes olhavam para o Oriente, tres para o Meio dia, tres para o Occidente, e tres para o Norte, alludindo deste modo ás quatro estações.

Os egypcios celebravam seus Mysterios durante 9 dias e na lua cheia de seu 7° mez: no segundo dia os Iniciados deviam purificar-se no mar; mas para os Templos que estavam distantes delle, os padres estabeleceram o grande vaso, *Mar de Cobre* de Moysés, assim como foi o de Salomão, os dos Christãos e os dos Maçons. Esta purificação que tambem tinha logar na Grecia, na mesma

estação e dia, se denominou *Alade Mystai* (Banho Mar).

Candelabro de 7 braços e de 7 luzes, era o symbolo dos 7 planetas e das 7 sciencias que os padres deviam estudar, como os de Memphis e de Thebas, que são: a *Grammatica*, a *Logica*, a *Rhetorica*, a *Arithmetica*, a *Geometria*, a *Musica*, e a *Astronomia*.

Altar dos Pães de Proposição: designava a communidade de bens, que devia necessariamente existir entre todos os padres.

Altar dos perfumes: indicava aos Levitas como aos Maçons que os votos dos mortaes devem dirigir-se ao Grande Architecto do Universo, e que devem sempre ser puros e superiores ás humanas paixões.

Naveta: contendo o insenso, nos recorda, assim como aos Levitas, o fogo das virtudes, que deve abrazar o coração dum Maçon zeloso. Os Gregos lhe

chamavam *Thymiaterion*, e os Romanos *Thuribulum*.

Bilha de Ouro: ou o vaso do maná, que Moysés tinha fechado no Tabernaculo, designava que os padres, afim de bem exercerem seu ministerio, deviam ser nutridos do maná espiritual, que se encontrava nas sciencias, cujo estudo lhes era formalmente ordenado.

Mitra. ornamento dos padres de Isis e de Osiris, que tambem foi adoptado peles padres de *Mytras* na Persia, e pelos de Jupiter em Athenas e Roma.

Cordão arrendado. cinta egypcia, que symbolisava a *União*, que devia reinar na Ordem Sacerdotal dos Levitas. Este emblema sacerdotal passou dos Judeos aos Christãos, aos Cruzados, aos Templarios e aos Maçons de todos os ritos.

Livro da verdadeira Luz, a Lei e os Prophetas. Sobre este livro vê-se um cordeiro, tendo em uma das mãos a bandeira do triumpho, como no do *Apoca-*

lypse. Os padres egypcios o consideravam como symbolo da *resurreição* ou *regeneração* do Sol, por causa da victoria que elle obtinha sobre o signo de *Aries*. Este livro não podia ser lido entre os Judeos sinão pelos padres, por causa das allegorias e Mysterios que continha, cujos conhecimentos se não podiam obter sem as 7 sciencias, designadas no Apocalypse pelos 7 sellos. Estes em alguns Ritos Maçonnicos se referem aos sete sacramentos de Roma.

Columnas: uma designava a *nuvem* espessa que guiava Moysés durante o dia, e outra o *fogo* que o conduzio durante a noite atravez dos desertos.

A Arca e as Taboas da Lei: Moysés, descendo do Monte Sinai com as Taboas da Lei, quiz indicar aos Judeos que era o seu primeiro Legislador, dando-lhes dogmas moraes e religiosos á maneira dos que elle tinha aprendido em Heliopolis; e que, como estes, se de-

viam conservar em uma *arca* emblematica. Era sobre o Monte Sinai que Moysés falava com Deos, de quem recebeu as *Leis* e a palavra Ineffavel—*Jehovah*—, que ninguem, sinão elle, podia pronunciar.

Moysés depois de haver legislado para o seu povo, concedeu-lhe tambem uma parcella de poder, para interesse de seu proprio systema theocratico.

Deu-lhe o direito de eleição dos *Juizes* e *Anciães*, como já havia feito no Egypto. Os Maçons ainda hoje conservam a lembrança desta instituição em alguns de seus Ritos.

Os padres e os Levitas, em seus primeiros Mysterios, tinham adoptado symbolos egypcios, que eram depositados no Tabernaculo e na Arca.

A maior parte destes emblemas ainda hoje se conserva na Maçonnaria. Mas observe-se que esta continha as *Taboas da Lei* e a *Vara de Aarão*, com

a qual os Levitas queriam indicar á posteridade, que o poder dos padres devia ir sempre á frente de tudo e devia ser, pelo menos, tão sagrado, como a Lei de Deos. Eis o typo da dominação universal que os sacerdotes estabeleceram em todos os tempos, quer pela força, quer pela fraude.

Eis, diz alguem, a causa da veneração profunda que elles tractam de inspirar pela Biblia, posto que uma grande parte della, esteja hoje condemnada pelos *Talmudistas.* Não são os preceitos da Lei que os padres manifestam: são os direitos que Moysés lhes deu gratuitamente sem consultar a vontade nem o interesse do povo! Algumas honrosas excepções, mas a estas não nos referimos.

Os padres israelitas, como os de Roma, constituiram um corpo separado na Sociedade e no Estado. A' este respeito escreve R. de Schio: «nem os reis da terra, nem suas familias devem ser

poupados; e para isto se acreditar, bastará lêr a *acção de graças* que Moysés deu antes da sua morte aos padres e á sua tribu de Levi».

A' proposito escreveu o genial escriptor francez Voltaire:

«Abri vossos olhos e corações, Magistrados, Homens de Estado, Principes, Monarchas, considerai que na Europa não existe reino algum, onde os reis não tenham sido perseguidos pelos padres. Diz-se-vos que esses tempos são passados, e que não voltarão mais.

Ai de mim! Voltarão amanhã, si hoje banirdes a tolerancia; e vós sereis victimas, como o foram muitos de vossos predecessores».

Supremacia dos Egypcios sobre os Hebreus

Os pensadores mais notaveis da antiguidade assim como os contemporaneos, em geral, admittem a creação dos mundos pelo Grande Architecto do Universo. Negam, porem, que o *Adão* de Moysés fosse o primeiro entre os homens.

Narra a Biblia que os Hebreos dividiram a terra entre si, afim de a povoarem.

Rollin marca o anno de 1815, depois da creação do mundo, em que *Misphraim* filho de Cham, foi o primeiro homem que se estabeleceu no Egypto, de onde se originaram os *Egypcios*, povo inferior aos Israelitas, opinião esta que encontra divergencia entre os criticos.

Platão, o eminente philosopho, admirado em todos os tempos, pelos magestosos vôos de seu genio, occupando-se dos monumentos do Egypto antigo, diz que existiam alguns com a data de 10.000

annos e que suas leis existiam pelo menos 9.000 antes de Solon

Deixando de lado os periodos remotos do povo do Egypto, saberemos que os padres egypcios estavam divididos em 3 classes, occupando-se a primeira em observar os astros ;a segunda em estudar os acontecimentos civis, politicos e militares, afim de constituir a sua historia; e a terceira em dedicar-se ás funcções religiosas.

Pelos Annaes Antigos chega-se á certeza de que os Reis Pontifices procuravam inocular no espirito do povo a idea de um *Ser Supremo*, *Creador* e *Conservador* do Universo.

O Sol era por elle considerado como a causa e origem de todos os bens physicos e de todas as producções animaes e vegetaes.

Este governo era considerado por Moysés como o melhor dos governos possiveis

Hérodoto afirma que estes sacerdotes contavam uma successão de Pontifices.

Em obra notavel e antiga vê-se que os reis e os padres do Egypto imprimiram em seus palacios, tumulos, sarcophagos, templos, columnas e obeliscos, todas as imagens de seus Deoses, homens illustres, etc.

Estas inscripções offerecem ao espirito observador e estudioso verdadeiro interesse, porque revelam os mais antigos vestigios deixados pela humanidade sobre a terra, e de onde se arrancaram os elementos para a estructura das leis religiosas, politicas e civis de todo o mundo.

Em summa: O povo Hebreo constituio-se como Nação sómente durante o seu captiveiro no Egypto.

A sua civilisação começa da partida do deserto com Moysés, tempo em que o Egypto era uma nação florescente, e exhuberante pelas suas riquezas e pelo

seu poderio. E, quando os reis do Egypto viviam em palacios opulentos e sumptuosos, os Hebreos vegetavam abrigados pelo tecto modesto e grosseiro de suas primitivas habitações.

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO II

SUMMARIO : Diversos Mysterios — Ritos Maçonnicos — Os templos de Salomão.

CAPITULO II

Diversos Mysterios

A Maçonnaria tomou como base fundamental todos os Mysterios que visavam, não exclusivamente os interesses, mas sim a utilidade e o bem geral de toda a humanidade.

Qual a orientação dos Mysterios dos Magos?

Elles se propunham a manter e conservar todos os conhecimentos scientificos, e a harmonia entre a sciencia e a theogonia. Desta maneira, elles, para realisarem o primeiro *desideratum*, só admittiam em seu gremio homens cultos; para o segundo usavam dos symbolos que não eram comprehendidos pelo povo, mas que, entretanto, eram por elle adorados.

Diz um escriptor que este systema,

improprio talvez dos tempos actuaes, era necessario nos tempos transactos, porque, quer o Sol se considere como a retratação do Creador, quer como o proprio Creador, nem por isso a sua essencia deixa de escapar ás investigações humanas; e quando o erro tentasse atacar o seu culto, lá se achavam as sciencias para dissipar os desvarios.

Os Mysterios dos Brachmanes tinham por fim — a theogonia do *Vedan* e a ambição do poder.

Os Mysterios dos padres do Egypto tinham por fim: a instrucção publica e a particular, a industria e a prosperidade dos egypcios, e a politica. Estábeleceram dous cultos e duas doutrinas; um secreto comprehendendo a doutrina dos Magos; outro publico, tendo como fundamento a metempsycose, que promette um fim mais consolador do que as chammas eternas, que devem sempre arder, sem que se extinguam.

Os Mysterios foram tão admissiveis que o Egypto foi e é considerado como o manancial de toda a civilisação das primitivas éras.

Os Mysterios de Orpheo combateram o charlatanismo dos Mysterios de Céres e instituiram um collegio scientifico, em que as sciencias eram fornecidas, conforme a capacidade de cada Iniciado.

Os Mysterios Essénios oppunham-se a idolatria, e estabeleciam a benevolencia e a philantropia e o amor á Patria.

Os Mysterios dos Cabyres da ilha de Samothracia tiveram por fim a coragem e o patriotismo.

Os individuos que mais se destacavam por seus actos de bravura, em prol da Patria, eram coroados annualmente na celebração publica destes Mysterios.

Estes Mysterios que acabamos de, rapidamente, esboçar, tiveram logar antes da éra christã.

Depois de Christo, vêm os Mysterios do Christianismo que tiveram por objectivo implantar nova religião, assentando os seus fundamentos na *egualdade*, *liberdade politica e religiosa, e abolição completa das castas privilegiadas.*

Os Mysterios dos Francos tiveram todos por fim não só a tolerancia e a philantropia, como tambem a prosperidade e a independencia da patria. A abolição dos feudos, as guerras da Palestina, e o estado progressivo de sua civilisação, não os desmentem.

São objectos dos mysterios Britannos: —a gloria nacional; uma generosa philantropia; o amor ás sciencias e ás idéas liberaes. É assim que os mysterios Britannos emprehenderam a realisação de numerosos estabelecimentos de ensino publico, assim como os grandes beneficios que a Maçonnaria tem espalhado nas cinco partes do globo são obra desses mesmos mysterios.

Por aqui se vê que os mysterios, em geral, visaram fins uteis e proveitosos para toda a humanidade.

Ritos Maçonnicos

1.°—Rito Symbolico que é o primitivo na Europa, e espalhado pelas cinco partes da terra.

Só tem tres gráos, nos quaes se resumem a força de bem pensar, de bem dizer, e de bem fazer. Os demais ritos tomam este como fundamento.

2.°—Rito escocez, fundado por um barão d'essa nacionalidade. Em seu começo tinha sete gráos; depois elevaram a 25, e hoje conta trinta e tres.

Divide-se em sete classes. a primeira abrange os tres primeiros gráos, a segunda desde o 4.° até ao 8.°; a ter-

ceira desde o 9.° até ao 11.°; a quarta desde o 12.° até ao 14.°; a quinta desde o 16.° até ao 17.°; a sexta desde o 19.° até ao 27.° e finalmente a setima do 28.° até ao gráo 33.

Destes gráos só sete se conferem; dos outros só se conservam os nomes.

O 1.° Gráo é consagrado ao desenvolvimento dos principios fundamentaes da Maçonnaria e ao ensino de seus usos e leis.

Encerra-se no seguinte · *Deus, Beneficencia e Fraternidade.*

O 2.° Gráo é consagrado á direcção da mocidade, guiando-a pelas veredas da virtude, do bem, da sciencia e do trabalho constante.

O 3.° Gráo é consagrado ao pundonor inflexivel, que não transige com o dever, e aos grandes homens que se sacrificaram pelo bem publico.

O 4.° Gráo é consagrado á discrição do sabio, e á vigilancia do bom obreiro.

O 5.º Gráo é consagrado á perfeição do espirito e do coração, a todas as grandes verdades, e a todos os conhecimentos uteis enumerados sobre a *pedra cubica*.

O 6.º Gráo é consagrado á necessidade de aprender, que deu occasião a maravilhosas descobertas, e aos perigos de uma vã curiosidade.

O 7.º Gráo é consagrado á equidade severa, com que devemos julgar as nossas acções.

O 8.º Gráo é consagrado ao espirito de ordem e de analyse.

O 9.º Gráo é consagrado ao zelo virtuoso, e ao talento esclarecido, que, por bons exemplos, e generosos esforços, vingam a verdade e a virtude contra o erro e o vicio.

O 10.º Gráo é consagrado á extincção de todas as paixões, e de todas as inclinações culpaveis.

O 11.º Gráo é consagrado a regenerar costumes, sciencias e artes.

O 12.º Gráo é consagrado á coragem perseverante.

O 13.º Gráo é consagrado á memoria dos primeiros instituidores da Ordem, os Magos, os Pontifices de Misraim e de Jerusalem.

O 14.º Gráo é especialmente consagrado ao grande Architecto do Universo, debaixo do symbolo sagrado *Delta*.

O 15.º Gráo é consagrado aos heróes libertadores de sua Patria.

O 16.º Gráo é consagrado ao jubilo do seu triumpho.

O 17.º Gráo é consagrado á expansão das vantagens da Maçonnaria.

O 18.º Gráo é consagrado aos triumphos da luz sobre as trevas, isto é, ao culto evangelico.

O 19.º Gráo é consagrado ao pontificado da religião universal e regenerada.

O 20.º Gráo é consagrado aos deveres dos chefes das Lojas Maçonnicas.

O 21.º Gráo é consagrado aos perigos da ambição, e ao arrependimento sincero.

O 22.º Gráo é consagrado á gloria da antiga Cavallaria, propagadora dos sentimentos nobres e generosos, e ao sacrificio pela Ordem.

O 23.º Gráo é consagrado á activa vigilancia dos conservadores da Ordem.

O 24.º Gráo é consagrado á conservação das doutrinas maçonnicas.

O 25.º Gráo é consagrado á emulação, que produzio planos uteis.

O 26.º Gráo é consagrado á estima e recompensa, devidas ao genio.

O 27.º Gráo é consagrado á superioridade e á independencia, que dão os talentos e a virtude.

O 28 º Grão é consagrado á verdade nua sobre tudo que interessa á felicidade commum.

O 29.° Gráo é consagrado á antiga Maçonnaria da Escocia.

O 30.° Gráo é consagrado ao proprio fim da Maçonnaria em todos os seus gráos.

O 31.° Gráo é consagrado á alta justiça da Ordem.

O 32.° Gráo é consagrado ao commando militar da Ordem.

O 33.° Gráo é consagrado á administração suprema do Rito Escocez.

O Rito Moderno ou Francez compõe-se de sete gráos em duas series. A primeira, conhecida pelo nome de Maçonnaria symbolica ou azul, comprehende os tres primeiros Gráos; a segunda denominada Maçonnaria dos Altos Gráos ou Vermelha, contem quatro Ordens ou Gráos Mysticos.

Os tres primeiros Gráos do Rito Moderno podem comprehender a mesma doutrina e moral que os tres primeiros do Rito Escocez.

O 4.° Gráo do Rito Moderno corresponde ao 9.° do Rito Escocez.

O 5.° Gráo do Rito Moderno corresponde ao 14.° do Rito Escocez.

O 6.° Gráo do Rito Moderno corresponde ao 15.° do Rito Escocez.

Finalmente o 7.° Gráo do Rito Moderno ou Francez tem a mesma doutrina e moral do 18.° do Rito Escocez.

Daqui se infere que

O 1.° Grão é consagrado á virtude e á beneficencia.

O 2.° Gráo é consagrado ao trabalho e ás artes mecanicas.

O 3.° Gráo é consagrado ao pundonor inflexivel e ás producções do genio.

O 4.° Gráo é consagrado ao zelo virtuoso e à purificação da perfidia.

O 5.° Gráo é consagrado á gratidão para com os chefes da Ordem.

O 6.° Gráo é consagrado ao heroismo em beneficio da patria.

O 7.° Gráo é consagrado aos trium-

phos da luz sobre as trevas, e aos da virtude contra o vicio.

O Rito de Misraim ou Egypcio consta de 90 Gráos, divididos em quatro series: — *Serie Symbolica* que comprehende 33 Gráos em seis classes. *Serie Philosophica* que abrange 33 Gráos em quatro classes. *Serie Mystica* tem 11 Gráos em quatro classes. *Serie Cabalistica* comprehende 13 Gráos em tres classes.

O fim dos fundadores deste Rito, multiplicando os Gráos, foi synthetisar nas duas primeiras series os conhecimentos Maçonnicos dos outros Ritos, deixando nas duas ultimas a chave dos Mysterios Egypcios.

Suppõe-se que tres negociantes introduziram em França o Rito *Misraim*, e que o Supremo Pontifice deste Rito viera do Oriente de Napoles para Paris no anno de 1814.

Os Iniciados de *Misraim* fundaram em França uma Loja (l' Arc-en-ciel).

Rito de Adopção é o nome que tomam as Lojas das Damas. Foi fundador deste Rito em França o marquez de Saisseval.

Os Templos de Salomão

Temos aqui de nos referirmos aos dous templos de Salomão: o material e o mystico.

David foi o successor de Saul pela *alta potencia* de Samuel.

Compoz os sete *Psalmos Penitenciaes* e preparou os materiaes para que os seus successores podessem civilisar os Israelitas e construir o *Templo Sancto*, designando antes de morrer para seu successor a seu filho Salomão, que é considerado como o mais justo, o mais sabio e o mais poderoso dos reis de Is-

rael. Teve, em virtude do grande luxo oriental que então predominava, de manter 700 mulheres, sendo a primeira dellas filha d'um Pharaó, rei do Egypto, e mais 300 concubinas. E' representado como principe politico e philosopho, que soube accumular thesouros, fundando o Templo de Jerusalem aos 3.000 annos depois da creação do mundo.

Ornou o Templo, segundo os usos do Egypto, isto é, com vasos sagrados, construidos pelo Architecto *Hiram*, filho de Ur.

Foi Salomão (Vid. a Biblia) quem deu o plano do Templo consagrado ao Eterno, e traçou o Altar e Sanctuario, ordenando a Hiram que lhe esculpisse o *Sol*, a *Lua* e os *Astros*. Uma das duas columnas que fez elevar á porta do Templo, foi consagrada aos *Ventos*, e a outra ao *Fogo*

As antigas Egrejas Christãs na Allemanha, na Italia, e a *Nôtre Dame* de

Paris, tem suas abobadas e porticos ornados de constellações e dos signos do Zodiaco.

O Templo de Salomão era ornado de romãs e flôres de liz, o que significava *amizade pura*, ou a *Sociedade innocente*. O liz, que pertencia a Venus-Urania, e o *lotus* de Isis, foram transportados para a *Virgem-Mãe*, pelos christãos, para symbolisar a candura com que devemos sempre nos achar no Templo.

As romãs serviram de adorno nos Mysterios de Céres-Elusina, adoptadas tambem nos Templos da Maçonnaria.

Os padres receberam de Salomão grande e opulento patrimonio scientifico assim como todos os Mysterios de Moysés. Legislou em beneficio do povo . . . .

Morto, e em homenagem ao seu grande merecimento, os padres fizeram a sua apotheose e lhe déram a presidencia allegorica de seus Mysterios. Esta

homenagem é adoptada por todos os Ritos da Maçonnaria.

Quando se tractou de sanctificar o Templo, os Levitas fizeram accreditar ao povo que o *Espirito Sancto (Schekinah)* tinha descido do céu e se havia fixado sobre o propiciatorio (Arca do testamento dos antigos Judeos) entre as azas dos Cherubins, onde lhe fizeram dar oraculos durante 14 annos. D'aqui se infere que os Judeos, antes do dogma da *Trindade*, veneravam o *Espirito Sancto*, que depois desappareceu, por se terem dado os Levitas e Salomão a outros cultos.

Salomão, neste poncto, fraqueou, e este facto encontra-se nas instrucções de alguns altos gráos, como é no 25.° do Escocez e 5.° Gráo do Rito Moderno, se certifica que Salomão perdeu a communicação que tinha com *Urim* e *Thumin.*

Vê-se, neste gráo, que o Pontifice de Jerusalem esmaga as 3 cabeças da ser-

pente mysteriosa, que symbolisam a *avareza*, o *despotismo* e a *superstição*.

Os Hebreus, depois da morte de Salomão, se dividiram em dous reinos: —o de Judá e o de Israel. *Roboam*, filho de Salomão, solicitado pelo povo para allivial-o de impostos, respondeu:

—*Si meu pae vos lançou um jugo pesado, eu vos darei outro ainda maior.*

Passados cinco annos, depois do fallecimento de Salomão, *Isak*, rei do Egypto, declarou guerra a Roboam, tomou Jerusalem, levando-lhe os ricos thesouros do Templo.

Desta éra em diante o povo Judaico ficou sob a submissão de pessimos Reis, que tomavam como regra de conducta e como orientação politica apenas os mais ignobeis impulsos de suas paixões. Tirá-ram aos padres os seus privilegios, e implantaram governos militares. Acossados pelas necessidades, invadiram os povos limitrophes, revoltando-se Assyrios e Ba-

bylonios, contra os Hebreos. O resultado foi a quéda dos thronos de Judá e de Israel e a destruição de Jerusalem e do Templo Sancto, e a escravisação do povo que foi levado para Babylonia.

D. F. Bagot escreve:

« Salomão reuniu os chefes dos trabalhos e lhes propoz, em homenagem ao grande Architecto do Universo, a edificação de um templo em tudo semelhante áquelle que tinha sido destruido.

Concordaram todos com a proposta apresentada, e os obreiros manuaes, homens devotos e illustrados, tornaram-se *obreiros espirituaes.* Como era necessario marcar a differença que existe entre a disposição ás virtudes e a posse das mesmas, Salomão caracterisou os gráos.

O 1.º—(Aprendiz) encerrava todas as experiencias corporeas dos Mysterios Egypcios.

O 2.º—(Companheiro) comprehendia

as instrucções dadas pelos padres, e as conferencias destes com o aspirante na ultima parte da iniciação.

O 3.º—(Mestre) era o conhecimento total dos Mysterios, mas convinha á prudencia de Salomão adaptar a seu systema moral o incidente de um Mestre assassinado pelos vicios ».

Estes Mysterios, pois, que foram creados pelos Levitas em Babylonia, deveriam produzir entre os Judeos a aspiração e o desejo de regressar a seu paiz, afim de ahi reedificarem realmente o *Templo Sancto*, e reconquistarem a auctoridade e os bens perdidos pela ambição dos reis de Israel e de Judá. Mantiveram os Levitas em seus Mysterios a festa de 10 de *Thischri*, ou o *Mysterio da palavra perdida*, o que hoje ainda se consagra na Maçonnaria.

E si o Rito Francez, para dar valor á palavra *innominavel*, a riscou dentre os Mestres, por isso lá a conserva na sua

Abobada Sagrada, onde é substituida pelas palavras *Schem-ham'phoras*.

Concluida esta lithurgia, os Israelitas festejavam a *Paschoa*, que tinham trazido do Egypto, onde tinha logar no equinocio da primavera.

Com effeito, os padres de Memphis tinham estabelecido esta solemnidade em reconhecimento das vantagens produzidas pela volta do Sol debaixo do symbolo de Osiris, que *resuscita* e *triumpha* das trévas e do principio do mal. Este Mysterio era conhecido sob a denominação de *Mysterio da Resurreição* e da *Redempção*.

Os christãos têm a sua Paschoa e a resurreição de Christo.

Os Levitas admittiam candidatos ao sacerdocio por meio de uma preparação usada em todos os Mystérios, o que se explica pela palavra *Jachin*, que se conserva na Maçonnaria, significando preparação.

Nos Mysterios Judaicos, como nos

antigos, se applica a lenda d'uma *morte*, e seus symbolos.

Os Egypcios chorararam *Osiris* morto; os Ethiopes *Memnon*; os Persas *Mytras*, os Gregos *Baccho* e *Atys* e os Babylonios *Adonis*.

Está verificado que todos esses povos estabeleceram a *paixão*, a *morte*, e a *resurreição* de sua respectiva divindade, que certamente não era senão o Sol.

Esta legenda foi applicada a *Hiram*, architecto do templo de Salomão, e que gosa de grande influencia na mystagosia Judaica.

Encontra-se este mesmo *Mytho* na paixão e supplicio de Christo, que é o sacrificio de seu corpo, e a morte que é o laço que liga e vincula os christãos, facto que é evidenciado pela ceremonia da communhão. Existe esta allegoria em todos os Mysterios antigos, figurando tambem nos Maçons, morte *mystica* de Hiram.

Os Iniciados foram obrigados pelos Levitas a procurar a palavra perdida *Jehovah*, e a vingar o supposto assassinato do grande operario do templo de Salomão, cujas praticas são por nós mantidas nos gráos Escocez e Eleito.

Portanto, todas as religiões da antiguidade tiraram seus principios dos Mysterios Egypcios.

O assassinato de Hiram era figurado pelos Levitas pelo ramo de *Acacia*.

E' este ramo no começo dos nossos mysterios um objecto de tristeza.

E' o symbolo que representa a festa dos Ramos entre os christãos de Roma, a qual precede cinco dias a commemoração da morte de Jesus.

Esta morte e o respectivo ramo encontram-se nos Mysterios dos antigos Romanos

A allegoria e a legenda de Hiram assim como seus tres assassinos variam

nos diversos templos. Representa Jesus Christo na Maçonnaria coroada seguida pelos Carbonarios.

— As ordens de Eleito, Kadosch, Templarios e outras foram consideradas por alguns como perigosas. E, em consequencia de prevenções mal fundadas, accusadas de querer, pela allegoria, vingar a destruição dos cavalleiros Templarios em seus assassinos.

A Ordem Maçonnica, porém, fiquem todos certos, é muito anterior á destes cavalleiros, que só foram admittidos no seculo XIII.

Quanto aos Levitas, além das allegorias personalisadas, que apresentavam seus Mysterios, tinham outros elementos como a *Pedra Cubica*, onde está inscripto o grande nome *Jehovah*, a qual existe tambem em nossos Templos, e que nos serve, como as antigas pedras do Egypto, para recordar-nos as palavras sagradas de nossos Mysterios e de nossas Ordens.

Possuiam tambem a *Pedra Angular*, collocada no angulo mystico de Salomão, que servia de modelo a todos os operarios e que mysticamente em nossos trabalhos, é composta de *Amor fraternal*, *Soccorro e Verdade*, virtudes de que tem necessidade o iniciado que deseja attingir aos gráos da perfeição.

Os novos mysterios dos Levitas se conservaram em Babylonia durante os 70 annos em que os Israelitas alli estiveram captivos.

Tendo sido perturbados em seus trabalhos, por differentes inimigos, introduziram o uso das *espadas*, de que nós hoje tambem nos servimos em certas ceremonias.

As allegorias que fazem a base da maior parte dos gráos Maçonnicos, são a commemoração da historia Judaica, desde o Egypto até á restauração politica dos Israelitas

Ha ritos Maçonnicos que se suppõem

successores dos Templarios e do Christianismo

Segundo a Biblia, os Mysterios Judaicos se conservaram 32 seculos depois da creação do mundo, isto é, até ao começo do Christianismo.

Os Judeus, em diversos, paizes commerciavam com objectos de luxo asiatico. — N'essas viagens espalhavam seus Mysterios e seus dogmas, trazendo em permuta novos principios como eram os das seitas dos Essenios, Gnosticos, Manicheos, e outras.

Fechamos este capitulo com as seguintes palavras de abalisado auctor da nossa Ordem

« Muitos escriptores, como o Abbade Marotti, querem que o dogma Maçonnico seja a pura doutrina de Christo, e que nossas allegorias formam as virtudes, que elle prégou. Mas como a nossa Ordem tem irmãos nascidos no seio de

outras religiões, e que não conhecem o nosso Divino Mestre, senão de nome, recorremos aos antigos Evangelistas, para seu perfeito conhecimento ».

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO III

SUMMARIO : O Apocalypse e a Maçonnaria. Jesus Christo e o Christianismo.

CAPITULO III

O Apocalypse e a Maçonnaria

Em sua notavel obra «*Vida de Jesus Christo*», escreve o padre João Baptista de Castro : «Ninguem ignora que cada Evangelista, posto que allumiado pela mesma noção do Espirito Sancto, observou distincto rumo na ordidura da sua Historia, segundo o argumento que se havia proposto, de caracterisar na Pessoa do Verbo Humano um particular attributo. Assim vemos que S. Matheus tomou por assumpto justificar em Jesus a dignidade de Messias promettido, e que procedia da geração real de David. S. Marcos mostrou que elle era Rei e Senhor pelos effeitos de seu poder. S. Lucas lhe descobrio o predicado de Salvador do mundo. S. João declarou a

divindade do Verbo Eterno unida á humanidade na mesma Pessoa de Jesus Christo. D'aqui nasce que, não sem propriedade, foram significados os 4 Evangelistas nas 4 figuras enigmaticas do carro de Ezequiel: o *Homem* significava S. Matheus, porque este, dando principio ao seu Evangelho pela *geração humana* de Christo, mostrou-se como homem; o *Leão* representava S. Marcos, porque este, começando a descrever a voz, que clamava no deserto, mostrou ter a propriedade de leão, que anda rugindo pelos montes.

S. Lucas se assemelha ao *Boi*, porque principiou o Evangelho pela funcção sacerdotal de Zacharias, em que symbolisou o boi que é apto para o sacrificio. Ultimamente S. João, como subio mais alto, declarando a divindade de Jesus Christo, se fez semelhante á *Aguia*».

O mais antigo Evangelho (Boa Nova) é attribuido a S. Matheus que, no affir-

mar das auctoridades do catholicismo, foi escripto 6 annos depois da morte de Christo.

Os doutores da Egreja muito discutiram entre si acerca do estylo e da linguagem em que fôra escripto esse Evangelho e acerca mesmo de quem fôra o seu Auctor.

Visou o Evangelho, a que nos referimos. *refutar* as asserções dos Nazarenos sobre a origem obscura que elles davam a Jesus, porque cita a sua raça como real, e dá-lhe uma chronologia, que vae ter ao primeiro homem. Descreve a existencia do Martyr do Golgotha despida de toda a aureola de divindade. Refere-se ás suas virtudes e aos seus milagres, mas não menciona o mysterio da Trindade.

S. Marcos escreveu o 2° Evangelho 10 annos depois da morte de Jesus.

Narra a vida humana do Nazareno, nada attribuindo-lhe de divino.

S. Marcos tudo que escreveu foi o resultado de conversações com S. Paulo, pois, não conhecera Jesus Christo.

S. Lucas é o auctor do 3° Evangelho. Esta historia de Jesus é melhor trabalhada.

Declara que se decidio a escrevel-a, porque os outros a tinham desfigurado. Dá a vida de Jesus despida da divindade e do mysterio Trinitario.

Affirma-se que este Evangelho só appareceu 58 annos, depois da Paixão de Jesus Christo.

S. João, apostolo querido de Jesus, escreveu o 4° Evangelho.

Nos primeiros cinco capitulos do Apocalypse, S. João vê em sua *visão* a Deos que *foi*, *é* e *será* (Alpha e Omega adoptado pelos Maçons).

João toma para heróe do seu Poema o *Cordeiro*, assenta-o sobre o mesmo throno da divindade, cercado por 4 figuras symbolicas: *Leão*, *Boi*, *Homem* e

Aguia, que são os 4 Signos dos Evangelistas, e que entre os Egypcios symbolisavam as 4 estações.

O livro que Deus tem na mão, não póde ser aberto sinão pelo cordeiro; mas observe-se que o exercicio deste não é sinão secundario, pois que só se mostra como instrumento da vontade divina e não como a mesma Divindade.

Pelo primeiro Sello que o Cordeiro abre, João faz sair um cavallo branco, montado por um bello homem, coroado, tendo na mão direita um arco.

O Cordeiro abre o segundo Sello e o mau principio lhe succede. E' um cavallo vermelho, e a pessoa que o monta tem o poder de tirar a paz de cima da terra, e fazer que os homens se matem uns aos outros.

O Cordeiro abre o terceiro Sello e faz sair um cavallo negro, e o cavalheiro traz na mão uma balança.

Aberto o quarto sello, sae delle um

cavallo amarello, montado pela morte, que faz morrer os homens á fome.

Pela abertura do quinto Sello, João descreveu as almas, que apparecem diante de Deus, ao pé do throno do Cordeiro.

Ha um terremoto com a abertura do sexto Sello. Obscurece-se o sol, e a lua torna-se vermelha.

Pela abertura do setimo Sello, João pretendeu manifestar d'uma parte a astronomia, que respeita aos 7 planetas, e da outra procurou desenvolver por allegorias a opposição e as perseguições, que experimentariam suas doutrinas e seu dogma, porque estabelecia que todos os Iniciados eram *reis* e *sacrificadores*.

Conclue João pela sua Jerusalem celeste, que tem doze portas, que representam os doze mezes do anno ou as constellações do Zodiaco.

A muralha da cidade tem doze fundamentos, e os apostolos do Cordeiro

tambem são doze. E' a pedra cubica dos Maçons.

Deos e o Cordeiro são nesta cidade o templo.

Vê-se ahi a *regradeira* maçonnica transformada em *Canna de Ouro*, com que se deve medir as muralhas e portas de Jerusalem.

E' o *ramo* mystico que acompanha os mysterios da antiguidade. Por fim um anjo diz a João que *adore ao seu Deus e não a si*, que não é mais do que um embaixador.

Os christãos do Oriente combateram o Apocalypse de João, não lhe poupando nem a parte astronomica, nem aquella em que elle se dizia iniciado ao dogma da unidade de Deos e da immortalidade da alma.

Affirmáram que o Cordeiro sem mancha que tinha sido sacrificado no principio da creação, não podia ser o Jesus, que tinha sido immolado, sob o

poder de Poncio Pilatos; e que a divindade que se lhe attribuira, destruia o dogma da unidade de Deos.

Foi desde essa occasião o Apocalypse considerado pelos christãos do Oriente como terminantemente refutado, e como um Verdadeiro Poema do Sol, bastante nebuloso.

Entrou depois esse Apocalypse no seio do mais completo esquecimento. Combatendo entre si os christãos do Oriente e os do Occidente, por causa de transcendentes questões theologicas, os ultimos attribuiram o Apocalypse a São João.

Foi declarado divino e canonico por um concilio; depois regeitado por outro, e mais tarde novamente reconhecido divino e canonico.

Foi commentado por espiritos da ordem de Ticho-Brahe, Newton, Dupuis, Lenoir.

Diversos Maçons procuram encontrar

no Apocalypse a base e a explicação de todos os mysterios, maximé os dos Cabalistas.

O Apocalypse de S. João, posto que recheiado de ornamentos proprios da maginação Oriental, é considerado por certos espiritos como inferior aos Poemas sobre o Sol.

Elle nos revela que os Judeos, que seguiam a João, tinham uma *Lei Oral* que era communicada aos iniciados, e que existio entre elles até ao seculo VIII, lei esta que tambem se manifesta no capitulo decimo da « Visão de João ».

É um anjo que desce do céo, tendo um pé sobre a terra e o outro sobre o mar, trazendo na mão o Apocalypse.

João quer escrever as sete vozes que se diz que elle ouviu, mas uma voz celeste ordena-lhe:—*Sella as palavras dos sete trovões, e não as escrevas*

João, tendo tirado o livro da mão do Anjo, devora-o, e, ao mastigar, o

achou doce como o mel; mas, depois que o comeu lhe causou amargor no estomago. Quiz João assim demonstrar que os conhecimentos dos segredos religiosos, ainda que agradaveis na apparencia, produzem effeitos perniciosos, e que por isso deviam ser transmittidos *verbalmente*. Encontra-se tambem no Apocalypse muitas idéas platonicas, como as de *Logos*, o *Deus Verbo*, da alma do mundo, e de sua destruição, sonhos seguidos pelos Judeos e pelos christãos daquella época.

Nota, porém, um auctor que *Logos* é elemento hellenico e que, portanto, só podia ter sido usado pelos Judeos de Alexandria.

Sabe-se ainda que os christãos das primitivas éras fizeram de S. João um segundo Moysés ou Elias.

Occultaram sua morte, pretendendo que sua existencia se estenderia até ao fim do mundo.

Muitos irmãos, fundamentando-se so-

bre que as duas festas de S. João, feitas pelos Maçons, representam os dous solsticios, concluem que S. João não morreu.

Jesus-Christo e o Christianismo

Sendo muito conhecida a historia do nascimento de Jesus, deixamos de aqui a elle referirmo-nos.

Na « *Vida de Jesus-Christo* », escripta pelo padre João Baptista de Castro, encontra-se narrado que o primeiro milagre operado por Christo foi o de mudar a agua em vinho nas bodas de Caná. Mas o que é certo é que antes de Jesus, Elisêo já tinha modificado o amargor das de Jerichó, e dos manjares de Gilgal.

Moysés o mesmo prodigio tinha operado para saciar os Israelitas.

Marcos tambem enchia de vinho branco tres copos de vidro, e depois de curta oração, um delles tomava a côr de vinho tinto, outro a côr azul celeste, outro a vermelha.

Beyrusse, durante um festim no palacio do duque de Brunswich, transformou uma casaca preta em vermelha.

Estes phenomenos deixam de ser maravilhosos, para todos que tiverem noções de chimica.

Jesus, affirmam, fez muitos milagres na sua patria, para lhe dar a crença, como se vê nos Evangelistas; mas, não se tornando acreditado, os Nazarenos (Vid. S. Marcos e S. Lucas) estiveram para o precipitar abaixo dum rochedo e Jesus abandonou a cidade incredula, dizendo: — *Nemo propheta in patria.*

Professava Jesus as virtudes dos Essenios, e entre outras a Castidade, porque nesta seita o casamento era tido como estado imperfeito. Muitos discipulos seus

observaram, com effeito, a castidade, resultando disso muitos cenobitas e celibatarios que com o correr dos tempos se transformavam em padres e frades christãos, a quem depois os papas prescreveram o celibato obrigatorio, que entre os Essenios e os christãos primitivos não era mais do que negocio de disciplina.

Os papas receiosos de que os individuos casados se fizessem padres, e que os reis quizessem ser sacrificadores, prohibiram o casamento aos padres pelo concilio de Trento.

E' sabido que os primeiros padres christãos possuiram mulheres, que eram conhecidas sob a denominação de *irmãs intrusas*.

Acerca da doutrina de Christo sobre o casamento, S. Paulo assim se expressa:

— *Isto é uma verdade certa: que se alguem deseja o Episcopado, deseja uma obra bôa.*

— *Importa logo que o Bispo seja irreprehensivel, esposo de uma só mulher, sobrio, prudente, amador da hospitalidade, e capaz de ensinar.*

— *Não dado ao vinho, não espancador, mas moderado; não litigioso, não cubiçoso.*

— *Que saiba governar bem a sua casa; que tenha seus filhos em sujeição, com toda a honestidade.*

Daqui se deduz que S. Paulo não affirmaria que os bispos deveriam ter apenas uma só mulher, se elles não tivessem muitas, e os seus costumes não fossem dissolutos. É por isto que um escriptor diz que a Egreja de Roma nunca poderá approvar a *Sociedade Biblica* da Inglaterra, que poz a Escriptura Sagrada nas mãos de todos, pela sua traducção em todas as linguas.

Na propria Biblia ha paginas de um naturalismo sem jaças.

A moderna escola, de que é pala-

dino em França o celebre Emilio Zola; em Portugal Eça de Queiroz, e no Brasil Aluizio Azevedo, tem na velha Biblia um reflexo admiravel. Que o digam os quadros pintados pelo propheta Ezequiel!!...

Nelles pára o nosso espirito, cheio de assombro, diante do maior requinte da dissolução das mulheres!!

E não acreditamos que a prohibição que a Egreja Romana faz de lêr-se a Biblia, seja em virtude dos paineis pouco moralisadores que ella encerra; mas porque pensamos que a religião, que não é mysteriosa, cessa de ser religião.

E, sendo a de Roma fundada sobre a Biblia, é justo que seja prohibida a sua historia.

Demonstra-se esta asserção da seguinte maneira: Os padres do Egypto prohibiam que o povo soubesse lêr. Possuiam tres alphabetos com que occul-

tavam os mysterios da religião á curiosidade dos profanos.

Mostravam ao povo os livros de *Hermes*, mas não lhe communicavam o seu conteúdo. Os Druidas estabeleceram que era um grande crime escrever sobre materia de religião.

Os Bramas deitavam oleo ardente na bocca de todo aquelle que lêsse os *Vides*. Em consequencia tambem a Curia Romana deve servir-se da lingua latina, já morta, e em geral desconhecida, para que as turbas ignorem o que pedem a Deos. A civilisação, porém, avançará, enfrentando esse partido antisocial, e tornando a Biblia conhecida de toda gente.

O Cardeal Baronius escreve o seguinte sobre a eleição dos papas e a corrupção de Roma :

« Que horroroso espectaculo não apresentava a Egreja Romana no principio do X seculo, quando infames cortezãs dispunham, a seu sabor, das ca-

deiras episcopaes! É horrivel ouvir-se que ellas punham seus amantes na cadeira de S. Pedro, como fez D. Maria Maldachini, collocando o seu cardeal sobre a cadeira Pontifical em 1644, sob o titulo de Innocencio X.

« De modo que se chamáram muitos pontifices *legitimos*, que não eram sinão *intrusos*, e que deviam tudo á mulheres de má vida.

« Os canones decretaes, antigas tradições, e ritos Sagrados, eram totalmente esquecidos. A dissolução mais terrivel, o poder mundano, e a ambição de dominar, tinha occupado o seu logar »

Segundo os Evangelistas, vê-se que Jesus ensinou a *Resurreição*, mas esta doutrina não foi seguida pelos phariseos nem saduceos, que a consideravam como fabulosa. João Baptista ensinava a *Penitencia* e, para purificar os crentes, os fazia mergulhar no Jordão.

Jesus nunca baptisou. S. João Evangelista isso o expõe com franqueza no Evangelho cap. IV, V. 2.

> *Sendo assim que não era Jesus o que baptisava, mas seus discipulos.*

Os outros tres Evangelistas e os actos dos apostolos conservaram profundo silencio acerca deste facto, o que não succederia si delle tivessem sciencia.

As aguas lustraes, as hyssopadas e as pias de baptismo, existem entre nós como existiram entre os Egypcios, Gregos e Romanos. O Baptismo, porém, tinha entre estes ultimos povos por fim a *limpeza*, e a *saude.*

Moysés e Mahomet fizeram da immersão na agua um dos preceitos de seus dogmas, convencidos de que as abluções eram o unico meio de se manter a saude em um paiz calido.

João, que seguia as pégadas de

Moysés, baptisava no Jordão, transmittindo esta cerimonia aos christãos.

Já no proprio pae da poesia, o grande creador da *Illiada*, e da *Odysséa*, o immortal Homéro, encontra-se que o uzo da purificação, por meio da agua, existia naquelle tempo na Grecia.

Apuleo foi purificado pelas aguas lustraes antes de ser iniciado, Luciano foi mergulhado no Tibre antes de descer ao inferno.

Vê-se nas nossas télas sacras Jesus tendo os braços encruzados sobre o peito (como em signal de bom pastor entre os Roza Cruzes) e S. João lançando-lhe agua sobre a cabeça. Por cima uma pomba symbolisando o Espirito-Sancto, passando-se a scena no Jordão.

Affirma, porém, um escriptor que este systema de baptisar não era o adoptado por S. João, que consistia em tres immersões completas do corpo dentro d'agua.

Quanto ás pombas, os criticos observam que uma pomba tambem saio da Arca de Noé e lhe trouxe o ramo sagrado a Minerva.

Semiramis, que significa pomba, tambem foi nutrida por pombas, e, em signal de gratidão, quando subio ao throno, as mandou collocar nas suas bandeiras. Depois de sua morte os Assyrios a adoravam debaixo do symbolo de uma *Pomba*, segundo Diodoro de Sicilia.

Era uma pomba que dava os oraculos celebres de *Dodona*. Tinha altares, sacrificios e pontifices. O symbolo da paz, da amisade, e do puro amor foi venerado e divinisado antes que os primeiros christãos fizessem delle a terceira pessoa da Trindade. Finalmente entre os Rosa-Cruzes e outros gráos Maçonnicos acha-se tambem o emblema da *Pomba*.

Os padres de Amnon tambem foram advertidos por *Pombas* da chegada de

Alexandre. Uma pomba em 496 trouxe do paraiso ao bispo de Reims um Sancto Oleo para consagrar Clovis e os Reis de França. Uma pomba instruia Mahomet das vontades divinas.

Finalmente pombas fizeram as correspondencia dos Califas de Bagdad com os do grande Cairo, posto que a 300 leguas de distancia.

A cerimonia do baptismo era practicada tambem nos mysterios de Mythras.

Depois de João, os apostolos adoptaram esta cerimonia.

S. Paulo, porém, que propagou o christianismo pela Grecia e Italia, não seguio com rigor esta invocação judaica.

Na iniciação dos mysterios de Memphis fazia se uso do *baptismo*, o que é seguido actualmente pelos Maçons.

O *Muito Poderoso* fazendo aproximar o neophyto, e deitando-lhe agua sobre o lado esquerdo, lhe diz: *Sêde purificado*.

E nas instrucções do primeiro gráo, em muitos ritos, pergunta-se ao aprendiz: *D'onde vindes?* Ao que se responde: Da *Loja de S. João*, querendo assim significar que acaba de ser purificado pelo elemento da agua.

Por isso foi estabelecido entre os Maçons a commemoração de S. João Baptista, e de S. João Evangelista,

Estas solemnidades que caem nos solsticios, são tambem as mais grandiosas da Maçonnaria.

Sabe-se que Jesus-Christo foi perseguido pelos *sacerdotes* e *principes*, por causa do dogma da *Resurreição*, da sua doutrina, que consistia na egualdade, atacava os direitos e o poder do sacerdocio, prescrevendo a communidade de bens entre os seus discipulos e correligionarios. A sua religião resumia-se em «adorar a Deus, amar o proximo e a dar a Cezar o que era de Cezar». Esta religião era, sem contestação, a mais pura

e a mais digna de Deus e do homem esclarecido; mas nunca para as populações rudes e ignaras,

E' por isso que os chins e os egypcios possuiram duas religiões, sendo uma para o povo, eivada de extravagancias, e outra para os esclarecidos, isto é, os iniciados.

A doutrina christã não admittia a Biblia como a interpretam hoje os christãos. O que elle recommendava aos seus discipulos, era baseado principalmente no livro da *Lei* e *dos Prophetas*.

Encontra-se a *Resurreição* na mythologia grega como no Egypto.

Fazendo-se uma peregrinação pelos conventos, e lendo-se a vida dos sanctos encontrar-se-ão *resurreições* dos mortos, operadas por S. Antonio, S. Bento, São Francisco e outros.

Dizem alguns que estas *resurreições* só servem para tirar o valor da de Christo. Os corinthios affirmavam cathe-

goricamente que Jesus era o filho de Deus, porque Deus é o pae de todos os homens; e affirmavam mais que Jesus era o homem por excellencia, porque era nascido de Maria, que teve muitos filhos.

Não lhe admittiam, porém, divindade, porque não podia ser eterno como o mesmo Deus.

Acompanharemos neste poncto, *pari passu*, o que escreve erudito pensador, que soube aprofundar o assumpto de que nos occupamos no presente capitulo — Jesus e a pura doutrina do christianismo.

Diz o eminente auctor que ensinar que o Evangelho repouza no coração humano, e que a practica de sua doutrina póde dar-lhe a dignidade, é tarefa ardua a exigir penna bem aparada.

Diz elle que não é padre nem theologo, mas raciocinador em um tempo em que o raciocinio é a principal alavanca.

Para tempos e principios novos, continúa elle, é mister crença nova: negar esta verdade é pretender viver sem respirar

Na decomposição das antigas crenças é necessario escolhermos uma, para curarmos da actualidade e do futuro, porque é chegada a occasião em que os povos devem começar a obedecer ao influxo da mesma civilisação e ás mesmas instituições.

No tempo de Augusto o mundo já não acreditava no polytheismo.

Scipion escreveu a obra *Analyse da Moral Evangelica* que nos servirá de guia nestas apreciações, segundo a opinião do abalisado publicista a quem acompanhamos muito de perto neste estudo da nossa historia.

> «Bemaventurados os pobres de espirito, porque delles é o reino dos céos».

Achamos muito extravagante a concisão deste periodo! Como se comprehende a intelligencia assim condemnada, ella que foi collocada pelo espiritualismo no seio da divindade!

Isto nos parece um insulto lançado a Deus e ao homem. Mas se analysarmos os desencaminhamentos da vaidade mental, e virmos que no coração do homem bate sempre uma *uma consciencia pura*, um raio de intensa luz vem dizer-nos que a verdade Evangelica subsistirá inteira e immaculada.

O grande Platão, aquelle que dava azas de fogo á razão, já tinha previsto a verdade. E hoje a physiologia prova que o homem é um complexo de duas vidas: uma externa e outra interna.

Assim, dizer *felizes os pobres de espirito*, se é uma expressão, que se revolta contra a vaidade ignorante, encerra com tudo um sentimento profundo e nos ensina que não é á intelligencia que o

Evangelho vae se soccorrer para procurar a dignidade humana, mas sim no mais intimo recesso do seu coração.

« Teu coração é teu unico thesouro ».

D'aqui emana toda a pureza dos costumes christãos.

Mas Salomão, antes do Evangelho, já tinha dito: — «Sobretudo o que deves guardar é teu coração, porque delle procedem todos os principios da vida ».

« Dá a quem te pede, e não voltes costas ao que deseja que lhe emprestes ».

« Mas para que a tua esmola fique escondida, não saiba a tua esquerda o que faz a direita ».

« Sobretudo revesti-vos de caridade, que é o laço da perfeição ».

« Amae-vos uns aos outros; nisto conhecerão que são meus discipulos ».

D'aqui se tira a illação de que o coração é um orgão privilegiado, cujos sentimentos formam uma religião de amor, de realidade e de generosidade. Por isso, a vida só póde ser uma continua moral, cuja primeira necessidade é a felicidade de todos: amor ao proximo, fraternidade dos homens e egualdade de direito.

« Tudo o que vós quereis que vos façam, fazei tambem vós á elles: porque esta é a lei e os prophetas ».

Quem não verá contido nestas bellas palavras do Evangelho de S. João, todo o destino humano!

Para experimentar o que se deve aos outros, basta sentir o que elles nos devem:

> «Alegra-te, mancebo, em tua mocidade; contenta o teu coração nos teus primeiros annos; marcha como o teu coração te manda; lembra-te, porem, de que por tudo isto, apparecerás em juizo».
>
> « Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e fecha a porta, ora a teu Deos em secreto ».
>
> « O Senhor fez o homem desde o principio e o deixou no poderio do seu conselho».

Vê-se que as escripturas não abandonam completamente a intelligencia.

Ella nos ensina que a vontade é livre, e que a ella compete orientar a razão.

A intelligencia se forma pela educação, se instrue e se habitua ao exercicio do bem.

> « A vida e a morte, o bem e o mal estão diante dos homens».

Conhece-se practicamente a influencia que a instrucção e a ignorancia exercem no mundo, e das quaes dependem o bem e o mal.

E' por isso que diz o Evangelho:

> « Olha por ti e pela instrucção dos outros; persevera nestas cousas».
>
> « O que rejeita a instrucção despreza sua alma».
>
> « Não querais julgar, para que não sejais julgado. Pois com o juizo, com que julgardes sereis julgados; e com a medida com que medirdes, vos medirão tambem a vós».

> « Levai as cargas uns dos outros, e desta maneira cumprireis a Lei de Christo ».

São bellas estas expressões dos Evangelistas, que faziam perfeitamente mais brandos os homens nas tristes jornadas da vida!

> « Se vês um homem entendido, procura-o desde pela manhã, e gasta com teus pés o limiar da porta ».
>
> Não ha para com Deos excepção de pessoas ».

Puro sentimento da egualdade, tão desvirtuado nas sociedades politicas. Ha seguramente dois mil annos que estas palavras echoáram por todos os angulos do nosso globo.

> « Bemaventurados os que têm fome e sêde de justiça, porque elles serão fartos».

Bella lição para os tyrannos e dictadores de todos os tempos!

> «Bemaventurados os pacificos, porque elles serão chamados filhos de Deos».

Assim se penetrassem os homens destas sanctas e puras expressões!

Fossem assim, e as nações não teriam de lamentar os desastres sanguinarios das discordias, os flagellos das guerras civis e internacionaes.

> « Não matarás, porque aquelle que matar será julgado.»

O Evangelho proscreve tambem a morte. Entretanto a Egreja horroriza-se com o divorcio e tolera a morte.

Basta de respigar as paginas do Evangelho. E' bastante o que ahi vae, e sobre o que podem os espiritos muito meditar e reflectir.

Concluimos, pois, este capitulo com

as palavras textuaes do auctor, a quem seguimos:

« Uma crença livre e grande deve ligar-se á civilisação nova, e levar á sua frente as verdades do Evangelho.

Embora na Escriptura muitas passagens pareçam recusar-se a uma explicação, profundadas estas descobrir-se-hão verdades moraes que confundem o homem A moral simples do Evangelho repousa sobre uma das grandes verdades physicas, estabelecida sobre a distincção das funcções humanas, sem o que não ha sciencia do homem. Alguns pensadores, confundindo de proposito o catholicismo com a doutrina Christã, emprehenderam absolver uma por outra, e fundar sobre sua alliança a *liberdade religiosa,* mas seus esforços nada valeram, e sua voz ficou em um perfeito esquecimento.

Para rehabilitar nossa era de crença, não ha sinão um meio, e é o de *espalhar*

o Evangelho; fazel-o comprehender; e ensinar ao mundo as suas maravilhas; mas esta crença precisa de novos Apostolos que conheçam o coração humano e não do sacerdocio que o não entende, ou antes, finge não entender.

A *curia romana* e o sacerdocio violaram a tolerancia, que era a base essencial da doutrina de Christo. Substituiram o fanatismo á razão esclarecida; a escravidão á liberdade; o titulo de senhor absoluto ao de irmão; e finalmente substituiram as penas eternas a uma immortalidade promettida. . . . .

Christo confiou ao sacerdocio o *Cordeiro*, sem mancha, como symbolo expressivo de sua pura doutrina; mas o sacerdocio maculou a candura de sua lã!! . . . . Si não fóra o abuso da *Curia Romana* certo estamos de que o Christianismo seria a religião universal. . . . . . . »

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO IV

SUMMARIO.— Diversas seitas que se ligam á Maçonnaria. Cultos. Heróes. Symbolos Maçonnicos e Christãos.

CAPITULO IV

Diversas seitas que se ligam á Maçonnaria

A historia revela-nos que as seitas judaicas sempre déram a denominação de *filhos de Deus* á todos aquelles que eram reconhecidos como justos. Sendo Christo considerado como verdadeiro justo, déram-lhe os nomes de *Filho de Deus*, *Logos* e *Verbo*

S. João misturou o *Verbo* e o *Logos* com Deos.

S. Paulo não empregou esses nomes

Mas as theorias philosophicas de Platão e de Pythagoras como que lançaram raizes entre os povos da Judéa e do Egypto

D'ahi os dogmas *Therapeutas*, *Sa-*

dusseos, Essenios, Carprocracianos, Cabalistas, Gnosticos, Basilidianos, Manicheos.

Adoptaram estas seitas os mysterios de Salomão com a allegoria do Grande Architecto.

Os Cavalleiros Cruzados trouxeram aos christãos do occidente os mysterios do Templo com ò culto da *Unidade* de Deos, que visa a sua adoração, e tem como mysterio o estudo das suas obras, por communicação diversas allegorias, e como corollario a caridade.

Foi deste modo que os referidos Cruzados nos transmittiram o culto, os mysterios, a iniciação, e todos os symbolos egypcios, que se encontram na Maçonnaria.

Essenios.— Os iniciados a estes mysterios viviam como *irmãos*, e a iniciação não era com facilidade concedida.

Obrigavam o Candidato a uma experiencia de tres annos. Antes de ser admittido, devia prestar juramento de

servir a Deos, amar e proteger os bons, e a guardar cautelosamente os segredos da Ordem, sob pena de perigar a sua existencia.

Acreditavam os Essenios na unidade de Deos, na immortalidade da alma, e numa vida futura.

S. Paulo, muito tempo antes de Salomão, já tinha admittido a resurreição. Dahi foi que se estabeleceu a resurreição christã e a crença na immortalidade da alma.

Os mysterios dos Essenios servem de base á Maçonnaria moderna.

Therapeutas.— Foram estes os creadores da vida cenobitica, que era sanctificada pelo trabalho diurno, e pela meditação nocturna. Mas bem cedo lavrou a corrupção, e os frades tornáram-se execrados pela sua vida dissoluta.

Os Therapeutas eram tolerantes em materia religiosa.

Sadusseos e Phariseos.— A cidade de

Jerusalem contou em seu seio grande numero de sectarios destas seitas, que aliás se debatiam, poisque os primeiros consideravam como obras canonicas o Ecclesiastico, o Cantico dos Canticos, etc., ao passo que os segundos as condemnavam.

Christo combateu os phariseos, e a sua opinião foi triumphante.

Carprocracianos.— Professavam estes a doutrina de Christo. Admittiam a unidade de Deos.

Applicavam-se ao estudo das sciencias naturaes, da chimica e da mineralogia.

Os Carpocracianos usavam um signal para se reconhecerem, e que era commum aos iniciados de Jesus Christo. Os christãos conservaram o signal da Cruz.

Cabalistas.— Acreditavam os cabalistas no dogma da Unidade de Deos. Seguem-se os *Gnosticos*, cuja palavra

se deriva do grego *ghinoskô* (conhecer). Os seus padres que se denominavam *do Sol*, diziam a seus iniciados que o que adorava o Crucificado era o sêr mais baixo na escala dos sêres. Pelo contrario aquelle que sendo dotado de bom senso para conhecer que um homem não podia ser Deos omnipotente e eterno, tinha chegado ao poncto mais elevado, que então tornando-se Gnostico, tinha adquirido toda a sciencia humana.

Um dos preceitos oraes que ainda hoje se conserva em muitos ritos Maçonnicos, é o *nosce te ipsum* que nos veio dos Gnosticos, e a lettra G, que se acha no gráo de companheiro.

Ophitos.— Seguiam mais ou menos os dogmas dos precedentes; professavam um Deos Pae increado. Foram perseguidos pelos christãos do Oriente.

Tinham como emblemas a *cruz truncada*, o *Phallus*, que se tornou malhete Maçonnico e que representava o *pau* da

vida, e a chave da sciencia; e o calix ou vaso cosmogonico.

Estes emblemas foram adoptados pelos Cruzados, pelos Rosa-cruzes, pelos Templarios e pelos Maçons.

Basilidenses.— São o resultado da mescla dos Essenios e Gnosticos.

Possuiam duas imagens, em vez de uma como os Gnosticos. Suppuzeram alguns que estas imagens eram de Jupiter e de Minerva.

Affirma um auctor antigo que na iniciação, elles se limitavam a demonstrar a *unidade de Deos* e a *immortalidade da alma.*

Magos.— Constituiam uma religião muito disseminada no Oriente.

Diversos ritos Maçonnicos conservam o gráo de Magos.

Estes, considerando Deos como incomprehensivel, o propunham á adoração dos povos, sob os emblemas de *Sol* e *Natureza.*

Christãos da Syria.— Não admittem como os de Roma, o *matrimonio*, a *extrema-unção*, a *confirmação*, nem o *purgatorio*, nem a *transubstanciação*.

Dizem que Jesus falava o syriaco e que foi nessa lingua que os evangelistas escreveram a escriptura e os evangelhos.

Brachmanes.—A doutrina destes mysterios era theogonica. Reconhecem a existencia de um ente supremo eterno, omnipotente, espirito incomprehensivel, creador do universo — *Para-Brama*, ligado a tres outros inferiores que constituem a *trindade* : — *Brama*, *Visnú* e *Siva*.

Têm gravado na porta do seu templo a seguinte inscripção :

Fui, sou, e serei, e nenhum mortal me descobrirá.

Lammas da China.— Os chins têm a divindade repartida por tres classes : a primeira o ser supremo *Fo*, que significa Salvador. E' representado com as

mãos occultas, para mostrar que o seu poder se opera invisivelmente no mundo.

A' direita e á esquerda se acham os dois legisladores Confucio e Lanzú, qne com *Fo* constituem a *Trindade* Chim.

Gregos.—Os mysterios da Grecia que mais se relacionam com a Maçonnaria são:

Os mysterios dos Cabyres de Samothracia.

Diz um historiador que os Pelasgios que instituiram estes mysterios, só tinham sido iniciados nos pequenos mysterios do Egypto.

Os mysterios de Céres foram estabelecidos por Triptolemo, e segundo outros por Erecteo, 1.° rei de Athenas. Eram divididos em *pequenos* e *grandes* mysterios, e os seus iniciados se chamavam *Eumolpides*.

Pythagoras, considerado por abalisados escriptores da antiguidade como instituidor da Maçonnaria, foi buscar os principios de sua doutrina philosophica

á India, ao Egypto e aos mysterios gregos.

Os mysterios de Pythagoras eram divididos em tres classes: na primeira conservava-se o Candidato tres annos.

Antes de sua admissão o Neophyto devia entregar todos os seus bens nas mãos do thesoureiro. Si estes tres primeiros annos correspondiam aos desejos do *mestre*, o discipulo entrava para a classe immediata. Durante cinco annos era condemnado a um profundo silencio.

E a voz de Pythagoras só chegava aos seus ouvidos atravez do véo que escondia a entrada do sanctuario. Era então admittido ao perfeito conhecimento da doutrina, trabalhando com o *mestre*.

Ha, pois, muita ligação entre a iniciação pythagorica e o 2.° e 5.° gráos do rito Maçonnico moderno.

Cultos e Heróes

A mistura do culto de Sérapis com o de Christo era tão notavel no começo do Christianismo que ninguem a contestou.

Pelas medalhas se prova que os reis professavam indistinctamente muitos cultos. Nas do Imperador Julião e de Constantino Grande estão gravadas divindades pagãs.

A palavra Sérapis não só é composta de 7 lettras, numero relativo á astronomia, mas ainda o symbolo de Sérapis, unido á Cruz, tem servido de allegoria a muitas religiões, e é conservado ainda hoje em muitas Ordens Maçonnicas e Cabalistas.

Sobre a cruz, muito teriamos que externar.

Mas o faremos perfunctoriamente.

Era o symbolo da immortalidade,

além de outras significações e interpretações dadas pelos padres do Egypto.

Os Christãos affirmam que a cruz pertencia a Jesus, e os pagãos que ella era commum a Jesus e Sérapis, tendo o culto deste ultimo precedido muito tempo ao de Christo.

Affirma Santo Irinêo que os Basilidenses tinham estabelecido 365 céos, presididos por outras tantas divindades, e que este numero era o desdobramento da palavra *Abraxas.*

Affirma ainda que o mesmo resultado numerico se achava nas lettras que formavam a palavra Mythras.

Por aqui se vê a identificação dos mysterios de Mythras com os Christãos.

Nota-se a mesma confusão na *Côa* de Mythras com a de Jesus. Os primeiros christãos davam ao pão da communhão uma fórma humana substituida actualmente pela impressão de Christo sobre a sagrada particula.

Trabalha a Curia Romana por fazer crêr que os Iniciados do Egypto adoravam as imagens, e que eram idolatras.

Em todos os tempos, é sabido, as antigas divindades eram emblemas simples, e meros symbolos da Natureza physica.

Muitos hieroglyphos se referem á astronomia e á agricultura. Duas vezes cada anno os egypcios julgavam perder-se pelas inundações do Nilo. Esta guerra de destruição dos sêres pelos elementos, era representada pelo curso que Isis devia fazer duas vezes no anno, indo em busca dos orgãos genitaes, que o cruel Typhon tinha tirado a Osiris. Estas allegorias eram muito obscuras, mas se referiam aos mysterios da natureza.

O lotus, do Egypto, era o symbolo do Sol e do Universo.

A *cebola*, feitiço mettido a ridiculo

pelos Sanctos Padres, foi um dos mais notaveis symbolos do antigo sacerdocio, porque suas pelliculas offereciam outras tantas espheras, encerradas umas nas outras, como a imagem vegetativa do Universo, sempre differente, sempre o mesmo, representando todo o envolucro a *Unidade de Deos.*

O *escravelho* se tornou imagem divina, porque passava seis mezes sob a terra.

O *Gavião* era o symbolo da natureza divina e do sol.

Ibis, uma especie de cegonha, era o symbolo de Hermes e da Lua.

Phenix, ave que suppunha viver muitos seculos, e depois de morta renascer das suas cinzas, designava o cyclo de 1461 annos.

A *gazella*, especie de corça, era considerada como um animal prophetico.

Todos estes emblemas, e muitos

outros que, por brevidade, deixamos de mencionar, serviram ao sacerdocio para explicar as hypotheses metaphysicas sobre a origem das cousas, e para edificar um pantheismo que se transformou em puro theismo, suppondo que o ente supremo se havia creado a si mesmo.

Estas explanações e mais as que se seguirem, servem para facilitar o conhecimento da presente historia, e para demonstrar a grande affinidade da Maçonnaria com as referidas escolas philosophicas.

Um erudito pensa que a palavra *Abraxas*, já mencionada, compõe-se de sete elementos, sendo quatro hebraicos e tres gregos. A traducção é: *Padre, Filho, Sancto Espirito*, salvação pelo lenho.

Um outro pensador diz que os mysterios da Maçonnaria judaica eram enxertados sobre a dos egypcios. O seu Abraxas indica ter sido gravado na éra

christã. De facto, de um lado vêm-se emblemas relativos aos Templos de Salomão, que, ligados com os dos Magos e dos Padres do Egypto, designam o culto da astronomia; no outro vêm-se as idéas mysticas de Platão sobre a divindade.

E ainda gravado o Grande Obreiro da Eternidade, o Grande Architecto, o Pae dos Gnosticos, o Creador, com uma longa cabelleira para representar as graças da creação, e com a barba para indicar a força geradora. Está collocado em uma caixa de Hermes, sobre a qual se vêm numeros mysticos. A posição de seus braços em signal de *Bom Pastor* indica que a obra da creação não é fructo de suas mãos, mas de sua vontade unica.

Uma estola encruzada sobre o peito, lembra o imperio do Grande Architecto sobre as estações. Uma corôa de cinco pontas, symbolo de Deus Mystico e do Sol, cobre-lhe a cabeça. Estes cincos

raios se applicaram tambem á estrella rutilante, como symbolo da divindade.

As quatro estrellas ao redor da cabeça indicam os quatro elementos de que muito usaram nas iniciações antigas e modernas, ou as quatro qualidades attribuidas ao grande Architecto. O resto do corpo está circulado por emblemas usados na Maçonnaria antiga judaica, e sacerdotal. Vêm-se ainda no segundo lado acima referido nove estrellas symbolicas; por baixo do que occupa o vertice, acha-se o *quadrado* do *Mestre Perfeito* que contem o *Pentagono* de Pythagoras; por baixo ha tres estrellas, symbolo das tres antigas ordens da iniciação; á sua direita o Pentagono livre, que representa o Creador; á sua esquerda o *compasso* e a *esquadria*, emblemas da Maçonnaria judaica e moderna; á direita uma *estrella* encerrada em um triangulo, symbolo do *Delta* e da *Trindade* Persa, Judaica e Egypcia, da qual parte um raio luminoso; no cen-

tro uma *esphera* indicando que por meio da astronomia é que se póde demonstrar o poder e a immensidade do Padre Eterno; por baixo della está a *Pedra cubica*, tendo uma estrella sobre cada uma das cinco faces visiveis. As outras 7 *estrellas* representam os 7 planetas.

Passemos agora ás representações do Sêr Omnipotente, dadas pela Biblia e pelo Apocalypse, e vejamos se ellas são preferiveis ou superiores ás que ficaram acima enumeradas.

« Subio fumo de seu nariz, e de sua bocca fogo, que consumia: carvões se accenderam delle. (Psal. de David Cap. XVIII v. 9.)»

« E houve resplendor como o da luz, tinha cornos em sua mão : e alli sua força estava escondida.»

« A peste ia adiante de seu rosto, e a brasa de fogo passava perante seus pés.»

« E em sua mão direita tinha sete estrellas ; e de sua bocca saia uma espada aguda de dous fios ; e seu rosto era como o sol, quando em sua força resplandece.»

Feita a comparação destas narrações com os symbolos dos Abraxas descriptos, achar-se-ha que a representação do Ente Supremo por estes, é muito mais nobre que a dos hebreos e primeiros christãos, que o representam como um Sêr destruidor.

Um Abraxas verdadeiramente maçonnico é o da collecção de *Capello* que apresenta um busto de homem ; tem a cabeça de gallo, symbolo do Sol, e auctor de toda a vitalidade.

Mas o que surprehenderá os irmãos do 3° grão é a sua inscripção que se refere ao mysterio maçonnico da Palavra Perdida que diz : « Dai-me a graça e a victoria, porque eu pronuncio vosso nome occulto e ineffavel.» Eis a Maçon-

naria pura, que se practica ha perto de 18 seculos.

Ha um Abraxas que representa d'um lado a cabeça de Alexandre coberta por uma pelle de leão e com a inscripção, parte latina e parte grega, de Alexandre; no inverso vê-se uma burra e um jumentinho, que mama; por cima della um escorpião, signo do Zodiaco, ao redor lê-se a inscripção *Dominus noster Jesus Christus Dei filius.*

Além disto muitos outros Abraxas demonstram o modo desfavoravel porque muitas seitas se referiam a divindade de Jesus.

Symbolos Maçonnicos e Christãos

Vamos aqui tractar de explicar alguns dos mais notaveis, de accordo com auctores abalisados, entre os quaes

R. de Schio, que se occupáram do assumpto.

A *cruz* não é senão o *priepi phal* (medida de elevação), donde se originou *Phallus* e *Priapo.*

Tinham notado os egypcios em Memphis que, se a elevação das aguas do Nilo chegava a 16 cubitos (medida desde o cotovelo até a ponta do dedo medio) a colheita dos fructos era mui abundante; que, se ella subia a 14, a colheita era menor; e quando subia a 18, então havia escacez de fructos: e, para que o povo soubesse taes resultados, fixou-se perpendicularmente em muitos sitios do Nilo, uma *barra* de ferro, marcada por outras *barras* menores, formando angulos rectos com a primeira, que designavam as tres divisões mencionadas, e em forma de *Cruz*, sendo todavia a do centro maior; e assim se chamava *phal*, *dephal*, *triphal* conforme a cruz tinha um, dous, ou tres braços:

este mesmo emblema ainda hoje se encontra em muitas Egrejas Christãs. Mas sabe-se que *Phallus* é a imagem de *Priapo*, em honra de quem os antigos fizéram festas e procissões; e que até mesmo em Roma se representou *Phallus* com cabeça humana, tendo cornos e orelhas de bode, para designar a fecundidade; e assim uma barra, e uma ceremonia, que no seu principio era util e decente, se tornou, pelo andar dos tempos e pela ignorancia dos povos, um idolo escandaloso.

Tambem figurou a *Cruz* entre os egypcios, representando a immortalidade.

Algumas vezes designava tambem o signal da paixão para chegar á immortalidade, e por isso Osiris era figurado sobre uma immensa cruz, formada pela intersecção do merediano e do equador.

Figura ainda o emblema da cruz em muitos ritos maçonnicos, e serve de ornamento ás suas ordens. Algumas vezes

lhe accrescentam uma *roza*, que é o emblema do *segredo*. Com a cruz costumam andar junctos o Pelicano e a Aguia. O primeiro é uma ave aquatica e maior que o Cysne, a qual, segundo os antigos, alimentava os filhos com o sangue, que tirava do peito, ferindo-se.

Eis porque entre os primeiros Christãos e os Maçôns, o Pelicano é o emblema da *caridade* e da *beneficencia*.

A segunda é uma ave de rapina e nome duma constellação consagrada a Jupiter, que servio de insignia aos antigos romanos na guerra, e nos estandartes d'algumas nações, que, pela sua perspicacia, é o emblema da *Sabedoria*.

Estas duas decorações lembram que o fim da Maçonnaria é a sabedoria alliada á mais perfeita caridade.

Ha um diploma, que era costume dár-se aos iniciados em uma das egrejas da Belgica, por occasião da primeira communhão.

Estes symbolos se encontram tambem nos diplomas maçonnicos e carbonarios, pertencentes aos altos gráos, e onde se recommendam a *Fé, Esperança* e *Caridade.*

Donde resulta que os emblemas christãos se conservam tambem nas differentes Ordens maçonnicas.

Manés, philosopho antigo, pretendeu chamar o espirito humano desordenado ao culto do Deos unico, reunindo a religião de Zoroastro ao Christianismo.

Outros symbolos: a *estrella,* indicadora dos primeiros sabios que publicáram a doutrina de Christo; a *Acacia* que figura no gráo de Mestre Perfeito, lembra a cruz, onde Christo expirou. Este symbolismo é o *Lottus* dos egypcios, o *Gui* dos Druidas, o *Ramo de Ouro* de Virgilio, a *Canna de Ouro* do Apocalypse.

A *esquadria* e o *compasso unidos* recordam a alliança da Lei de Moysés com a de Jesus.

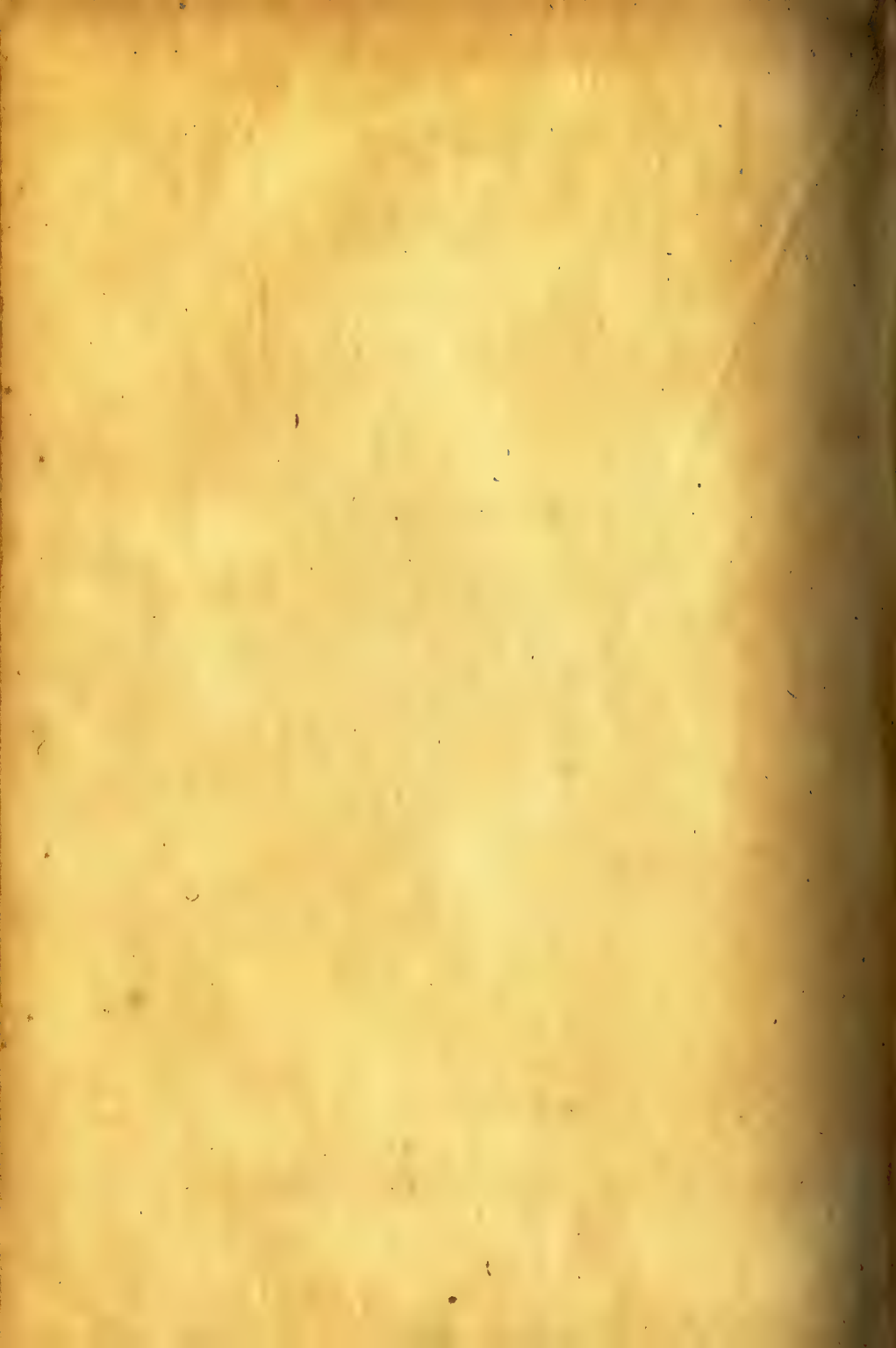
O *Altar dos Sacrificios*, que os Christãos ajunctáram aos altares dos *pães* e dos *perfumes*, recorda o fim de Christo.

O *Livro da Verdadeira Luz* ficou representando o Evangelho e o Apocalypse, escriptos mysteriosos, que se pretende terem a doutrina completa dos Maçons.

A *Arte Maçonnica*, alem da allegoria do templo de Salomão, serve para indicar a necessidade do trabalho, imposto aos iniciados, na construcção do templo da Sabedoria e da Amizade. Todos estes emblemas Maçonnicos multiplicados fizeram quasi esquecer o ensino da iniciação egypcia e christã.

As columnas quebradas do Templo. Em uma Ordem elevada, e em differentes ritos Maçonnicos, durante a recepção, os signaes symbolicos são: *columnas quebradas, um véo roto, a pedra cubica lançada por terra e coberta de manchas de sangue.* Os acolytos têm na mão uma

canna, e depois da *cêa* mystica queimam as quatro lettras J.·. N.·. R.·. J.·. que os Christãos transformaram no seguinte :

Jesus Nazareno, Rei dos Judeos.

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO V

SUMMARIO :— Manés e os Manicheos. A Egreja; Constantino. Origem da Cavalleria, e outros assumptos.

CAPITULO V

Manés e os Manicheos

Manés (*) pretendeu reviver em toda a sua verdade os mysterios de Zoroastro, ligados os principios prégados pelo fundador do Christianismo.

Era muito liberal a doutrina de Manés, e os discipulos deste, os Manicheos, foram por isso perseguidos por todos os tyrannos.

A doutrina de Manés era conhecida sob a denominação de *Religião dos Filhos da Viuva.*

Manés foi por seu pae iniciado aos mysterios de *Mythras.*

(*) Considerado como Pae da Maçonnaria Moderna, pelos abbades Lucagni, Barruel, e outros.

A viuva de Lyctieu (um Mago), mulher devota, sem filhos, possuindo recursos pecuniarios, e conhecendo o valor intellectual de Manés, lhe propôz adoptal-o como filho.

Foi em virtude desta adopção que elle quiz que o chamassem *Filho da Viuva*. D'ahi essa denominação para todos os seus discipulos e sectarios, entre os quaes se distinguiam Addas, Hesman e Thomaz, que obtiveram delle permissão de levar e espalhar por toda a parte sua moral e doutrina.

Addas partiu para a Judéa; *Hesman* para o Egypto, e *Thomaz* para Babylonia.

O apostolado dos tres partidarios de Manés foi coroado do mais bello resultado.

Deixaremos de aqui mencionar as muitas das peripecias de sua vida e o seu fim desastroso, para sómente dizer que seus discipulos em numero de 12

constituiram um poderoso apostolado levando seu dogma, seus mysterios e sua doutrina por toda a terra.

A Egreja — Constantino

Este personagem, coberto de crimes, dirigiu-se a certos pagãos, pedindo-lhes absolvição.

Estes lhe responderam que a sua alma, mergulhada no lodaçal dos vicios e dos delictos, não encontrava nas religiões meios para abrandar as coleras do Céo.

Um cortezão, porém, lhe affirmou que os christãos, partidarios de seu pae, possuiam purificações mais poderosas que os pagãos, e que ainda havia meios para remediar os seus males.

Foi então absolvido Constantino, que se transformou em propheta dos Christãos.

Deste modo, Bysancio fez-se a séde do imperio romano, e Roma e Italia cairam em poder do Sacerdocio

Baptisado por Euzebio, bispo de Nicomedia, recebeu o titulo de *Grande Pontifice* dos romanos.

Escreve o erudito R. de Schio que o Christianismo, desde o seu principio até ao VI seculo, foi caracterisado por longas discussões e disputas theologicas, em opposição umas com outras, apezar da simplicidade de seus dogmas, que se encontram no *Acto dos Apostolos*, etc.

A grande fama conquistada por Constantino, pois foi um dos bemaventurados, não emanou do facto de presidir elle ao concilio de Nicea, mas da doação de Roma e do imperio do occidente, que os Apostolos dizem, elle fizera a Gilberto, *Grande Pontifice dos Christãos*, o que os Papas de hoje não ousáram sustentar

Foram neste tempo estabelecidos os

tres seguintes dogmas: — *Das imagens, das reliquias* e o das *orações pelos mortos.*

Não havia no tempo dos apostolos templos de especie alguma, considerando muitos como uma verdadeira loucura o culto e as orações que os pagãos dirigiam aos sêres inanimados. Mais tarde, entraram no extremo opposto, e adoptaram reliquias e indulgencias.

Houve quem considerasse, por esse tempo, (*) as imagens como objectos idolatras, chegando até a promulgar em 716 um decreto contra os seus adoradores.

Os iconoclastas eram triumphantes no Oriente.

Gregorio II recusou-se ás decretaes, e ordenou aos romanos *que de futuro não reconhecessem o imperador grego por soberano, nem lhe déssem os tributos ordi-*

(*) Leão, o Isaurio.

narios, resultando disso a morte em supplicio á muitos adoradores de imagens.

Os Papas, sedentos de poder, procuraram usurpar o reino dos Lombardos, para cujo fim recorreram simultaneamente para diversos imperadores gregos, contra os quaes já elles se haviam revoltado.

Não tendo elles annuido, recorreu Estevam II a Pepino, que fundou a legitimidade papal á custa dos imperadores orientaes.

Carlos Magno foi elevado á mais alta dignidade de então, por Leão III, afim deste consolidar e manter o seu poder.

D'isto resultou que os reis Francos conservassem certa auctoridade junto á Santa Sé.

Gregorio VII arrogou-se o direito de dispôr de todas as corôas dos principes christãos, e de destituir os soberanos á vontade.

Um escriptor escreveu ha tempos:

« O uso de beijar os pés aos papas é uma consequencia natural da sua exaltação, sobre todo o poder. Constantino beijou os pés de Sylvestre; Justino I os do papa Constantino; Carlos V os de Clemente e de Paulo III; el-rei de Napoles os de Bento XIV; e uma infinidade de monarchas têm feito o mesmo em todos os seculos». (Vid. R. de Schio, tom. I pag. 390).

O que se tira como illação logica de tantas disputas acerca da divindade de Jesus, do poder dos papas, do abuso delles e do clero, é que foi natural o nascimento de todas as seitas, que conservâram em suas doutrinas o dogma dos Essenios, dos Gnosticos e dos Manicheos.

Origem da Cavalleria e outros assumptos

Emquanto Mahomet retardava a civilisação e a sciencia na Asia e na Africa, o Christianismo progredia, mas quanto mais se desenvolvia, mais o clero se tornava fanatico e ignorante.

Com o apparecimento do Christianismo, o gosto pelas allegorias declinou na Asia e na Europa.

Um concilio, em 314, condemnou a adoração das imagens, impedindo que se pintasse nas paredes o Sêr, que se devia adorar.

O concilio de Bysancio, composto de 338 padres da egreja, decidiu por unanimidade *que as imagens nas egrejas eram abominações e que deviam ser eliminadas.*

Foi no meio de todas as agitações anarchicas desse tempo, que os Sarracenos conseguiram fundar bibliothecas e

academias na Asia, na Africa e na Hespanha.

Hakeu fundou, no Cairo, a *Casa da Sabedoria*, que se julgou ser um *Templo Màçonnico.*

Ahi ensinavam-se as sciencias philosophicas. A doutrina era oral e secreta. Os iniciados passavam por muitos gráos, e nos ultimos eram iniciados ao conhecimento da *natureza.*

Quando os Sarracenos procuravam dilatar suas conquistas e sciencias, os padres gregos tinham adoptado as maximas da Côrte de Roma, tornando-se intolerantes. Destruiram templos, e extermináram todos aquelles que não eram da sua opinião, e abandonáram seus thronos, provincias e templos aos mussulmanos, que plantáram o estandarte turco nas ameias da velha Bysancio.

Sabe-se que foi pela intervenção dos padres coptas, e dos Christãos do Oriente, que os mysterios dos *Filhos da*

Viuva, e o culto do grande Architecto chegaram até nós.

No tempo de Carlos Magno, collaborador do poder da curia romana, em materia de dogma e de religião tudo se achava em completa anarchia.

A gente do clero apenas sabia ler. Era, porém, gente intrigante, de costumes dissolutos, derramadora de sangue humano, etc.

O celebre Abeilard, que tanto escreveu sobre assumptos christãos, foi perseguido por ter expendido juizo pouco criterioso acêrca da trindade, não obstante ter conseguido cerca de tres mil proselytos ! !...

Devido, pois, ao estado anarchico e agitado d'aquellas éras, surgiram as corporações secretas que se resumiam no seguinte :

— *Cavalleirescas*, que só tinham relação com o systema politico ;

— *Religiosas*, que se occupavam da conservação dos dogmas ;

— *Mecanicas*, que occultavam as artes e profissões respectivas.

Estas aggremiações tinham ceremonias, usadas pelos *Eleitos* de Thebas e de Memphis.

A cavalleria originou-se da immensa desordem, que reinava na Europa, depois de Carlos Magno.

A cavalleria em seu principio adoptou as practicas da iniciação Eleusiana, Egypcia e Christã.

O candidato se preparava por jejuns, e se purificava por abluções meramente symbolicas. Afim de imitar os obices da iniciação devia passar a noite das armas chamada *noite branca*, porque era coberto de vestidos brancos, á maneira dos antigos mysterios, o que ainda se conserva em certos gráos e ritos maçonnicos.

Na recepção havia ceremonias e palavras, que ainda se conservam na Maçonnaria.

Assim como os irmãos Maçons conservam em seus symbolos os emblemas da Aguia, da Phenix, do Pelicano e da Cruz, assim tambem as Ordens Cavalleirescas apropriaram a si divisas iguaes, que são communs aos Gnosticos, Cabalisticas e outros.

Os fundadores destas ordens imitaram, pois, as antigas practicas, creando as Ordens da Aguia, do Pelicano, da Cruz e do Leão.

Os fundadores da Ordem de Cavalleria imitaram a Maçonnaria, porque a *aguia negra, a aguia de duas cabeças, a Phenix*, são emblemas Maçonnicos.

A cavalleria, pois, é um ramo da Maçonnaria.

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO VI

SUMMARIO : — Cruzados. — Templarios. — Jesuitas e Feótas.

CAPITULO VI

Cruzados

Havendo os Cruzados se iniciado nos mysterios do Oriente, aprenderam seus signaes, symbolos e allegorias e planejaram, ao regressar ao paiz, reconstruir o templo de Salomão, o mais digno do Eterno, que devia ser provado por todos os homens livres e virtuosos.

A Maçonnaria antiga e moderna conserva, nas iniciações, todas as fórmas antigas do Egypto com emblemas judaicos. E' facto averiguado que, apezar de que os Sarracenos fossem senhores do Egypto, d'uma parte da Africa, e da Asia Ocidental, os christãos que ali seguiam a doutrina dos Essenios, Caba-

listas, Manicheos, practicavam seus mysterios em segredo; e, apezar das perseguições mussulmanas, conservavam, alguma parte da Biblia e do Novo Testamento com suas antigas iniciações e o Codex.

Admittiam por dogma um creador da luz e das trevas; occupavam-se symbolicamente na reedificação do templo de Salomão, na morte de Hiram, na Palavra Perdida, no captiveiro de Babylonia, e na liberdade dos Judeos por Zorobabel. Admittem egualmente com as antigas doutrinas egypcia e judaica a doutrina liberal do nosso Divino Mestre Jesus, a communidade de bens, e a beneficencia geral, e finalmente lembravam em seus mysterios a paixão, e a morte de Jesus, que, segundo o Apocalypse, *nos fez a todos padres, e sacrificadores, com egual direito á iniciação.*

Os cruzados, iniciados aos mysterios dos *Filhos da Viuva*, e no regresso a

patria, os communicaram a muitos proselytos europeos, que á elles se consagraram.

Templarios

Acerca dos Templarios, escreve o eminente e operoso auctor do Grande Diccionario Universal, Pierre Larousse:

« Constituiam uma ordem militar e religiosa fundada em 1118 e cujos membros se distinguiram na Palestina.

Philippe o Bello, desejando apoderar-se de suas immensas riquezas e destruir seu poder, fez prender Jacques Molay, grão mestre da ordem, e todos os *cavalheiros* que se achavam em França, e depois de um processo iniquo, fel-os morrer queimados. Desde 1312 o papa Clemente V, por suggestões do rei de França, supprimiu a ordem.

Os Templarios tiveram esta denomi-

nação, diz Lachâtre, por terem habitado perto do logar onde existiu o templo de Salomão.

Estiveram sempre em opposição á côrte de Roma.

Os papas, nessa época, fizeram adoptar em differentes paizes, a *confissão auricular*, como necessaria para entrar no Paraiso. Assim se constituiram verdadeiros medianeiros entre Deus e o homem. Esta deliberação tinha a enorme vantagem de pôr a curia Romana ao alcance de todos os segredos das familias. Forte, com tão potente alçada, podia dispor da intriga a seu bel prazer contra todos, que não se curvavam aos seus desejos.

Sabiam os Templarios que certo bispo do tempo (1128 e 1129) estabelecera concilios, afim de obrigar os seculares á confissão auricular e sacramental. Foi sómente no 4.º concilio de Latran, em 1215, que foi ordenado aos fieis que se

confessassem ao menos uma vez por anno. Foi d'ahi que a confissão se tornou um dever para os Christãos, pois, antes era imposta sómente aos frades, etc.

Dous Templarios no anno de 1306, condemnados pela ordem, por certos crimes, ficaram sem suas commendas.

Pretenderam readquiril-as, mas não lhes foi outorgada a mercê. Que fizeram então?

Dirigiram-se á casa do grão mestre, e o assassinaram, occultando o corpo na floresta. Foram para Paris e, após combinação com o rei de França e outro individuo, apresentaram a seguinte denuncia:

— Que a ordem dos Templarios era inimiga dos reis e da auctoridade soberana; que communicava segredos aos iniciados sob horriveis juramentos, com a condição comminatoria de pena de morte se os descobrissem, e que as practicas secretas de sua iniciação eram o

resultado da irreligião, do atheismo, e da rebellião.

— Que a ordem tinha trahido a religião de Christo, tendo dado conhecimento ao Sultão de Babylonia de todos os planos e operações do imperador Frederico II, com que haviam dissipado os designios dos Cruzados para recuperarem a terra Santa.

— Que a ordem, na recepção d'um cavalleiro, prostituia os mysterios mais venerados pelos Christãos, fazendo calcar aos pés a cruz, signal de redempção, e fazendo abjurar a religião de Christo, pela declaração que se mandava fazer ao neophyto, de que o *verdadeiro Deus não tinha sido morto, nem morreria;* que os cavalleiros adoravam um idolo chamado Baffomet, que o Neophyto na iniciação era obrigado a beijar.

— Que a ordem obrigava o Neophyto por um juramento a uma inteira e céga obediencia ao grão mestre da ordem, que era uma prova de rebellião ao poder legitimo.

— Que o dia da grande orgia era a sexta-feira sancta.

— Que os recipiendarios abandonavam seus corpos aos outros cavalheiros, para a practica vergonhosa da Sodomia.

— Que, quando os cavalleiros tinham filhos de suas concubinas, os queimavam para destruir os vestigios do deboche.

Foram estas as calumnias assacadas pelos adversarios aos Templarios.

Todos sabem e podem avaliar do

quanto é capaz o homem desnaturado, que se revolta contra o seu semelhante, por via de um despeito qualquer.

O meigo Jesus Christo, a pura e resignada victima do Calvario, quanto não soffreu de pagãos e de Judeos!!

Jacques Molay foi então detido por ordem de Philippe o Bello, que conseguiu n'um só dia prender todos os cavalleiros Templarios de França, em 3 de Outubro de 1307.

Durante quatro annos durou o processo contra os Templarios, soffrendo todos os tormentos.

Apezar da unanimidade de sua constancia, prova da innocencia de tal Ordem, e da falsidade das accusações, Philippe o Bello e Clemente V, confirmaram a destruição dos Templarios, que tinha sido decretada pelo consistorio.

O Grão Mestre Jacques Molay foi condemnado á fogueira, e 6000 cavalleiros, que muitos historiadores dizem

terem sido executados no mesmo dia. Os seus bens foram confiscados.

Dizem que Jacques Molay, antes de ser lançado á fogueira, proclamara ao povo e predisséra o dia e a morte de Philippe e do Papa, citando seus denunciantes e Juizes para comparecerem no tribunal de Deus, e darem conta de seu julgamento em *um anno e um dia*. Com effeito, a execução dos Templarios realizou-se a 11 de Março de 1313, e Philippe e Clemente morreram antes do fim de Abril de 1314.

Parece que Deus, como em tempo da impia Babylonia, quiz verificar o appello do Grão Mestre dos Templarios.

Ainda sobre esta importante ordem accrescentaremos mais algumas linhas, extraidas de fecundo e operoso escriptor contemporaneo.

— A ordem dos Templarios era dividida em quatro classes: cavalheiros, escudeiros, irmãos *lais* e os sacerdotes,

encarregados especialmente do serviço divino.

As principaes dignidades eram as de grão-mestre, preceptores, visitadores e commendadores.

Os deveres religiosos dos Templarios eram: assistir a missa tres vezes por semana, fazer abstinencia em certos dias, observar tres grandes jejuns, adorar a cruz solemnemente em tres épocas do anno, commungar, e mais outras obrigações.

Em suas recepções faziam tres votos: pobreza, castidade e obediencia, e prestavam o seguinte juramento:

"Juro consagrar as minhas forças e minha vida em defender a crença da unidade de Deus e os mysterios da fé; juro obediencia ao grão-mestre da ordem". Desde então pertenciam á ordem; deviam renunciar a todo e qualquer laço de familia, nada podiam possuir. A ordem se encarregava de sua manutenção.

Traziam por cima da armadura um manto branco, tendo uma cruz latina de côr vermelha. O habito dos sacerdotes era branco, o dos irmãos *lais*, preto. Tinham todos um cinto para recordar-lhes o voto de castidade.

Attingiram elles ao auge de seu poder no começo do seculo XIV.

Os privilegios que lhes tinham sido concedidos, as doações, os tributos por elles impostos aos mussulmanos multiplicaram as suas riquezas, que armaram contra elles a inveja e o ciume das outras ordens. Os crimes que se lhes imputavam, tornaram-se odiosos, o mysterio de que elles se cercavam tornava faceis todas as accusações, e elles se achavam já perdidos, quando Philippe o Bello emprehendeu feril-os.

Motivos pessoaes não faltavam ao rei, porque muitos d'entre elles o tinham secundado mal no appello contra Bonifacio.

A sua proposta de admissão tinha sido repellida. Elle devia-lhes dinheiro, porque o Templo era uma especie de banco para os principes e reis. Arruinado após a rendição da Guyenna e de Flandres, na impossibilidade de lançar novos impostos pelo descontentamento popular, não podendo despojar de novo os judeus, pois que elles tinham sido expulsos, não podia sair de sua desesperada situação senão por grande confiscação, e planejou então destruir os *Templarios*, afim de enriquecer-se com os seus despojos.

Não faltavam pretextos ao ambicioso, para realizar o seu plano.

Além das accusações que faziam pesar sobre os *Templarios* de seus actos na Palestina, mil infamias circulavam acerca de sua vida, alteração de sua fé, mescla de superstição oriental e de magia sarracena.

Que havia de verdadeiro nas ac-

cusações formuladas contra os *Templarios?*

Tudo méro espirito de seita, que é a grande linha que infelizmente tem separado os homens em todos os tempos.

No seculo XVIII, membros da loja Maçonnica do collegio de Clermont quizeram continuar a antiga ordem dos *Templarios*, com o concurso de personagens distinctos da côrte e da nobreza, partilhando das idéas deistas dessa época.

Bourbon — Conti, o duque de Cossé — Brissac foram grão-mestres d'essa ordem aristocratica, cujos restos se reformaram já no tempo do Directorio.

Esta sociedade, cujas tendencias tornaram-se liberaes, foi perseguida sob a restauração. Em 1830 admittiu o abbade Châttel que ahi officiou algum tempo como primaz das Gallias. Acha-se hoje alliada á Maçonnaria.

A ordem dos Templarios ainda existe hoje na Inglaterra, sinão como tendo

uma missão real, e exercendo influencia politica ou religiosa, ao menos como uma especie de reliquia historica, para cuja existencia e manutenção concorrem altos personagens d'aquelle paiz.

O principe de Galles foi nomeado grão-mestre dos *Templarios* em 1873.

Por essa occasião pronunciou as seguintes palavras que são um verdadeiro juramento :

"Estou prompto a emprehender o governo da ordem na Inglaterra, na Irlanda e em todas as dependencias da corôa britannica.

Farei tudo que possa ser util ao seu bem-estar e á sua dignidade ; a protegerei e a sustentarei tanto quanto me fôr possivel. Manterei a supremacia da rainha, e julgarei todos com justiça sem distincção de classe".

Os *Templarios modernos ou Joanistas*, seguem o Evangelho de S. João Baptista, com exclusão dos milagres.

Esta doutrina não tem idéas estabelecidas acerca da natureza de Jesus.

E' considerado ora como homem superior, que dirige-se ao Egypto a buscar a iniciação, ora como filho de Deus.

Nas antigas e modernas assembléas Maçonnicas conservam-se ainda os mesmos habitos dos Cruzados e dos Templarios.

O veneravel representa o antigo *Magister Cathedralis*, e colloca-se no throno do Oriente, d'onde vieram o dogma e as doutrinas; os dous vigilantes são os antigos *Procuratores*, collocados na extremidade das columnas, como era nos antigos capitulos. Os irmãos, alinhados nas columnas, substituem os *Equites*, e os irmãos ecclesiasticos. O juramento de recipendiario Maçonnico é um traslado do que faziam os cavalleiros Cruzados e os Templarios.

O logar das reuniões chama-se como outr'ora *Loja*, *Templo*.

A Maçonnaria, porém, tendo-se desenvolvido, como todas as instituições de paz e de beneficencia, viu-se obrigada a estabelecer grandes Lojas, que se chamam *Orientes*.

Diz Jorge Smits que os irmãos Maçons são uma continuação da ordem dos Templarios, e que a representação da morte de *Hiram* e de seus assassinos não é mais do que a historia templaria de Charles de Monte-Cornel, cujo assassinio foi o primeiro golpe que soffreu a Ordem Templaria; que a mesma morte de Hiram representa o assassinato de Jacques Molay.

Ha ritos que não admittem estas hypotheses. E affirmam ser a Maçonnaria de origem egypcia.

Diz, porém, R. de Schio, tantas vezes citado como grande auctoridade no

assumpto, que toda sciencia Maçonnica póde ser considerada nas quatro seguintes classes :

I

Maçonnaria que comprehende o estudo dos corpos e das leis da natureza, conduzindo á demonstração do Grande Architecto do Universo, á crença da immortalidade da alma, e ás sciencias superiores, que os padres do Egypto oralmente manifestavam aos iniciados aos grandes mysterios, e que têm relação com a *Divindade*, *Verdade* e *Materia*.

II

Maçonnaria que segue as instituições mosaycas, o conteúdo da Biblia, a instrucção dos mysterios israelitas e a historia dos Hebreos.

III

Maçonnaria que se occupa das doutrinas evangelicas, moral do nosso Divino

Mestre Jesus, sua vida, sua morte, e seus Discipulos, que se uniram aos Gnosticos e aos Cruzados.

IV

Maçonnaria que segue em toda sua pureza a instituição da Ordem dos Templarios, sua destruição, e a lembrança do ultimo Grão-Mestre Jacques Molay.

Só por intermedio da historia e das sciencias poderão os irmãos e os Profanos apossar-se do *espirito mysterioso* do dogma Maçonnico, e certificar-se de que todos os gráos Maçonnicos são tirados dos mysterios egypcios, da Historia dos Israelitas, de Moysés, de Jesus, dos primeiros Christãos do Oriente, dos cavalleiros Cruzados e dos Templarios.

Jesuitas e Feótas

Escreve um auctor :

« Os Feótas, pura invenção jesuitica, e pelos jesuitas governada, se propuzeram avassallar o mundo inteiro, mediante as fórmulas hypocritas do *purissimo* zelo da propagação da fé evangelica ».

Um outro auctor diz :

« Existe na Italia, Hespanha, França, Suissa, Allemanha, Portugal, uma sociedade *secreta* quasi indissoluvel, que se levanta contra o espirito regenerador do seculo, contra os progressos das sciencias e contra a fraternidade Maçonnica, que tomou fórmas, iniciações e gráos Maçonnicos, e que teve por cabeça o papa Pio VII, que excommungou os Maçons e as sociedades secretas. Pela practica de sua instituição poude fazer-se reconhecer por um ramo Maçonnico ; por suas astucias secretas poude surprehender

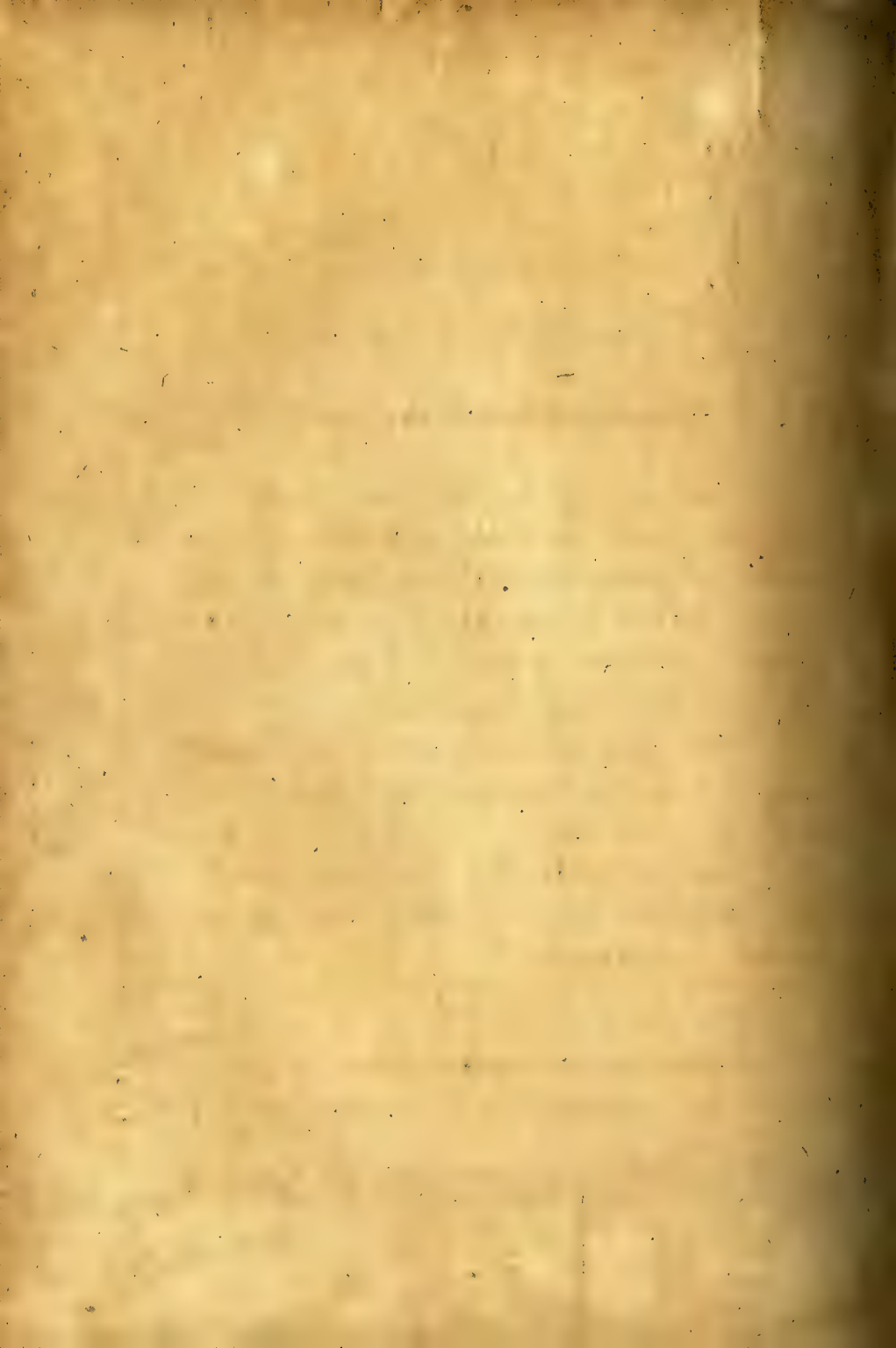
e enganar alguns Maçons, mas hoje todos se acham esclarecidos a respeito.

Adoptou a iniciação introduzida por Folke, na Italia, e conhecida pelo nome de rito de Misraim.

Segue os tres gráos symbolicos; o que fez enganar os Maçons e carbonarios, e affecta seguir principios liberaes que nunca teve ».

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO VII

SUMMARIO: — A Maçonnaria no seculo XIX.

CAPITULO VII

A Maçonnaria no seculo XIX

Não sou daquelles que acreditam que o homem nascesse perverso. O germen da perversidade, essa lepra do coração, que o atormenta e o degrada, é antes o fructo do habito e da educação do que um vicio hereditario.

Não somos impregnados de corrupção ao nascer, mas nos corrompem depois de nascidos.

São as lições dos que nos servem de mestres, que infiltram em nossas almas a corrupção.

....

Entre as sociedades secretas que o amor da humanidade e o interesse dos

povos crearam, figura em primeiro logar a Maçonnaria.

Na Europa como na Asia, por toda a parte onde ella pôde exercer sua influencia, teve a gloria de vencer pelas armas da persuasão e pelo poder do exemplo, a insaciavel avidez das paixões politicas e religiosas, e de levar a ordem e a paz por toda a parte onde o espirito revolucionario implantou a discordia e a guerra. É ao seu zelo por causa tão sancta que se attribue a longa tyrannia que ella teve que supportar de todos os poderes, que não marcharam nas veredas da justiça.

A perseguição nada seria; mas a diffamação e todos os generos de calumnia foram utilisados para tornal-a odiosa ao povo.

Uns suppunham ser a Maçonnaria uma sociedade em que se ensina a arte de chegar aos empregos e ás honras, fazendo opposição systematica; outros a

assimilam á essas camarilhas poilticas e litterarias que a mediocridade inventou para usurpar os direitos do merito e da virtude.

Ora, a Maçonnaria não é nada disso. E' uma instituição fundada para combater pela força moral tudo o que é contrario ao progresso da razão e ao espirito da confraternidade universal. A força moral se adquire pela virtude ; é a unica que a opinião reconhece legitima, e que a consciencia dos povos consagra no codigo das nações como devendo ser o agente supremo do poder soberano.

Segundo esta definição, deve chamar-se a Maçonnaria a sciencia do progressò moral, e encerrar a sua acção social nestes dois attributos da intelligencia: Verdade e luz. Esclarecer os homens, apoiar sua instrucção sobre idéas positivas e sobre os principios da lei natural, é leval-os pela força da razão á um regimen de ordem e de sympathia,

e á um estado de felicidade constante e reciproco.

A posição normal de uma sociedade maçonnica é a de estar sempre no caminho da verdadeira sciencia e de caminhar para diante para illuminar as estradas da perfeição.

Deve ser composta de homens serios, probos e generosos, consagrados aos interesses da Patria e da Humanidade. Nem a intriga, nem a cabala podem penetrar em seu seio.

Ahi, onde o Deos da Natureza e a virtude têm o seu templo, onde a sabedoria e a justiça servem de sustentaculo á coragem, as paixões não devem ter imperio sobre as almas.

Não é por signaes, toques, ou pelo prestigio dos gráos, que um Maçon deve se fazer conhecer, mas sim por suas virtudes.

Desde que entrou no Templo, não é mais o homem do mundo, o homem

dos erros e dos preconceitos, dos vicios e das paixões que nutrem nossas fraquezas: é o filho da luz, o zelador da justiça, é uma especie de cavalheiro da humanidade, que deve saber o genero de inimigos que tem a combater, e a coragem que deve desenvolver para sair victorioso da arena.

Os vicios que impedem a razão de progredir e os homens de viver como irmãos, são a superstição e o fanatismo.

Nascidos da ignorancia, a superstição e o fanatismo são dois monstros que irromperam do que ha de mais estupido no mundo; são duas hydras de cem cabeças, que espalham por toda a parte o veneno, que devoram os homens, os povos, as gerações, e que têm cavado na terra um abysmo eternamente aberto para sorver gerações inteiras.

Eis os verdadeiros tyrannos da humanidade e da sociedade, e é para combatel-os que foi estabelecida a Maçon-

naria. O Maçon deve dirigir com coragem e perseverança seus ataques contra esses dois formidaveis inimigos da prosperidade humana.

A sciencia, a logica, as forças de seu espirito, os recursos de seu genio, toda a força intellectual de seu cerebro devem collaborar para pôr um termo ás devastações que elles fazem no mundo. Sem isso, não é Maçon, porque passou pelo campo de experimentação sem se despojar de seu envolucro material, e entrou no Templo com as fraquezas de sua humanidade, e é um profano *travesti*.

A philanthropia e o liberalismo não são mais que vãs palavras, para a maior parte daquelles que se dizem liberaes e philanthropos.

Recommendam sempre a prudencia e a moderação. Querem que perante os preconceitos que depauperam a raça humana, seja o silencio uma virtude do coração e do espirito.

A tolerancia absolta das opiniões e das doutrinas por elles proclamada sem censura, sem a auctoridade da razão para regular o seu exercicio, é como o fogo de um incendio que não tem principio nem fim; são os crimes politicos e religiosos se succedendo uns aos outros, e se justificando pela força ou pela hypocrisia. Toleraram a opinião provavel de que se podia assassinar um rei, e os reis foram assassinados; toleraram a opinião de que os hereticos eram cães, e os massacraram, e Gregorio VIII, cheio de um zelo de impiedade, mandou tocar os sinos em regosijo, quando soube que se tinham sacrificado 500.000 victimas em honra de sua opinião (*).

Toleraram a crença de que para salvar-se, era necessario entregar seus bens

(*) Decretou Gregorio VIII festas publicas, quando soube do massacre de St. Barthlélemy, dando importante somma ao portador da triste nova!

á egreja, e o clero espoliou as familias, e se enriqueceu a custa de viuvas e de orphãos.

Toleraram a crença de que os papas eram os senhores da terra, e que os reis não eram mais do que méros vassallos seus, e os povos da Inglaterra, da Allemanha, da França e de Napoles se revoltaram contra seus principes legitimos, para obedecer ao papa.

As opiniões e as crenças contrarias á razão e á verdade, quer em politica, quer em religião, saturaram em todos os tempos o espirito do povo de estupidez e de ignorancia, degradando as nações, e perdendo os imperios.

Sejamos tolerantes por principio, por caracter, por sentimento, mas nunca até ao poncto de servir por nossa indifferença á hypocrisia que alimenta a ignorancia, e á estupidez que a propaga.

Deixar o povo viver nas crenças absurdas, é servir as paixões mais de-

gradantes e ignobeis, e tornar-se cumplice da mais detestavel ambição.

Não procurar livrar a sociedade das invasões das orgias do fanatismo, é faltar ao dever de homem e de cidadão: a Humanidade e a Patria exigem de nós mais coragem e mais devotamento.

O movimento de progresso moral e social que a Maçonnaria provocou, desde seu nascimento, nunca foi interrompido; algumas vezes lento e pouco sensivel, outras rapido e tumultuoso, chegou após diversas transições a ser mais regular e solido, e a dar grandes esperanças para o futuro das nacionalidades.

Quando se está sob o céo das paixões, e que se vê a ambição tomar todas as formas, para satisfazer brutaes egoismos, deve-se temer a perfidia e a traição, deve-se observar attentamente o genio do mal que véla incessantemente para invadir o pensamento humano e usurpar os direitos da humanidade.

Trabalhar mais que nunca para tirar-lhe os meios de consumar a sua obra impia, tal é o dever, o unico dever de um Maçon do XIX seculo.

Um liberal philanthropo, um Maçon em uma palavra, só deve tolerar os actos e os factos que emanam do direito natural.

Se a sociedade é dominada por funestas doutrinas, se o edificio humanitario que a sciencia e as luzes elevam á gloria do grande Architecto do Universo, se acha combatido por falsos prophetas, seu dever é apresentar-se diante do inimigo e impedir o seu barbaro vandalismo. Deve saber que quando se practica o bem, não se dá conta á pessoa alguma de suas acções, e que o temor é uma cobardia, quando se tem Deus e a consciencia por apoio. As armas que o Maçon emprega não são nem a espada do conquistador, nem a palavra perfida do hypocrita: são as que o Evan-

gelho lhe permitte tomar, as que São Paulo empregava contra aquelle que queria perverter o espirito da lei, empregando-o em proveito das crenças idolatras: a razão e a verdade.

A Maçonnaria, plantando o seu estandarte no campo dos trabalhadores, colhendo-os entre as profissões mais nobres, tornou-se burgueza e cidadã, e necessariamente ganhou em força moral o que perdeu em luxo ou em falso brilho material. Entretanto ella não se move ainda na esphera em que o seu principio natural a collocou. Ha nas sociedades Maçonnicas uma certa desordem moral, que faz temer pelo seu futuro. Muitas queixas se ouvem, e ellas partem dos Maçons mais dedicados e mais dignos, o que nos deve fazer crer que ellas são justas e que realmente um vicio capital abala o seu edificio. Existe, com effeito, este vicio, que penetrou em seu sanctuario; e como elle

deve sua origem e força de acção aos costumes actuaes do mundo profano, é pela severidade nas iniciações que se poderá esperar vencel-o.

Não esqueçamos que a Maçonnaria foi instituida para fazer viver as gerações n'uma completa unidade social e fraternal, para arrancal-as á miseria e á escravidão. Procurar pelo trabalho e pelo estudo a verdadeira sciencia e a verdadeira luz, espalhal-as pelos homens, para tornal-os melhores e mais felizes, tal foi o fim dos fundadores desta instituição.

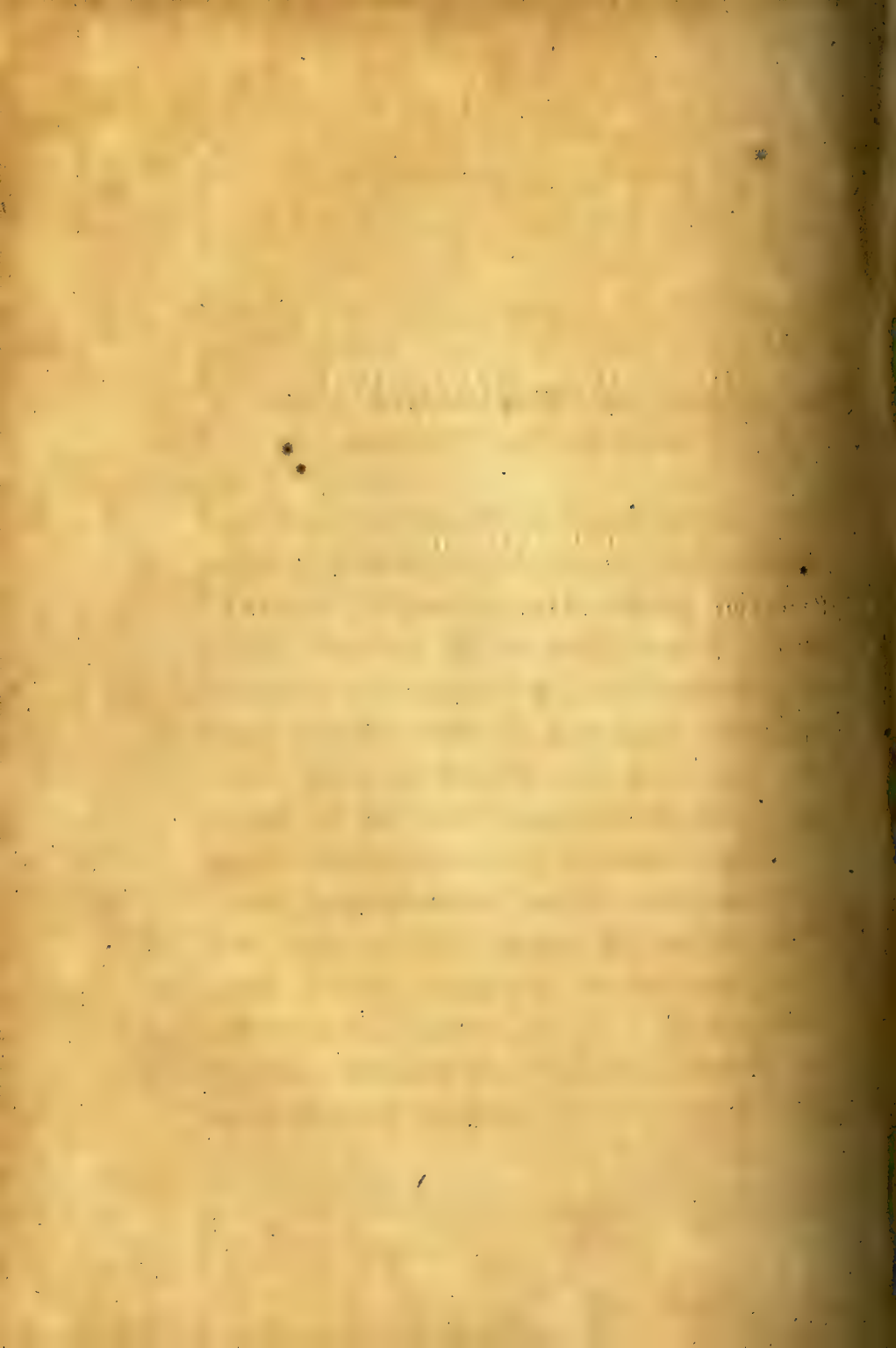
Desde o seculo XII que os Maçons de todas as regiões da Europa seguem o caminho traçado e têm concorrido simultanea e fraternalmente para esta obra sancta com um zelo que só a dedicação completa póde inspirar.

E os povos estão esclarecidos, e a sociedade mais forte, caminha rapidamente para o complemento de sua perfeição normal. E' preciso, pois, se armar

de coragem e continuar a obra. Maçons, chamai os homens fortes de espirito e de coração, e que elles junctem suas luzes e suas virtudes ás vossas, e assim acabareis por esclarecer o mundo.

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO VIII

SUMMARIO: — Influencia da Maçonnaria sobre o espirito das Nações.

CAPITULO VIII

Influencia da Maçonnaria sobre o espirito das Nações

Quero fazer conhecida a feliz influencia que póde exercer, sobre o espirito dos povos, uma instituição fundada sobre os principios da lei natural.

Assim, não é a historia dos filhos da luz que faço, mas a dos effeitos que produzia esta luz, quando saiu do Templo, para dissipar as trevas da barbaria.

As ordens religiosas e cavalheirescas tiveram quasi todas uma origem pura. Foi o amor da humanidade ou um instincto de virtude que as fez nascer. Mas, submettidas á lei suprema da destruição, perderam, seguindo a marcha fugitiva do tempo, sua simplicidade primitiva, e

mais de uma encontrou a morte na violação das leis que lhe deram a vida.

De todas as instituições nascidas antes do Christianismo, a Mâçonnaria é a que soffreu menos alterações. Deve esta vantagem á seus principios, simples e naturaes, que não se prestam a applicações viciosas.

Deve isso principalmente á suas vistas humanitarias, que a obrigam a se collocar á frente das gerações e a seguir o progresso da intelligencia social.

Entretanto, irmãos esclarecidos que têm pela Maçonnaria piedosa veneração, acham que ella perdeu muito de seus elementos conservadores.

Antigamente, dizem elles, havia mais harmonia nas Sociedades Maçonnicas; seu centro de actividade era mais poderoso, e sua administração interna mais homogenea.

Affirmam elles que a diversidade e a multiplicidade dos ritos destroem a

unidade; que as pretenções que surgem entre uns e outros engendram as disputas e fazem nascer conflictos escandalosos no seio da grande familia. Outros queriam fórmas mais severas, um exame mais escrupuloso nas iniciações, uma escolha mais digna de Neophytos, e mais espirito maçonnico nas sessões. Estas accusações se justificam, vendo-se a deliberação que a loja de Douai tomou, propondo em 1842 as seguintes questões:

« Quaes os meios a empregar para tornar a Maçonnaria á seu antigo explendor, sem tocar em seus dogmas primitivos, em suas fórmas actuaes? Quaes os meios para mantel-a á frente do progresso social e humanitario?»

A multiplicidade e a diversidade dos ritos são o resultado da politica dos estados modernos. No seculo XV as nações só eram conhecidas pelos seus limites geographicos, ou pelo caracter

proprio de sua lingua. Nem a lei fundamental, nem o principio administrativo fixavam sua existencia: o despotismo tudo demolia a seu talante. Então a Maçonnaria, não se achando submettida a dever algum politico, se encerrava toda em sua acção interna, e naturalmente devia ter uma força dirigente mais uniforme e mais energica. Mas, quando os povos se constituiram, e que em cada um dos estados houve um governo de principio e de direito, ella devia se inclinar sob este poder nacional, e conformar seus actos pelo movimento que ella imprimia á sociedade: d'ahi originou-se a necessidade de modificar as fórmas geraes e de variar os modos de organisação de cada Oriente.

E' preciso não olvidar que a Maçonnaria é a sciencia do progresso, que ella está submettida, se assim posso exprimir-me, á um regimen de actualidade e de conveniencias sociaes, que a obriga

a pesquizar, não só o bem, mas o melhor em toda esphera de cousas.

Collocando-se, como ella sempre fez, á frente da civilisação, para dirigir e activar o movimento propagador das luzes, ella deve harmonizar sua acção com o espirito do tempo, respeitar os costumes politicos, os usos nacionaes, emfim todas as producções do talento e do genio que tenham se enraizado no solo patrio.

O Maçon não é somente o homem da patria, mas o homem da cidade.

Deve a uma seu sangue e sua vida; á outra a dedicação filial, que lhe impõe cuidados assiduos, e respeitosa deferencia.

A pouca severidade que ha nas recepções, na escolha dos iniciados, na ordem do ceremonial, nos regulamentos da familia, são menos innovações que a necessidade de satisfazer aos costumes locaes, e ao que se póde chamar — os

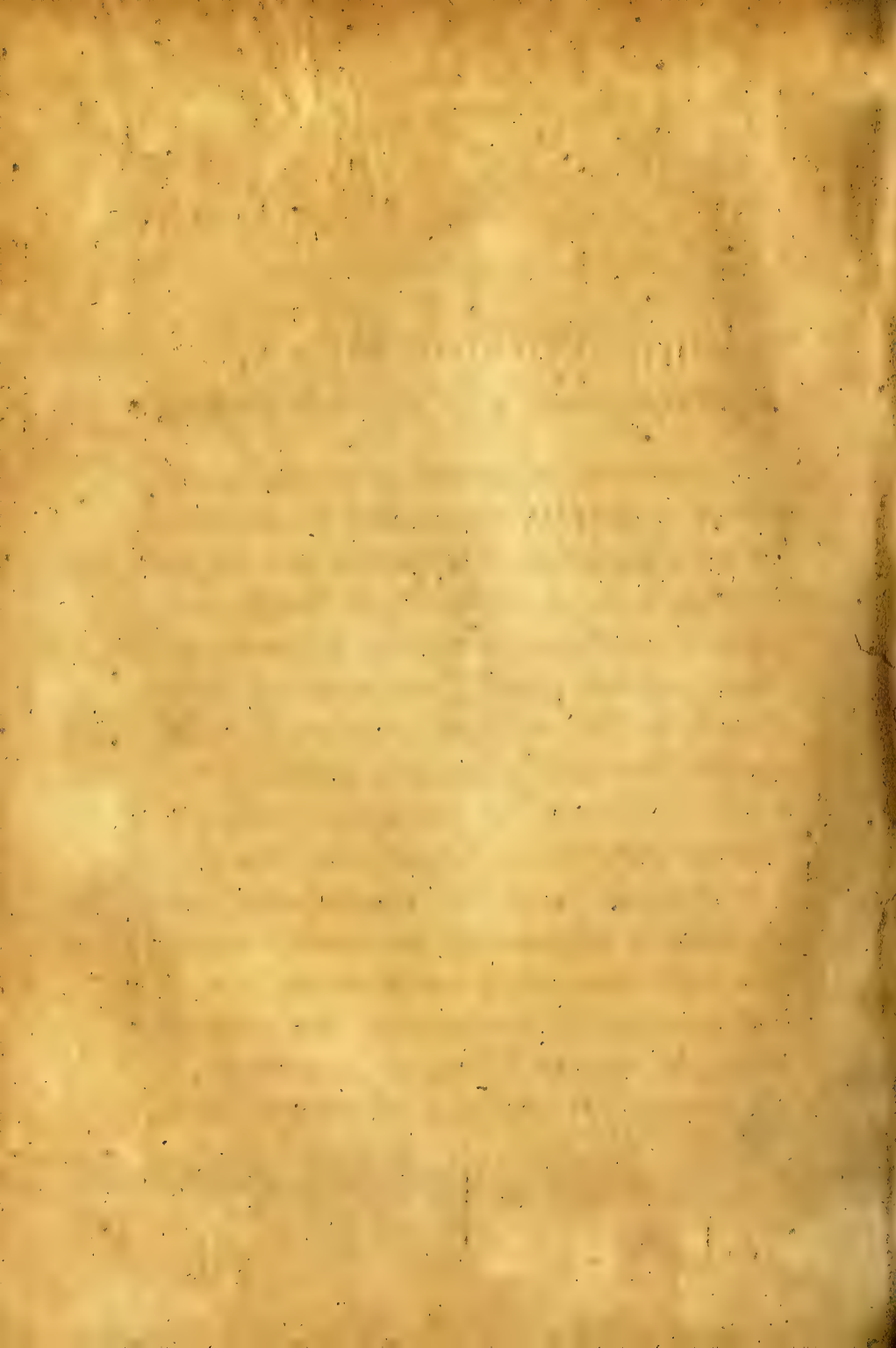
habitos do espirito da cidade. Mas, se as lojas podem ter vontade independente no que diz respeito ao modo de sua administração interna, não devem nunca afastar-se do dogma fundamental da instituição.

A fé neste dogma é a alma da sociedade, e é esta fé a collaboradora do seu poder de acção e de sua força moral, que origina a harmonia de pensamento e de sentimento entre seus membros e que os torna dedicados e fieis. Sem esta fé só se tem hypocritas, ou indifferentes, raça de homens que abusam de tudo, e que tudo fazem só para si proprios.

E' tambem este principio que estabeleceu a religião do coração, e regula a moralidade dos verdadeiros filhos da luz.

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO IX

SUMMARIO :— A Maçonnaria e o mundo profano.

CAPITULO IX

A Maçonnaria e o mundo profano

Sendo a Maçonnaria, desde muito tempo, o alvo dos sarcasmos e dos insultos do mundo profano, é justo que uma voz se levante, para a defender, e vingar dos seus detractores. O mundo accusa-a, levado por uma fatal disposição a dizer mal d'aquillo que não conhece, e desconfiar de tudo que não comprehende; e talvez firmado nos escriptos d'alguns homens malevolos, e pretendidos Maçons, que movidos por vil especulação, têm ultrajado e calumniado a nossa instituição, que elles nunca conheceram.

Mas facil é o combater este errado juizo do mundo, fazendo apparecer a Maçonnaria tal qual é, adornada dos seus

verdadeiros attributos que, se fossem bem conhecidos, ter-lhe-ia, sem duvida, merecido homenagens universaes.

Eis a tarefa, que vou emprehender.

Direi, pois, que não ha instituição mais propria para fazer a felicidade do genero humano, do que a Maçonnaria, porque nenhuma outra existe, que encerre, como ella, tantos meios de reunir os homens pelos doces laços da concordia e da amisade.

Embora pense o mundo, que nós exageramos muito a Maçonnaria, quando affirmamos que o seu unico fim é manter a força e a dignidade do homem, quando dizemos que ella é um abrigo seguro contra os vicios, que mancham a sociedade; nós não avançamos mais do que uma verdade, que vai apparecer em toda a sua evidencia, pela rapida comparação que vamos estabelecer entre as instituições e doutrinas do mundo, e as doutrinas e instituições da Maçonnaria.

Com effeito, que é o mundo, tomado no sentido moral? Que é elle, relativamente á felicidade e á desgraça do homem? De que modo chega o homem á este theatro de attribulações e de miserias?

Que verdades lhe ensinam?

Quantas mentiras não lhe fazem crêr?

Quantas verdades não são contestadas e combatidas, e quantas mentiras propostas, sustentadas, recompensadas, e mesmo sanctificadas?

O homem, apenas entra no mundo, é recebido pelas mãos do erro, este acompanha-o nos seus tenros annos, e segue-o em todos os seus projectos, trazendo-o de tal modo enredado em seus innumeraveis laços, que só por uma especie de milagre o homem, creado racional e intelligente, escapa á destruição da sua intelligencia, e ao naufragio da sua razão, que se lhe affirma ser insufficiente, corruptora, e um phanal enganador!

Quem de vós, meus irmãos, não fica ainda como amedrontado, lembrando-vos dos laços seductores da mocidade; lembrando-vos dos combates, e indecisões que tivestes a supportar; lembrando-vos emfim dessa multidão de ridiculos phantasmas, apresentados á vossa imaginação como realidades, d'onde vieis pendente o vosso destino? Eis o que o mundo offerece ao homem! Eis a origem funesta das inquietações da vida! Sómente no fim de bastantes annos, e depois de haver trilhado differentes caminhos, é que o homem, como um viajante fatigado dos ventos e das tempestades, começa a abrir os olhos, e a conhecer que a esphera, em que o collocaram não é aquella para que elle estava destinado; que apercebendo-se pela primeira vez da luz de sua razão, resolve-se emfim a tomal-a por guia e a marchar com ella para o porto consolador da verdade.

Então sabe, que a virtude existe sobre

a terra, que não é filha da impostura, nem da mentira, e que só o amor da humanidade póde dar-lhe a existencia.

Elle deseja possuir esta virtude, e, tendo procurado inutilmente, qual seja no mundo o logar da sua habitação, vem bater á porta dos nossos Templos; entra nelles, e depois de conhecer as nossas doutrinas, e de se ter instruido nellas, sente nascer a paz em seu coração: então conhece que um immenso espaço separa as nossas instituições das instituições do mundo. Que viu elle neste? Viu as paixões desenfreadas, edificando e derrubando tudo: o orgulho apoderando-se das dignidades; a audacia exigindo respeitos; a baixeza solicitando honras; a insolencia opprimindo a modestia; a opulencia insultando a pobreza; e a ignorancia perseguindo a sabedoria: elle viu a virtude desprezada, e talvez punida; viu ingratidões, perfidias e delações, e ouviu continuamente este grito

repetido: « Sê o primeiro, e o mais forte; procura o poder e as riquezas; supplanta teus rivaes, e aniquila teus competidores.»

Dizei-me, meus irmãos, se a Maçonnaria apresenta quadros eguaes, desgraças semelhantes? Sem duvida, não; e os seus mesmos inimigos que a calumniam, não ousaram ainda imputar-lhe taes iniquidades. Na Maçonnaria, não ha primeiro nem ultimo; não ha forte nem fraco; não ha grandes nem pequenos; todos são irmãos, todos são eguaes. O odio, a ambição, a inveja são banidos dos seus Templos, onde não se practicam baixezas, não se obtem grandezas, nem se receiam insolencias: nelles os Maçons só tractam da indagação da verdade, de se amarem, soccorrerem-se mutuamente. Se um excesso de zelo suscita, acaso, algumas disputas, bem depressa o amor do bem geral faz que estas desappareçam, e uma confissão sincera, e a recon-

ciliação, que della resulta, restabelecem a concordia e a paz.

O mundo alimenta-se de facções e de partidos: uns combatem por *Mario*, outros pelejam por *Sylla*: aqui dão o throno á *Cezar*, alli a *Pompeu*; e segundo os tempos e os interesses, apparecem bandeiras e opiniões differentes.

Na Maçonnaria não ha *Mario* nem *Sylla*; não ha *Cezar* nem *Pompeu*.

Nós não temos senão uma lei, a de obedecer ás leis; um pensamento, o de fazer o bem; uma corôa que é para a virtude, que é para a Humanidade.

Insensatos! Mario e Sylla já não existem; seus partidos foram supplantados, assim como serão vossos projectos!

Pompeu e Cezar cairam, e com elles seus cortezãos e aduladores.

O tempo não nos tem transmittido a historia dos seus debates e dos seus crimes, senão para nos dizer:

« Eis aqui os funestos resultados da

ambição, do abuso do poder, da baixeza, e da lisonja! Eis o que fazem os homens, quando elles se esquecem de que são homens!»

No mundo, as religiões e os cultos são differentes; uns adoram *Baal*, outros *Jehovah*: n'um mesmo paiz, viram-se *bezerros de ouro*, e *serpentes de bronze*: aqui prohibe Deus o culto das *imagens*, e estas são despedaçadas; alli os ordenam, e lhes erigem altares: estes não têm mais que *um Deus*; aquelles contam *mais de mil*; n'uma parte diz-se:

« Les prêtres ne sont pas ce qu'un vain peuple pense.

Notre crédulité fait toute leur science.»

N'outra, os padres, rodeados de carrascos, dizem: *Crê, ou morrerás; segue nossas maximas, ou serás devorado por fogueiras ardentes...*»

Na Maçonnaria, a violencia e a mentira não dictam as leis: nella não exis-

tem bezerros de ouro, nem serpentes de bronze; cada um venera à Divindade á sua maneira; o unico culto exigido é o da virtude; e quem ousará dizer que um tal culto não é o do verdadeiro Deus, e o mais conforme aos dictames da razão?

No mundo emfim ha *fieis e infieis*; *crenças antigas e modernas*; *Bramas*, *Judeus*, *Mahometanos*, *Protestantes*, *Anti-Protestantes*, e mil outras seitas, cujas pretensões horrorisam o pensamento, e que sendo todas intolerantes, se têm mutuamente degollado, durante seculos, em nome, e pelos interesses do céo!

Na Maçonnaria, *Méca* e *Genebra*, *Roma* e *Jerusalém* se acham confundidas: nella não ha distincções de Judeus, Mahometanos, Papistas e Protestantes; não ha senão homens, senão irmãos que perante Deus, Pae commum de todos, têm jurado manter entre si uma eterna fraternidade.

Eis aqui, meus irmãos, quaes são os principios da Maçonnaria, eis o que ella ensina, e o que practica: tal é a differença que existe entre ás suas maximas, e as maximas perniciosas do mundo profano.

Mas, dirá o mundo, sois vós admissiveis a elogiar, como fazeis, as vossas instituições, quando os vossos mesmos livros nos fazem conhecer que ellas estão cheias de ceremonias ridiculas, quando nos revelam as vossas palavras, toques, e signaes extravagantes; as vossas aguas lustraes, tapeçarias funebres, e alampadas multiplicadas?

Quando, emfim, por elles sabemos que entre vós existem gráos e dignidades, o que contrasta notavelmente com a egualdade e fraternidade, de que tanto blasonais?

Responderemos ao mundo que os nossos usos e cerimonias parecem futeis e extravagantes aos olhos dos Profanos,

porque não podem perceber a sua significação.

Os nossos usos e cerimonias são todos symbolicos, e todos encerram os mais importantes preceitos de moral.

Os nossos gráos, que o mundo mede pelos da sua sociedade, têm entre nós mui diversa significação, e não se oppõe, de modo algum á egualdade e fraternidade que professamos.

Mas estará o mundo, que intenta censurar-nos, isento de criticas, sem duvida, mais justas? Não tem elle usos inexplicaveis e ridiculos, como os seus gestos, movimento de braços, e suas aguas-bentas?

Não tem elle tambem palavras cabalisticas, gráos, jerarchias, e, emfim, uma infinidade de cerimonias, tiradas dos Indios, Gregos, dos Romanos, e d'outros povos que, sem duvida, valiam mais que os nossos accusadores, pois que

nunca perseguiram nem degollaram, para fazer adoptar os seus mysterios?

Quanto á *egualdade* e *fraternidade*, que o mundo profano nos accusa de ensinar, negará elle, que os seus livros os mais sagrados tambem os ensinam, e ordenam? Não dizem estes: « Entre vós não haverá primeiro nem ultimo; o que quizer ser o primeiro será o ultimo? »

Mas vós sabeis, meus, irmãos, como são interpretados estes preceitos, principalmente por aquelles que estão encarregados de os fazer conhecer e observar.

Nós temos visto, e a historia nos tem mostrado, como os doutores do mundo entendem a *egualdade* e *fraternidade*: emquanto elles conservam as riquezas e o poder, seus *irmãos* gemem na miseria e na escravidão: querem para si todos os privilegios, todas as regalias; para os outros deixam as lagrimas, os tor-

mentos, as masmorras, as fogueiras e a morte!

Tal é a fraternidade da horrivel e execravel Inquisição!

Eis aqui, meus irmãos, as perfeições do mundo: é tambem por isso que, submergido em falsas doutrinas, e envolto em eternas contradicções, elle teve sempre necessidade de lançar mão de molas occultas, e meios ardilosos; de commetter injustiças e crueldades as mais horrorosas, para conseguir os seus intentos; d'aqui nascem os terrores e inquietações que continuamente importunam os espiritos, e que tornam o mundo martyr da sua propria maldade; elle ousa gabar os seus grandes mysterios e suas altas concepções! Ah! enganar, desunir, e mentir, eis em tres palavras todo o genio, todo o segredo do mundo!

O nosso, meus irmãos, é precisamente o contrario; este grande segredo, tão

afamado, tão desejado, e tão pouco conhecido dos Profanos, é o amor dos nossos semelhantes, a justiça, a sinceridade, e o estudo das sciencias: não das sciencias dos sabios, que o mundo emprega para as suas machinações, para ensinar as suas mentiras, e louvar as suas perfidias; desses sabios, instrumentos doceis, organisados para todos os tempos, que sabem condescender com todas as tyrannias; desses, emfim, que sabem perfeitamente transformar os crimes em virtudes e as virtudes em crimes, segundo as circumstancias, e os seus interesses pessoaes, mas da verdadeira sciencia da honra, da probidade e da Humanidade: eis aqui todo o nosso segredo. Vós podeis revelal-o, e espalhal-o: possa elle ser conhecido em todo o Universo!

E com uma tal sciencia, é que vós sereis sempre felizes e livres, tanto quanto é permittido ao homem sobre a

terra. Poderão envenenar-vos como a Socrates, dilacerar-vos os membros, como a *Epictecto*, ou encerrar-vos em carceres, como a *Galileu*; mas apezar disso sereis sempre mais felizes que os vossos perseguidores, pois, tereis vossa consciencia em paz, o que aos máos nunca acontece.

A vida, meus irmãos, não consiste na animação da carne, mas na virtude. Porventura Socrates anda ainda pelas ruas de Athenas?

Certamente não; mas não deixa por isso de ensinar-nos, e de dar-nos ainda lições.

Esses trezentos Esparciatas, que combateram para salvar a sua patria, morreram elles para sempre? Não, não: nós os vemos ainda com as espadas nas mãos, fazendo tremer uma horda de escravos. *Codro*, *Leonidas*, *Aristides* e *Marco Aurelio* viverão tanto tempo como o Deus que os creou!

Eis aqui, meus irmãos, a vida que obtereis perseverando na virtude; a maldade dos homens jamais poderá destruil-a.

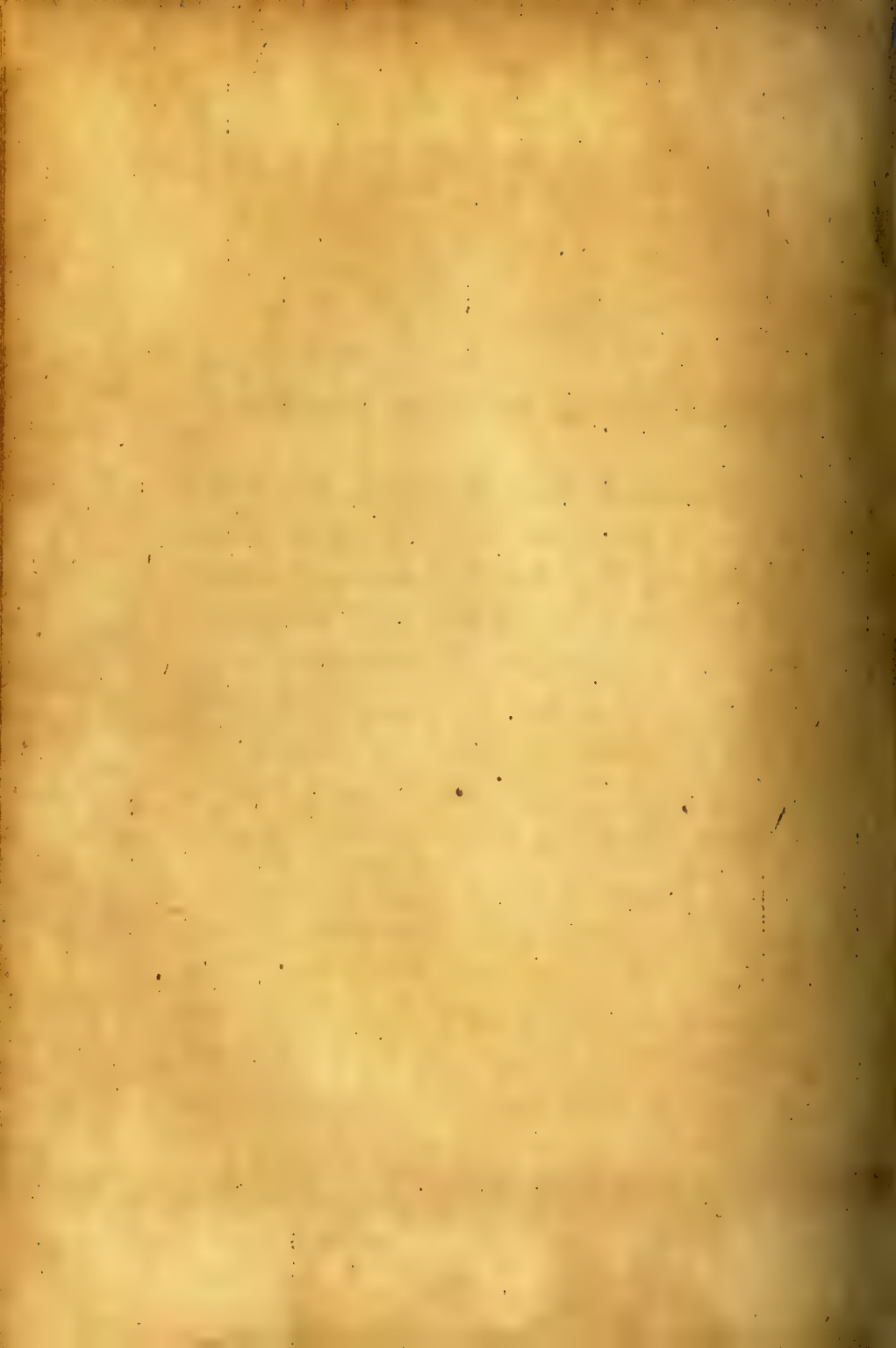
....

A virtude é tambem uma potencia; e Deus, que a poz em nossos corações, que nos deu a razão e a verdade por guias; Deus, digo, saberá salvar-nos, saberá acabar a sua obra.

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO X

SUMMARIO :— Uma pagina sobre os Jesuitas.

(De um auctor brasileiro.)

CAPITULO X

Uma pagina sobre os Jesuitas

Quando o mais illustrado dos pontifices do seculo XVIII, o grande Papa Ganganelli, attendendo ás representações dos soberanos da christandade, aos factos publicos e notorios de extorsões, violencias, assassinatos, propagação de doutrinas perigosas, anarchicas e subversivas dos Jesuitas, os supprimiu para todo o sempre, devia já prever a sorte que o esperava.

Traiçoeiros, como sempre, vingativos e malvados, os assassinos de Henrique IV, Luiz XV, José I e outros, não podiam deixar em paz o chefe supremo da Egreja Catholica que, por um acto

de eterna justiça, os pretendeu reduzir á nullidade. A morte, por meio do envenenamento, foi o premio da rectidão e da religiosidade de Clemente XIV!...

E como não seria assim?

Os Jesuitas eram uma verdadeira potencia. A suppressão d'aquella ordem devera ser logo que ella se afastou do seu sancto instituto.

A bulla de Clemente XIV não os feriu mortalmente; dissimulados e disfarçados os Jesuitas com os nomes de *Padres da Fé e Irmãos da Cruz*, continuaram em diversos paizes já com uma e já com outra denominação, rebellando-se assim contra o Supremo Pastor da Egreja, até que outro Supremo Pastor, mais docil ás influencias jesuiticas, Pio VII, os restabeleceu no anno de 1800; mas ainda assim tal era a força da opinião contra aquella ordem, que o Papa se não atreveu a declarar publicamente a rehabilitação d'aquelles

homens, e só o fez depois de 14 annos, época em que a maior parte da Europa, escravisada ainda pelo despotismo, não attendeu ao perigo de semelhante rehabilitação.

Para antidoto das idéas de liberdade, proclamadas em 1789, precisava a curia romana de um exercito de intrigantes, que pela astucia, pelo confessionario, pela predica e pelo ensino fossem predispondo os povos contra a aurora da liberdade, que despontou nos fins do seculo XVIII, tornando-se radiante no primeiro quartel do seculo XIX.

Quanto mais se adiantava e se approximava a luz, mais conheceu a curia os serviços que podia esperar dos Jesuitas para que a suffocassem.

E note-se que Pio VII, quando solemnemente rehabilitou a Companhia de Jesus, pela bulla de 1814, declarou que o fazia a pedido de um soberano schismatico, de Paulo I, imperador e autocrata

de todas as Russias, chefe e pontifice da egreja grega!...

Confrontemos agora alguns periodos das duas bullas para melhor esclarecimento do assumpto.

Disse o sabio Ganganelli na bulla da extincção dos Jesuitas:

« Os clamores e as arguições contra a Sociedade (Companhia de Jesus) augmentam dia após dia, em algumas partes ergueram-se tumultos, dissenções, sedições perigosissimas, e não poucos escandalos, que, partindo e anniquillando totalmente os laços da fraternidade christã, accenderam nos corações o espirito de partido, os odios e as inimizades. O perigo cresceu a tal poncto, que aquelles mesmos cuja piedade e benevolencia hereditarias para com a sociedade (Companhia de Jesus) são positivamente reconhecidas, queremos dizer, os nossos mui amados filhos em Jesus

Christo, os reis de França, Hespanha, Portugal e Duas Sicilias, viram-se na imperiosa necessidade de expulsar e banir de seus reinos, estados e provincias, todos os religiosos desta ordem, profundamente convencidos que este meio extremo era o unico remedio a tantos males, e o unico a empregar para impedir que os christãos se provocassem uns aos outros, se injuriassem mutuamente, e se degladiassem no seio da propria Egreja, sua mãe commum.»

Até aqui Clemente XIV, attendendo as supplicas dos reis catholicos de França, Hespanha, Portugal e Duas Sicilias, acrescentando ainda que, ás supplicas daquelles soberanos se junctaram as de *grande numero de bispos* e *de outros personagens illustres por sua dignidade e sciencia.*

Vejamos agora o que diz Pio VII na sua bulla de 1814. Este Papa depois de asseverar que Paulo I lhe recommen-

dava vivamente os padres da companhia, diz que:

« Considerando a inestimavel vantagem que de taes ecclesiasticos, cujos costumes exemplares tinham sido objecto de tantos elogios; poderia a religião colher, pelo seu infatigavel zelo, pelo ardor dos seus trabalhos para a salvação das almas; e pela continua applicação em derramar e diffundir a palavra de Deus; entendemos que era razoavel secundar as vistas *de um monarcha tão poderoso e tão benigno!...»*

Já se vê que para a extincção da companhia foram precisos os esforços reunidos dos soberanos de França, Hespanha, Portugal e Duas Sicilias, e para a sua rehabilitação bastaram as recommendações de um só imperante, e esse mesmo schismatico.

Clemente XIV só procedeu em relação aos Jesuitas depois de exame minucioso das queixas dirigidas á Sancta

Sé pelas potencias catholicas da Europa, queixas já anteriormente feitas a seus predecessores e instantemente renovadas não só pelos soberanos, mas ainda pelos bispos da christandade.

A Pio VII, porém, bastou o pedido do soberano da Russia, para a rehabilitação da companhia!

Compare-se; e considere-se mais que o sabio Ganganelli attendeu tambem aos factos consummados. Os Jesuitas expulsos já de muitos paizes catholicos, tinham por assim dizer contra si a sentença lavrada e a opinião quasi unanime do mundo. Pio VII insultou os governos e a memoria do seu illustre predecessor, que tão prudente e cauteloso fôra neste momentoso assumpto.

Qual destes pontifices teria o dom da infallibilidade?

Um supprime por inconveniente e prejudicial a Companhia de Jesus, outro

a restaura pelos *costumes exemplares de seus membros, objecto de muitos elogios.*

Ora, os padres reunidos no Vaticano declararam infalliveis os Papas, comminando a pena de excommunhão a quem não curvar a cabeça aos decretos pontificios sem mais exame nem consideração alguma; do que se segue que tanto Clemente XIV, como Pio VII tiveram a infallibilidade! Mas, as contradicções?

Nada de desanimar; para tudo ha remedio. A infallibilidade decretada só se entende quando os pontifices falam *ex-cathedra*...

Mas, quem estará no caso de saber quando os pontifices romanos falam recostados nas suas poltronas, ou quando o fazem de pé?

Não é isto ainda: a tal expressão *ex-cathedra* só se refere aos dogmas da fé, dizem os theologos ultramontanos,

que por certo se não lembraram que a fé catholica nos prohibe a idolatria, e que já houve um Papa que fez sacrificios aos deuses do imperio romano!

Felizmente o novo dogma não passou do papel, pois não consta que governo algum catholico o sanccionasse, impondo-o á consciencia dos fieis. Pelo contrario, o governo portuguez premiou um digno, virtuoso e liberal prelado da egreja luzitana que, desprezando as astucias jesuiticas, teve a coragem de votar contra a infallibilidade. Queremos falar do Sr. Alves Feijó, bispo de Cabo Verde, que o governo de Portugal, apresentou na Sé Cathedral de Bragança por suas virtudes exemplarissimas, pelo seu saber e honestidade e tambem pela coragem de suas convicções.

No episcopado portuguez, em todas as épocas se têm tornado distinctos alguns ecclesiasticos de rija tempera e de indisputavel sciencia. Ainda no reinado de

D. João VI, o bispo de Angra, D. Fr. Nicolau de Almeida, carmelitano, mereceu as iras da curia romana, pela verdadeira doutrina que publicou em varios opusculos ácerca das indulgencias, mas, o governo de Portugal, em vez de mortificar-se com isso, tambem o chamou para o continente, apresentando-o na mesma Sé episcopal de Bragança!

Não obstante a rehabilitação dos Jesuitas por Pio VII em 1814, nunca foram todavia ostensivamente admittidos em Portugal no tempo do bondoso D. João VI, mas sómente em 1829; porque tendo-se apossado do animo de um principe inexperiente, que, por insinuações delles, faltara aos mais solemnes e sagrados juramentos, entregando-se-lhe de todo o coração e envolveu a sua patria nessa guerra fratricida dos nossos dias, que deu em resultado a luz e a liberdade para o velho Portugal.

Foi no dia 13 de Agosto de 1829,

que os Jesuitas entraram de novo em Lisboa e aqui consignamos os seus nomes :

José Delvaux, superior ; João Pouly, Jorge Bosseau, Alexandre Mallet e José Bukaciuski, presbyteros : Ignacio Monier e Francisco Baron, leigos.

Pouco depois começaram a entrar no reino outros Jesuitas, chegando o descaro a poncto de terem um periodico propriamente seu —*O Defensor dos Jesuitas*, de que era redactor principal o celebre frei Fortunato de S. Boaventura, que aconselhava a pena de morte a todos quantos professassem idéas liberaes !

Alcançaram o collegio das artes em Coimbra e iam de novo se apoderando do ensino publico, quando restauradas as liberdades patrias em Portugal, o corajoso e liberal governo do nosso irmão, o primeiro imperador do Brasil, então regente do reino de Portugal, em

nome de sua augusta filha, D. Maria II, supprimiu todas as ordens religiosas naquelle paiz.

Os Maçons, accusados de conspiradores contra os governos monarchicos, accusação que nunca se lhes provou, pelo contrario, não póde ser admissivel a tal respeito nem mera supposição, attendendo-se ao facto de pertencerem á nossa ordem reis e principes esclarecidos, são anathematisados pelos pontifices e mui expressamente por Pio IX, emquanto que os Jesuitas, perturbadores da paz publica em todo mundo são acolhidos, e abençoados, chegando a sua influencia a dominar a propria curia, o proprio pontifice!

Por occasião da guerra da Criméa, os Jesuitas esperançados de que a França e a Inglaterra soffressem um desastre em frente a Sebastopol, andavam em continuo movimento para ligar todos os elementos retrogrados de Portugal, Hes-

panha, França e Allemanha, afim de se aproveitarem do triumpho da Russia.

Se infelizmente se realizassem os seus desejos, teriamos de vêr outra vez a Europa invadida pelos cossacos do Norte, subjugado e anniquilado o partido liberal e sobre as suas ruinas elevados os governos absolutos.

A coadjuvação que os conspiradores procuravam na imprensa, tal como a *Gazeta da Cruz* (a celebre *Kreuzzeitung* de Berlim, orgam do partido ultra-feudal, e do *Nord* de Bruxellas, jornal subsidiado pela Russia para defender a sua politica entre os povos do occidente), dá bem a medida do que resultaria da união dos *tres partidos* e dos tres principes desthronados ou pretendentes aos thronos da França, Hespanha e Portugal.

Crearam a Maçonnaria de *S. Miguel da Ala* e tem-se esforçado em todos as épocas para supplantar a liberdade,

pervertendo as consciencias pelo confissionario, alimentando a intriga politica e capeando-se com a religião sancta do Crucificado, para nella encobrirem seus tenebrosos planos.

São bem conhecidas as machinações dos Jesuitas na Allemanha, que começaram lá, como cá pelo Brasil, muito astutos, apoderando-se do ensino, das consciencias e das egrejas. O parlamento allemão os baniu por uma lei votada com 181 votos a favor da expulsão e 101 contra.

Para se fazer, porém, idéa da influencia que os jesuitas tinham alcançado na Allemanha, basta saber-se que durante a discussão da lei que os baniu, foram presentes ao parlamento 1.392 representações ao Reichstag em favor da sua conservação.

Aquellas 1.392 representações iam cheias de assignaturas dos adeptos e afeiçoados daquelles padres.

Um membro da commissão ecclesiastica teve a curiosidade de pezar numa balança aquellas representações e verificou que pezavam mais de 100 kilos.

Pedimos venia para transcrever aqui dois periodos do discurso do sabio relator da commissão ecclesiastica, o Dr. Gneist :

« E' um erro, disse elle, considerar a ordem dos Jesuitas como uma simples associação, porque ella é uma verdadeira potencia organizada no mundo... Introduziram-se na Allemanha, procedentes do ducado de Dozen, e em 15 annos fundaram na Prussia 826 conventos com 6.000 religiosos e 1.500 noviços ! Se se não puzer côbro a esta propaganda, ella não tardará em absorver todos os poderes publicos...»

....

....

O martyr do Golgotha legou-nos uma religião de paz, de amor e de caridade; e é essa a que está no animo

de todos os bons e verdadeiros Maçons. A religião, porém, dos jesuitas é mui differente, porque é a intriga em acção, a intolerancia, a dissimulação, o dominio, a extorsão, e o crime.

....

O jesuitismo enthezoura o obulo dos pobres, e a Maçonnaria reparte com elles.

O jesuitismo pede aos pobres para dar ao rico e poderoso, e deste modo obter-lhe as bôas graças, e a Maçonnaria pede ao rico e poderoso que esmole aos infelizes.

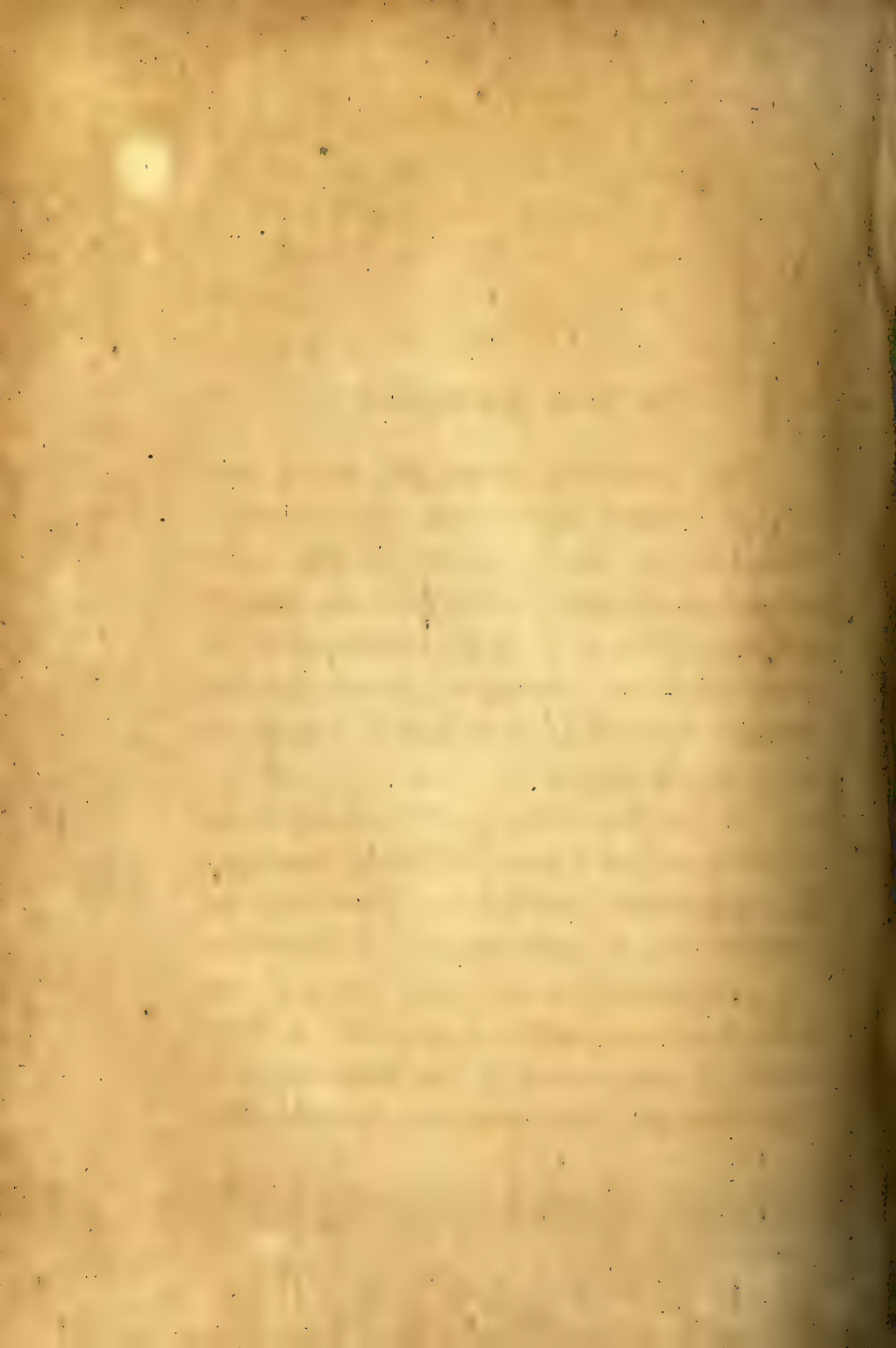
O jesuitismo abre subscripções para o Papa, e a Maçonnaria sustenta asylos, educa orphãos, protege e alimenta as viuvas desgraçadas.

O Jesuitismo é o cancro das nações, a Maçonnaria a sua gloria pelo desenvolvimento da instrucção, amor ao trabalho, e auxilio aos miseraveis.

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO XI.

SUMMARIO:—A Bem da Ordem.

(*Cunha Belem.*)

CAPITULO XI

A Bem da Ordem

Na moderna philosophia social, não é já o lemma *Liberdade, Egualdade e Fraternidade* divisa exclusiva dos partidos republicanos, nem grito de guerra contra a ordem; antes affirmação de uma conquista commum a todos quantos prezam as solidas conquistas do progresso na esphera moral.

A liberdade prezam-n'a e querem-n'a como o melhor e mais brilhante apanagio da dignidade humana—a liberdade na consciencia, a liberdade na manifestação do pensamento, a liberdade em todas as iniciativas, em toda a actividade, a liberdade na associação e na reunião, a liberdade que emancipa os homens pelo

trabalho e pela instrucção; a egualdade proclama-a lei, deriva da partilha commum da liberdade, sem deixar outras distincções mais do que as do talento, do saber e do merito, affirmando em serviços prestados á communidade; emfim, á religião de mãos dadas com a razão, ensinando que todos os homens são irmãos pela sublime redempção para a vida livre, préga a fraternidade como o laço ao mesmo tempo formado pelo sentimento e pelo raciocinio, que une toda a familia humana.

Sendo assim, não admira que a Maçonnaria, na sublimidade das suas aspirações, a Maçonnaria que não tem politica partidaria, que não tem bandeira nacional, que não tem exclusivismo religioso, que recebe no seu gremio todos os homens bons e honestos, sem lhes inquirir a procedencia, sem lhes perguntar as convicções partidarias, a naturalidade do berço, ou as crenças da

religião que professam, a Maçonnaria que é a tolerancia cosmopolita e que, ensinando a amar a familia e a patria, levanta sobre o alicerce destes affectos o sublime edificio do amor da humanidade, queira que os homens sejam livres para serem dignos, se reconheçam eguaes porque eguaes os fez a natureza e os baptisou a razão, e lhes prégue constantemente que a fraternidade deve reinar entre elles, por isso mesmo que, sendo eguaes e egualmente livres, só podem manter a harmonia entre si, só podem gozar da liberdade e prestar culto sincero á egualdade, reconhecendo-se mutuamente por irmãos, filhos da mesma mãe — a provida natureza, e do mesmo pae — o trabalho fecundo.

A Maçonnaria, que professa estas doutrinas, carece de fazer dellas propaganda, não só entre os seus membros, para mais lhes arraigar a convicção da sua excellencia, como no meio da so-

ciedade profana, onde deve affirmar-se como uma associação benemerita, desfazendo os erroneos preconceitos, que uma época de aberrações que já vae longe, deixou formar no publico a seu respeito.

É esse o intento do *Nivel* (publicação lisbonense), destinada a vulgarisar a doutrina da Maçonnaria, procurando egualar os homens pelas prendas do coração e pelas do talento, pela formação do caracter moral e pela da instrucção intellectual.

Terá a Maçonnaria em Portugal estado sempre á altura da gravidade da sua missão? Não terá ella, por vezes, desperdiçado forças, em luctas estereis e inglorias, e que nellas empregaria, em commum accôrdo de vontades, na diffusão de sãos principios, na practica de obras meritorias?

São questões estas, que nos levariam longe; mas se a nossa divisa tem

de ser a verdade, sem azedumes, mas sem ambages; se, no nosso proposito de instruir e de educar, devemos reforçar a propria auctoridade, cuidando da nossa educação e instrucção ao passo que na alheia queremos intervir, digamos que n'um longo periodo de reformas e de reorganisação, animada dos mais nobres desejos de aceitar, não raro a Maçonnaria tem desvairado, ou por inexperiencia ou por impulso de paixões, que nem sempre aos homens é dado dominar; e que ás nossas fileiras muitas vezes, teremos de dirigir desassombrado o conselho, fraternal, a censura, indicando-lhes o caminho para que, pelo engrandecimento proprio, se engrandeça o nosso prestigio no mundo profano, e possamos em Portugal operar as maravilhas que os nossos irmãos realisáram na pensadora Allemanha, na sensata Inglaterra, na positiva America, onde a Instituição Maçonnica floresce, entre o respeito geral,

semeando com mão larga auxilios materiaes e moraes, de que os menos valiosos, embora o sejam muitos, são a esmola levada directamente aos desvalidos.

Velar pelo exercicio de todas as liberdades, e em especial pela da consciencia, educar os homens para que a saibam practicar sem abusos, nem desvairamentos, levantar o nivel moral da sociedade, auxiliar a diffusão da instrucção, combater os vicios e as más paixões, ensinar a amar ao trabalho, ou seja o producto do esforço do braço ou o do esforço de cerebro, ambos por egual nobres e levantados, cimentar o amor da familia e o da patria, e sobretudo fortalecer os animos para que não succumbam á tyrannia do fanatismo, para que se não deixem algemar pelo poder da reação, tal é a missão de luz, de progresso, de aspiração á perfectibilidade que a Maçonaria tem a cumprir, tal é a missão que

ella cumpre em toda a superficie da terra, sendo o exemplar e modelo das associações, onde as forças individuaes se centuplicam.

Muito ha feito já em Portugal a Maçonnaria. Se nos não é licito desvanecermo-nos demasiado das forças, tão pouco é justo que dissimulemos ou amesquinhemos os seus serviços. Frequentes são as conquistas, onde se póde ir apoctar a sua iniciativa ou a sua cooperação; notaveis os resultados que tem conseguido da sua propaganda.

Digamos ao mundo profano que, filiando-se nesta associação, não vem pôr-se ao serviço de um partido contra outros partidos, que não vem professar uma fé politica para combater á todo o transe a fé politica dos outros, que não vem curvar-se ao dogma de uma seita religiosa que persiga intransigentemente as crenças religiosas alheias, que não vem escravisar-se a preceitos em que a obe-

diencia cega lhe faça abdicar do livre alvedrio; mas que vem só practicar o bem pelo bem, num accordo commum e harmonico e abençoado, ficando-lhe toda a liberdade das suas convicções, das suas crenças, dos seus actos, da sua vontade, toda a liberdade plenamente respeitada ao lado da liberdade dos que pensarem, sentirem, crerem ou aspirarem de modo diverso.

Digamos aos velhos Maçons que a Maçonnaria Portugueza rompeu completamente com o seu passado de relativa esterilidade, e que, volvendo a alistar-se, na ordem onde os seus nomes se encontram inscriptos, não vêm já formar parte dos clubs revolucionarios, de associações tenebrosas de conspiradores, mas vêm fazer causa commum com os membros de uma sociedade que não receia de atirar á luz publica com os seus actos, com as suas aspirações e com as doutrinas.

Digamos aos Maçons em effectivos

trabalhos, que de dia a dia se torna mais severa e rigorosa a exigencia de serem exemplares, para serem auctorisados, de serem unidos, para serem fortes, e serem activos e laboriosos, para realisarem a sua missão.

Digamos a todos que todos somos eguaes, muito pequenos em face da grandeza sublime da creação, muito grandes pelo poder maravilhoso da natureza, pela força omnipotente da associação; que todos somos eguaes, porque somos egualmente livres, desde que despedaçamos as algemas do vicio ou do erro que nos agrilhoa e escravisa; que todos somos eguaes, que temos egual partilha no trabalho commum, destino e missão da humanidade.

E porque o nivel é o symbolo da egualdade, por isso o jornal que se estréa agora tomou esse titulo.

....

....

A voz da Maçonnaria será escutada, rasgar-se-ha o véo dos preconceitos, que a ignorancia adrede tem feito cair sobre a instituição, e poderá ella pelos seus actos e pelos seus principios ser justamente apreciada pelos que a não conhecem e, não a conhecendo, facilmente a desdenham.

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO XII

SUMMARIO:—A Maçonnaria e os deveres do Maçon.

(Do *Boletim Masonico*, de Montevidéo.)

CAPITULO XII

A Maçonnaria e os deveres do Maçon

A Maçonnaria ergue-se no mundo por seus feitos eminentemente moraes e grandiosos; porque não pertence a uma localidade e nem a uma provincia, assim como tão pouco não obedece a uma nação, nem se cinge a uma época.

A Maçonnaria é uma instituição mais elevada; seus fins são mais extensos; o espaço que abraça como a claridade do meio-dia, não tem limites; é universal, sua patria é todo o mundo, e gosa, póde dizer-se, do dom da ubiquidade, porque, como a graça de Deos se acha em toda a parte.

Não ha povo, provincia, estado ou continente, onde a Maçonnaria não tenha fundadas as suas raizes; não ha logar, por mais recondito, por olvidado que seja, onde não se sinta sua força salutar, onde sua luz bemfeitora não penetre, e onde seus piedosos principios não levem o consolo, a doçura e o amor, estendendo-se assim esplendidamente.

Seu dominio é suave, porque onde ha um acto digno a effectuar, alli mostra a Maçonnaria sua sublime moral; onde a caridade tem de cumprir sua nobre e elevada missão, alli fulge grandiosamente o esplendor de sua grandeza; onde ha uma desgraçada lagrima a enxugar, alli apparece com sua invisivel graça, alliviando com proveito, desenvolvendo abundantemente os mais puros, os mais sanctos de todos os sentimentos, quaes são os da caridade e amor aos seus semelhantes.

O Maçon, depois de banhado pela

luz divina e sancta, que illumina as abobadas dos nossos sagrados Templos, e encontrando-a ante a severa presença de nosso altar, promette solemnemente e jura guardar segredo sobre os mysterios da ordem, consagrando-se ao serviço e prosperidade da especie humana.

Reconhece que a humanidade é egual em todos os seus direitos, impondo-se deveres que não transpassam os limites que áquelles correspondem, e para conseguil-o apresentam-se-lhe os infinitos meios que lhe proporcionam a illustração, a modestia e a caridade—fontes inexgotaveis com que o grande Architecto do Universo o ha dotado para conduzir á perfeição os seus semelhantes.

O Maçon deve ser reservado, humilde com os demais e sempre disposto ás boas acções; ter o seu coração constantemente sensivel, para fazer o bem a quem o necessita; posto que seja um grande prazer para a consciencia a practica

do bem, não tem este prazer egual comparação quando prodigalisado no sagrado recinto do silencio.

Este é, sem duvida, o predicado mais recommendavel do Maçon; deve guardal-o com todo o esmero, como a pudica e virtuosa donzella guarda seus encantos, no altar de suas mais castas illusões.

O Maçon vae ás officinas para moderar-se e conter ás suas paixões, saindo, emfim, do obscuro mar da ignorancia, para pisar o formoso e florido campo dos conhecimentos uteis e solidos, a bem da humanidade.

Com o trabalho, a instrucção, o progresso das sciencias, chega o Maçon á mais bella perfeição moral.

Os Maçons são unidos por uma cadeia incorruptivel, cujos fortes élos só se quebram, quando um dos irmãos deixa de existir, tornando-se immediatamente a unir-se, e com mais força ainda que d'antes.

Estes élos não se quebram jamais; ligam de tal maneira as nossas almas e as aperta de tal modo, que de todos faz um só, asylando em seus cerebros a mesma idéa e em seus corações o mesmo sentimento.

Desde o momento que se é Maçon e se penetra nos nossos sagrados Templos, só se deparam objectos que deslumbram a vista, emblemas e allegorias que fazem pasmar: cada objecto e cada emblema é um mysterio que envolve cuidadosamente nossa instituição e que todo o Maçon os deve guardar em si, não os revelando ao mundo profano, pois são os attributos de todo o Maçon zeloso e estudioso.

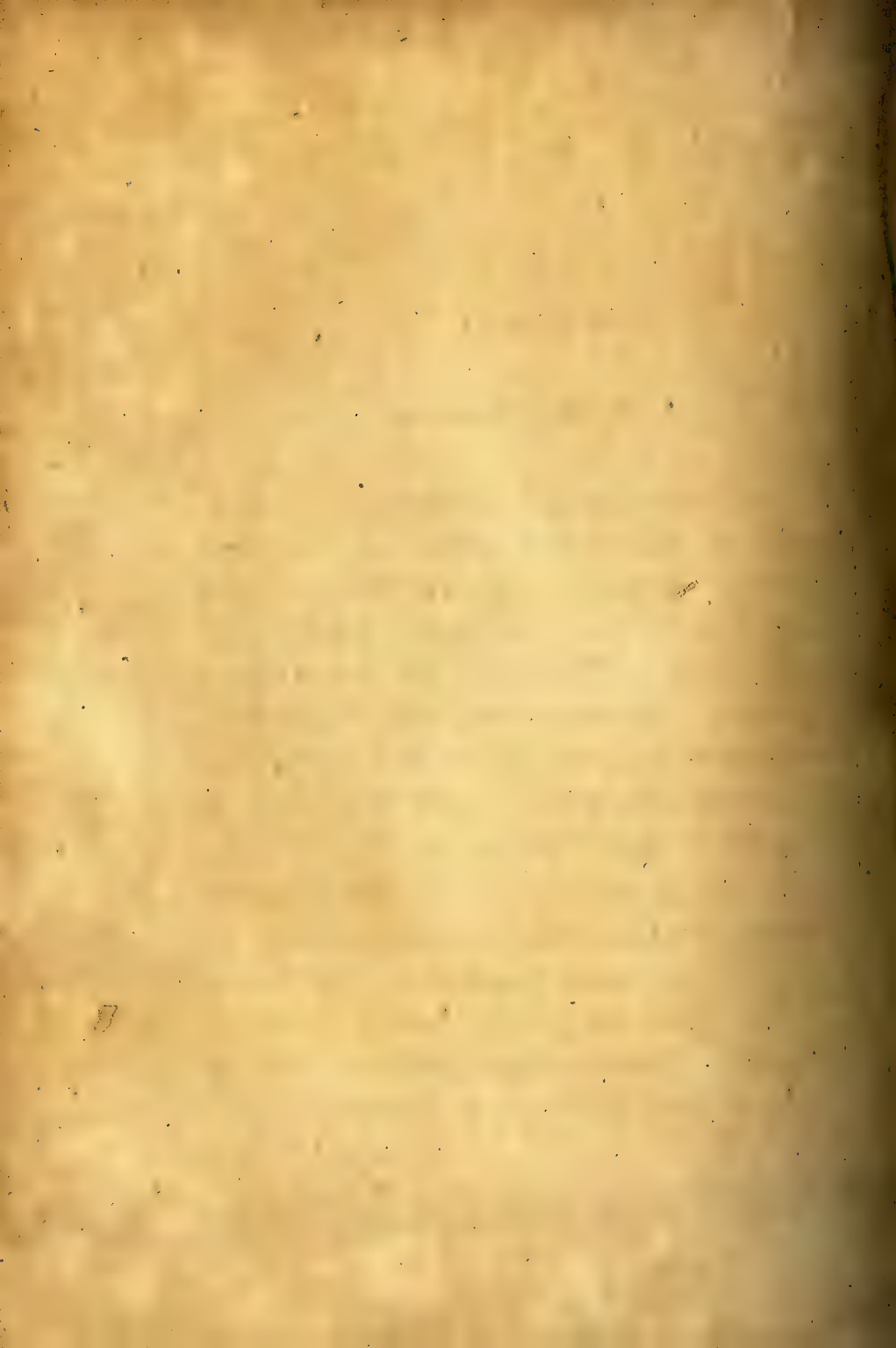
Dirigindo a sua vista ao elevado throno do nosso veneravel, verá um triangulo unico, resplandecente e rodeado de luzes; este signal é expressivo, é a origem de toda a grandeza do Todo Poderoso do Universo, é a natureza viva, a sabe-

doria completa, a vontade creadora, a força soberana e activa que tudo alenta; este brilhante symbolo é Deos, representado na claridade do emblema, porque sem a sua vontade nada existiria.

O sol não daria claridade, a terra não fecundaria, e os ares não dariam conforto, e finalmente essa obra collossal que chamamos — Universo — não marcharia com a ordem estabelecida, obra gigantesca, famosa e harmoniosamente bem dirigida, que só póde comprehender o Ser invisivel que os Maçons designam com o verdadeiro nome—Grande Architecto do Universo.

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO XIII

SUMMARIO: — A Maçonnaria — O Maçon — O bem e o mal.

CAPITULO XIII

A Maçonnaria

A Maçonnaria é um terreno neutral, onde se defrontam todas as opiniões, todas as crenças, todas as idéas sérias, e de bôa fé, para discussão pacifica, de cujo embate fraternal, resultem novas verdades a junctarem-se ás já descobertas, contribuindo assim para o incremento do espirito humano, e para recrescer o bem estar da humanidade.

Perdida seria a Maçonnaria quando se deixasse absorver exclusivamente por qualquer doutrina particular e distincta, ou por qualquer escola philosophica ou social; não mais seria o grande fóco que illumina e aquece, que depura, anima,

ensina e despe de todos os germens do bom, do bem e do bello que se achem na consciencia humana.

O Maçon

O *Maçon* é o homem que aspira á perfeição; é aquelle cujo guia é a sciencia e cujo codigo é a attracção universal — o amor.

Esclarecido pela sciencia, animado pelo amor, apreciando as cousas pelo seu justo valor, o verdadeiro Maçon não se deixa seduzir pelas apparencias, nem arrastar pelas paixões; quer justiça e ordem.

Indulgente a respeito de todos os homens, o Maçon sabe ser superior aos acontecimentos; a desgraça não o des-

anima, nem a prosperidade o exalta ou céga. Banindo o orgulho imprudente e a falsa modestia, passa a vida no trabalho.

Seja qual fôr a sua situação e as suas condições, sabe manter-se na sua posição com a consciencia de practicar o bem.

Os preceitos da constituição ensinam ao homem este caminho que tem de trilhar.

A divisa do Maçon é a liberdade e o amor do proximo.

Ligado pelos principios da fraternidade, guarda cauteloso o segredo do amigo, porque, trahindo-o, trahiria a sua propria consciencia.

Tomando por fundamento estes preceitos, o Maçon deve sempre trabalhar para o progresso do bem, para a instrucção do seu semelhante, e finalmente deve procurar associar todos os homens ao seu trabalho activo, para que se possa

por toda a parte derramar a luz da sciencia.

A Maçonnaria é a fé no futuro, é a acção e a felicidade. O Maçon marcha constantemente para o seu fim, empregando todas as forças para destruir os obstaculos que encontra. Esta obra não é certamente interminavel, mas para que se consiga, para que os seus effeitos sejam salutares, é necessario actividade e dedicação. E se succumbirmos antes do cumprimento desta elevada missão, colham os nossos filhos algum fructo da nossa perseverança. Sintam as gerações futuras o echo do nosso trabalho activo.

O Bem e o Mal

No decurso da vida, tão rapido, tão fugitivo e tão semeado de rudes e penosas provações, o bem encontra-se,

muitas vezes, ao lado do mal, e a somma dos infortunios enfraquece muito o brilho das alegrias que se experimentam. Deve, pois, convir-se que nesta mistura desigual de prazeres e de amarguras, que nos estão reservadas, o homem se bemdiz muitas vezes, dos rigores do seu destino.

A grande e irresistivel attracção da Maçonnaria, assegura á estabilidade de certos principios, por isso que no meio do movimento rapido, que frequentes vezes impelle o coração no sentido inverso da piedade e do amor dos nossos semelhantes, ha uma suave e ineffavel consolação no pensamento de que o mundo nos assegura uma conquista certa contra o egoismo.

Ha sempre refugio onde se podem retemperar as forças e a coragem para sustentar a grande lucta do dever contra o interesse pessoal—essa enfermidade da época que ataca e deprava os mais

nobres instinctos, que degrada e envilece os mais excellentes caracteres.

Duas cousas na Maçonnaria nos tocam viva e profundamente: a primeira é o espirito da justiça, que é uma das grandes leis da instituição; essa tendencia natural para julgar com o coração, as acções e as opiniões dos nossos irmãos, de maneira que se formem idéas e juizos indulgentes.

No mundo profano esquece-se frequentemente a maxima do divino mestre: *E sereis julgado como houverdes julgado os outros.*

A segunda cousa, que ainda mais admira e que estabelece a utilidade da Maçonnaria, é o compromisso solemne que contrahem os Maçons para a defeza e propagação de todas as verdades uteis e para formar a cadêa da união.

Se os homens que pactuam a Maçonnaria, observassem rigorosamente os seus preceitos, e cumprissem todos os

deveres que lhes são inherentes, o ensino sublime dos dogmas, não seria desattendido.

A dedicação é, em geral, uma das mais nobres inspirações da vida do homem. Quer se applique a principios, quer se exerça n'um interesse de coração, honra sempre e eleva áquelles que sentem emulação pela causa que abraçam.

A dedicação deve ser como as crenças religiosas.

Nas almas fracas, a desgraça abafa as convicções e encerra e avilta os sentimentos; — nas almas fortes, pelo contrario, os golpes da sorte exaltam a coragem e vivificam o pensamento.

O homem vota-se de ordinario com mais paixão, mais perseverança e mais energia ao que ama e ao que fórma a sua crença.

E' assim que se explica o martyrio dos primeiros christãos e a sua sublime

dedicação á causa de Christo, que foi então a causa da liberdade e da egualdade social, contra a selvageria degradante que n'aquella época de desgraça pezava sobre o genero humano.

A Maçonnaria é, pois, um refugio contra estes males.

Sendo a dedicação uma das partes essenciaes da instituição maçonnica, é necessario acreditar na virtude, na immortalidade da alma e nos decretos immutaveis da Providencia, que recompensam o bem que se faz, ou castigam o mal que se practica.

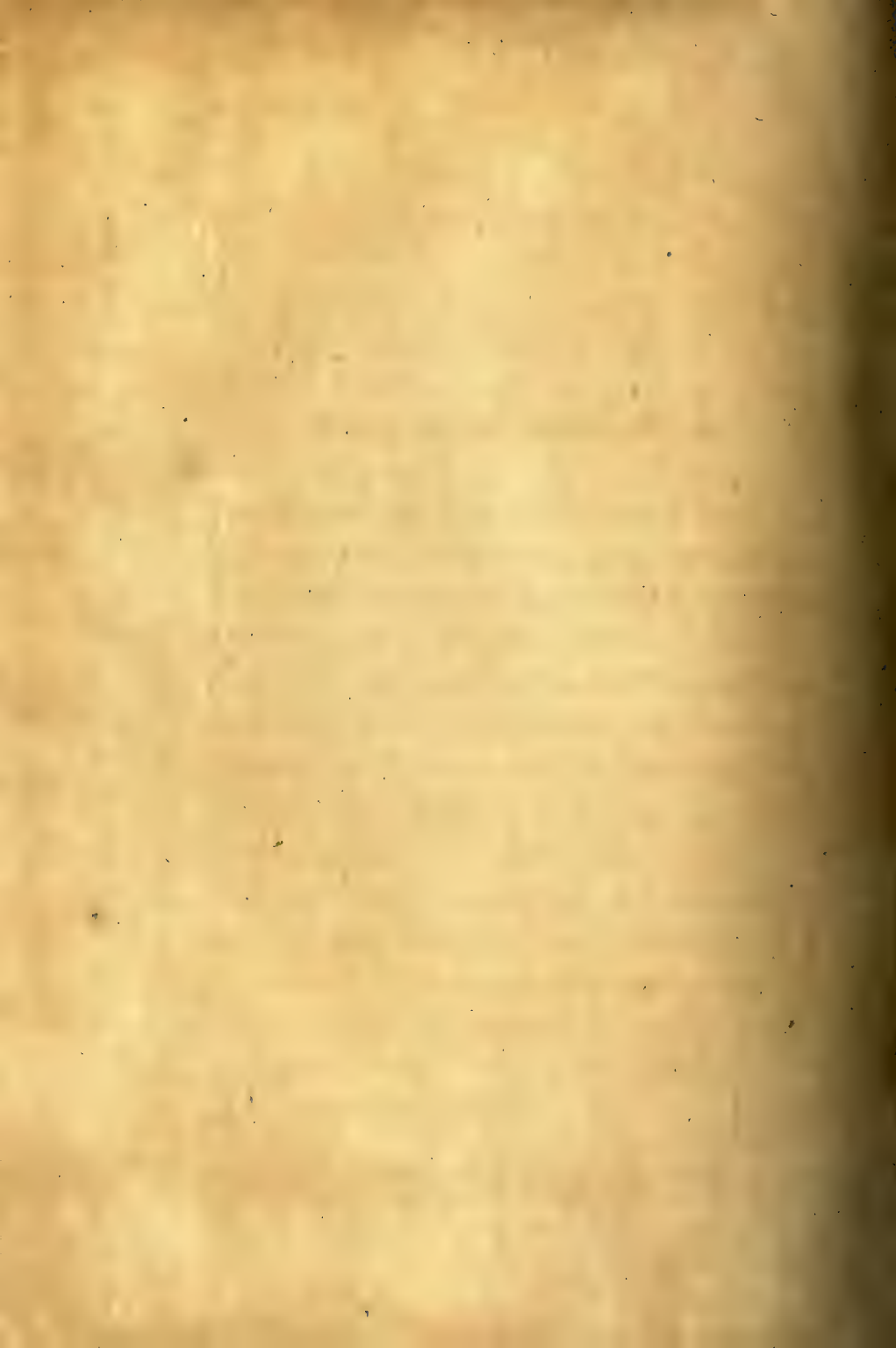
Offerecemos aqui estas idéas como assumpto digno de meditação.

O homem deve ser grave, serio e reflectido, para que se possa familiarisar com os grandes pensamentos, que são a base da instituição, cujos mysterios observamos.

Ha, portanto, necessidade de uma

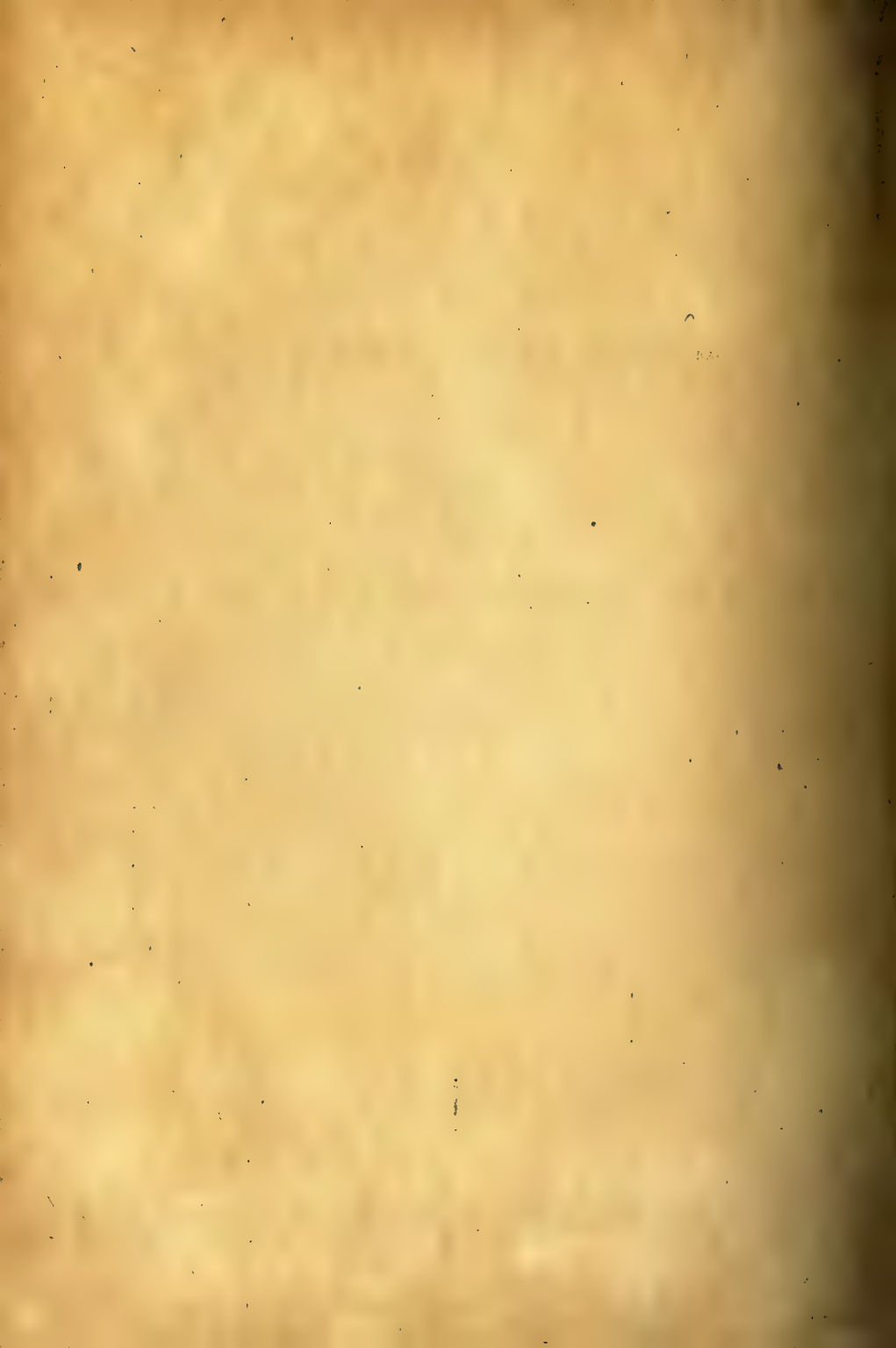
crença como origem fecunda dos mais generosos sentimentos.

O scepticismo é sempre a causa de immensos pezares.

Acreditemos, pois, na virtude, e em tudo quanto póde exaltar os corações, purificar os nossos sentimentos, e inspirar-nos a dedicação Maçonnica, tornando nos dignos dessa grande instituição, a que nos honramos de pertencer.

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO XIV

SUMMARIO:—A Maçonnaria em acção.

(*Victorino de Barros*).

CAPITULO XIV

A Maçonnaria em acção

Das associações de typo beneficente, destaca-se a Maçonnaria, não por introncar a origem nos tempos prehistoricos, conforme crença vulgar, mas por ser a melhor combinada instituição, e a de intuitos mais elevados, depois da adiantada civilisação de alguns—povos da antiguidade.

Quer tenha tido por berço os subterraneos de Memphis, quer haja sido seu primeiro lar o silencio das florestas druidicas dos mysterios de Eleusis, quer afinal date de épocas menos remotas, a das Cruzadas e dos Templarios, é certo que ella, nos conceitos e propositos de

sua indole, sempre aspirou congregar a humanidade em familia, ligada por interesses geraes, unida por vistas uniformes de maneira a estabelecer a monumental synthese contida em uma só palavra—confraternisação.

É o mais sublime dos pensamentos, a realisação do cosmopolitismo, averbado de utopia, porque o genero humano ainda não está tão aperfeiçoado que possa attingir os fins de semelhante emprehendimento.

Como preparo da consecução de plano de tanta magnitude, a emerita associação escolheu o universo por Templo e ao Ser Omnipotente conferiu o epitheto de Supremo Architecto, qualificação com que o magestoso auctor da Atlantida o designou, e serve aos ensinamentos de todas as religiões conhecidas.

Instituição assim fundada, abrangendo tantas aspirações humanitarias, não parece ter sido trabalhada nem na infancia,

nem na adolescencia do mundo ; é grande factor de progresso, centro amplo de luz, fecundo repositorio de subsidios meditados para ser feitura das edades primitivas; não, ella decorre de éras mais versadas nas exigencias da civilisação.

A Maçonnaria advinhou a caridade, foi encontral-a no propiciatorio, onde funccionava como se fosse simples idéa de bem fazer ; deu-lhe impulso e concorreu efficazmente no sentido de sobreleval-a a todas as virtudes pacificas.

Hoje esta sancta virtude, só cultivada por almas generosas e corações piedosos, é quasi o alvo unico da vasta communhão de irmãos.

Quem não exercer a caridade, senão em todas as suas manifestações, ao menos na maior parte, não faz jus perfeito ao titulo de Maçon.

É assim que a illustre instituição se tem propagado, e conta desde centenas de annos disvellado apoio entre os povos

mais cultos, cabendo-lhe a muito solemne distincção de obter chefes nas classes mais altas da sociedade. Reis, principes, generaes, personagens de nomeada universal, a tem dirigido e ainda a dirigem.

Não carece, portanto, do prestigio de mythos, de lendas e de mysterios impenetraveis para attestar antiguidade e fóros de nobreza.

As nações que a aceitam e a aproveitam dão pleno testemunho do quanto vale. Si se ativesse ao méro esplendor dos seus emblemas e symbolos, ao mysticismo de seu vocabulario, seria apenas um marmore de Paros, ou um aggregado de inscripções colhidas de marcos miliarios.

Maçon, iniciado nos meus tempos academicos, prefiro a Maçonnaria franca, abnegada, altruista tal qual deve ser e se recommenda pela essencia, á Maçonnaria envolta em permanente sigillo, tolhida pela falta de communicação egoista

ad instar dos sacerdotes de Osiris, que mantinham o povo no obscurantismo e monopolisavam a sciencia no designio tenebroso de perpetuarem a supremacia.

Destoam da Instituição Maçonnica as cerimonias severas, de que a rodeam os enthusiastas da fórma symbolica, exhuberante de ficções, engenhosas sem duvida, bem symetrisadas, poeticas e ás vezes deslumbrantes, mas oppostas ao espirito do seculo actual, avido de certas normas menos arbitrarias.

Não impugno todas as practicas da sublime ordem; não é este meu empenho. Voto pela conservação de muitas. Algumas, porém de reconhecida extravagancia, requerem suppressão. Convem eliminal-as por serem anachronismos dignos de figurar em galerias archeologicas.

Talvez esteja em erro.

A experiencia é grande mestra quando dispõe de criterio, fonte de perennes acertos.

Caiba por isso aos Maçons provectos, illustrados e militantes, a cuja proficiencia me curvo, decidirem se tenho razão no meu humilde reparo.

Emquanto não me convencer do contrario, vou continuando a crêr que a feição caracteristica da edade presente, diversa das feições mais salientes de outros seculos, não presta culto á inverosimilhanças.

Da lenda de Hiram, por exemplo, não deriva a linhagem Maçonnica.

Esse conto lugubre, tragedia tetrica, da catastrophe da qual nenhum provento resultou aos tres companheiros conjurados contra o Respeitavel Mestre, surgiu dos habitos em que povos do Oriente éstavam de cercar de mysterios as invenções e acontecimentos destinados á analyse da posteridade.

Assim é que outras muitas tradições, constantes de narrativas orientaes e do ro-

mance em principio da gestação, perduram intactas sem explicação plausivel.

Na propria Biblia, o livro dos livros, em que peze á de Jacolliot na India, o maravilhoso e o sobrenatural, receberam homenagem de seus celebres collaboradores.

Moysés, Salomão, e os videntes da Palestina foram homens de imaginação vivaz.

Melhor origem illustra a nossa Veneral Ordem. Não carece da versão do mestre immolado ás invejas dos companheiros, simples allegoria, e não facto historico; não precisa do rito de Misraim, das Cruzadas, dos cavalheiros do Templo, verdadeiras analogias e imitações, afim de ennobrecer-se. Quem a engendrou foi a necessidade do trabalho collectivo, methodico e esclarecido, adequado á dignidade humana que não prescinde da independencia, principal elemento de sua conservação.

Tudo, no regimen Maçonnico, me induz a crêr que a magestosa ordem teve origem operativa e da operosidade se alimentou por largos annos.

Designação de lojas e de officinas, os aventaes, as trolhas, os compassos, as esquadrias, os gráos de aprendiz, companheiro e mestre, exprimem provas concludentes do que asseguro, ensinando pela lição auctorisada de historiadores da nossa humanitaria instituição, tambem denominada Arte real, outra prova eloquente da procedencia, que fica assignalada.

Possa ella reorganisar-se, depurar-se de superfluidades, reconquistar a antiga esplendidez, e tornar effectivo o magnanimo escopo de sua fundação. Reerga-se e revigore. Phenix não fabulada, reanima-se no calor das cinzas. Ha de reviver pujante se vontades unidas e resolutas assim deliberarem.

De simples operativa nesta ampla facha do sul-americano passe-a ser osten-

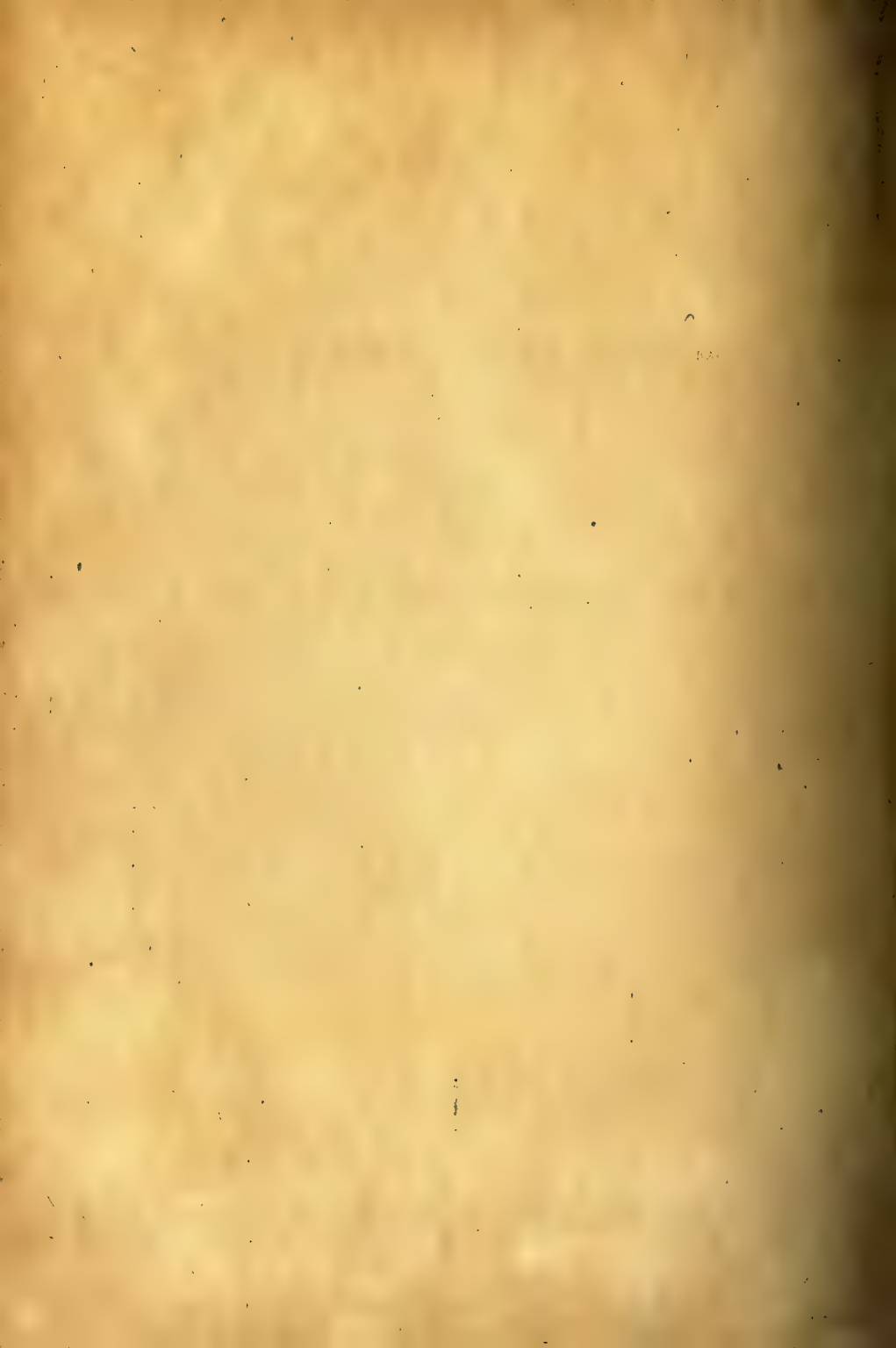
sivamente especulativa, como a estão constituindo as nações do velho continente europeu.

Campos de batalhas incruentas, onde erija tropheus, e conquiste preponderancia social, não lhe faltam.

Diffunda a instrucção, pasto succulento do espirito, antimural de vicios e de crimes.

Funde hospicios, nos quaes as orphãs de Maçons pobres aprendam a ser mães, e deparem seguro refugio contra as seducções de costumes soltos.

Previna o pauperismo, flagello dos parias da India, dos proletarios da China e que, tendo invadido a Europa, talvez intente visitar as nossas povoações, falhas de industria de qualquer matiz.

Nobilitada por tantos feitos, a Maçonnaria no Brasil será completa redempção.

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO XV

SUMMARIO :— A Maçonnaria Europêa.

CAPITULO XV

A Maçonnaria Européa

A ordem de Malta, instituida no XI seculo, e confirmada por Pascoal II, que tinha duas villas e 24 commendas, foi a primeira, que em Portugal teve *Cavalleiros*.

Em 1319 El-Rei D. Diniz, por occasião da extincção da Ordem Templaria, não só deixou de a perseguir, mas instituiu em seu logar a Ordem de *Christo* com as rendas dos Templarios, e nella acolheu amistosamente a maior parte de seus membros.

Os *Doze de Inglaterra*, que viveram pelo reinado de D. João I, em 1390, acerca dos quaes o inspirado cantor das glorias luzas escreve bello episodio, no

seu immortal poema, são dignos de recordação na Cavallaria Luzitana.

D'aqui se infere que Portugal, desde a mais alta antiguidade, teve distinctos *iniciados* e nobres cavalleiros.

A inquisição existia de facto em Portugal desde 1525, onde alguns portuguezes pereceram. A sua instituição definitiva, porém, data de 1536, pelo reinado de D. João III, e foi inquisidor geral D. Fr. Diogo da Silva Pedro Sávedra, natural de Cordova, tendo fingido uns *Breves* do Papa, ousou declarar-se seu nuncio em Portugal, onde estabeleceu a Inquisição.

D. João, receiando alguma cousa, teve a velleidade de se não oppor aos projectos de Sávedra, pedio ao Papa a estabilidade do tal tribunal, e deixou prender e queimar 200 portuguezes, com o pretexto de *herejes*.

Durante o reinado de D. João III, (1541) foram os Jesuitas admittidos em

Portugal, só sendo expulsos do reino, em 1759, pelo Marquez de Pombal (reinado de D. José I).

Com a dominação indebita dos Jesuitas e da curia romana, era difficil á Maçonnaria crear proselytos; mas, segundo auctoridade no assumpto, os inglezes conseguiram estabelecer uma Loja Maçonnica em Lisbôa, no anno de 1742.

Affirmam alguns que a Maçonnaria Portugueza sempre existiu, desde 1733 até 1797, havendo até se organizado a bordo da fragata *Phenix*, com assistencia de inglezes e portuguezes.

D'ahi se originou a loja *Regeneração*, que produziu outras, sendo a mais notavel a da *Fortaleza*, que tinha perto de 140 irmãos dos mais illustres da época.

Era a administração Maçonnica então constituida por seis membros, que formavam a «Commissão do Expediente»,

directora suprema de todas as Lojas Maçonnicas de Portugal, que visava enfrentar a miseranda instituição do Sancto Officio!

Desenvolveu-se a nossa ordem, mas os Jesuitas conseguiram levar a persuasão ao espirito de D. João V, convencendo-o de que os Maçons eram herejes e inimigos do estado, de que resultou a prisão e o exilio para muitos delles.

Diz a proposito um escriptor (L. F. Midosi) que se esse rei houvesse gasto em outras obras uteis metade das enormes sommas, que o clero arrebatou, o velho Portugal seria hoje um dos reinos mais florescentes de toda a Europa.

Restabeleceu-se a Maçonnaria Portugueza, em principios do seculo actual, e isso depois de haver declinado o triste prestigio da nefanda Inquisição.

Egas Moniz foi em 1800 Grão-Mestre do Grande Oriente.

Em 1802 foi preso o irmão Hyppo-

lito I. da Costa Furtado de Mendonça, que foi levado para o Sancto Officio, onde permaneceu 30 mezes.

Em 1807, fez-se a convenção Secreta de *Fontainebleau*, entre Napoleão e Carlos IV, para despojar do throno portuguez a casa de Bragança ; a familia real seguiu para o Brasil, e o exercito francez commandado por Junot, invadiu Portugal.

Para honra da Maçonnaria Portugueza, depois que Junot foi declarado governador de Portugal, quizeram entregar-lhe o malhete de grão mestre.

Mas nove irmãos se oppuzeram cathegoricamente, foi proclamada a independencia nacional, volvendo o sceptro luzitano para as mãos do soberano legitimo. Foram os francezes obrigados a deixar Portugal, perdendo muitas batalhas. Formou-se então uma regencia.

Voltou ainda o exercito francez a Portugal, em 1809, commandado por Soult. Batido pelo exercito anglo-luso,

retirou-se. Pela quinta-feira Sancta desse anno, foram os Maçons mais notaveis presos e remettidos para o Sancto Officio, a titulo de *herejes* e *jacobinos*. Deu-se ainda por essa occasião o seguinte facto. Alguns irmãos inglezes fizeram publicamente uma procissão em Lisboa, e os corpos da guarda renderam-lhe honras militares. O clero diante desse acontecimento, perseguiu a todos os Maçons.

Foi em 1810, Portugal de novo invadido pelos francezes, d'onde se retiraram perdendo muitas batalhas.

Foram ainda por essa occasião presos 30 dos mais illustres Maçons, mettidos na torre de Belém, e depois removidos para os Açores.

Amorteceu-se por algum tempo a Maçonnaria Portugueza, tendo D. João VI expedido o alvará de 30 Março de 1818, pelo qual prohibia todas as sociedades secretas.

Surge a revolução constituinte do Porto, em 1820, e a Maçonnaria de novo desenvolveu-se. Mas nova opposição da parte do cléro e dos inimigos das liberdades, fez crer que a Maçonnaria Portugueza occupava-se de politica, e foi de novo perseguida.

Soffreu ainda a Maçonnaria no reinado de D. Miguel até á convenção de Evora Monte em 1834, tendo por esse tempo emigrado milhares de portuguezes e com elles a Maçonnaria Portugueza.

Regressando os emigrados naquelle anno, revigorou-se a Maçonnaria Luzitana, installando-se muitas Lojas nas principaes cidades do reino.

Maçonnaria em França.— Antes do seculo XVII não havia em França senão Maçons exilados.

Em 1725, alguns inglezes, entre os quaes se contam os Lords Dervent-

Water e Hornwester, foram os primeiros que em Paris estabeleceram algumas lojas.

Tres gráos (aprendiz, companheiro e mestre), compunham toda a Maçonnaria, quando foi introduzida em França.

Em 1728, um escocez, o Dr. Ramsay, imaginando que a Maçonnaria tinha tido origem nos campos das Cruzadas, lhe accrescentou mais tres gráos de *Cavallaria*, com a denominação geral de *Escocismo*.

Esta innovação deu logar a diversos, e assim, a Escocia, a Allemanha e a Inglaterra, tiveram tambem seus gráos de escocismo. A França possuiu um rito de 25 gráos, sendo mais tarde elevado a 33.

Em 1786, o Grande Oriente de França, querendo simplificar os 33 gráos do escocismo, organisou quatro ordens que, junctas aos tres primeiros gráos, formam o *Rito Moderno Francez*.

Foi depois desta época que uma lucta vergonhosa se declarou entre os dous ritos, o que foi muito de lamentar-se!

A França foi o berço da Maçonnaria de *Adopção* ou das *Damas*.

Foi em 1774 que o Grande Oriente de França tomou de baixo do seu patronato algumas Lojas de Adopção, que d'antes existiam, com a condição expressa de que seus trabalhos seriam presididos por um Veneravel Maçon.

Depois desta época, a Maçonnaria de Adopção se espalhou rapidamente na Allemanha, na Italia, na Hollanda e na Russia, mas não em Inglaterra.

Em 1775 a duqueza de Bourbon foi eleita Grã-Mestra de todas as lojas francezas. Em 1777, ella mesmo presidio a Loja *Candeur*, que se distinguio sempre por muitos actos de philantropia.

Foi em 1779 que a Loja *Candeur* estabeleceu um premio em favor daquella

memoria que melhor desenvolvesse a seguinte questão:

— *Qual será a maneira mais economica, mais sã, e mais util á sociedade, para educar os engeitados, desde o nascimento até a edade de 7 annos?*

De 1805 a 1827 foi que o numero das Lojas de Adopção mais se augmentou em França. E todas as suas festas da Ordem se caracterisaram por abundantes esmolas, feitas em favor dos desgraçados, e dos gregos opprimidos.

Prisioneiros, libertos; familias indigentes, consoladas; bellas acções, recompensadas; festas augustas, e os principios Maçonnicos em triumpho, taes foram em França os admiraves resultados do concurso de ambos os sexos, debaixo do estandarte sagrado da Maçonnaria.

A Maçonnaria na Prussia.—A Loja «Os Tres Globos», em Berlim, composta

de artistas francezes, foi constituida em 23 de Setembro de 1740 e foi a primeira Loja que se creou n'aquelle paiz. Em 24 de Julho de 1744, elevou-a o principe Frederico á dignidade de Grande Loja Real, e, como se póde suppor, o principe foi então naturalmente eleito grão-mestre, desempenhando estas funcções até 1747, época em que deixou os trabalhos Maçonnicos.

Esta loja mãe deixou-se mais tarde invadir, primeiramente pelos altos gráos do rito de perfeição, e depois pelos da estricta observancia; em 1773 quiz formar uma Loja composta exclusivamente da nobreza, e para esse fim pediu ao rei auctorização, que lhe foi negada.

Parece que o rei nesta sua recusa mostrou comprehender melhor o fim da instituição do que aquelles que estavam encarregados de propagar as suas doutrinas.

Algumas cidades da Allemanha, como

por exemplo Hamburgo, tinham recebido a Maçonnaria directamente de Inglaterra, e as Lojas assim constituidas trabalhavam segundo o rito inglez; outros haviam recebido a Maçonnaria por intermedio da França.

Deste modo a instituição espalhou-se em pouco tempo de uma maneira extraordinaria, em toda a Allemanha.

As Lojas eram nessa época compostas em grande parte, de elementos saidos da aristocracia scientifica e nobilitaria, mostrando a maior inclinação pela lingua franceza; algumas Lojas chegaram a trabalhar n'aquella lingua, e os seus obreiros adoptavam nomes francezes.

Esta tendencia favoreceu nas Lojas Allemães, a introducção dos altos gráos, que os officiaes do exercito de Broglie haviam importado de França. E' de então que datam as principaes questões suscitadas na Maçonnaria, e que deram origem a graves desordens.

O estado desordenado dessa época só terminou depois da reunião do congresso de Wilhelmsbad. Em consequencia das discussões desta assembléa, ficaram destruidos todos os laços da hierarchia cavalheiresca, estabelecida pelos Jesuitas, abandonando todos os Maçons da Allemanha o estado caprichoso em que os havia envolvido o systema dos altos gráos.

O systema templario, introduzido pelos jesuitas n'aquella época de desordem, não encontrou em paiz algum uma extensão tão geral como na Allemanha ; quasi todas as Lojas o haviam adoptado, julgando realmente que tinha por fim estabelecer a ordem do Templo. As classes mais honrosas e mais elevadas da sociedade, assim como a maioria da nobreza, eram seus partidarios dedicados e zelosos, não obstante as duvidas que desde principio se suscitavam de diversos ponctos, contra a sinceridade das asserções dos seus chefes officiaes.

Na Ordem haviam sido iniciados vinte e tantos principes da Allemanha, os quaes se tornavam promotores mais ou menos zelosos daquelle systema, por isso que alguns d'elles dirigiam nos seus paizes a Ordem dos Templarios.

Depois de Frederico o Grande, todos os seus successores foram Maçons ou se declararam protectores da Maçonnaria.

Frederico Guilherme III, que havia sido iniciado na Ordem, confirmou, quando subio ao throno em 1768, as tres Grandes Lojas de Berlim.

No segundo Congresso de Vienna em 1833, em que a Austria e a Baviera pediram em termos tão positivos como terminantes, o exterminio da sociedade dos Maçons, aquelle rei declarou que aquella sociedade estava e estaria sempre no seu paiz sob a sua protecção; foi, pois, a sua poderosa defesa que obstou a que se desse seguimento á proposta das indicadas potencias.

Com o seu assentimento e segundo o seu desejo, é que o rei Guilherme I foi proclamado protector da Maçonnaria Prussiana ; este monarcha, comquanto não partilhasse da opinião favoravel de seu pai quanto á Maçonnaria, imitou-o consentindo, tanto por politica, como pelo respeito ao uso consagrado na familia real, que seu filho, o principe real Frederico Guilherme, fosse iniciado e o representasse juncto da Maçonnaria Prussiana.

Esta iniciação do principe real teve logar em 5 de Novembro de 1853. Como é sabido, o principe real da Prussia não professava sentimentos politicos eguaes aos de seu pai.

As tres Grandes Lojas prussianas têm a sua séde em Berlim, onde cada uma dellas tem fundado estabelecimentos philantropicos a favor dos Maçons e de suas familias.

A Maçonnaria Belga, desde a sua origem até 1796, gozava de uma certa independencia, embora estivesse collocada sob a influencia directa da Grande Loja de Inglaterra, quanto ao dogma e ao rito ; o seu ultimo Grão-Mestre, foi o illustre irmão Marquez de Gages.

Mas tudo isto desappareceu em presença das prescripções contidas nos editaes de José II, e, desde 1791 até 1799 não se encontra o menor vestigio da Maçonnaria na Belgica.

Restabeleceu-se, porém, em 1799 ; muitas lojas que haviam sido supprimidas tornaram a desenvolver-se, formando-se outras ; mas esse movimento então foi devido á influencia do Grande Oriente de França, ao qual esteve depois por muito tempo sujeita a Maçonnaris Belga.

Em 1814 occorreram novas mudanças ; os Maçons belgas empregaram inuteis esforços para obter a sua inde-

pendencia, e só conseguiram nessa época, uma parte della.

Arrastados pelos acontecimentos e unidos á Hollanda, alcançaram effectivamente uma Grande Loja em Bruxellas em 1817, ainda que sob o patronato do Grão-Mestre Hollandez, o principe Frederico dos Paizes Baixos.

Afinal, em 1830 conquistaram a sua independencia com a independencia de sua patria, nomeando logo depois um Grão-Mestre *ad-vitam* : foi o illustre irmão Barão de Stassart.

Decorreu o tempo, e circumstancias aconselharam o Grão-Mestre a pedir demissão do seu cargo. Foi este um acontecimento sem exemplo nos fastos da Maçonnaria.

Não entraremos aqui em minuciosidades sobre este facto; mas diremos simplesmente, que se deu uma prova deploravel e frizante da influencia particular nos destinos da Maçonnaria.

Não occultaremos tambem que os motivos invocados pelo Grão-Mestre para aquella sua resolução, foram exclusivamente— *politico profanos*, e este funesto exemplo, levado a tão alta posição, não só era contrario a todos os precedentes, mas seria perigoso para a existencia da instituição, se por ventura se podesse admittir como principio.

No entretanto o Grande Oriente aceitou a sua demissão, pura e simples, na sua sessão de 7 de Julho de 1841, ordenando que uma grande commissão formulasse um relatorio geral sobre o assumpto, e, que todas as Lojas da obediencia fossem a respeito delle consultadas.

Depois de longas discussões e de differentes propostas foi este relatorio submettido ao exame do Grande Oriente no primeiro dia do primeiro mez de 1842.

A Assembléa Maçonnica adiou por dous mezes a decisão que devia to-

mar-se, e no 1° de Maio seguinte, o Grande Oriente decretou afinal que a eleição do novo Grão-Mestre se realizasse no dia 11 de Julho.

Não se póde negar que houve então prudentes reservas; no entretanto, a independencia das Lojas e das votações era de tal maneira guerreada, que na vespera da eleição, se não podia ainda assegurar o seu resultado.

Apenas existia entre todos os irmãos o accordo tacito de que era necessario *um homem* e não um *nome*, quando por qualquer razão se não podessem reunir estas duas qualidades.

Uma das graves difficuldades que nesta situação sobreveio, era o meio da eleição. Assentado o principio do suffragio universal, tudo dependia então da escolha da pessoa.

Apontou-se, pois, um Maçon belga, saido das fileiras do povo, e que, uni-

camente, o seu merito tinha levado á suprema magistratura; era o irmão Eugenio Defocyz d'Alt, antigo membro do Congresso Belga, Conselheiro no Supremo Tribunal, Veneravel e fundador de uma Loja.

Foi este irmão indicado como uma especialidade, pela sua capacidade; como uma bussola e uma fortuna para a Maçonnaria Belga, eleito, portanto, Grão-Mestre Nacional; a Grande Loja como corporação, que se compunha de perto de cem membros, dirigiu-se á casa do Grão-Mestre, para lhe notificar a sua eleição.

A solemnidade da installação do novo Grão-Mestre verificou-se no dia 8 de Agosto de 1842, com a maior pompa e ordem, e extraordinario explendor.

Concorreram á esta festividade 320 irmãos; ás 3 horas todos se reuniram no edificio em que funccionava a *Loja Amis*

Philantropes, que havia sido destinada para a installação.

As differentes Lojas de Bruxellas dirigiram-se para aquelle local em corporação e formando cortejo; tinha se concordado que cada um dos irmãos levasse simplesmente na abotoadura da casaca um pequeno ramo de acacia, mas sem insignias ou decoração alguma.

Depois da installação do Grão-Mestre, que immediatamente nomeou para seu representante o illustre irmão Theodoro Verhacyen, membro da Camara dos Representantes e primeiro vigilante, o cortejo, composto de todos os irmãos poz-se em movimento na velha ordem, a tres e tres, para se dirigir á espaçosa sala do banquete (sala chamada do Grande Conselho), proximo da porta de Louvain, atravessando os Sabeons, rua da Regencia, Palacio Real e parque Nijamida; atraz seguia o Grão-Mestre da Ordem.

Todos os irmãos encontraram logar naquella festa.

As columnas estavam commandadas pelos quatro Veneraveis das quatro Lojas ao Oriente de Bruxellas.

A festa, pela narração que della temos, foi digna do fim a que se destinava; nunca deixou de reinar a mais perfeita ordem; alli o Grão-Mestre acabou de conquistar todas as sympathias, com os seus discursos, e com as suas profissões de fé, consagradas pelo juramento.

Durante a festa, os primeiros artistas do theatro Real tocaram escolhidas peças de musica; e muitos dos irmãos recitaram poesias Maçonnicas, allusivas áquelle acontecimento, que abria uma nova era á Maçonnaria Belga.

Resolveu-se que fosse cunhada uma medalha que perpetuasse a memoria daquelle successo.

Desde então tem progredido a Maçonnaria Belga.

A Maçonnaria na Austria. — Em todos os paizes onde o clero catholico e apostolico romano domina, tem a Maçonnaria encontrado grande difficuldade em estabelecer as suas bases. A Austria é uma prova desta affirmação.

Todas as lojas fundadas nos estados dependentes da Austria, têm tido curta duração; as perseguições da parte do clero e as prohibições dos soberanos, não permittiram que a instituição se desenvolvesse.

A imperatriz Maria Thereza, cujo marido, o imperador Francisco I, era Maçon, prohibiu a Maçonnaria em 1764 em todos os seus dominios.

E' só do governo de José II que se encontra a instituição n'aquelle paiz, mas curvada ao peso de onerosas perseguições e sob a vigilancia constante da policia.

O systema da estricta observancia, tambem chegou a estabelecer-se com

toda a sua hierarchia em Vienna; mas pouco depois, as graves discussões vieram aconselhar aos Maçons a necessidade de abandonar o campo em que trabalhavam.

No entretanto ainda em 1784 existiam em Vienna dez Lojas, que, avaliando-se pelo que está escripto em um jornal Maçonnico, que, secretamente, se publicou, alli, em 1784 até 1786, redigido por um Maçon intelligente da época, eram dignamente compostas e os seus trabalhos progrediam todos os dias.

Por occasião da morte de José II, o seu successor Francisco II, prohibiu novamente a Maçonnaria, e usou da maior severidade á respeito dos Maçons.

Aquelle imperador chegou mesmo a exigir em 1793, da dieta germanica, cujas funcções se exerciam em Ratisbona, que prohibisse egualmente a instituição em toda a Allemanha.

Os representantes da Prussia, Bruns-

wick e Hannover responderam que o imperador tinha o direito de prohibir a instituição nos seus estados, mas que não lhe assistiam os mesmos direitos para reclamar a sua abolição nos demais paizes.

A Maçonnaria penetrou na Bohemia em 1749, e em 1770 havia em Praga quatro Lojas em actividade de trabalhos. Estas Lojas eram compostas dos membros mais distinctos da magistratura. Em 1786 existia na Bohemia uma Grande Loja provincial. As resoluções tomadas por Francisco II, reduziram ao somno todas estas officinas.

Desde 1794 a Austria tem estado encerrada á luz da Maçonnaria.

A Maçonnaria na Inglaterra.—A Escocia e a Inglaterra são os paizes, na Europa, que nos fornecem mais tradi-

ções acerca da antiguidade da Maçonnaria. Os *Druidas* e os *Padres de Herta*, havendo tido, nos primeiros seculos do Christianismo communicações intimas com os povos da antiga Albion, poderam semear a Iniciação nas ilhas Britannicas.

Em 287, *Caurasius*, reconhecido imperador, animou as artes, e promoveu particularmente a Instituição Maçonnica: mas foi principalmente desde 880 até 900, durante os reinados de Alfredo, o Grande, de Eduardo, e de Athlestan, que a *Corporação dos Maçons Architectos* tomou regulares. O principe Edwin foi eleito Grande Mestre desta Corporação em 296; esta Ordem singular se dividia em reuniões parciaes, que se chamavam *Lojes*, e todas eram dependentes d'um corpo central, ou Grande Loje, especie de Dieta, que teve seu local em York.

O objecto desta associação era a *construcção em commum de edificios pu-*

blicos; e todas as antigas cathedraes do paiz lhe devem ser attribuidas.

Lawrie pretende que a Maçonnaria começou na Escocia no anno de 1150, e que ella se estabeleceu em Hilwinnieg, onde se fixou e teve origem o Rito Escocez.

Em 1151 o marquez Penbroke foi Grão-Mestre e debaixo deste patrono seus membros edificaram a abbadia de Hilwinnieg. Alguns auctores asseguram que em 1155 a Maçonnaria foi protegida pelo Grão Mestre dos Templarios, e que por estes fôra administrada em Inglaterra até á morte de Ricardo Coração de Leão. Sendo as *Confrarias* ou *Confraternidades* dos Maçons muito numerosas no seculo XIV, época da destruição apparente dos Templarios, estes cavalleiros se refugiaram nellas e se cobriram com seu véo para poderem practicar e ensinar seus mysterios e doutrinas, e assim o Rito primitivo da Grande Loja

de Escocia parece ter sido refundido pelos Templarios; e para apoiar esta idéa alguns auctores pretendem que *Bruce*, rei de Escocia, fosse o fundador desta Ordem Maçonnica em 1314, instituindo a Ordem de *St. André do Cardo*, em memoria dos Escocezes, que se immortalisáram na batalha de Bannockborn, onde com tres mil escocezes bateu cem mil inglezes. *Bruce* uniu á sua Ordem a de *Herodom*, conservando para si e seus herdeiros, o titulo de Grão Mestre da respeitavel *Loja* de *Herodom*, que foi presidida por differentes reis da Escocia, e que por ultimo foi transferida para Edimburgo. E' desta fusão que nasceram os Gráos Cavállei-rescos, em que hoje se professam doutrinas, que estão bem longe de serem as dos antigos Cruzados.

Estas Ordens não só foram conferidas pela Grande Loja de Escocia, mas ainda hoje o são pelos Commenda-

dores do Templo, que as espalharam na Europa e na America; tal é a origem da *Maçonnaria Escoceza Templaria.*

Na Inglaterra, depois do reinado de Henrique II, os Bispos e os Grandes Senhores foram os Grão Mestres da Maçonnaria. Henrique VI, em 1442, depois de ter sido instruido nos mysterios da confraternidade, se fez iniciar e se applicou ao estudo da *arte real da Maçonnaria*; seu exemplo foi seguido por todos os senhores da Côrte, e seu conselho approvou as cartas antigas e os privilegios dos Maçons.

Daubosson, em 1485, foi eleito Grão-Mestre da Maçonnaria, sendo ao mesmo tempo Grão-Mestre dos Cavalleiros de S. João Malta; nesta occasião os Cavalleiros de Malta rivalisaram em zelo para com a Ordem dos Maçons com os antigos cavalleiros do Templo, e é tambem verosimil que pela mesma occasião acabaram de todo os odios dos Templarios

contra os cavalleiros de Malta, o que occasionou tambem a introducção da cavallaria de Malta na Maçonnaria.

Henrique VII, em 1502, presidiu, como Grão-Mestre, uma grande Loja que se reuniu em seu palacio. O Cardeal de Wolsey foi eleito Grão-Mestre em 1509.

Os homens illustres da Inglaterra continuaram a ser os Grão-Mestres até 1561. Neste mesmo anno a rainha Elizabeth, d'um caracter desconfiado, pretendeu perseguir a Ordem Maçonnica; mas, melhor esclarecida acerca dos fins de taes reuniões, tornou-se finalmente sua protectora.

Em 1603 Jacques I se declarou protector da Ordem, e Igno Jones, architecto celebre, foi nomeado seu Grão-Mestre.

Nesta occasião a Maçonnaria ingleza recebeu um novo lustre; porque muitos *gentis homens* se fizeram admittir na

confraternidade, cujas reuniões tinham por fim conhecer os homens de merito em differentes condições, para os ligar entre si, propagar as sciencias; e reprimir o despotismo papal, e os horrores das guerras civis, que assolavam a Europa.

Em 1646 Elias Ashwole, celebre antiquario, se fez iniciar Maçon. Nesta mesma época muitos sabios inglezes, conhecendo a necessidade das experiencias physicas, escolheram uma circumstancia favoravel para formarem uma sociedade, que tivesse por fim a propagação das sciencias, a que chamaram *Sociedade de Rosa Cruz ;* e convieram entre si escrever mais claramente do que o tinham feito os da Allemanha.

O que ha de mais notavel acerca desta Ordem, é a exposição do Sabio Inglez : «Que, desde 1641, a corporação Maçonnica aggregou a si, como membros externos, as pessoas estranhas á arte de construir, das quaes ella esperava tirar

alguma utilidade ou realce, e a quem ella deu o titulo de *Free accepted Masons* (Maçons livres e acceitos) para os distinguir dos Maçons de practica.

Os membros desta nova sociedade faziam todos parte da confraternidade dos Maçons de Londres, cujos nomes mais celebres eram: Elias Ashwole, Guilherme Sully, Wharton, Switz, Dreston, Warren, os reverendos João Pearson, e João Hewit e outros

Ashwole rectificou as formulas da recepção dos Rosa-Cruzes que foram baseadas sobre os antigos mysterios egypcios e gregos, e que se têm conservado até hoje.

As formalidades duma iniciação Maçonnica, que teve logar em 2 de Março de 1682, foram descriptas por elle, o que prova quanto se enganam os que querem que esta instituição seja moderna.

As innovações introduzidas produ-

ziram a separação dos Maçons inglezes, e o schisma que foi até 1813.

Os sabios que compunham a sociedade estabelecida por Ashwole, adoptando a allegoria da *Casa de Salomão*, conservaram os signaes, os emblemas e as outras allegorias dos Maçons. Estabeleceram 7 gráos em memoria dos 7 dias da creação, o que deu logar ás 7 Ordens para chegar á *Gnose.*

Esta sociedade vio-se obrigada a guardar mysticamente suas descobertas, porque o mundo, em geral, illudido pelos padres, considerava a sciencia experimental como opposta ás religiões e aos governos.

Neste mesmo tempo, organisou-se outra nova associação que parecia se achar em opposição aos Rosa-Cruzes, e pretendia que as experiencias e o ensino das sciencias deviam ser publicos.

O eminente Bacon escreveu de modo que o podessem comprehender e, posto

que seus escriptos sejam de um estylo mystico, todavia são mais claros que os de *Rosen-Crux* e de Valentim Andréa.

Estas sociedades, formadas em Londres, tiveram a mesma origem. Trabalhavam nas sciencias experimentaes, uma principalmente util ao genero humano pela publicidade que dava ás suas pesquizas.

Em antiga publicação se encontra que Christovão Wren que em 1663 era vigilante da Confraternidade dos Maçons em Londres, tornando-se Grão-Mestre em 1698, tinha tirado da sociedade Templaria a idéa fundamental duma nova sociedade Maçonnica, de que elle foi julgado restaurador. Diz mais que os Maçons Templarios eram então em grande numero e que Wern não fez mais do que modificar suas instituições. A Inglaterra tambem tinha estado em uma grande fermentação pela tendencia

de Jacques para o despotismo e papismo.

Wren, desejando moderar e fazer desapparecer os odios religiosos e a vaidade das Ordens, procurou por uma reforma estabelecer uma concordata fraternal entre os altos personagens que compunham a sociedade Maçonnica, e queria por uma uniformidade de gráos e de honras reconciliar os homens e propagar os principios da *tolerancia*, da *benevolencia* e da *caridade.*

Ainda por esse tempo existiam na Inglaterra differentes Confraternidades Maçonnicas, seguindo diversos ritos.

Em 1703, porém, a admissão á iniciação se relaxou, e grande numero de cidadãos foi iniciado sem exame nem escolha. Julgou-se que por este meio a Maçonnaria adquiriria esplendor e força. Succedeu o contrario, entrando tudo num periodo pouco lisonjeiro.

Então as 4 Lojas que existiam em

Londres, sendo a mais notavel a *Loja Antiguidade*, e que tinham recebido suas contribuições da Grande Loja de York, se reuniram e deliberaram a restauração da Maçonnaria ingleza, tomando o nome de *Grande Loja de Inglaterra*, sendo Grão Mestre Antonio Sayer, o que no solsticio de S. João Baptista, em 1717, discutiu e approvou os Estatutos geraes; renunciou ao objectivo da antiga Confraternidade; modificou as suas ceremonias; estabeleceu o *Rito Moderno Inglez*, e adoptou o seguinte:

«O privilegio de associação como Maçonnaria, que até agora era illimitado, será restringido a certas Lojas convocadas em logares fixos, e cada Loja de hoje em diante será convocada, e legalmente auctorisada a trabalhos, por um Diploma do Grão-Mestre, por tal tempo concedido a certos Irmãos por petição e conseguintemente por approvação da Grande Loja em communicação; sem

este Diploma nenhuma Loja de futuro será reconhecida como regular e constitucional.»

E' depois d'este periodo que a Ordem Maçonnica floresceu na Inglaterra. E é depois delle tambem que a Maçonnaria Reformada estendeu seus braços paternaes pelas cinco partes do globo. De modo que, no curto espaço de 127 annos, a *Acacia* foi plantada em 79 estados do globo, debaixo do titulo explicito de Franc-Maçonnaria,

A Grande Loja de Inglaterra foi invadindo cada vez mais a Grande Loja de York, formando em seu districto estabelecimentos Maçonnicos.

Este procedimento affectou vivamente a Loja de York; excitou rivalidades e odios.

Os Maçons de York separaram-se inteiramente dos interesses dos de Inglaterra, accusando-os de innovações e de alterações das antigas cerimonias.

As Grandes Lojas de Escocia e de Irlanda, receiando eguaes desordens em seus Orientes, recusáram então toda a correspondencia com a Grande Loja do Rito Moderno Inglez, e se uniram aos Maçons antigos de York.

A par destas desordens por causa da supremacia Maçonnica, tinha cada um a pretenção de constituir Lojas e conferir Gráos cavalheirescos. Muitos innovadores de Ritos appareceram então na Inglaterra, dos quaes o mais distincto foi o cavalheiro escocez Ramsay, que, em 1728, creou sobre os tres gráos symbolicos as quatro Ordens:

— *1.ª — Escocez; 2.ª — Noviço; 3.ª — Cavalleiro do Templo; 4.ª — Real Arca.*

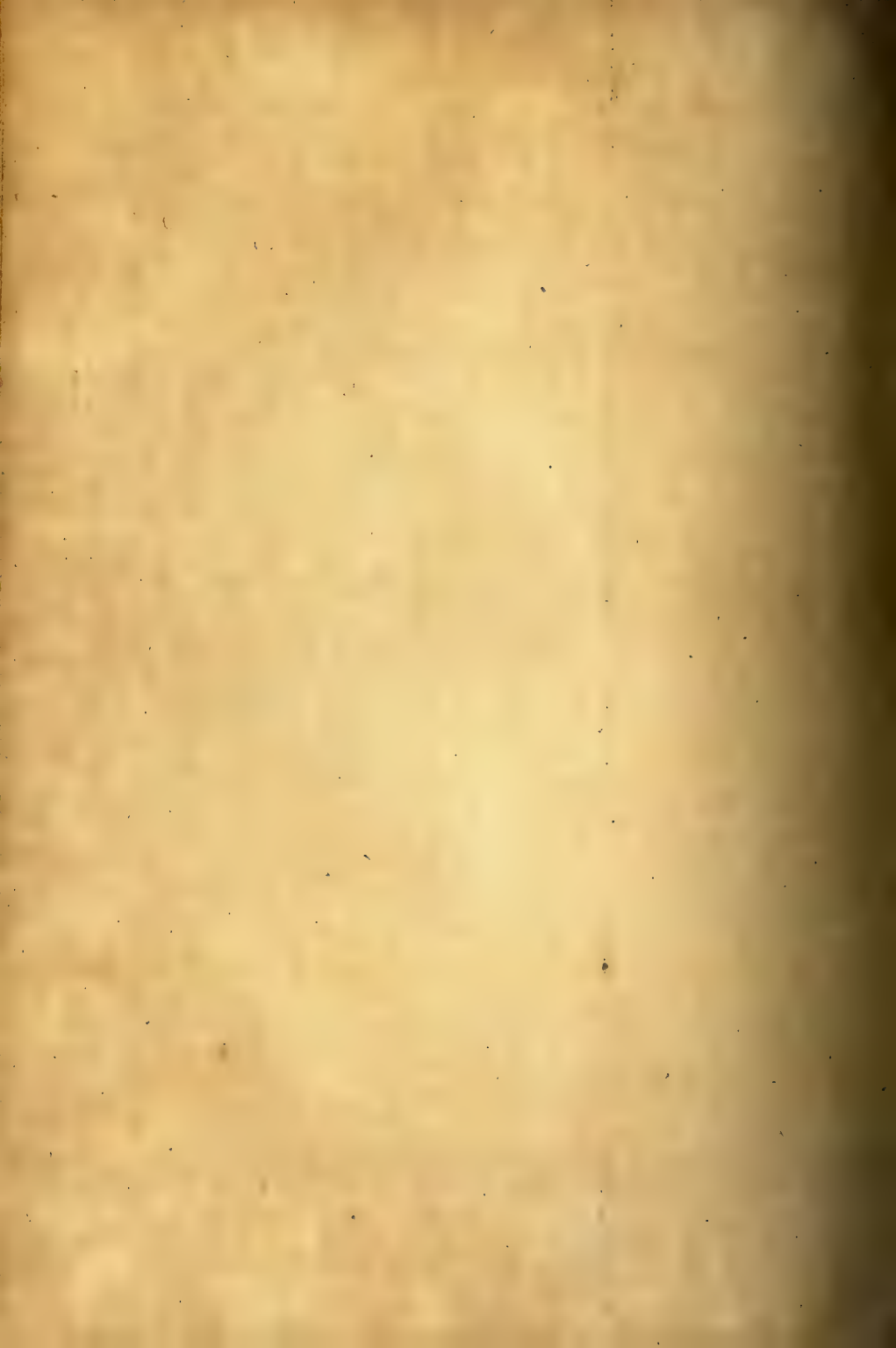
Em 1767, Bénédict Chartanier estabeleceu a sociedade secreta *Theosophica Christã*, que professou publicamente suas doutrinas.

O italiano Cagliostro constituiu o seu rito egypcio.

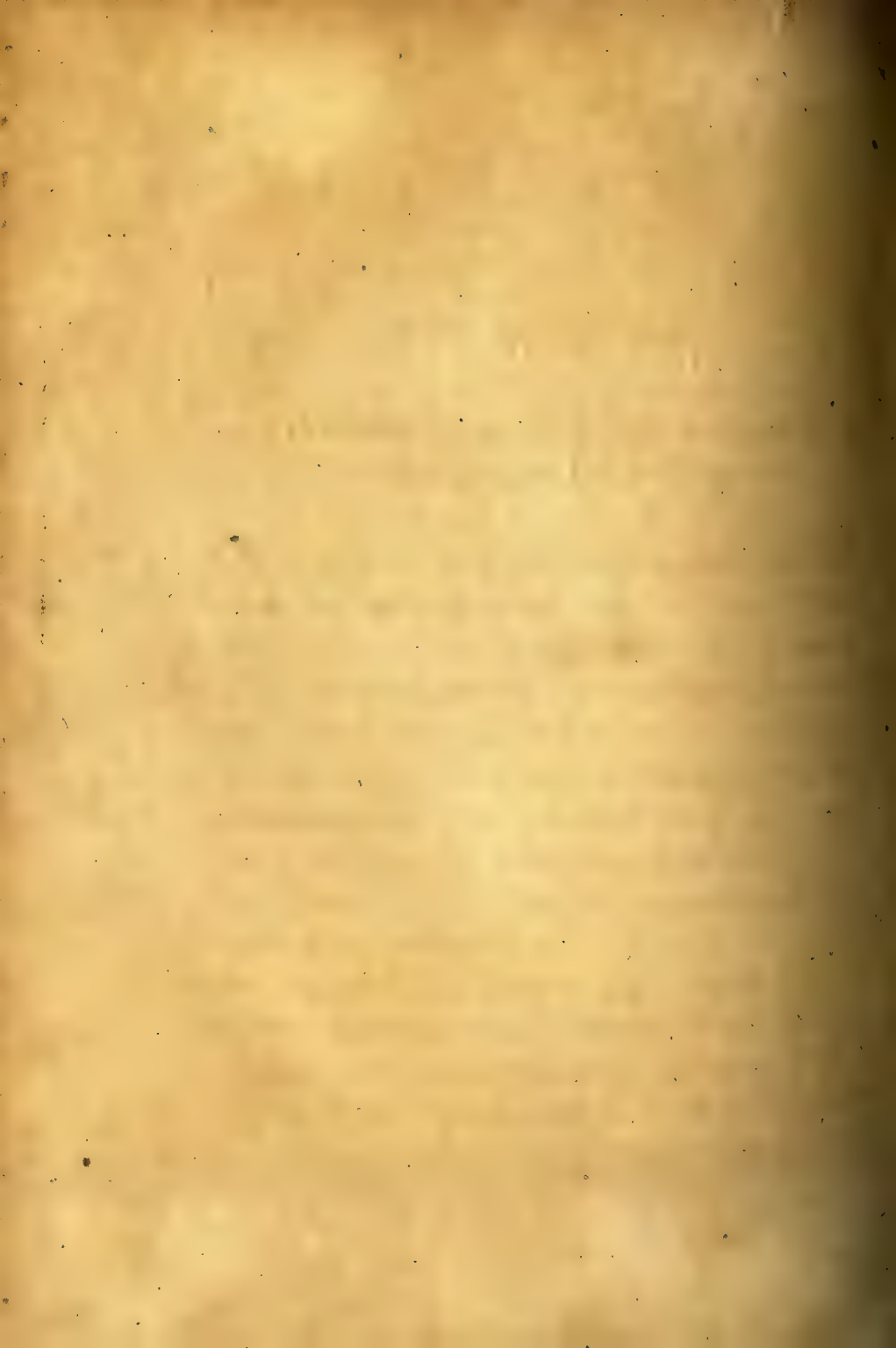
A Inglaterra não adoptou a reforma do Carbonarismo, nem o rito de Misrain.

Em 1813, quando o duque de Sussex foi eleito Grão-Mestre da Maçonnaria, os Maçons zelosos, desejando vêr cessar o schisma da Grande Loja de Inglaterra com a Grande Loja de York, obtiveram que os ritos em opposição elegessem representantes para terminar a questão.

Os irmãos representantes e delegados assignaram um áccordão pelo qual se convencionou que não devia existir sinão uma Grande Loja Nacional, para todos os ritos inglezes.

Foi então eleito, por unanimidade, o duque de Sussex, para Grão-Mestre da Maçonnaria do Imperio Britanico.

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO XVI

SUMMARIO : — A Maçonnaria ; o ultramontanismo, e a encyclica do Papa Leão XIII

CAPITULO XVI

A Maçonnaria; o ultramontanismo, e a encyclica do Papa Leão XIII

A Maçonnaria é para uns a instituição que occulta no mysterio a puerilidade de seu objecto, o ridiculo de suas cerimonias e a extravagancia de suas allegorias; uma instituição sem razão de ser, sem feitos notaveis que lhe dê resonancia, sem historia em uma palavra.

Para outros é uma conspiração constante contra a Egreja e o Estado: e não falta quem a supponha um centro de perversão, cujos membros permanecem unidos pelos vicios mais escandalosos.

E, emfim, pelo diccionario da lingua não passa de uma associação clandestina,

de uma associação de moralidade duvidosa, postoque, o adjectivo clandestino, se applica commummente a actos desta indole.

Jámais sociedade alguma, entre as muitas que têm existido e existem no mundo, tem sido julgada com mais ligeireza nem mais paixão; nenhuma mais ridicularisada pelos ignorantes nem acerca da qual se hajam formado juizos mais contradictorios; porém ninguem, afinal, tem saido nem mais illeso nem mais triumphante desse cumulo de supposições e invenções, com que se tem pretendido ridicularisar nossos sagrados mysterios.

Affirmar que a Maçonnaria não tem objectivo; suppor aos seus proselytos em lucta permanente com os governos ou com as religiões e qualificar as Lojas como centros de immoralidade, é o cumulo do contrasenso ou da mais refinada perversidade.

Se a Maçonnaria fosse uma instituição insignificante, sem objecto, não se conceberia sua existencia através das vicissitudes por que tem passado a humanidade.

E se fosse uma Associação de mero passatempo ou uma serie de vãs cerimonias, teria acaso podido, sem outras armas que a persuasão e o bom exemplo, organisar-se em Inglaterra, depois da decadencia por que atravessou no seculo XVI e XVII, e, em poucos annos, passar das Ilhas Britannicas ao Continente; estender-se da Suecia á Hespanha, da França á Russia, invadir Constantinopla, penetrar no Egypto, levar suas ramificações á India e ás costas da Africa do Sul, e atravessar seu espirito o Oceano, estendendo-se egualmente pelo novo e velho mundo?

Não, certamente, e esta é a prova mais perfeita da bondade da nossa instituição.

Affirmam ainda mais que a Maçonnaria é uma sociedade secreta que foge da luz e se occulta nas sombras do mysterio, para deduzir-se d'aqui que, nessas sombras e nesse mysterio, deve realisar-se alguma cousa como as immolações attribuidas aos mitriades. Vão empenho e mesquinho argumento para combater a Maçonnaria, que não é uma sociedade secreta, mas uma sociedade cujos mysterios constituem um segredo, e o segredo desses mysterios, força poderosa, seiva da vida, que mantem forte e vigoroso o robusto pendão Maçonnico, consiste em fazer o bem por amor do proprio bem, sem ostentação e sem aspirar á outra recompensa que a satisfação do dever cumprido.

Associação universal philosophica, reflexo sempre de nobres tendencias inspiradas na mais perfeita tolerancia pelas crenças individuaes, sua missão é altamente civilisada postoque tenha por

principio a lei do progresso; por divisa o sublime triduo de Liberdade, Egualdade e Fraternidade, e por objecto luctar contra a ignorancia debaixo de todas as suas fórmas; e se consultarmos a historia de todos os povos, perceberemos a estrella luminosa de nossa instituição, já prégando a unidade e a solidariedade humana; já buscando a concordia e a harmonia universal, e exercendo a caridade acima de todo o pensamento egoista.

Esta é a Maçonnaria; esta é a instituição tão injusta como torpemente escarnecida pelos partidarios do obscurantismo.

Estabelecer sua origem, é pouco menos que impossivel.

Nada de exacto póde assegurar-se, senão desde a época em que seus principios moralisadores chegaram a constituir um systema e instituições organisadas; e o excessivo enthusiasmo a favor de sua antiguidade, não tem razão de ser,

porque falar da Maçonnaria em abstracto, considerando seus principios em estado de organisação, ainda que esses principios existissem desde a creação do mundo, nada prova de que com elles co-existisse a Maçonnaria.

Assim, pois, prescindindo dos que suppõem sua origem nos mysterios religiosos da India, fundando-se em que nossos symbolos, cerimonias e allegorias são muito parecidas ás que usavam na antiguidade os sacerdotes daquelles paizes, sua filiação como instituição activa, teriamos que buscal-a na época remotissima do reinado de Salomão (anno 1012 antes de Jesus-Christo), admittindo-a como derivada da Associação de Hasádeanos, estabelecida com o fim de edificar o Templo dedicado por aquelle á Jehovah; ou melhor ainda e mais logicamente durante o reinado de Numa Pompilio (segundo rei de Roma, anno de 715 antes de Jesus Christo), em cuja época, divi-

dida toda a população em 31 corporações, a mais importante foi a de constructores, com organisação em tudo semelhante á que hoje tem a Maçonnaria, ainda quando, em verdade, nada de positivo possa affirmar-se com anterioridade á época de sua evolução e transformação de corporação technica em instituição puramente philosophica e moral (anno de 1717 da nossa era), ou quando mais no anno 1703, em que a Loja de S. Paulo, a mais antiga das quatro que existiam no Valle de Londres, declarou que « no futuro os privilegios da Maçonnaria não seriam patrimonio exclusivo dos Maçons constructores, e que quaesquer outras pessoas de profissões distinctas poderiam optar por elles, sempre que fossem regularmente iniciados e admittidos na confraternidade.»

Porém admittamos ou não a legenda e a tradicção que lhe attribuem tão antiga origem, ou nos reportemos a estudal-a desde a época de sua elevação e

transformação, certo, é fóra de duvida, que a Maçonnaria tem uma existencia perduravel, sejam quaes forem os transtornos sociaes que agitem a humanidade; pelo que a Maçonnaria não é a realisação de um plano determinado, mas uma instituição sempre em via de desenvolvimento e a unica apta para contribuir para o bem dos povos e para a união das raças.

E se, desgraçadamente através dos ideaes forjados pela imaginação de cada um de nós ao entrar na grande familia, se percebemos, como consequencia do estado de estacionamento porque atravessam as Lojas, esperanças frustradas ou desejos não realizados; e se no meio destas decepções surge como evocada por todas as vontades a idéa de reformas que façam de cada Loja um verdadeiro sanctuario de confraternidade que traduza em factos palpaveis as promessas que synthetisam os principios e tendencias consagradas pela Maçonnaria, a culpa attri-

buimol-a a nós mesmos, porém, nunca á nossa magna instituição.

A Maçonnaria é alguma cousa mais que o fundamento de sua existencia ou a legenda de sua origem; alguma cousa mais que a bondade escripta de suas doutrinas e a consciencia de sua duração; e as Lojas são para alguma cousa mais que para uma sonhadora espectativa ou a repetição constante de nossas cerimonias.

A missão da Ordem é mais elevada e o trabalho das Lojas de sentido mais practico.

Uma e outras têm mais vastos horizontes, scenario mais amplo, sulcos mais profundos e dilatados para preparar, para que nelles germine e fructique a semente da fraternidade até conseguir que o fructo bemfeitor se espalhe dentro e fóra das Lojas.

O livro, a imprensa e a tribuna como vehiculos de propaganda; a escola como

objectivo e base de seu engrandecimento; o exercicio da caridade como testemunho e exemplo de suas virtudes. E como garantia de estabilidade e poder, a communidade de idéas e associação de opiniões, emquanto fôr possivel, entre os irmãos, na sua qualidade de cidadãos de um estado livre, para que d'ahi resulte honra e gloria á Maçonnaria.

Eis ahi debuxados os contornos do plano ideal que encerra o caminho da Maçonnaria moderna e os esforços que cada Loja deve empregar para alcançar a preponderancia de nossa instituição, a mais nobre, a mais perfeita por seus principios, suas tendencias e sua organisação, de quantas ha creado o espirito generoso dos homens consagrados á dignificar a humanidade e corrigir os vicios sociaes.

E se a nossa apathia ou scepticismo nos faz permanecer em meio do caminho, a culpa é nossa e só nossa.

Certamente que nem á todas as Lojas lhes será dado chegar, por falta de recursos, á méta destas aspirações; porém se é certo que a Maçonnaria é uma, por seus principios fundamentaes, em todo o orbe, tambem o é que as circumstancias do logar e da época devem ser a norma a que cada Loja dentro daquella unidade, paute o seu procedimento, proseguindo a diffusão e aperfeiçoamento de suas doutrinas.

Cumpramos, pois, a missão que voluntariamente aceitamos; e, se para isso fôr preciso reformar, reformemos creando, não destruindo, cumprindo assim a sublime lei do progresso de que é fiel alliada a nossa instituição, afim de poder, quando se nos pergunte como no principio « o que é Maçonnaria ? » responder com factos que attestem nossa influencia e marquem nossos esforços em bem da humanidade, antes de appellar para definições theoricas, certos de que o edificio

symbolico que construimos, será a Associação poderosa ao redor da qual se agruparão todos os homens de boas intenções, e contra a qual nada poderão, nem a calumnia nem a ignorancia.

« *Perdoae-lhes, Senhor! que elles não sabem o que fazem.* » dizia Jesus, expirando no tosco lenho, referindo-se aos que o crucificavam; e, « *Perdoae-lhes, Senhor, que elles não sabem o que dizem,* » devemos repetir aos nossos detractores.

A razão e a sem razão, como egualmente a luz e as trevas, foram, são e serão sempre inimigas irreconciliaveis que se acham continuamente em lucta.

Quando, cada um de per si usa de armas e estrategias nobres — victorioso fica, muitas vezes, o vencido, por mais que a fortuna lhe tenha sido adversa; porém, quando se valem de armas igno-

beis, quando se põem em jogo estrategias illegaes; quando se roubam honras, se desprezam personalidades que, em sua esphera, valem tanto como as que mais valem; quando a falsidade por mais que desça das alturas, pretende continuar em assenhorear-se das consciencias honradas e cobrir com intenso véo o resplandescente fóco da Verdade; ninguem póde arrebatar-nos o direito de exclamar:

— *Perdoae-lhes, Senhor, que elles não sabem o que dizem!*

Sempre temos abraçado a idéa e a practicamos:—de respeitar, como é devido, a livre expansão do pensamento em todas as espheras sociaes, pretendendo assim o direito de fazer com que seja respeitado o nosso modo de ser.

Nunca nos atrevemos de assignalar com a infamante nota de *ladrão* ao que nos houvesse arrebatado moral ou materialmente nossa honra, e nossa riqueza.

Nunca nos temos valido da fraude nem de falsidades para attrair ao nosso campo os incautos que gemem nas trevas; como nunca erguemos o punhal do assassino, para ferir de morte aos nossos irmãos.

Os que hoje tanto fazem resoar a sua voz; os que já em seu periodo de agonia presentem a horrorosa morte que os aguarda depois de se haverem apossado do mundo durante tantos seculos, volvam a vista sobre o passado; registrem a historia e tenham consciencia de seu sêr; estudem bem o Evangelho e encontrarão tudo quanto nos é possivel aponctar-lhes.

Muito respeitamos a individualidade do Chefe da Egreja, em muita conta temos o seu esclarecido talento, si bem que passasse despercebido por occasião da publicação de sua *Encyclica*.

Assevera nella a inverdade; imprime dicterios contra a Maçonnaria, instituição que elle não conhece e nem conhecerá,

e copia embustes de mal forjadas illusões,—armas ignobeis e desleaes, temperadas unicamente pelos mesmos que tractam de tecer uma corôa de espinhos para collocal-a em sua nobre fronte.

Antes de entrar outra vez em terreno vedado; antes de tornar a lançar anathemas contra essa grande Associação que povôa o universo, em honra da doutrina christã, afaste de seu lado aquelles que offendem sua dignidade com taes absurdos, inventados unicamente para insultar e menosprezar o prestigio e o respeito que merece aquelle que ostenta sobre sua cabeça uma tiara.

Saiba o mui illustre varão Leão XIII que seus alliados o enganam; que a Maçonnaria não é o que em sua *Encyclica* lhe fizeram affirmar seus agentes.

Os Maçons não são nem nunca foram inimigos da Egreja, e nem a combatem; como tambem não são inimigos das differentes seitas que povoam o universo,

visto que todos os entes humanos são irmãos e, por isso, devemos respeitar-nos e amar-nos.

A Maçonnaria só é inimiga dos conculcadores do Evangelho e da Lei natural, assim como de todo aquelle que pretende fazer desapparecer a *luz* para enthronisar as *trêvas*. Ella cultivou a doutrina de Jesus, mas não essa que tem sido vulnerada pelos homens. Ella combate a *superstição* e o *fanatismo* para que prevaleça a auctoria da *Verdade*.

Esses são os Maçons; em fundas raizes se apoiam e sempre prevaleceram, porque luctam sómente pela *Razão* e pela *Justiça*.

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO XVII

SUMMARIO :—A Maçonnaria no Brasil.

CAPITULO XVII

A Maçonnaria no Brasil

Posto que no principio deste seculo já se tivessem junctado no Rio de Janeiro alguns Maçons em uma Loja, a que déram o nome de *Reunião*, todavia, como não trabalháram regularmente, não podemos datar o estabelecimento da Maçonnaria senão do anno de 1803, quando o Grande Oriente Luzitano, querendo propagar as verdadeiras doutrinas Maçonnicas, nomeou para esse fim tres Delegados com plenos poderes para crear Lojas regulares no Rio de Janeiro, filiadas ao Grande Oriente Lusitano. A nomeação recaiu nos tres distinctos Maçons—J. A. L.—F. X. de A.—F. A. de

M. P., todos residentes nesta cidade. Estes tres delegados creáram as Lojas *Constancia*, *Philantropia*, e ajunctando a Loja *Reunião*, chamáram a um centro commum todos os Maçons, regulares e irregulares, que existiam no Rio de Janeiro, e iniciáram outros até o Gráo de Mestre, unicos que estavam auctorisados a conferir. Estas Lojas chegáram a ter mais de cem membros, dos mais conspicuos e respeitaveis cidadãos que formáram a flôr desta cidade, os quaes trabalharam com a maior honra, intelligencia e zelo na Arte Real, sob a direcção dos Delegados que se correspondiam com o Grande Oriente Lusitano.

Entrando, porém, em 21 de Agosto de 1806, no vice-reinado o Conde dos Arcos, homem inteiramente adverso á Maçonnaria, e de caracter ferino, deliberáram em uma reunião geral de todo o povo Maçonnico, presidida por um dos Delegados, que cessassem os trabalhos Maçon-

nicos, até que se offerecesse ensejo de tomarem força e vigor, sem perigo e compromettimento de seus membros.

Os thesoureiros ficaram com os metaes, os architectos com as alfaias, os secretarios com os livros e archivo, e ninguem mais por isso procurou.

Assim dormiram os trabalhos Maçonnicos regulares, continuando todavia alguns irmãos a reunirem-se em segredo, mas sem chefe, sem centro e sem systema. Algumas Lojas appareceram e desappareceram logo; entre estas merece menção a Loja S. João de Bragança, em cujas columnas se assentaram muitas pessoas gradas, quasi todas da Côrte, e que prometteu alguma estabilidade: porém dissolveu-se, receiando-se do ministro de estado Th. A. Villa Nova.

Passada esta época, installou João Mendes Vianna, capitão do corpo de engenheiros, no anno de 1819, a *Loja Commercio e Artes*, a que se reuniram, sau-

dosos da fraternal amisade, muitos Maçons dispersos das Lojas adormecidas.

A *Loja Commercio e Artes*, que no seu crescido numero de membros, contava homens de saber e prestimo, e que frequentemente filiou os irmãos dispersos, que ainda prezavam as virtudes Maçonnicas, emprehendeu uma assembléa geral em 17 de Junho de 1822, e formou o Grande Oriente do Brasil, nomeando Grão Mestre, a José Bonifacio de Andrada e Silva. Na sessão seguinte, em 21 do mesmo mez, sorteáram os irmãos da *Loja Commercio e Artes*, para povoar mais dous quadros, e formáram as tres Lojas Metropolitanas, bases do Grande Oriente, *Commercio e Artes* n. 1—*União e Tranquillidade* n. 2—*Esperança* de Nictheroy n. 3—todas estas que no anno de 1847, completaram o seu 25 anniversario, acharam-se em pleno vigor e prosperidade.

Em 2 de Agosto de 1822 foi iniciado

na Loja *Commercio e Artes*, S. M. o Imperador D. Pedro I, então Principe Regente, e pouco tempo depois, em 4 de Outubro do mesmo anno, investido no cargo de Grão Mestre.

E' sabido que os Maçons prestaram grandes e bons serviços em prol da independencia, da acclamação do imperador, e da tranquillidade publica. Mas apenas consummado o grande acto da Liberdade, rompeu a intriga.... e em 25 de Outubro de 1822 fecharam-se as Lojas e interromperam-se os trabalhos do Grande Oriente, já reconhecido pelos Grandes Orientes de França, Inglaterra e Estados Unidos da America do Norte.

Uma nova Ordem, denominada o *Apostolado*, creada nesta época, com os principios dos Carbonarios da Italia, confundiram muitas pessoas com a Maçonnaria. Entretanto o *Apostolado* era puramente politico.

Pouco se trabalhou em Lojas, até o

anno de 1831, quando, decretado o Codigo Criminal, os Maçons aproveitando-se das disposições mais doces a respeito das sociedades secretas, se reuniram de novo.

Os membros do Grande Oriente abriram, transportados de jubilo, no dia 23 de Novembro, as portas do seu Templo, ha nove annos fechadas e reinstallaram as primeiras tres Lojas, cujos principaes operarios e muitos membros ainda existiam. Os primeiros officiaes do Grande Oriente junctaram-se, reelegeram o primeiro Grão Mestre José Bonifacio de Andrada e Silva, e publicaram um manifesto aos Maçons do Brasil e a todos os Orientes estrangeiros, annunciando-lhes a renovação dos seus interrompidos trabalhos. O Grande Oriente continuou a trabalhar com prosperidade, e organisou a sua constituição, que foi jurada em 24 de Outubro de 1832.

Illustre Brasileiro installou o rito escocez antigo e acceito, organisando a

Loja *Educação e Moral*, que em 18 de Março de 1832 se filiou ao Grande Oriente.

Durante a suspensão dos trabalhos do Grande Oriente, tinham-se junctado alguns Maçons, e installado um outro Grande Oriente, denominado da Rua de Santo Antonio, e, depois, do Passeio, cuidando que o antigo se extinguira.

Uma commissão convocada do primeiro Grande Oriente convidou fraternalmente os membros do moderno, a que se reunissem em um só circulo Maçonnico, para maior prosperidade da Ordem, e harmonia dos Irmãos brasileiros; porém este appello foi regeitado.

Surgio outra auctoridade Maçonnica, no anno de 1833, porém de tão ephemera duração, que della nem vestigios existem.

E' preciso confessar que os irmãos obedientes ás differentes auctoridades, sempre se conservaram unidos em bom

espirito, e com a tolerancia que distingue os verdadeiros Maçons, fraternisavam-se em suas visitas.

No anno de 1842, promulgou o Grande Oriente outra constituição, mais tolerante e constituio o Grande Capitulo Provincial na Bahia, creando a proveitosa companhia Gloria do Lavradio, com cujos fundos se construio o magestoso Templo, que hoje possue a Maçonnaria Brasileira.

Consta por documentos authenticos que no dia 5 de Julho de 1802, fôra creada ao Oriente da Bahia a Loja *Virtude e Razão*, do rito moderno, de cujo seio sairam outras officinas. Foram ellas a Loja *Virtude e Razão Restaurada*, installada com doze obreiros, que da primeira passáram a fundal-a em 30 de Março de 1807, e que em 10 de Agosto de 1808 tomou o titulo de Loja *Humanidade* e a Loja *União*, creada em 12 de Setembro de 1813 por 18 irmãos da mesma Loja Mãe *Virtude e Razão*. Com-

pleto assim o numero de tres officinas, decidiram os irmãos que as compunham, crear ali, como com effeito crearam, um Grande Oriente Brasileiro, cujos trabalhos activos bem como os das Lojas, cessaram em razão das commoções politicas, e, com especialidade, por causa da desastrosa revolução de Pernambuco em 1817.

Todavia os trabalhos da Loja *Humanidade* suspensos desde 4 de Junho de 1817, recomeçaram em 19 de Março de 1820, devendo-se ao zelo de todos os seus obreiros a conservação do archivo, por elles subtrahido aos furores dos inimigos da instituição.

Ao quadro desta officina pertencia o irmão Manoel Pedro de Freitas Guimarães, tenente-coronel, e depois brigadeiro, que, posto á frente do corpo de artilharia, fez écoar na Bahia o brado patriotico de liberdade, levantado no Porto, repetido em Lisboa, e propagado successivamente por toda a extensão do

reino de Portugal;—e os irmãos dr. José Lino Coutinho e Francisco Antonio Filgueiras, que por essa occasião passáram a fazer parte do governo provisorio daquella opulentissima provincia, hoje estado federado. Desde o dia 26 de Outubro de 1821 até 19 de Maio de 1834, estiveram outra vez os trabalhos interrompidos, em consequencia de se ter fechado o Grande Oriente do Brasil, que já estava reconhecido pelas potencias Maçonnicas estrangeiras, e era obedecido pelo maior numero das Lojas do Brasil.

Resuscitada a Maçonnaria em 1831, e tendo-se estabelecido no Rio de Janeiro tres novas potencias Maçonnicas, cada uma das quaes, como em toda a parte acontece, proclamava a sua legalidade, e a illegalidade das outras duas, a Respeitavel Loja *Humanidade*, querendo obrar com toda a prudencia, contemporisou quanto lhe pareceu conveniente até

que, julgando-se já habilitada para tomar uma decisão sisuda em negocio tão grave, resolveu filiar-se ao Grande Oriente do Brasil, o que fez no dia 4 de Fevereiro de 1836, com a maior solemnidade, filiando-se tambem, no dia 23 de Setembro de 1837, o capitulo de que já então gozava. Ao abrigo da mesma Loja *Humanidade*, se formaram as Lojas *Caridade Universal*, e *Triumpho da Razão*, depois capitulares, no Valle da Bahia e as Lojas *União do Centro*, ao Oriente do Urubú, e *Imperio da Razão*, ao Oriente da Cachoeira. Então pediu a Loja *Humanidade* ao Supremo Grande Oriente do Brasil auctorisação para se fundar uma officina superior central provincial.

O Grande Oriente deferiu-lhe, mandando constituir o *Grande Capitulo Provincial Bahiense, seu delegado*, que teria por base todas as officinas então existentes ahi, ou que para o futuro se creassem, de quaesquer ritos admittidos

pela constituição do mesmo Grande Oriente.

O Grande Capitulo Provincial, fundado no 1° de Junho de 1843, e inaugurado em 12 de Agosto seguinte, incluiu um conselho de cavalheiros Kads, Gráo 30, e gozava de outras mui eminentes attribuições, que o Grande Oriente lhe concedeu nos estatutos especiaes, e n'algumas resoluções posteriores.

Ainda ahi não parou o ardor com que a Loja *Humanidade* propagou a a Maçonnaria, porquanto do seu seio sairam 15 Maçons que junctos com o Veneravel da Loja *Triumpho da Razão*, formaram a Loja *Abrigo da Humanidade*, inaugurada em 3 de Junho de 1843.

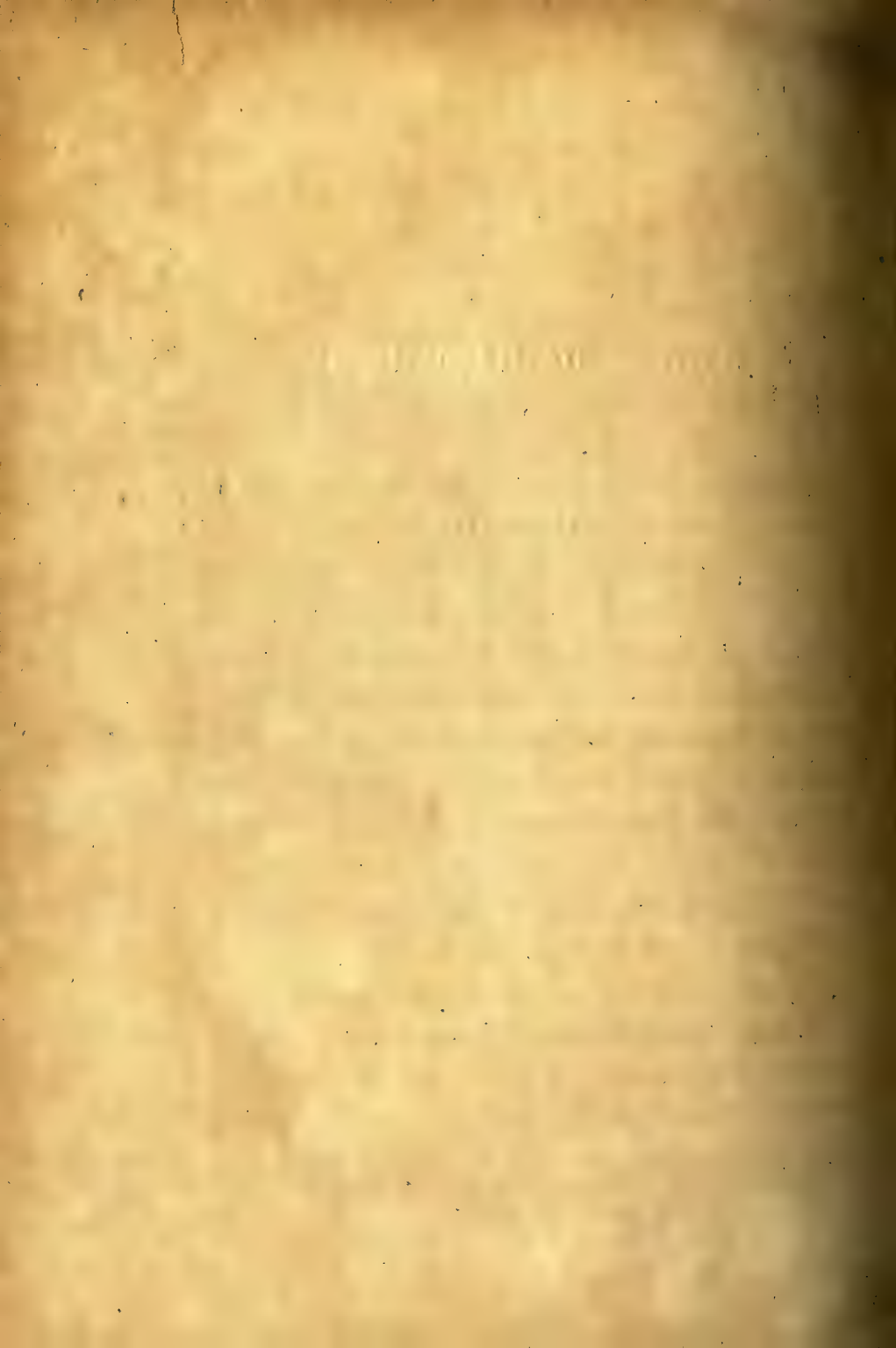
Hoje, a Maçonnaria Brasileira é, incontestavelmente, uma potencia na America do Sul, fonte perenne da caridade e da philantropia, e manancial opulento de ensinamentos proveitosos e uteis ao bem

estar geral tanto das individualidades como das collectividades.

Homens das mais elevadas posições sociaes, estadistas, senadores, deputados, jornalistas têm imprimido á essa grande associação o cunho da mais notavel prosperidade. Para isso basta recordar os nomes de José Bonifacio, Marquez de Abrantes, Visconde de Cayrú, Visconde do Rio Branco, Saldanha Marinho, Visconde Vieira da Silva, Marechal Deodoro, Drs. Macedo Soares e Henrique Valladares, para conhecer-se do alto prestigio que assumiu entre nós a benemerita instituição, que se acha espalhada pela superficie da terra, na conquista da união e da fraternidade—de todos os homens!

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO XVIII

SUMMARIO:—Discurso pronunciado pelo Grande Orador da Grande Loja da Allemanha, em Berlim, a 24 de Junho de 1845, por occasião da celebração da Festa de S. João.

CAPITULO XVIII

Discurso

PRONUNCIADO PELO GRANDE ORADOR DA GRANDE LOJA DA ALLEMANHA EM BERLIM, A 24 DE JUNHO DE 1845, POR OCCASIÃO DA CELEBRAÇÃO DA FESTA DE S. JOÃO.

«Parece ser, meus caros irmãos, condição essencial na celebração de uma festa, lembrar antes de tudo o acontecimento que a origina, ou elogiar o homem para cuja memoria ella se estabeleceu.

Quanto mais este acontecimento se manifesta nos annaes da historia, e mais util tem sido ao mundo contemporaneo, e á posteridade, tanto mais eminente e sublime deve ser a posição do homem, cujo nome se estampa no jubilo desta

festa, tantas mais honrosas considerações se ligam a ella, e tanto mais materia offerece aos olhos do observador sabio e desprevenido, que não pára na superficie das cousas, e procura comprehender em um quadro facil todas as suas externas e internas harmonias. E' o que acontece, meus caros irmãos, na celebração da festa deste dia.

Ella nos traz immediatamente á memoria o nascimento d'aquelle que, como a estrella rutilante, no horisonte da Palestina, se ergue, para alumiar o mundo, annunciar um dia de jubilo, e ser o heróe que no meio da noute exclama: *Erguei-vos, meu povo, o dia do Senhor é comvosco!*

Os seus raios reflectem ainda sobre o mundo para illuminar aquelles que descansam nas trevas, e nas negras sombras da morte; assim tambem se nos apresenta esse botão ainda não aberto, que guarda em si as mais bellas flôres

e fructos, quando consideramos na Providencia o poncto extremo da obra de Deos, em cujo poder eterno e inabalavel se animam as forças adormecidas do homem, cuja fonte pura devia aplacar a insaciavel sêde da verdade de Deos, a qual se esforça por elevar-se acima dos homens.

O maior dos desejos desta verdade, que peito humano tem nutrido, a mais evidente consciencia de Deos, que regosija os esperançosos olhos de um mortal com o piedoso facto da invencivel verdade, dimana de *João*, que ha 2.000 annos vio a luz do dia.

Não nos deteremos nas sanctas e admiraveis tradições que precederam ao seu nascimento, e, nas que o seguiram immediatamente; são mysterios de uma época innocente e pia, que exigem circumspecção para serem descortinados; não indagaremos tambem de que modo e sob que felizes circumstancias se ma-

nifestou o seu espirito luminoso, que preservou que a luz vacillante se apagasse, reunindo um novo brilho ao clarão debil da luz; não interpretemos o silencio que a este respeito guarda a historia, nem saiamos da esphera limitada, a que se ligam os delicados fios que facilmente podem arrebentar, e que a mão mais habil não é capaz de os emendar. O *deserto creado por João* não era outra cousa senão aquella paciente abnegação do mundo, a qual todo o espirito transcendente cria, e que nas distracções da vida tumultuosa nunca póde prosperar.

Saido da classe dos grandes prophetas, dos quaes devia ser o ultimo ramo, guiado por um pae piedoso, e cheio de adorações por Jehovah, passou João a sua mocidade, alimentando-se das sanctas escripturas dos Prophetas de seu povo, e absorvido nas suas parabolas com as quaes foi consolado por seculos

e seculos um povo afflicto, que suspirava pela promessa de feliz sorte, despresava a seita ésontica que dá mais penas ao corpo do que luz e verdade, ao espirito; tal era João, tal qual devia ser em seu tempo o Propheta da Verdade no deserto.

A severidade de sua vida nasceu de uma fonte pura, da consciencia de que a maior gloria da vida consiste no reconhecimento da Divindade, que elle tinha reconhecido antes que seus mestres o predissessem, como a agua da vida, que deve apagar toda a sêde de sabedoria.

Posto que tivesse entrado na sevéra escola da abnegação, tornou-se nella mestre, superior a seus mestres, que apenas eram dignos de se chamarem seus discipulos.

Não nos deteremos, emfim, com a sua ultima sorte, nem cingiremos agora a sua fronte com a corôa ensanguen-

tada dos martyres, na qual brilhou desde o momento em que foi decepado por uma ordem impia. Quadro tal nos encheria de dôr, e transformaria a festa de seu natalicio em horas de profundo lucto.

Consideremol-o, antes, como aquelle a quem nossos paes, fundadores da nossa Ordem, escolheram para o seu Padroeiro, e que nos apresentam como nórma sobre a qual devemos fundar nossa gloria.

Renunciação do vão e transitorio, sobre o qual nada intransitorio se póde fundar; *profunda e sincera humildade no reconhecimento da Divindade,* que o juizo humano só póde comprehender espiritualmente, e nesta comprehensão desperta não só pasmo e admiração, mas ainda esperança, alegria e confiança; *intrepidez no combate com as trévas,* que nunca dominam a luz, porém que sempre acham jazigo em seus raios, *generosa manifes-*

tação da *Verdade*, que leva o balsamo e a benção ao bem da humanidade, e ergue as columnas da Sabedoria, da Belleza e da Força no logar, em que devem supportar o monumento de um templo sancto e invisivel; taes são os caracteristicos nos quaes apparece a imagem do grande João e que nós devemos considerar.

Seguimol-o, pois, ao deserto, onde, como Propheta da penitencia, se apresenta nestas sublimes virtudes, diante dos contemporaneos; examinemos ahi as suas palavras, palavras de sevéra gravidade, e perguntemos depois o que dellas nos pertence. Todos e cada um, o que elle acclama de seu tempo por verdade, porque nelle reconhecemos nosso mestre.

Uma cousa ainda nos falta, e essa vamos encaral-a mais de perto. No deserto, onde cessa todo o ruido do mundo, com a sua voz, ahi se apresenta elle ao

orgulho do seu tempo, a vã pretenção e á inutil soberba.

Elle tinha os descendentes de Abrão diante de si, nascidos como elle da mesma carne, porem, não do mesmo espirito, que se vangloriavam da sua herança, só da herança de seu nome e não das suas virtudes; que só tinham estas palavras na bocca: — Nós somos filhos de Abrão; — mas que como filhos do mundo zombáram do sagrado que se lhes teria conservado, se não tivessem perdido a imagem das nobres virtudes e temor de Deos, estampada na physionomia de sua tribu, e não a tivessem transformado em idolo da hypocrisia. A estes exclamou:

« *Fazei perfeita penitencia!* Porque eu vos digo: *Deos póde dar filhos a Abrão desta pedra!* » A imagem é significativa, a sua relação não está longe sim esta palavra era a voz prophetica que se realisava. A natureza bruta e

e dura desta pedra devia se abrandar e adquirir a força da vida, e fazer bater seu pulso; as fórmas monstruosas perdem o bruto exterior, e uma nova e nobre imagem toma o logar da apparente, que desagrada aos olhos.

A materia muito tempo desprezada e inutil, polida e trabalhada pelo decurso do tempo, devia produzir um novo templo, que seria guardado e conservado para os filhos de Deos.

Como não hão de ser significativas para nós, meus caros Irmãos, as palavras mysteriosas dos remotos tempos, e como podemos passar por estas imagens, sem nos deter algum tempo na sua contemplação? Humilharam-se os soberbos, e a pedra bruta de João no deserto é adoptada em nosso templo como symbolo sagrado. Ella foi-nos confiada por João para trabalhal-a, e João é nosso mestre.

Abrio a sua officina sagrada, e nós

somos os architectos no Templo espiritual.

Clara como a luz do dia se apresenta a intenção de nossos paes na escolha do mais respeitado dos symbolos, o qual não perderemos de vista desde o momento em que como filhos entramos neste logar sancto.

Mas que fórma daremos a esta pedra bruta? Responderemos:

A fórma da pedra fundamental que os architectos desprezaram e que se torna pedra angular. Transforme nosso coração esta pedra, seja a virtude a sua fórma, que facil nos será o nosso trabalho; sejam os vossos instrumentos bons e bem afiados, que depressa o acabaremos.

Porém não, meus caros irmãos, não é assim, sejamos sinceros, não nos illudamos, não nos elevemos acima das nossas forças. O nosso trabalho sempre progredirá, se como operarios deste

sancto Templo não cessarmos de trabalhar emquanto não o completarmos. A imagem da virtude que se pinta não só na sua superficie, e penetra interiormente, não é pintura passageira; exige trabalho e esforços, cuidado e exercicio constante.

A pintura e esculptura dos antigos e modernos tempos, ainda não poderam apresentar a imagem da virtude em suas côres, nem o cinzel represental-a em relevo.

Milhares de obras primas têm saido das officinas dos mais afamados mestres, mas para a mãe do bello e do sublime ainda nenhum creou um prototypo. Nesta formidavel arvore amadurecem milhares de fructos, todos semelhantes, todos de uma mesma natureza; mas nenhum de entre nós seria perspicaz bastante para designar aquelle no qual se exhaurem todas as forças do seu tronco.

Por isso, meus caros Irmãos, só se

póde completar esta obra, quando todas as pedras talhadas se junctarem ao nosso Templo, e se tornar a habitação perpetua do Grande Architecto do Universo. E quando o nosso mestre nos disser:

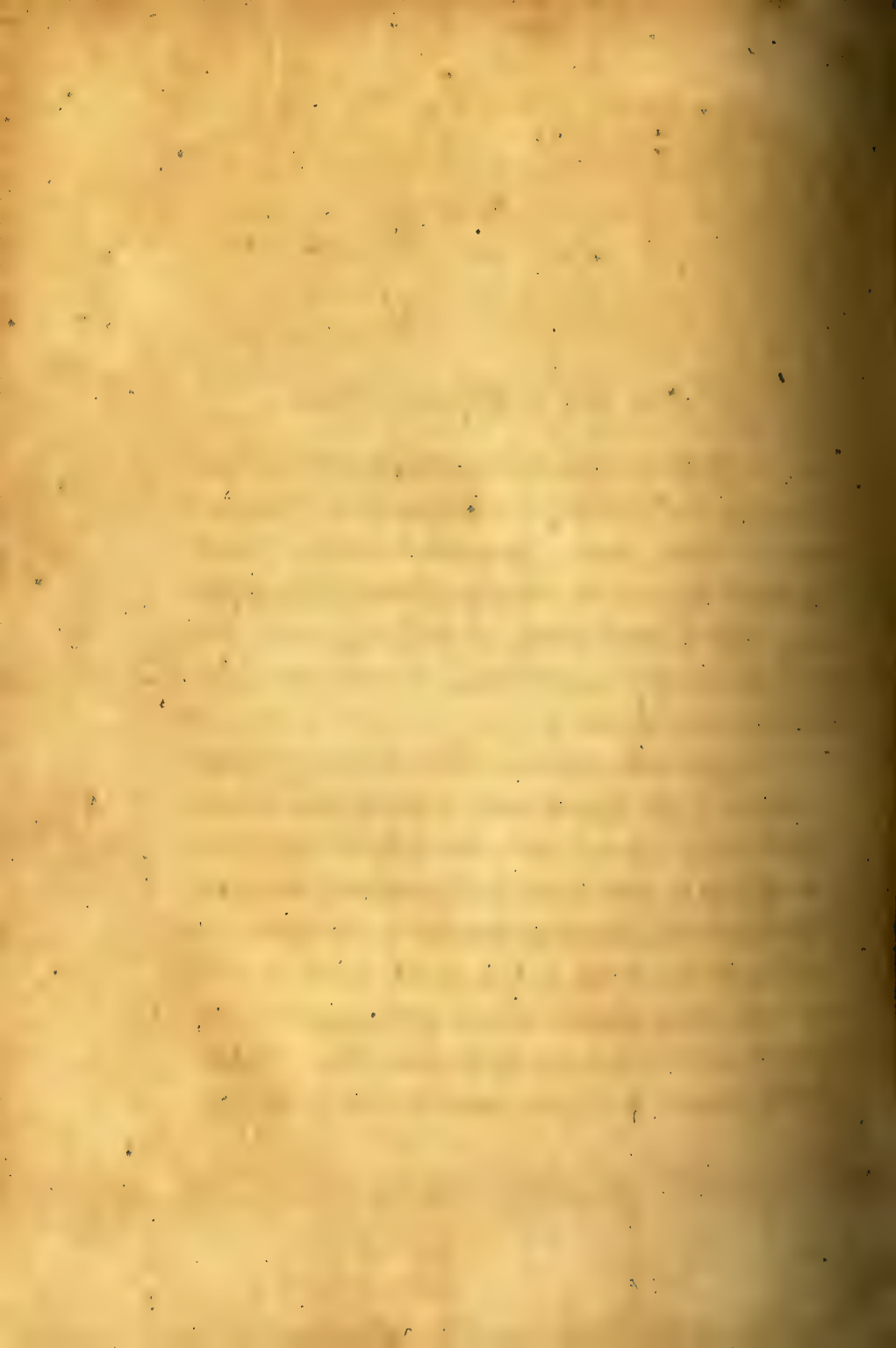
« *Eu sou a videira; vós outros as varas;* e como fóra desta unidade não ha união, assim só de vossos mutuos esforços poderemos colher saborosos fructos, e a imagem da virtude apparecerá entre nós no seu completo esplendor, quando diligentes trabalharmos a pedra, até lhe darmos a sua verdadeira fórma, e despertar-lhe uma vida immortal.

O amor é a força de todas as forças, o creador, o pae do Universo, e se elle desprender sua força das alturas do céo, nesta pedra, completaremos a nossa obra.

Assim seja ».

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO XIX

SUMMARIO : — O que faz a Maçonnaria.

CAPITULO XIX

O que faz a Maçonnaria

A Egreja tem tido sempre nos labios palavras de condemnação para a Maçonnaria e não tem poupado meios para inspirar horror e aborrecimento, quando não, odios immensos, a tudo quanto faz tão augusta instituição, e quanto com ella se relaciona.

A palavra Maçon assusta ás pessoas devotas, cujo fanatismo e escassas luzes fazem que acreditem nas mais ridiculas patranhas e grosseiras calumnias que, com fins verdadeiramente torpes e egoistas, os inimigos de toda a luz e de toda emancipação têm espalhado e propagado, julgando, sem duvida, que por tão reprovados meios poderiam annullar a influencia

e impulso que a Maçonnaria, inspirando-se nos sentimentos mais nobres e generosos, e em altos deveres de humanidade e justiça, tem dado ao progresso.

Com excessiva abundancia têm sido publicados numerosos folhetos, livros e infames libellos, em que, sem razões que o justifiquem, sem provas de especie alguma, sem factos que se possam acreditar, se apresenta a nossa Instituição como corruptora do vicio, inimiga do repouso das nações e outras bellezas do mesmo estylo.

Mas, a Maçonnaria, fiel a seus principios, compenetrada de sua alta missão, intimamente convencida da justiça da obra que vae realizando de seculo em seculo, tem desprezado, em todas as occasiões, os immundos reptis que, com a baba peçonhenta da calumnia, têm intentado manchar sua honrada historia; e, aos insultos contesta com o desprezo, ás calumnias com actos que os desvanecem,

ao fanatismo com a razão, á ignorancia com a sciencia, ao vicio com a virtude; isto é o que mais desespera aos seus detractores.

Inimiga de ostentosas exhibições, permanece occulta ás vistas do mundo; porém, quando perigam os interesses da humanidade, quando o flagello da guerra ameaça aos povos, quando periga a causa da liberdade, quando uma epidemia leva o luto e a consternação ás cidades, então a Maçonnaria põe em actividade seus poderosos meios de acção, deixando sentir por toda a parte o seu influxo benefico e, desapparecendo como por encanto quando tem conseguido conjurar o perigo.

Agora, por occasião das manifestações operarias tornou-se saliente.

A Maçonnaria de Barcellona declarou-se em sessão permanente quando aquella formosa cidade estava ameaçada de graves perigos; chamou aos Templos

Maçonnicos os principaes chefes dos partidos socialista e anarchista; exhortou, supplicou, teve de exigir-lhes o cumprimento de anteriores promessas, e Barcelona, talvez toda a Hespanha, escapou de um dia de luto. Graças aos esforços da Maçonnaria muitos que a estas horas seriam orphãos, têm pae; muitas mulheres que a estas horas vestiriam as roupas da viuvez, têm esposo; mães que chorariam inconsolaveis a perda de seus filhos, podem receber-lhes os afagos, as caricias e os consolos destes. Tal é a obra da Maçonnaria.

O que têm feito seus detractores, seus mais encarniçados inimigos, aquelles que a todo o momento propagam ridiculas falsidades com fins ruins e bastardos?

Fugir e esconder-se, dar provas de um egoismo superlativo, alliado ás doutrinas que dizem professar.

E como podem intervir para acalmar

as paixões e os animos aquelles que em suas predicas não fazem outra cousa que fomentar odios e rancores?

Em nome de quem póde a Egreja dirigir-se aos desherdados? Acaso o operario de hoje não é o escravo de hontem, á cuja emancipação punha ella traves insuperaveis? Acaso a Egreja de hoje não é aquella Egreja que prohibio falar-se de liberdade e de direitos?

Tem mudado?

Sobremaneira logico nos parece isto.

As differenças de raça e de crença têm sido sempre exploradas por todas as religiões positivas. Todas e cada uma tem posto particular empenho em manter vivas as rivalidades nascidas no calor das disputas religiosas, para manter aos homens affectados de cegueira intellectual, procurando desfigurar aos olhos dos credulos os principios inamoviveis da moral.

Só a Maçonnaria tem sabido con-

servar em toda a sua pureza estes principios mutilados em todas as religiões.

Assim, emquanto os catholicos têm sido educados no odio aos Judeus, estes no odio aos Christãos e assim uns e outros, a Maçonnaria tem coberto com o seu manto protector aos homens de boa vontade, quaesquer que tenham sido suas crenças religiosas, sua nacionalidade e sua origem.

Para a Maçonnaria, é cousa muito distincta de crenças, a moral, independente dos dogmas; julga os homens, não pelo que crêm mas pelo que fazem, não por suas palavras, mas pelas suas obras. Que cada um adore o seu Deus a seu modo, que cada um acredite no que possa acreditar sem imposição; que um não prejudique ao outro, que o amor seja a lei dos mortaes, que não hajam guerras, que as dores da humanidade e suas lagrimas e seus soffrimentos desappareçam. Sabio: o ignorante é teu irmão,

tem direito de participar da tua sciencia, ensina-lhe; ditoso: o desgraçado é teu irmão, tem direito á tua protecção e a teus conselhos, ajuda-o a sair da desgraça, rico: o pobre tem direito á vida, reparte com elle teu pão.

Esta é a Maçonnaria, taes são em resumo seus ensinamentos.

Porque se a calumnía? porque se a odeia? porque tem tantos inimigos?

Porque ha muitos que vivem á custa das inimizades dos homens e a Maçonnaria tende a aniquillar essas inimizades; porque ha muitos a quem produz pingues ganancias a ignorancia dos outros, e a Maçonnaria é luz e sciencia; porque ha muitos que trabalham para perpetuar a desgraça e a infelicidade entre os homens, e a Maçonnaria se occupa da felicidade do genero humano.

Que isto é assim, basta para proval-o a conducta seguida pelos Maçons Bar-

celonenses em momentos verdadeiramente perigosos e difficeis.

Honra á Maçonnaria Barcelonense!

Atraz os infames calumniadores da Augusta Instituição Maçonnica!

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO XX

SUMMARIO :— A Maçonnaria é instituição social.

CAPITULO XX

A Maçonnaria é instituição social

Não escrevemos para nossos irmãos, porque elles pertencem á nossa communhão; e, penetrados intimamente do objecto primordial, ou, melhor, exclusivo, da Franco Maçonnaria, estão convencidos da transcendencia desse objecto, assim como, da grandeza de seus fins e da moralidade de seus principios.

Tão pouco nos dirigimos aos nossos eternos detractores, seja qual fôr o caracter que os distingua, porque estamos muito longe de promover uma polemica desnecessaria, posto que, para convencer-nos que marchamos pelo caminho do erro, é necessario grande somma de razão e um conhecimento perfeito do re-

sultado de nossos trabalhos. Não é execrando-nos com phrazes que tocam ao ridiculo, indignas daquelles que têm senso commum; não é lançando anathemas, ridiculos pela sua inefficacia, que póde-se convencer-nos que estamos em erro nas apreciações que fazemos sobre a doutrina Maçonnica, e a moral que ella preceitúa.

Portanto, prescindimos de tudo isso, limitamo-nos a escrever para aquelles que, dirigidos por um juizo recto, possam falar sobre nós e sobre a Sociedade Maçonnica de um modo conforme com a justiça.

O poncto de luta, o poncto de maior discussão é a heregia que, falsamente, se attribue á instituição Maçonnica, chegando-se até a classifical-a de seita religiosa. Esta supposição, tão infundada, não póde ser tomada senão como uma necedade, como uma estulticia, pois presume-se grande ignorancia em qualificar

de heretica a uma sociedade que não sustenta, nem com pertinacia nem sem ella, erro algum contra as verdades e mandamentos de nenhuma religião. Tão pouco póde ser classificada no numero das seitas, posto que, abrigando em seu seio individuos de diversas crenças, mal poderia practicar uma doutrina especial, de caracter religioso, pois deste modo chocaria abertamente contra as convicções particulares de cada um de seus associados.

Do mesmo modo e por identicos motivos exclue tambem de seus centros a politica; esta é a razão da harmonia que nos mantém identificados em ideias e proseguindo, com afinco, nosso unico ideal, a perfeição do espirito humano.

Afastadas de nossos recintos as controversias theologicas e as discussões politicas; deixando a cada um a faculdade de pensar e de crêr, temos conquistado o inalienavel direito que garante

a liberdade de pensamento e a emancipação da consciencia.

E' certo que o homem póde aperfeiçoar-se pela influencia religiosa, e dignificar-se em seu caracter de cidadão pela practica de uma politica honrada; porém a lição que de ambos dimana é em extremo absoluta, e, nem sempre ao alcance de todas as intelligencias. Destas considerações derivou o pensamento de crear congregações especiaes, cujo objecto preferido foi desenvolver os germens da moralidade social, para dar força e ajudar a manifestar-se todas as nobres condições que exaltam a humanidade. As religiões podem conduzir o homem até o mais puro ascetismo; a sciencia politica póde tambem leval-o a altos postos, onde seja honra da patria; porém estas tão grandes pretenções que não estão ao alcance de todos, e, a natureza humana, debil, resente-se de sua fraqueza, e, com frequencia, se aparta da abnegação e do

sacrificio, cousas necessarias as mais das vezes para alcançar a posse de taes bens, e satisfazer, nesse poncto, as aspirações e o desejo do genero humano.

Dous caminhos distinctos seguem a Religião e a Maçonnaria, para a consecução da perfectibilidade humana. Fazendo uso da prédica, o propagandista de qualquer culto procura no possivel unificar a razão e a fé, para que suas ideias, cercadas de luz, despertem a intelligencia e commovam a consciencia do auditorio, que segue sua palavra nas manifestações do pensamento. Não somos exagerados e cremos, firmemente, que daquella cadeira tenham saido raios luminosos que indiquem ao crente o caminho que deve seguir para alcançar a felicidade, circumscripta á orbita da piedade Porém essa peroração é uma grande synthese, que tudo abrange, sua luz condensa-se e fixa-se em um só poncto; e por mais que o raciocinio se es-

force em precisar de um modo claro e distincto a exposição de taes verdades, sempre ha alguma cousa de mysterio que as envolve, alguma cousa que escapa aos entendimentos fracos e faltos de concepção, alguma cousa que está fóra de explicação.

Bem é tudo isso para os de animo forte, os que inspirados de uma intuição perfeita por convicções arraigadas, ao adoptar qualquer crença, não excusam por ella nem o sacrificio nem o martyrio; porém, estes são poucos; para a generalidade necessita-se o methodo analytico, ou melhor, é indispensavel a instrucção individual e a discriminação de cada uma dessas virtudes que formam nossa crença moral, constituida pelo inesgotavel caudal que nos proporciona meios para conseguir o consolo em nossas grandes tribulações.

A Maçonnaria, neste poncto, escolheu a fórma mais adequada, necessitava uma

base em que apoiar sua doutrina e fazel-a acceitavel por todos, e realizou este pensamento amparando-se da fraternidade, collocando-a como pedra fundamental, sobre a qual edificou o templo onde rende culto a tudo quanto é grande e bello. Para firmar o estabelecimento desta virtude sublime, para collocal-a como o numen tutellar da nossa Ordem, era preciso acceitar em nossa Associação a todos aquelles que, garantidos por uma consciencia recta, trouxessem como contingente para a obra, sentimentos de moralidade e de justiça; e, como taes dotes não são patrimonios exclusivos de individuos determinados de tal ou qual religião, senão que, como concessões da natureza, pertencem a todos aquelles que, apreciando-as devidamente, sentem por essas nobilissimas qualidades profunda veneração, foi forçoso, pois, excluir á Instituição Maçonnica todo o caracter religioso, afim de que seus adeptos não

se vissem constrangidos a sacrificar suas crenças; e como seu fim de preferencia é illustrar a razão e purificar o espirito, pedio luz e força a todos aquelles a quem considerou sufficientemente possuidores destes poderosos elementos.

Assim, tão convenientemente collocada, deu começo á propagação de sua doutrina. Desde a cadeira da tolerancia foi explicando e commentando, uma a uma, suas maximas admiraveis; desde alli ensina a veneração pelo Ser Supremo, o respeito pela honra, pela dignidade, pela fé jurada e pela promessa contrahida; para abater o orgulho, levanta a humildade que ennobrece; para aniquillar o egoismo, combate-o com a abnegação, para realisar o valor, dá-lhe a perseverança, e depois disto impõe o amor á familia, o respeito á lei, o sacrificio pela Patria.

Esta doutrina a explica a cada um de seus membros; e desde a intelligencia

mais clara até o mais debil entendimento a comprehende, posto que ella nada envolva de mysterioso em opposição com a moral, com a razão e com a consciencia. Acceitou tambem a liberdade como elemento necessario para a realização de suas theorias e a egualdade como um dos factores e como agente indispensavel para conservar a harmonia.

Julgada debaixo desta fórma a Maçonnaria, e, julgada com imparcialidade, tem de ser apreciada unicamente como instituição social que é seu verdadeiro e unico caracter. Visto assim, comprehende-se facilmente porque não a tem tocado os anathemas lançados contra ella, nem a tem entorpecido na sua marcha, nem tem impedido seu crescimento prodigioso; e comprehende-se tudo isto, porque os individuos que a compõem não têm achado em nenhum dos seus preceitos nada discordante, nada que discorde da crença particular de cada um; todos abrigam sua

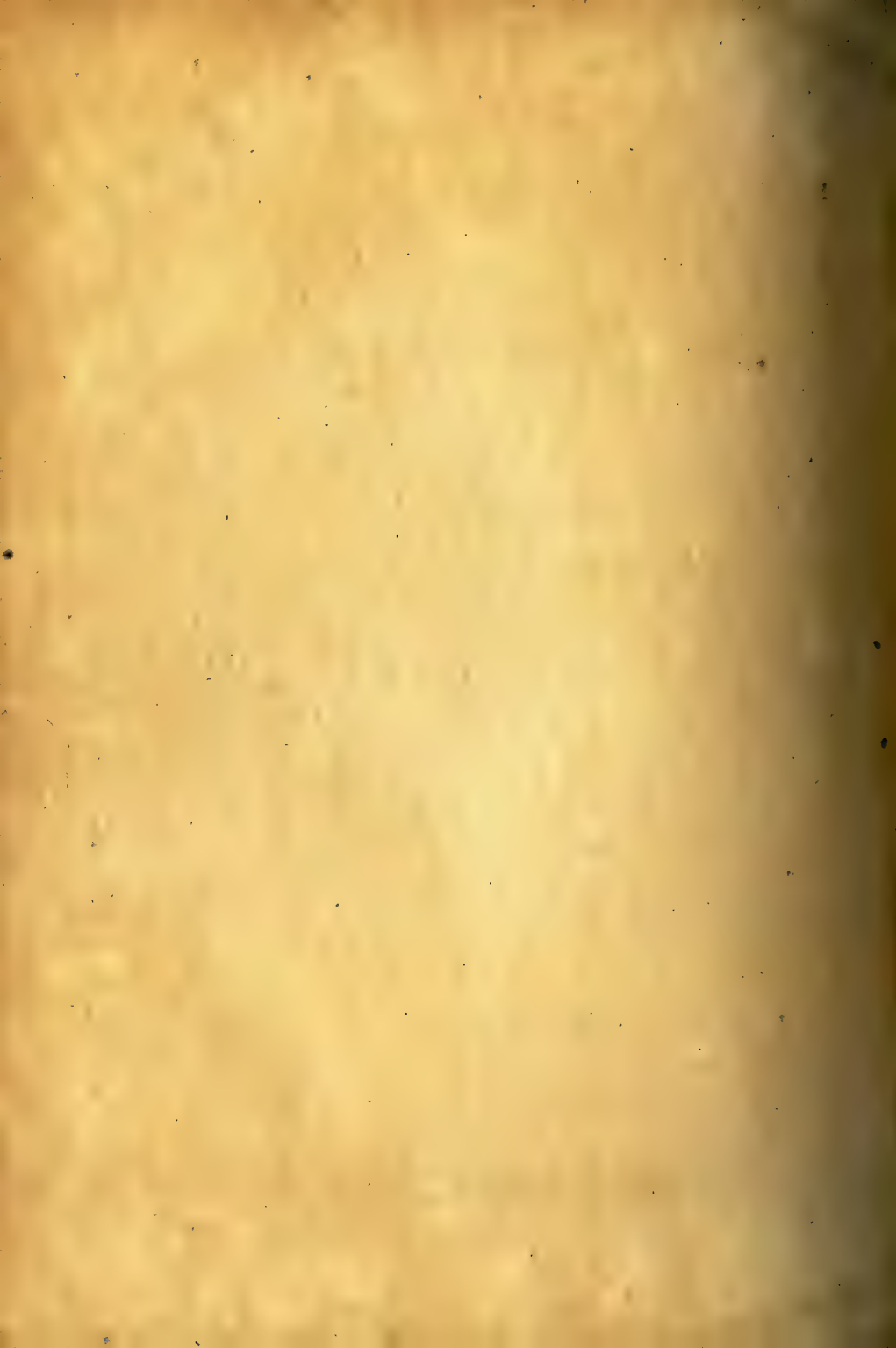
fé, têm sua crença, practicam seu culto, sem que jámais se lhes tenha dito que seguem o caminho do erro, salvo se tratamos de afastal-os do fanatismo, porém isto é um dever, porque o fanatismo é um vicio que desvirtua até as mesmas religiões.

Nem de outra maneira deve apreciar-se a Maçonnaria, e, não se traga á baila o nescio e gasto argumento de suas reuniões secretas; nossas reuniões são publicas, nossos trabalhos se publicam e tudo o que julgamos importante e de alguma transcendencia o divulgamos para que a sociedade possa julgar-nos e apreciar-nos em nosso verdadeiro valor.

Debaixo desta fórma a Associação Maçonnica não tem sustentado controversias com nenhuma religião; idólatra da liberdade, respeita em todos, individual e collectivamente, o direito de pensar e de crer.

Jámais assumio o caracter de asso-

ciação religiosa ou de seita; tão pouco nunca se attribuio origem divina, pois, penetrada de sua missão, sempre se considerou como instituição humana, e isto lhe basta, pois o campo de suas conquistas está circumscripto em determinada esphera e é nella unicamente onde pretende alcançar triumphos, prégando a moral como o principal eixo do organismo social.

Julgada debaixo deste poncto de vista é que tem podido estender-se por toda a superficie da terra, uma vez que haja segurança plena e profunda convicção de que a liberdade particular será respeitada em todas as suas manifestações, que a crença é um sanctuario que não se profana nem com a mais pequena observação.

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO XXI

SUMMARIO:—Actos Apostolicos, e a Allocução pronunciada em consistorio secreto, a 25 de Setembro de 1865, por Pio IX, contra a Maçonnaria.

CAPITULO XXI

Actos Apostolicos

E A ALLOCUÇÃO PRONUNCIADA EM CONSISTORIO SECRETO, A 25 DE SETEMBRO DE 1865, POR PIO IX, CONTRA A MAÇONNARIA.

Através das grandes vicissitudes e miserias, porque passa o homem na terra, é impossivel que um dia não surja a aurora de uma suprema glorificação, e de uma redempção completa, que, como um sol esplendoroso, faça reflorescer a rosa empallidecida e murcha das nossas crenças desbotadas.

Que espirito de pensador e de philosopho, atirando o olhar de suas investigações por sobre o universo inteiro, não terá se recolhido contricto e peza-

roso ao sanctuario de suas meditações intimas, ao contemplar esse pélago de ondas revoltas que se chama o — mundo?

Este é a guerra declarada, desde o mais insignificante insecto, passando por toda a escala zoologica até chegar a essa obra, tão imperfeita e pueril, tão vaidosa, o —homem, que tem a pretenção de querer impôr á creação o sello de todos os desvarios.

Não temos imagem mais perfeita do cahos de onde saiu o mundo do que o proprio mundo habitado pelo homem.

Todos, á porfia, se empenham em prégar a sua Fé, em proclamar os seus principios como sãos, puros, perfeitos, immaculados, e em estygmatisar as aspirações da alma alheia.

A Sociedade Christã a que todos nós pertencemos, e admiramos, porque foi della que adveio ao mundo a mais

pura e formosa das civilisações, é considerada pelos que combatem a Maçonnaria, como Alexandre de Saint-Albin, como victima para onde convergem todos os raios dos Maçons.

Sancta inepcia!

A Maçonnaria não seria nunca capaz de combater o Christianismo, porque é delle, da sua doutrina sublime, saturada da moral mais seductora, que se fórma a base de todos os seus principios organicos; porque ha uma differença muito grande entre a religião de Jesus-Christo, o meigo Nazareno, martyr do Golgotha, e a intolerancia indomavel e perigosa, inquisitorial e ardente dos padres arrebatados, que querem lançar na alma incolôr do povo rustico e ignorante as sementes do principio religioso, á força de excommunhões, de maldições, de infernos e de penas eternas, como se já não bastassem as agruras cruciantes da existencia terrena, para mortificar-nos!

Exprimo-me nestas linhas com a emphase natural que me é propria, quando o assumpto me arrebata, traduzindo fielmente o meu pensamento, porque nunca escrevi uma só linha, que não fosse o espelho do que se passa no mais intimo recesso do meu sêr.

Não discutir, parar diante de todos os dogmas, impassivel e mudo, acceitar tudo o que se me diz, tudo o que leio e observo, é abdicar das mais nobres faculdades com que Deos, em sua bondade infinita, nos quiz galardoar.

E' preciso, não tem duvida alguma, refreiar as camadas immensas das populações que povoam o globo, e trazel-as vinculadas ao principio sancto e immorredouro da mais viva e pura de todas as crenças: — a crença n'um Deos Omnipotente e Misericordioso.

Todos os homens para ahi tendem, mas as petulantes arrogancias, e o tolo e presumpçoso orgulho da fatua sciencia

como que procuram encobrir sob denso véo o grande mysterio da natureza universal.

Ainda muito recentemente um illustrado pensador brasileiro, que lê numa importante cadeira de uma das nossas faculdades livres de direito, o Sr. Dr. Fausto Cardoso, atirando á luz da publicidade um luminoso estudo de sua lavra, (*) acompanhou essa corrente scientifica dominante que se apoia nos phenomenos, eliminando o grande principio que aliás se acha no fundo das consciencias de todos nós. E o illustre Sr. Dr. Eunapio Deiró, pelas columnas do magnifico diario, o *Jornal do Brasil*, de que é redactor-chefe o sympathico Sr. Dr. Fernando Mendes, em breve, mas admiravel critica, oppoz aos longos argumentos do professor as mais sensatas e notaveis con-

(*) *Cosmos do Direito e da Moral.*

siderações, mostrando a inanição e o vasio de todas as concepções ultra-scientificas do Dr. Cardoso.

Felizmente, ainda, no declinio do presente seculo, existem pensadores de nota, mesmo em o nosso Paiz, tão digno de melhores destinos, capazes de enfrentarem com valor os desvarios da sciencia humana, que pretende avassallar o que pertence a uma alçada intangivel, que o espirito do homem não póde esclarecer, ou explicar.

E é assim que os vôos scientificos se circumscrevem dentro da orbita estreita do mais requintado materialismo.

O desenvolvimento das idéas vae-me conduzindo para a densa e sombria floresta das philosophias, onde, por certo, me perderei, á falta de um completo e verdadeiro roteiro. Ahi, e em seu seio se erguem os troncos de mil seitas e doutrinas, cada qual apregoando a belleza de seus conceitos. Tudo em pura

perda. A metaphysica, a velha, como a chamam, por considerarem-n'a já archaica e antiquada, é menosprezada; em seu logar fazem irromper o moderno positivismo, fructo de arduos labores de um pensador, que póde encerrar mui bellas theorias, porém incapaz de, com vantagens, conseguir a realização do *desideratum* a que se propõe.

Talvez que, com o avisinhar-se do novo, futuro e proximo seculo, consiga o positivismo alguma cousa. Nada, porém, nelle traz certo cunho de profunda moral social, bastante para derrocar o Christianismo puro, que é a doutrina da Maçonnaria

Aos partidarios dessa seita, recebo-os com todo o acatamento, mas não posso admirar aquella nova estructura de suas theorias ou principios, orthodoxos ou não, que aliás me afagaram o espirito no primeiro alvorecer da minha intelligencia, ainda acalentada pelo doce em-

balar dos sonhos e das illusões da mocidade.

Com 18 annos de edade, não ha, por certo, na enfibratura cerebral, o poder necessario de raciocinio, para o alcance dos grandes problemas sociaes, ou antes, sociologicos.

O que ha é enthusiasmo pueril e futil, que em breve se desvenece, como os vapores na atmosphera.

Mas, porque continuar a embrenhar-me pelos labyrinthos das ontologias? Já o grande e eminentissimo prosador da lingua portugueza, o inimitavel Alexandre Herculano, escriptor, historiador, jornalista, poeta e philosopho, nas arrebatadoras paginas do seu prologo do *Parocho da Aldeia*, dizia com a sublimidade de sentir de um verdadeiro philosopho, a chorar sobre as ossadas e as ruinas, e os escombros do philosophismo.

«Como a philosophia é triste e arida!»

E mais abaixo: «Com Kant, o universo é uma duvida; com Locke, é duvida o nosso espirito; e num destes abysmos vêm precipitar-se todas as ontologias!

Como a philosophia é triste e arida!»

. ...

... .

Feliz a intelligencia vulgar e rude, que segue os caminhos da vida com os olhos fitos na luz e na esperança postas pela religião além da morte, sem que um momento vacille, sem que um momento a luz se apague ou a esperança se desvaneça! Para ella não ha abraçar-se com a cruz em impeto de agonia, e clamar a Jesus: — «Creio, creio, oh Nazareno! Creio em ti, porque a tua moral é sublime; porque eras humilde e virtuoso, porque filho da raça soffredora e austera chamada o povo, eras meu irmão, e não podias, tão bom, tão singelo, tão

puro, enganar teu pobre irmão. Creio, creio, oh Nazareno! porque até a hora do expirar na ignominia, até a hora da grande prova, nunca desmentiste a tua doutrina.

Creio, creio, oh Nazareno! porque tu só nos explicaste o mysterio desta associação monstruosa da saude e do ouro, do poderio e dos crimes a um lado; da enfermidade e da pobreza, da servidão e da innocencia a outro; porque nos explicaste como os destinos humanos se compensavam além do sepulchro. Creio, creio, oh Nazareno! porque só tu soubeste revelar a consolação á extrema miseria sem horizonte, e os terrores á completa felicidade sem termo na vida, collocando no logar do destino a Providencia, e do nada a imortalidade! Creio, creio oh Nazareno! porque a intensidade do teu viver é um impossivel, humano; a victoria de tua doutrina severa, contra a philosophia e o paga-

nismo, um milagre; a gloria do teu nome de suppliciado maior que todas as glorias das mais altas e virtuosas intelligencias do mundo.

Mas foste, na verdade, um Deus?»

Feliz, sim, sem duvida alguma, a intelligencia vulgar que morre abraçada á cruz de suas crenças, sem nunca em seus horizontes haver irrompido o sol das duvidas, e das luctas que se travam na consciencia!!

Basta, porém, de tanta divagação!

E' tempo de enumerar aqui os actos apostolicos decretados contra a Associação Maçonnica, e que são:

Bulla de Leão XII;

Bulla de Clemente XII;

Bulla de Benedicto XIV;

Bulla de Pio VII;

Allocução de Pio IX.

Tractando o Sanctissimo Padre

Pio IX, em sua allocução, do caracter da Maçonnaria, diz:

« Quem, entretanto, não vê quanto uma tal idéa se afasta da verdade? Que pretende, pois, esta associação de homens de todas as religiões e de todas as crenças?

Com que fim essas reuniões clandestinas e esse juramento tão rigoroso exigido aos iniciados, que se empenham para nunca revelar o que nellas possa ser tractado? E porque essa terrivel severidade de castigos aos quaes se votam os iniciados, em o caso em que elles venham a faltar á fé do juramento?

Certamente, ella deve ser impia e criminosa, uma sociedade que foge assim á luz, porque aquelle que practica o mal, diz o Apostolo, odeia a luz ».

Ora, eu confesso com toda a ingenuidade que antes de estudar estes elevados assumptos, que tanto preoc-

cupam o mundo, suppunha o chefe da Egreja melhor inspirado ! !

Reunirem-se os homens de todas as crenças e de todas as religiões em associação, o que só demonstra tolerancia e união fraternal, para fins de utilidade reciproca e collectiva, é aos olhos do chefe visivel da Egreja evidentissima prova de que elles conspiram contra a integridade das instituições humanas ! !

Se é por isso que chovem sobre a Maçonnaria todas as calumnias, ella é uma instituição universal de tal poderio, que tem resistido a todas as sérias provações por que tem passado, dando um exemplo notavel de sua immaculada pureza, e continuando na sua gloriosa carreira, beneficiando a Maçons e a Profanos de todas as classes e condições sociaes !

Ainda mais : o que tenho notado é que são justamente as mais valiosas

associações divinas, ou humanas, aquellas que mais guerras soffrem, alcançando o titulo de perseguidas, pois que a perseguição no mundo é justamente ao bem, ao honesto, ao justo e á Virtude!

Temos desdobrado diante de nós o quadro da historia politica de nossa Patria, na actualidade, e o que temos visto?

Enthronisada a Virtude?

Punido o crime?

Não. Despotas e tyrannos são corôados e carregados em triumpho; ao passo que os bons, os puros, os virtuosos e os correctos dormem o ultimo somno nos sombrios subterraneos das fortalezas, sob a mortalha dos oceanos, ou nos campos de batalhas, depois de trucidados, sob a neve que cáe, envolvendo em o seu niveo manto os tristes despojos da honra e da virtude.

E a Maçonnaria, aggremiando em o

seu seio os homens de todas as crenças politicas e religiosas, não está procurando encaminhar o mundo para o regaço puro e doce do Templo da Paz ?

Não são a religião e a politica os dous pomos da discordia entre os homens ?

Não são ellas que têm cavado esses milhões de sepulturas, dispersas pelo mundo inteiro, e por onde se acham pedaços do coração de todos nós ?

Não são ellas os factores das guerras, das rebelliões e das revoluções ?

Dentro da crosta do nosso mundo moral, arde um fogo latente, que, de tempos a tempos, produz cataclysmos terriveis. Esse fogo é ateado pela mão da intolerancia, que tem produzido esse estado de anemia moral, precursor da dissolução das sociedades.

O problema da chamada questão social, ahi se acha plantado, como um

espectro terrivel, diante da Europa, ameaçando absorver thronos, papas, reis, imperadores, democratas, demagogos ou jacobinos.

E o actual chefe da Egreja, o Summo Pontifice Leão XIII, espirito superior, notavel estadista, em uma de suas mais importantes encyclicas, não acónselhou que era preciso, necessario abrir, pouco a pouco, valvulas, para dar passagem á essa medonha onda do socialismo ?

E por que faz o Papa semelhante concessão, senão porque vê ameaçada a ordem do mundo pelos clamores dos miseraveis, abatidos pelo poderio das classes dirigentes, pelo capital e pela propria intolerancia ?

Ahi está a sabedoria de um espirito lucido como o de Leão XIII, cedendo terreno, para não ser assoberbado por essa nova invasão de barbaros de nova especie.

E não se procure reunir os homens, estreital-os pelos laços da fraternidade, arregimental-os todos sob um mesmo pavilhão, sob a mesma bandeira, rompendo as fronteiras que separam os aposentos das nações, e pela porta de um bem entendido cosmopolitismo plantar a arvore frondosa da União e da fraternidade humanas ! ! !......................

.. ..

....

Estavam escriptas estas ligeiras linhas em que tenho me referido ás condemnações de que tem sido alvo a Maçonnaria, por considerarem-n'a um gremio de máos homens, impios e de confabuladores com o Diabo, que com elle se divertem em amistosas conversações, quando li uma notavel correspondencia para um jornal brasileiro, escripta pelo vigoroso auctor das *Mentiras Convencionaes da nossa Civilisação*, o Sr. Max Nordau, que encheu-me de

tanta indignação quanta tristeza a ensombrar-me os horizontes da alma.

E é a Maçonnaria a condemnada, e é aos Maçons que se lança o stygma da maldição !!!...

....

E' o facto que narra aquelle eminente auctor: «O caso de que se tracta, é tão extraordinario que mal póde a gente acreditar que elle se podesse dar em plena Allemanha, e em nossos dias.

N'uma aldeia, ás portas de Aquisgrão, existe um mosteiro chamado *Mariaberg*, occupado por uma communidade de religiosos caritativos da Ordem de Santo Aleixo. Estes irmãos, como todos os de sua ordem, occupam-se em tractar de enfermos, e a sua casa de *Mariaberg* é especialmente destinada a receber alienados. Nestes ultimos tempos, o convento-asylo chegou a ter uns 600 doentes.

Um dos pensionistas dos irmãos de

Mariaberg era um sacerdote catholico escocez por nome Forbes, que lhes fôra mandado, ha quatro annos, pelo bispo de Aberdeen, o qual, em carta dirigida ao prior do convento, declarou-o ébrio incorrigivel, excentrico e louco por herança.

Esta carta bastou aos irmãos de *Mariaberg*. Mostraram elles por formalidade, uma vez, o Sr. Forbes, ao medico da prefeitura de policia de Aquisgrão, o conselheiro sanitario Capelmann, que logo passou o attestado de loucura e não o tornou a vêr mais.

Cumpre notar que Forbes só fala inglez, lingua de que o Sr. Capellmann não entende patavina, de sorte que a entrevista se limitou á contemplação muda d'um homem apavorado e arrastado por dois sujeitos de sotaina, o qual debalde perguntava o que delle queriam, e não conseguia nem entendel-os nem se fazer entender.

Forbes, apezar de seus protestos incessantes e cada vez mais violentos, foi retido como prisioneiro em *Mariaberg* por espaço de tres annos e tres mezes. Durante este periodo teve de soffrer máos tratos de toda a especie: não lhe davam de comer, deixavam-n'o dormir sobre immundicias, espancavam-n'o, não entregavam as cartas que lhe eram dirigidas, nem consentiam que recebesse visitas, e o homem só saia escoltado por dous irmãos corpulentos.

Após soffrimentos enormes, emfim conseguiu escapar... e foi ter a uma hospedaria do Sr. Mellage, que, conseguiu processar aquelles novos selvagens, que foram assentar as suas tendas em plena civilisação européa, sob o manto de religiosos caritativos!!»

Eis o que ainda conta Max Nordau:

«A' menor observação, os irmãos batiam-n'o com umas enormes chaves, que lhe abriam bréchas na cabeça.

Por esta fórma assassinaram pelo menos um doente, e talvez mais outros de que não ha prova. Atiravam os doentes ao chão, espezinhavam-n'os a valer, atiravam-n'os pelas escadas abaixo.

Muitas vezes ficaram assim alguns de braços e pernas quebradas.

A alimentação era miseravel e insufficiente. A camisola de força e os anjinhos eram de uso constante. Para castigar os doentes recalcitrantes, os irmãos administravam-lhes em pleno inverno, em cellas especiaes, duchas de agua gelada; outras vezes encarceravam-nos em quartos cheios de immundicias; outras, amarravam-n'os despidos a uma taboa, mergulhavam-n'os com a cabeça para baixo dentro de um tonel d'agua suja, e só tiravam para fóra, quando as bolhas de ar espocando na superficie do liquido, indicavam gráo adiantado de asphyxia».

E basta. Repugna-me transcrever

tanta miseria e tanta barbaridade, commettidas em pleno seculo que se proclama de luzes, e por homens que se dizem religiosos e caritativos!!

E a Maçonnaria é a condemnada!!

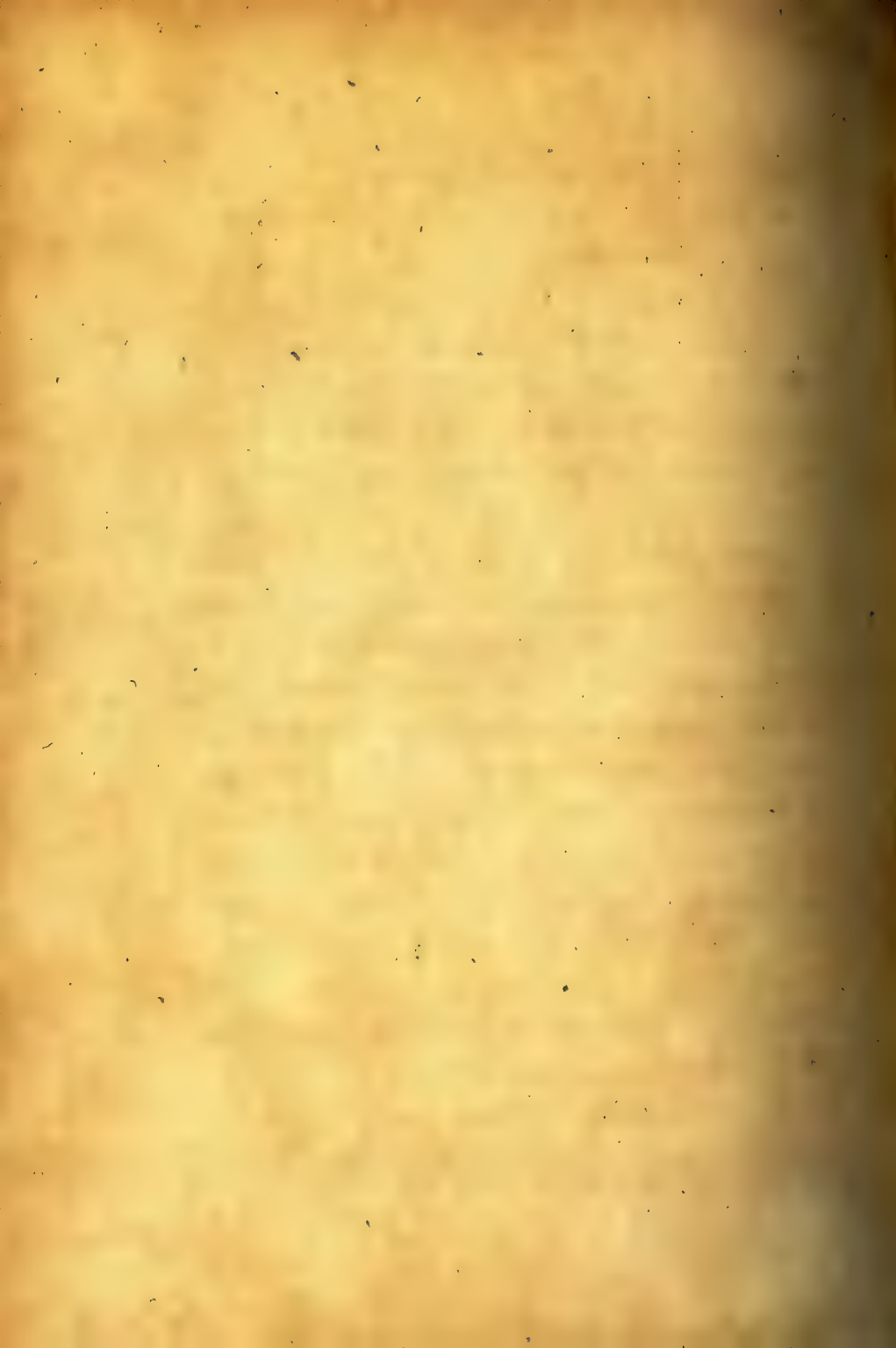
E os Maçons são os excommungados!! ella que pede a fraternisação de todos os homens, que proclama a sua união, e que se desfaz numa torrente de beneficios ao mundo profano!!

Bem vê, o leitor, depois de seguir com o olhar da intelligencia o desdobramento das peripecias que esta obra assignala, quão longe se acha a humanidade de um ideal, que seja o abrigo sereno das consciencias puras, e dos corações bem formados, porque os vendavaes da Dôr e da Miseria sopram dos quatro ponctos do horisonte, agitando sempre o mar encapellado que ruge e brame nas praias da existencia terrena. . . . .

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO XXII

SUMMARIO : — Importancia dos Mysterios Maçonnicos — Ignorancia e Superstição

---

CAPITULO XXII

Importancia dos Mysterios Maçonnicos

.. ..

....

« O que me parece incontestavel é a influencia dos mysterios antigos e modernos sobre os costumes e a civilisação dos povos, que tiveram a felicidade de os conhecer.

Sem entrar na comparação dos mysterios antigos com os da Maçonnaria, póde dizer-se que entre estes e os primeiros, o que ha de commum é o terem ambos espalhado por todas as classes da sociedade as luzes da verdadeira philosophia, e preparado os espi-

ritos para a concepção das grandes idéas, que se vulgarisaram depois, sobre a dignidade do homem, seus direitos e seus deveres.

Debalde os preconceitos, monstruosos filhos da estupida ignorancia, intentaram supplantar a Maçonnaria, esta bella instituição, marchando sempre com um passo egual e firme, soube resistir a todos os ataques, e ás mesmas perseguições, assim tem ella sobrevivido á destruição dos imperios, e nada tem podido estorvar os seus processos.

Sendo da sua essencia o durar emquanto existirem sociedades humanas, a sua duração será egual á do mundo: sim, a Maçonnaria existirá sempre, porque tende a conservar as luzes, a avivar e entreter os sentimentos de benevolencia que, reunindo e conciliando os homens, os dispõe, e os conduz ao estudo das artes, da sã philosophia, e á practica de todas as virtudes sociaes.

Tudo se acha nos differentes preceitos da Maçonnaria. Nos seus Templos se ensina o culto, que a gratidão do homem deve ao grande Architecto do Universo, assim como os deveres que elle tem que desempenhar para com seus irmãos; e suas maximas são deduzidas do codigo universal, desse codigo que convem a todos os homens e a todas as nações, porque é simples e verdadeiro, tendo por base o amor da ordem e de seus semelhantes.

As leis sociaes não são perfeitas, ou não se approximam da perfeição, senão quando são fundadas nos principios professados por esta instituição, obra da sabedoria dos tempos, e fructo da experiencia dos seculos anteriores.

Quanto é magestoso, quanto é sublime esse monumento da antiguidade, que em tão poucas palavras encerra a sciencia divina, e a sciencia humana!

Vós o sabeis, toda esta sciencia se

reduz a este preceito: — *Amai-vos uns aos outros, não façais aos outros o que não quererieis que vos fizessem, mas fazei-lhes todo o bem, que desejarieis para vós mesmos.* Eis aqui tudo o que lemos no grande livro da natureza; e eis a nossa lei.

Eu disse que na Maçonnoria se encerrava a sciencia divina: e, com effeito, qual é a religião que ensina um dogma mais simples, e que dê melhor idéa do grande Creador do Universo? Nós dizemos que o Grande Architecto existe por si mesmo, e que nelle reside todo o pôder.

Sem procurarmos, por vãs subtilezas, que só servem para embaraçar as idéas, penetrar no modo, por que este Grande Sêr exerce o seu poder, não deixamos por isso de o reconhecer, nem respeitamos menos os segredos que elle quiz occultar-nos; reconhecemos egualmente a nossa dependencia da sua

vontade, experimentamos a sua infinita bondade, e sentimos os seus beneficios, emfim nós procuramos ser-lhe agradaveis pela practica das virtudes, e pela nossa bôa conducta, e rendemos-lhe um culto simples, a homenagem do nosso reconhecimento, o unico digno delle, e que elle exige do homem, por ser o unico que elle mesmo lhe inspirou.

Quanto á sciencia humana, não se encerra tambem esta no preceito que acabo de referir, preceito que o mesmo evangelho não fez mais do que consagral-o de novo?

Tanto é verdade que elle é base de toda a moral.

Todos os homens são eguaes aos olhos do Grande Architecto; todas as creaturas em geral lhe são egualmente caras, pois de toda a eternidade elle tomou sempre o mesmo cuidado pela sua conservação. Com que direito, com

effeito, ousaria um homem dizer a seu semelhante :

Eu sou mais do que tu ?

Não, todos somos eguaes ; a unica superioridade que póde haver é a do genio sobre a estupidez, a da sciencia sobre a ignorancia, porém esta superioridade de algumas faculdades que não dependem de nós, não póde aos olhos do Grande Architecto ser um titulo de poderio sobre os nossos semelhantes ; e muito menos o que nos dá o acaso do nascimento, ou o da riqueza. Se ao Grande Architecto do universo aprouve conceder-nos alguns desses favores, que nos facilitaram uma educação melhor que a do commum dos homens, somos por isso mesmo obrigados a ser benevolos para com elles, que não tivéram a mesma sorte ; e nisto deve consistir a verdadeira differença entre o rico e o pobre, entre o sabio e o ignorante, entre o homem poderoso e o que vive na de-

pendencia ; esta differença consiste no poder de fazer bem. Eis aqui as unicas bases solidas, em que devem apoiar-se as leis humanas ; tudo o que se afastar é fundado no erro, na mentira, ou na tyrannia.

Nós devemos reconhecer que, á medida que avançamos em civilisação, as leis da sociedade se reformam sobre estes principios eternos ; e poder-se-ia quasi entrever a epoca, em que as leis humanas viriam a concentrar-se, neste unico preceito (que faz a base de toda a moral, e o fundamento de nossa instituição) se as paixões dos homens, e as grandes catastrophes que mudam a face da terra e destroem os imperios, não oppuzessem tão grandes obstaculos.

Então ver-se-ia o completo triumpho da nossa sublime Ordem : mas talvez esteja reservada esta felicidade para os nossos netos ; possam elles gozar em paz do fructo dos nossos trabalhos, e

ver o resultado da influencia da Maçonnaria sobre o melhoramento do estado social!

O aperfeiçoamento do estado da sociedade é attribuido com justa razão á cultura das artes liberaes; mas a quem se deve esse gosto do estudo, reaes desejos de escrutar a verdade, e de reconhecer as bellezas da natureza, senão ao espirito philosophico que brota da Maçonnaria? Sim, tal é o poder desta instituição, que só a ella pertencem todos os melhoramentos que se têm feito em favor da Humanidade: as sciencias, as artes, a legislação e a agricultura nasceram no seio dos Mysterios; foi nas Lojas Maçonnicas que se formaram esses philosophos que tanto esclareceram o universo; esses oradores, que nas discussões dos negocios publicos ensinaram a falar com clareza e methodo, que tanto admiramos, e a que o erro não póde resistir.

Entre os Maçons, emfim, é que se encontram esses homens profundos, de cujo trabalho silencioso resultam as energicas producções, que illuminam as sciencias as mais elevadas e as mais abstractas, pondo-as, por uma clara analyse, ao alcance dos espiritos, ainda os menos formados para penetrarem nas suas difficuldades.

Assim, não avancei mais do que a verdade quando disse que o aperfeiçoamento do estado social era devido á Maçonnaria.

Tal é, pois, o poder que somos chamados a exercer, e a transmittir aos nossos successores, o poder da persuasão e do exemplo; mas como alcançamos esse poder?

Por quê meio o perpetuaremos nós?

Por um religioso respeito a essa arca sancta, em que ninguem deve tocar sem recear a sorte de Osa; é por um zelo ardente em manter as nossas leis

em toda a sua primitiva simplicidade; é finalmente pelo exemplo que devemos dar constantemente das virtudes que estas leis nos recommendam, exemplo que recebemos dos nossos predecessores, e que constitue a unica e verdadeira força de toda a doutrina, assim como de toda a instituição fundada na justiça e na equidade.

Ignorancia e Superstição

« Affirmava a senhora Justiniana Barbara, numa tarde de verão, assentada á porta da rua, á sua visinha, a senhora Bernarda da Purificação, que as sociedades Maçonnicas eram compostas de *pedreiros livres*, homens terriveis, e que tinham todos por fim acabar com a religião de Jesus Christo.

A senhora Bernarda, em presença das explicações, que neste sentido se

produziram, não poude deixar de se benzer, manifestando do fundo d'alma a falta do Tribunal do Sancto Officio.

Asseverou nessa occasião que, pelo seu voto, todos os *pedreiros livres*, mereciam ser queimados!

— E era muito bem feito, accrescentou a senhora Justiniana. Quer a visinha saber ainda mais?! Lá nessas synagogas onde elles se ajunctam, amarram Nosso Senhor, arrastam-n'o, damlhe tiros, finalmente, fazem-lhe as maiores judiarias que se podem imaginar. Ha poucos dias entrou para a seita um filho de um figurão da terra, mas quando lhe entregaram a pistola para disparar sobre uma imagem, faltaram as forças ao rapaz, e......desmaiou! Olhe, visinha, eu conheço-o; anda por ahi hoje tão *esterlicado*, que faz dó! Foi *mal* que lhe fez a tal *pedreirada*, ôlé!

— Credo! exclamou a senhora Bernarda, parece incrivel que Deos não dê

um castigo severo, para confundir todos esses hereges! (e novamente se benzeu).

— Ouça mais, continuou a narradora; quando vêm Nosso Pae, fogem... como o diabo da cruz; nunca resam, jamais se confessam, nem ouvem missa!

— Ah! Christo Sancto, pois elles não vão á Egreja?

— Vão, sim, visinha; mas sabe Deos para que! Olhe, o que lhe posso dizer, é que nunca passam para cima da pia da agua benta.

— Desejaria ver-lhes as caras, Deos me perdôe! disse a senhora Bernarda, benzendo-se ainda outra vez.

— Pois sim, visinha; iremos ambas no domingo, mas á missa do meio dia, porque é a essa que concorrem aquelles malditos; como trabalham de noute com as suas bruxarias, levantam-se tarde e a más horas!

E depois desta conversa despedi-

ram-se, ficando convencionado para no domingo proximo irem ver os *pedreiros livres !*

Chegou, pois, o dia desejado pelas duas devotas ; era notorio que na Egreja a que se dirigiam, costumavam concorrer muitos fieis.

A senhora Justiniana e a senhora Bernarda tinham resolvido ir mais cedo, para poderem occupar uma posição conveniente, e verem á sua vontade as physionomias dos *hereges*, que, note o leitor, eram todos aquelles que não passavam além da pia da agua benta, segundo a opinião das duas senhoras.

Teve afinal principio a missa, e as nossas heroinas, longe de prestarem a attenção ao officio divino, conversavam em segredo, olhando repetidas vezes para traz ; a senhora Bernarda benzia-se de minuto a minuto.

Depois de séria discussão, concordaram em que, aquelles que casual-

mente se achavam proximos ao guarda-vento, tinham caras feias.

— Oh! visinha! a mim não me embruxam elles, disse com certa subtileza a senhora Bernarda; ora veja, hein?... e dizendo isto, entre-abrio o capote e mostrou, apertado na mão esquerda, um formidavel chifre, que affirmou ser de carneiro preto.

— Fez muito bem, minha querida senhora, em trazer esse preservativo.

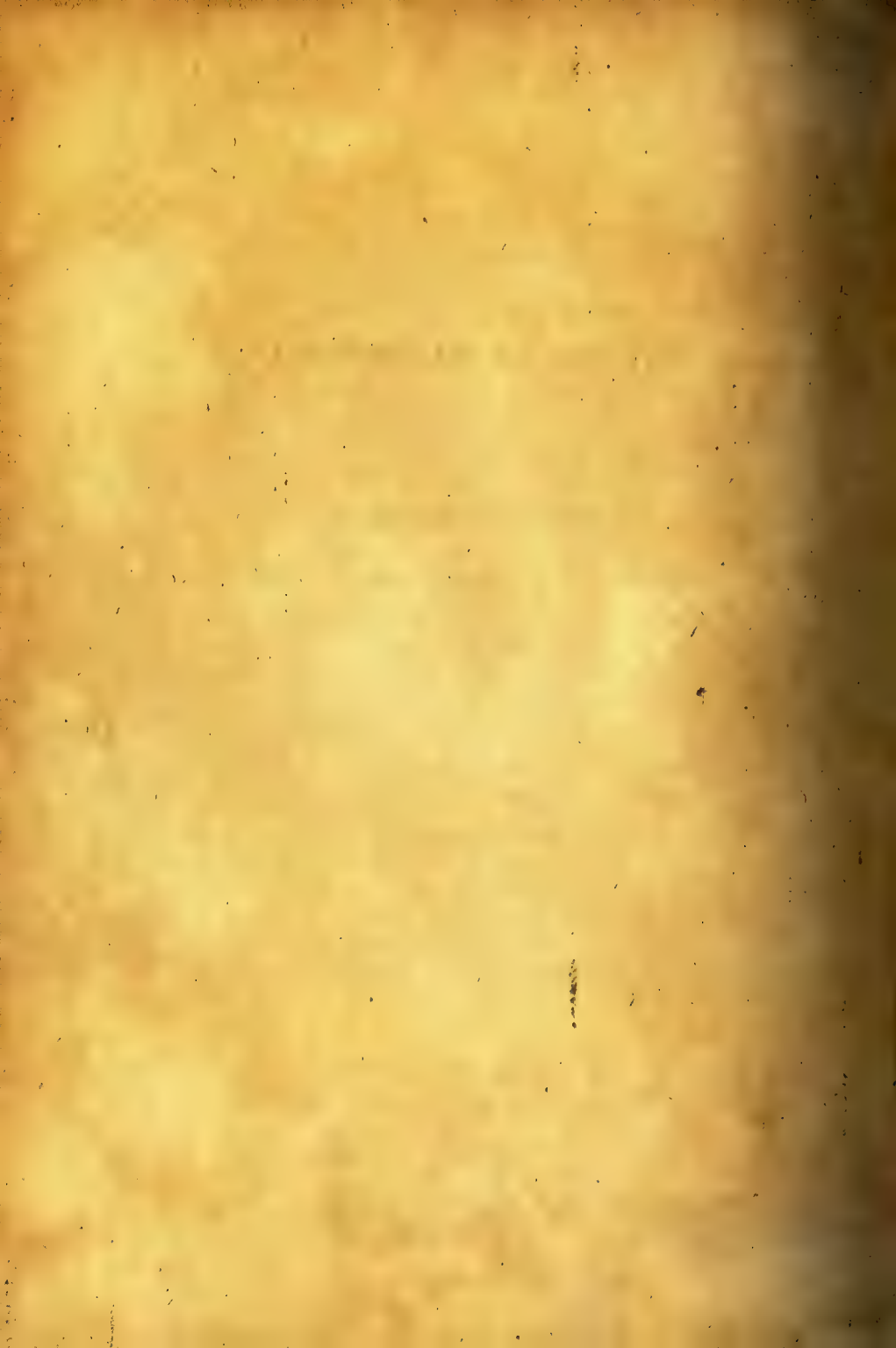
Assim se entreteram durante a missa, mas, quando sairam da Egreja, a fatalidade fez com que a senhora Bernarda tivesse o desgosto de soffrer uma grande pisadura, por acaso dada no seu pé.

Foi tão viva a dôr, que não pôde reprimir um — ai! soltado com toda a força dos pulmões.

— Que foi?......Que teve?...... perguntaram todos os devotos.

— Foram os *pedreiros livres*, gritava a senhora Bernarda, de figa em punho ; foram esses malditos !

Espere, minha filha, que eu já os arranjo, proseguio a senhora Justiniana; e em seguida lançou tal quantidade de agua benta na pobre Bernarda, que a deixou completamente encharcada.

Finalmente, dirigiram-se para casa ; mas aquelles que as tinham observado, julgaram que haviam perdido o juizo, e lastimaram essa desgraça.»

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO XXIII

SUMMARIO : — A Viuva do Maçon e o Rei

CAPITULO XXIII

A viuva do Maçon e o Rei

(FACTO HISTORICO)

(*Do Boletim da Maçonnaria Brasileira*)

Os officiaes prussianos, e especialmente aquelles que são Franc-Maçons, nunca se cançam de relatar anecdotas que façam realçar as melhores e mais imponentes qualidades de seu reverenciado monarcha Frederico o Grande.

O seguinte interessante incidente me foi contado por um ancião official allemão, de cuja verdadeira, ardente e constante amizade hei gosado ácerca de vinte annos.

Ambos eramos Maçons, e estavamos conversando sobre a excellencia da ca-

ridade Maçonnica, quando um recordou a seguinte anecdota e me assegurou que havia visto, em poder de um neto do primitivo dono, a joia em questão.

*

Um dia, proximo ao anoitecer, uma mulher de meia edade, pobre, porém decentemente vestida, entrou na tenda de um respeitavel joalheiro de Potsdam, e, havendo chamado o dono á parte, lhe mostrou uma joia, que desejava empenhar para obter, por emprestimo, uma corôa.

O objecto era de prata e sua fórma de um alfinete, que representava uma trolha e um macete, suspensos por tres cadeias triangulares, a esquadria e os compassos.

Era a insignia de um Maçon que havia presidido uma Loja de Franc-Maçons legalmente constituida ; em summa,

uma verdadeira joia de Mestre, do paiz e época actual.

O joalheiro examinou a joia, calculando que a prata que continha não pezaria mais que a moeda pedida e que o crystal collocado dentro do esquadro e dos compassos, era comparativamente de nenhum valor. Logo sacudiu a cabeça em signal de duvida.

— Porque vem a senhora a mim? Perguntou o joalheiro á mulher em tom de mau humor. Não sabe a senhora que taes negocios pertencem áquelles que emprestam dinheiro sobre penhores?

— Ah meu senhor, —replicou ella em tom triste, porem decidido. — Sei que é certo o que o senhor disse, porém não conheço a nenhum desses uzurarios que seja Maçon. Tenho um filhinho enfermo em casa e necessito muito da quantia que hei pedido. Disseram-me que o senhor é Maçon e suppondo eu que o senhor reconheceria n'esta joia

um merito maior, que seu valor intrinseco, eis o que aqui me trouxe, a ver se me soccorria nesta angustiosa emergencia. Tenho um filho que agora se acha n'um corpo do exercito, fóra d'aqui, e que a redimirá por mim, com bons interesses, quando regressar á casa.

O joalheiro não era homem de grande coração. Provavelmente havia entrado na fraternidade Maçonnica, visando calculados interesses. E demais, o desgostára evidentemente a idéa de uma pobre mulher querer dar-lhe instrucções acerca de seus deveres.

Devolveu-lhe a joia, dizendo-lhe, que não queria comprometter seu nome e reputação, entrando em semelhante negocio: que se a gente o soubesse o qualificaria de judeu uzurario.

A mulher havia já recolhido a joia: e se retirava, quando um cavalheiro de alguma edade, que havia entrado sem ser notado pelo joalheiro, se adiantou e

a deteve. Na apparencia não era sympathico, e quando a pobre viuva viu que o dono da tenda empallideceu repentinamente, receiou pela sua situação.

O estrangeiro era um homem de mais de sessenta annos, trajava uma jaqueta côr de tabaco mal ajustada, um collete amarello sujo, calças e meias de lã grossa, e um par de pesados sapatos de soldado, adornados com umas enormes fivellas de ferro. Sua cabelleira despenteada, não se mantinha direita e seu chapéo de tres bicos talvez lhe fosse legado por seu bis-avô. Em sua mão trazia um pesado bastão, que mais parecia um instrumento de guerra, que adorno de cavalheiro.

— O' lá ! minha boa mulher, que joia é essa que a senhora tem na mão ? perguntou em tom aspero e imperativo.

Ella lhe respondeu, tremula, que era uma joia que havia pertencido a seu marido.

— Onde está o seu marido?

— Ha mais de um anno que morreu.

— E a senhora está tractando de vender isso?

— Não senhor, vim pedir a este homem que m'a recebesse em penhor.

— Por quanto?

— Por uma corôa.

— Pois eu darei á senhora uma corôa por ella.

— Perdoe, meu senhor; não desejo vendel-a.

— Era de seu marido e d'elle a recebeu?

— Sim, senhor.

— Como a adquiriu elle?

— Foi-lhe dada por uma sociedade de irmãos, da qual havia sido presidente por espaço de tres annos.

— Sim? E como se chamava seu marido?

— Martin Wirt.

— Conheci-o. Dou-lhe tres corôas pela joia.

A mulher meneou a cabeça. O velho estrangeiro continuou augmentando sua offerta até completar doze corôas.

N'este poncto a pobre mulher prorompeu em lagrimas.

— Oh! meu bom senhor, se quizesse emprestar-me a metade d'essa somma, e devolver-me a joia quando meu filho regressar a meu lado, eu o bemdiria eternamente.

— Porém, querida minha, esse pedacinho de prata, não póde valer seguramente tanto quanto a senhora crê.

— Ah! senhor, replicou ella, olhando-o por entre lagrimas, não é o seu valor intrinseco que a faz querida para mim. Conservo-a em memoria de meu esposo, que era um bom homem, e falsearia todo o principio de honra e fé se me separasse d'ella por qualquer preço.

Seria como vender a memoria d'aquelles que nos foram mais caros sobre a terra.

Uma lagrima se deslisou dos olhos do ancião.

Metteu a mão no bolso, porém, nada encontrou.

— Boa mulher, viuva de um Maçon, disse, guarde essa joia religiosamente, e não procure a mais ninguem a quem empenhal-a. Venha amanhã á minha casa, ás oito horas, e dar-lhe-hei alguma cousa.

— Porém, meu senhor, onde poderei encontral-o?

— Ah! é verdade, ia-me esquecendo; póde procurar-me em Sans-Souci e perguntar por Frederico.

— Graças! Pois sois...? Oh! senhor! não vos conhecia. E se dispunha a cair-lhe de joelhos, quando o Rei lh'o impedio, fazendo com que ella lhe promettesse ir ao seu palacio, e depois virando-se para o joalheiro:

— Falsario! exclamou, agitando impetuosamente o seu pesado bastão sobre a cabeça do culpado: não eras digno de voltar á nossa Loja! E com um terrivel juramento gritou-lhe: — Tenho vontade de accusar-te como o mereces!

O miseravel, porém, tanto supplicou e tantas cousas boas prometteu para o futuro, que o Rei o deixou livre, considerando provavelmente que já o havia feito soffrer bastante.

Na manhã seguinte a viuva foi ao palacio real, sendo logo admittida á presença do Rei, que, sem demora a incluio na lista de suas protegidas, ordenando-lhe que, se alguma vez se achasse em necessidade de mais auxilio, além da pensão que lhe instituia, lh'o declarasse, pois nunca vacillaria em soccorrer a qualquer necessitado, quanto mais á viuva ou orphão de um verdadeiro Maçon.

Aos Maçons da Prussia lhes é summamente agradavel relatar estes contos do ancião monarcha Maçon; e a julgar pela sua grande benevolencia, podemos crer que muitos, senão todos, são verdadeiros.

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO XXIV

SUMMARIO : — S. João.

CAPITULO XXIV

S. João

E' obrigação dos Maçons celebrarem as duas festas de S. João, no dia 24 de Junho, e a que tem logar no dia 27 de Dezembro.

E' claro que estas duas festas não são outra cousa mais que a celebração das festas solsticiaes, o que ajuda a provar que a Maçonnaria é anterior, não só ao Christianismo, mas ainda ás instituições mais antigas.

O culto Maçonnico, assim como o culto heliaco, data do principio do mundo, e sua origem confunde-se com o das sociedades dos homens.

Quanto ao sancto que os Maçons adoptáram por patrono, não póde ser

nem S. João Baptista, nem S. João Evangelista, pois nenhum delles tem relação alguma com a instituição philantropica da Maçonnaria. E' de crêr, e esta é a opinião dos Irmãos mais philosophos e mais conhecedores, que o verdadeiro patrono é S. João Esmoler, filho do rei de Chypre, que no tempo das Cruzadas, abandonou sua patria, renunciou á esperança de occupar um throno, e foi a Jerusalem dar os mais generosos soccorros aos peregrinos e aos cavalheiros.

João fundou um hospital, onde fez uma instituição de Irmãos que cuidassem dos doentes, dos christãos feridos, e distribuissem soccorros pecuniarios aos viajantes que iam visitar o Sancto Sepulchro. João, digno já por suas virtudes de ser o patrono de uma sociedade cujo fim unico é a beneficencia, expoz mil vezes sua vida para fazer o bem. A peste, a guerra, o furor dos infieis, nada em uma palavra o impedia de pro-

seguir esta brilhante carreira; mas no meio dos seus trabalhos veio a morte cortar o fio de sua existencia: comtudo o exemplo de suas virtudes ficou gravado na memoria de seus Irmãos, que consideraram como um dever imital-o.

Roma o canonizou com o nome de S. João Esmoler ou S. João de Jerusalem; e os Maçons, cujos Templos elle tinha reedificado (depois de terem sido destruidos pelos barbaros) o escolheram unanimemente para seu protector.

HISTORIA DA MAÇONNARIA

CAPITULO XXV

SUMMARIO :—Discurso pronunciado na sessão magna de posse das Luzes da Augusta e Respeitavel Loja Capitular *União e Progresso*, ao Oriente da cidade da Victoria, capital do Estado do Espirito Sancto, em 21 de Junho de 1884, pelo Illustre Irmão Dr. Moniz Freire, hoje presidente do mesmo Estado, e orador d'aquella Augusta Loja.

CAPITULO XXV

Discurso do Dr. Moniz Freire

SENHORES.

Dizer-vos que viestes assistir a um festim modesto da paz, da luz, da caridade, seria uma frivolidade, commum a todas as falas de semelhantes occasiões, muitas vezes sem a expressão do sentir e do crêr de quem o diz.

Que não fazemos aqui a côrte ás ultimas argucias das contemplações retrogadas do mysticismo, attestam as vossas presenças que, pelo menos trazem o concurso de uma sympathia acquiescente, quando não de uma acquiescencia sympathica.

Não somos forgeiros de anachronismos, nem esta casa é uma fronteira do obscurantismo.

Temos a consciencia disso, e bem avisados estamos do que em nossa tenda de trabalho tem o cunho dos materiaes imprestaveis, assim como do que sem perecer ha de soffrer o embate da onda e subir tambem com ella oceano em fóra, levando ao alem-mar da posteridade as conquistas dos tempos idos.

Hoje que a positividade avassalla todos os espiritos, desde as mais altas até as mais baixas camadas do mundo occidental, das mais cultivadas ás menos esclarecidas; que o mappa da actividade humana divide-se em regiões largamente occupadas pelo espirito practico, pelo empirismo objectivista; tem a assignalabilidade de um facto notavel, a superexistencia de uma instituição antiga, elaborada em épocas cuja influencia directriz fundio-se de todo na historia, insti-

tuição que participa muito do caracter idealista do seu tempo.

Os problemas vão sendo, um a um, abordados, abalados, inqueridos diariamente — não ha madeiro que resista ao tufão.

Os mais bastos e frondosos, os mais enraizados, guarnecem-se das novas vestimentas da primavera, os pequenos, os enfesados, dobram-se ás lufadas até ao rez do chão, e ahi ficam abatidos para sempre.

Na grande téla da natureza physica ou moral, só conservam os traços do primeiro dia as leis geraes que regem os phenomenos, estes reproduzem-se com uma variėdade incrivel, e cada reproducção tem differenças especificas.

As instituições que não evoluem são instituições condemnadas á morte; sim! na viagem dos tempos quem não poder caminhar ha de ficar só na estrada e ao cabo de cada jornada o caminheiro

tem o aspecto modificado pelas impressões da grande excursão.

Todas as idéas se transformam, senhores! desde a mais abstracta até a mais concreta.

Mas, que pretendo eu dizer-vos? Acaso estou fazendo a necrologia do passado, para pedir-vos que cesseis de fital-o? Certamente que de tal não cogitaria. Naquelle sanctuario estão os nossos melhores ensinamentos; é de lá que desce a catadupa do progresso. Veneral-o, é a nossa maior nobreza e o nosso primeiro dever.

O melhor filho ha de ser em regra o melhor cidadão; fazei do vosso sentimento individual um sentimento social, que o sêr humano mais aperfeiçoado será o que melhor honrar os seus antepassados.

Neste Templo da beneficencia e do amor social tambem já tem guarida estas ideas que não pôde comprehender o seculo que o vio nascer.

Esta officina das grandes dedicações altruistas, vae trocando tambem as velhas bagagens na magestosa praça das idéas por um material são e aperfeiçoado que perpetue a sua obra e a conduza a porto de salvamento.

E' do bom artista corrigir os seus erros e melhorar os seus cabedaes, se não quizer ficar sendo um fabricante de ratices.

A Maçonnaria, senhores, que já foi um centro de resistencia, do Sudra desamparado contra o feudal prepotente, do pequenino contra o grande, das victimas contra os seus algozes; esta tenda, onde já choveram as lagrimas de todos os opprimidos, que contavam ao seu Deus as torturas que os desgraçavam e nem lá mesmo encontravam ante os altares o amparo de sua Egreja, que privava com os grandes e com os potentados de todas as ordens; este Templo, senhores, onde os desgraçados vinham compactos, ás

furtadellas, buscar o allivio e a força na fé, na resignação e na humildade; esta Egreja, senhores, porque é aqui que os fieis oravam em uma só oração, pedindo ao Deus dos desgraçados, que é o ultimo tribunal da miseria, a suprema consolação; esta Egreja, a Maçonnaria, emfim, que já foi uma vanguarda da resistencia, será tambem d'ora avante uma columna da reorganisação.

Se a civilisação já conquistou os fortes e os poderosos para o dominio da lei, se a nobreza do sangue azul já é um ridiculo ante a nobreza do sentimento, se o proprio rei para garantir-se a vida teve a necessidade de humanisar-se, ha entretanto ainda muita desigualdade cavada no intimo da sociedade pela differença de condições, muita miseria esganida pelo avassallamento do trabalho, pela invalidez, pelo vicio ou pelo desespero.

É a grande lucta pela vida natural

e logica, mas tambem inexoravel, na qual os desamparados precisam de uma mão que os ampare, de um sacerdocio que prégue a fé humana, afim de attingirmos a esse reinado almejavel do amor universal, que será a ultima victoria da causa que sempre aqui advogamos.

Essa missão não será exclusivamente nossa, porque nós aqui prégamos menos a fé do que o exemplo.

Todavia, na mesa do trabalho commum não brilharemos pela ausencia; estendendo o obulo, protegendo o pobre e o afflicto, ensinamos a grande lei da sympathia, fonte e garantia de toda a sociabilidade; fundando escolas, hospitaes, daremos a lição da dedicação a outrem, cujo desenvolvimento será a base da maior civilisação humana e a mira positiva das mais alevantadas concepções scientificas na solução do problema social.

A's classes especulativas compete formular as bases do novo regimen em

que os elementos sociaes sairão do estado da anarchia para tomar uma constituição organica forte, sadia e definitiva; o nosso auxilio não será dos ultimos: onde houver opportunidade de practicar uma bôa acção nós ahi estaremos!

Nesse plano de reorganisação não é a Maçonnaria que figura como principio obstruccionista; não somos, de fórma alguma origens da anarchia mental, cujos ultimos dias estão contados.

Esta consideração só nos garante que não somos uma instituição inutil e retrograda; já é muito valiosa esta convicção, quando a humanidade tem attingido quasi o vertice de sua perfectibilidade com o proximo advento de uma época normal, que desbancará os erros, as subtilezas, e sobretudo o estado morbido que ainda causa a velha metaphysica.

O concurso que podemos prestar será muito indirecto, convenhamos; mas

é da somma immensuravel de gottas d'agua que se forma o oceano.

E' principalmente do vosso auxilio que precisamos, minhas senhoras, para a collaboração dos destinos sociaes.

A lei, universidade do amor e da sympathia, é a lei de gravitação do systema planetario de que vós sois o sol e o resto da humanidade um satellite: sois a sua melhor encarnação social.

Tendes o instincto da beneficencia e da delicadeza extrema, que são os correctivos da nossa imperfeição, e o velho orgão dos futuros progressos da humanidade.

Em derredor de vós sempre o soffrimento, a dôr, a angustia, encontram uma palavra que leva á alma afflicta o sorriso angelico de que tanto necessitam os que padecem.

Vosso papel não é d'ora avante de cooperação, mas de direcção — sereis os Messias da obra de redempção humana,

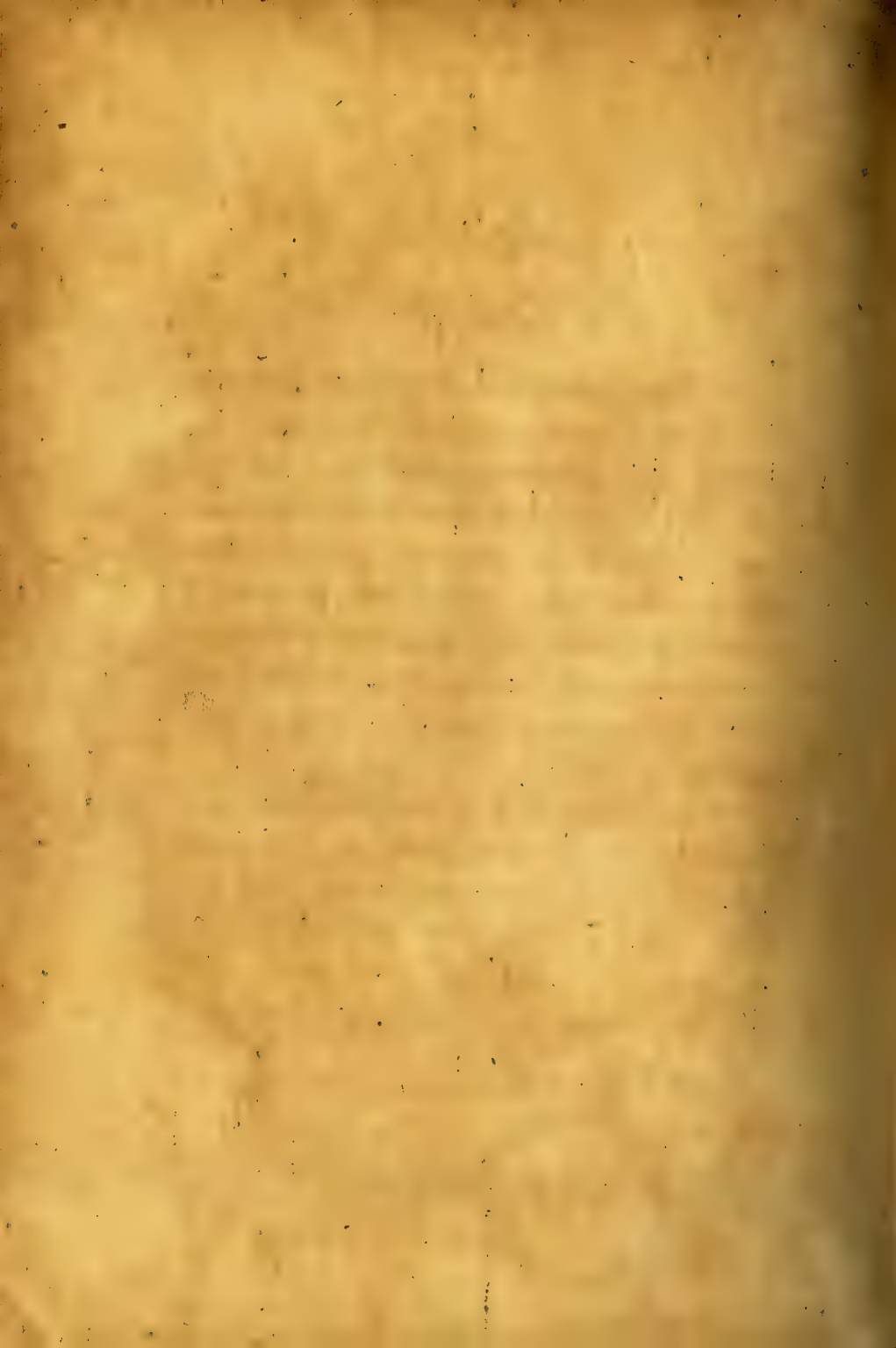
que aos grandes cerebros pertence elaborar com o espirito e a vós com o coração.

Mas, o que é que vos separa de nós?

Será que nós trabalhamos nas trevas?

Não penseis que tememos a luz; os nossos dogmas são a essencia da fina flôr do sentimento, que é o throno de vossa realeza.

Não temos mysterios, não; mas sabei: as sensitivas da alma tambem descoram quando mão profana as toca; do nosso mysterio só aproveita a desgraça, porque esse mysterio é o véo diaphano e puro do bem e da caridade!

ULTIMA PARTE

E' bom lêr !

A Maçonnaria é a reunião de homens destinados a proseguir na antiga obra de philosophos virtuosos, cuja idéa era introduzir na sociedade o estudo das sciencias, e convidar o homem ao exercicio de um culto simples e livre de toda a superstição, base esta em que descança o conjuncto da instituição, verdadeira escola de uma moral pura, amena e universal.

Seus dogmas e principios não pertencem a uma unica seita, nem a uma só nação ; não reconhece distincções sociaes, nem religião, nem patria differentes. Seu unico titulo é o de irmão, sua religião é Deos, sua patria é o Universo !

MENEZES DE MACEDO.

Maximas

« Adora a Deos, que, creando-te intelligente, livre e apto para as virtudes, te fez arbitro da tua sorte. »

« Recorda-te incessantemente que a tua felicidade deve ser a tua propria obra; pois essa é a dignidade da especie humana, que Deos collocou por cima de todos os mais entes. »

« Escuta a voz da natureza.—Todos os homens são eguaes, não formam senão uma só familia; sê tolerante, justo e bom, e serás feliz. »

« Trabalha—Deos abençoará as tuas obras —para seres o pae do orphão, o amparo da viuva, o arrimo do ancião desfallecido:—jámais pensarás que fizeste mais que o teu dever. »

« Pagar o mal com beneficios, é um calculo, com que só pódes lucrar; —porque esquecendo o mal recebido, só te lembrarás do bem que practicaste. »

« Não basta abster-se de fazer mal ao teu proximo, deixando ao mesmo tempo de fazer-lhe bem; pois o Pae Celeste que te dotou com os sentimentos da sympathia, depositou em teu coração o germen do amor e da piedade. »

« Lembra-te que a moral é universal; os sentimentos sagrados da moral estão gravados nos corações de todos os homens. Observa religiosamente as suas leis; qualquer transgressão será infallivelmente punida. »

« O justo, forte da sua consciencia, não póde ser infeliz.—Affronta todos os generos de proscripção, e se entrega com

confiança á Justiça Suprema, para triumpho da virtude e castigo do crime. »

« O perverso soffre na sua consciencia um supplicio inevitavel. Não ha agua lustral que possa apagar o fogo dos remorsos. »

« Orae! — Quando oraste, não te sentiste mais contente, e o teu coração mais alliviado? — Pouco tempo passamos sobre a terra! — Prepara a tua alma para a hora suprema, que se approxima a cada momento. »

« A sympathia approxima os homens, e a utilidade reciproca estabelece entre elles associações de mutuos soccorros e de trabalhos communs. Emprega, pois, os teus esforços para o bem de todos, e todos contribuirão para a tua felicidade. »

União!

« Se vos perguntarem : — Quantos sois vós? — respondereis :

—Somos um só ; porque meus Irmãos e nós, somos uma e a mesma cousa. »

Festas Maçonnicas

Dos Grãos Symbolicos

S. João Baptista......... 24 de Junho
S. João Evangelista...... 27 de Dezembro

Dos Grãos Superiores

Anniversario da dedicação do Templo (gr. 14) 30 de Maio
Commemoração da reconstrucção do Templo (gr. 15); os dias equinoxiaes .... 21 de Março e 23 de Setembro

Anniversario da volta do captiveiro (gr. 16) 23 de Março
Anniversario da embaixada em Jerusalém (gr. 16).................. 20 de Dezembro
Gráos Escocezes de S. A. (gráo 29) Dia S. André............... 30 de Novembro
Commemoração da doação dos bens dos Templarios aos cavalleiros de Malta (gr. 33)............... 1 de Outubro

Epocas Maçonnicas

Da Creação do mundo............... 5847
Da edificação do Templo por Salomão 2858
Do Captiveiro dos 70 annos em Babylonia 2453

Da volta do Captiveiro, sob o commando de Zoroabel.................. 2383
Da reedificação do Templo........... 2367
Do nascimento de Jesus-Christo... 1847
Do supplicio de Jacques Molay, Grão-Mestre dos Templarios...... 533
Da introducção da Maçonnaria regular no Brasil........................ 44

Extractos da Constituição do Grande Oriente de França

PROMULGADA EM 27 DE ABRIL DE 1885

A Franc-Maçonnaria, instituição essencialmente philantropica, philosophica, tem por fim a investigação da verdade, o estudo da moral e a practica da solidariedade; trabalha pelo melhoramento material e moral, e pelo aperfeiçoamento intellectual e social da humanidade.

Tem por principios a tolerancia mutua, o respeito dos outros e de si mesmo, a absoluta liberdade de consciencia.

Considerando as concepções metaphysicas como pertencendo ao exclusivo dominio da apreciação individual de seus membros, ella se recusa toda e qualquer affirmação dogmatica.

Tem por divisa: — Liberdade, Egualdade e Fraternidade.

(Art. 1.º)

A Maçonnaria tem por dever estender a todos os membros da humanidade os laços fraternaes que ligam os Maçons sobre toda a superficie do globo.

Recommenda aos seus adeptos a propaganda pela palavra, pelos escriptos e pelo exemplo.

(Art. 2.º)

O Maçon tem por dever, em toda emergencia, ajudar, esclarecer e proteger seu irmão, mesmo com perigo de sua

propria existencia, e de defendel-o contra a injustiça.

(Art. 3.°)

A Maçonnaria considera o trabalho como um dos deveres sociaes do homem.

Honra egualmente tanto o trabalho manual como o intellectual.

(Art. 4.°)

A soberania Maçonnica pertence á universalidade dos Maçons activos regidos pela presente constituição.

Esta soberania se exerce pelo suffragio universal.

(Art. 5.°)

A Maçonnaria possue signaes e emblemas, cuja alta significação symbolica só póde ser revelada pela iniciação.

Estes signaes e emblemas presidem sob fórmas determinadas, aos trabalhos dos Maçons e permittem a estes, sobre toda a superficie da terra, se reconhecerem e se auxiliarem.

....

(Art. 7.°)

Os Maçons se reunem em grupos que tomam a denominação de *ateliers*.

Os *ateliers* consagrados aos tres primeiros gráos têm o nome das *lojas*.

Os *ateliers* consagrados aos outros gráos, comprehendendo o gráo 30, têm o nome de capitulos e de conselhos.

O *atelier* supremo, que tem unicamente o direito de iniciar nos ultimos gráos da Maçonnaria, traz o nome de *Grande Collegio dos Ritos*.

(Art. 10)

....

....

Chronologia dos Grão-Mestres da Ordem em França

1725—Lord Derwentwater.

1736—Lord Harnouester.

1738—Duque d' Antin.

1743—Luiz de Bourbon, conde de Clermont, principe de sangue.

1771—1793— Duque de Chartres (Luiz Philippe José), duque de Orleans, depois da morte de seu pae.

1795—1804— Noëttiers de Montaleau.

1850—1814— José Bonaparte, rei de Napoles, depois de Hespanha.

1814—1852—(Vago).

1852—1861 — Principe Luciano Murat.

1862—1865— Marechal Magnan.

1865—1870— General Mellinet.

1870—1871— Barbaud— Laribiére, advogado, antigo representante do povo.

Chronologia dos Presidentes do Conselho da Ordem

1871—1872—Babaud-Laribière.
1872—1882—De Saint-Jean.
1883—1885—Charles Cousin.

1885 — 1887 — J. C. Colfavru, deputado.

1887—1888—F. Desmons, deputado.

Taboa chronologica dos Mysterios Antigos a que se refere a Maçonnaria

	Antes de Christo
Mysterios Persas, ou Magos.....	100.000
Mysterios Indios, ou Brachmanes	5.000
Mysterios Egypcios de Isis......	2.900
Dos Cabyres..........................	2.522
Mysterios Gregos de Samothracia	1.950
De Eleusis	1.373
De Orphêo............................	1.330
Mysterios Judaicos dos Essenios	1.550
De Salomão..........................	1.018
	Depois de Christo
Do Christianismo....................	33
Mysterios Francos de *Herta* na Scandinavia........................	287

Ordem da Cavallaria.............	800
Ordem do Templo..............	1.118
Mysterios Britannicos (corporação de Architectos).........	926
Franc-Maçonnaria Reformada...	1.703

Extractos da Constituição e Regulamento Geral do Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil

DECRETO N. 99

Nós, Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares, Ministro do Supremo Tribunal Federal, Grão-Mestre Grande Commendador interino da Ordem Maçonnica do Brasil:

Fazemos saber a todas as Officinas e Maçons da nossa jurisdicção, para a devida intelligencia, que a Assembléa Constituinte adoptou, em 30 de Novem-

bro do anno proximo findo, a Constituição pela qual deverá regular-se a Maçonnaria no Brasil e que é por nós promulgada, com autorização da mesma Assembléa.

O Grande Secretario Geral da Ordem é encarregado da notificação e publicação do presente Decreto e da nova Constituição.

Dado e traçado na Grande Secretaria Geral do Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, aos 28 dias do 11° mez do anno da V.·. L.·. 5891, 28 de Janeiro de 1892 (E.·. V.·.).

ANTONIO J. DE MACEDO SOARES 33.·.
Grão-Mestre Grande Commendador interino da Ordem.

DR. HENRIQUE VALLADARES 33.·.
Gr.·. Secretario Geral da Ordem.

JOÃO FRANCISCO DA COSTA FERREIRA 33.·.
Gr.·. Chanceller.

A Maçonnaria, instituição caritativa e philantropica, philosophica e progressista, tem por objecto a indagação da verdade, o estudo da moral e a practica da solidariedade, trabalhando pelo melhoramento material e moral, e pelo aperfeiçoamento intellectual e social da Humanidade.

(Art. 1.º)

A Maçonnaria, cuja divisa é — Liberdade, Egualdade, Fraternidade — tem por principios a tolerancia, o respeito mutuo e a liberdade absoluta de consciencia.

(Art. 2.º)

E' dever da Maçonnaria estender a todos os membros da Humanidade os laços fraternaes que ligam os Maçons em toda a superficie do Globo, recommendando aos seus adeptos a propaganda pela palavra, pelos escriptos e pelo exemplo, e dando a todo o Maçon o di-

reito de publicar sua opinião sobre questões Maçonnicas de ordem geral.

(Art. 3.º)

E' dever do Maçon em qualquer circumstancia ajudar e proteger a seu irmão, mesmo com risco da propria vida, e defendel-o contra a injustiça.

(Art. 4.º)

A Maçonnaria considera o trabalho como um dos deveres essenciaes do homem, e honra egualmente o trabalho manual e o trabalho intellectual.

(Art. 5.º)

Grande Oriente do Brasil

A séde do Grande Oriente é no Rio de Janeiro, em edificio proprio, á rua do Lavradio.

Os dous Grandes Orientes que existiam no Brasil, um ao Valle do Lavradio e o outro ao Valle dos Benedictinos, effectuaram a sua reunião no dia 18 de Janeiro de 1883, da qual resultou o Grande Oriente, que ora existe, sob a denominação de Grande Oriente do Brasil.

Grão-Mestres que têm pertencido á Ordem

1.° — Conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva (1821 a 1822).

2.° — S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro I (1822 a 1831).

3.° — Conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva (1831 a 1838).

4.° — Conselheiro Visconde de Albuquerque (1838 a 1850).

5.° — Conselheiro Marquez de Abrantes (1850 a 1863).

6.° — Barão de Cayrú (1863 a 1865).

7.° — Conselheiro Joaquim Marcellino de Brito (1865 a 1870).

8.º — Conselheiro de Estado Visconde do Rio Branco (1870 a 1880).

9.º — Conselheiro Dr. Joaquim Saldanha Marinho (1863 a 1883, no Valle dos Benedictinos).

10.º — Conselheiro Francisco José Cardoso Junior (1880 a 1885).

11.º — Visconde Vieira da Silva (1886 a 1889).

Grão-Mestres honorarios

S. M. Jorge V, ex-rei de Hannover, Grão-Mestre da extincta Grande Loja de Hannover.

Conde de Paraty, Grão-Mestre do Grande Oriente Lusitano Unido.

General Mellinet, ex-Grão-Mestre do Grande Oriente de França.

Alberto Pike, Grande Commendador do Supremo Conselho de Charleston.

Conselheiro Dr. Joaquim Saldanha Marinho.

Conselheiro Paulo Fernandes Vianna.
Conselheiro Barão de S. Felix.
Conselheiro Francisco José Cardoso Junior.
Conselheiro Visconde de Jary.
Paulo F. Vianna.

Foi tambem Grão-Mestre da Maçonnaria Brasileira, o marechal Manoel Deodoro da Fonseca.

Potencias Maçonnicas estrangeiras em relações de amizade com o Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil.

Supremo Conselho dos Estados Unidos da America do Norte (Jurisdicção do Sul). Representante do Brasil, John Luincy Adam Felows. Representante no Brasil, José Diniz Villas-Bôas.

Supremo Conselho dos Estados Unidos da America do Norte (Jurisdicção do Norte). Representante do Brasil, Heman Ely. Representante no Brasil, coronel Dr. Francisco José Cardoso Junior.

Supremo Conselho da França. Representante do Brasil, Eugène Huber. Representante no Brasil, Luiz Chapot Prevost.

Supremo Conselho da Belgica. Representante do Brasil, Adolpho De Boy. Representante no Brasil, Honorio Pinto Pereira de Magalhães.

Supremo Conselho da Suissa. Representante do Brasil, Julio Besançon. Representante no Brasil, Dr. Eugène A. Poncy.

Supremo Conselho de Inglaterra. Representante do Brasil, capitão Nothaniel George Philips. Representante no Brasil, José A. de Oliveira Moraes.

Supremo Conselho do Uruguay. Representante do Brasil, Dr. Ezequiel Perez. Representante no Brasil, major João A. d'Avila.

Supremo Conselho do Canadá. Representante do Brasil, Isaac Henry Stearus. Representante no Brasil, Dr. Luiz Alvares de Azevedo Macedo.

Supremo Conselho da America Central. Representante do Brasil, Felix Mattos. Representante no Brasil, commendador Joaquim B. Pinto Machado.

Supremo Conselho da Republica Dominicana. Representante do Brasil, Eugenio Morchena. Representante no Brasil, Barão de Paranapiacaba.

Supremo Conselho de Colon, Ilha de Cuba. Representante do Brasil, José Fernandes Pellon. Representante no Brasil, vago.

Supremo Conselho da Italia. Representante do Brasil, Tiofilo Gay. Repre-

sentante no Brasil, Rodrigo A. Machado Poès.

Supremo Conselho da Escocia. Representante do Brasil, William Mann, Representante no Brasil, vago.

Grande Oriente de França. Representante do Brasil, Fratenel. Representante no Brasil, vago

Grande Oriente da Belgica. Representante do Brasil, I. Eyerman. Representante no Brasil, Dr. Alberto José Pimentel Hargreaves.

Grande Oriente de Hespanha. Representante do Brasil, Sergio Martinez del Bosch. Representante no Brasil, vago.

Grande Oriente de Portugal. Representante do Brasil, coronel Miguel Baptista Maciel. Representante no Brasil, José Rufino Rodrigues de Vasconcellos.

Grande Oriente do Egypto. Representante do Brasil, Dr. A. de Sirello Bey.

Representante no Brasil, Dr. Henrique Valladares.

Grande Loja de Inglaterra. Representante do Brasil Lord Shelmeisdade. Representante no Brasil, Barão de Jaceguay.

Grande Loja da Prussia. (Royal York). Representante do Brasil, Cavalheiro Theodoro Salmer. Representante no Brasil, José Diniz Villas-Bôas.

Grande Loja da Hungria. Representante do Brasil Deziderius Freund. Representante no Brasil, José Luiz Fernandes Villela.

Grande Loja da Dinamarca. Representante do Brasil, Cornelius Peter August Kock. Representante no Brasil, Arthur Sauer.

Grande Loja da Victoria Melbourne. Representante do Brasil, Carlos J. Davidson. Representante no Brasil, Dr. Henrique Valladares.

Grande Loja do Perú. Representante

do Brasil, José Maria Viranco. Representante no Brasil, Luiz Chapot Prevost.

Grande Loja de Francfort Sur le Main. (Central da União Eclectica). Representante do Brasil, Ferdinand Lucks Mack. Representante no Brasil, Dr. João Gotilieb T. Uflacker.

Grande Loja da Suissa. (Alpina). Representante do Brasil, Humbert Aimé. Representante no Brasil, Luiz Chapot Prevost.

Grande Loja da Allemanha. (Nacional dos tres Globos.) Representante do Brasil, Kleiber. Representante no Brasil, Dr. João Gottlieb T. Uflacker.

Grande Loja de Hamburgo. Representante do Brasil, Henrich Arnold Luyken. Representante no Brasil, Emanuel Siebman.

Grande Loja de Jowa. Representante do Brasil, Theodoro Sutton Parvin. Representante no Brasil, Dr. Alexandrino Freire do Amaral.

Grande Loja da Luiziania. Representante do Brasil, H. Marinoni. Representante no Brasil, Dr. Alexandrino Freire do Amaral.

Grande Loja de Maryland. Representante do Brasil, Graham Dukehart. Representante no Brasil, vago.

Taboa chronologica da Maçonnaria

OU

INTRODUCÇÃO DA MAÇONNARIA NOS DIVERSOS ESTADOS DO GLOBO, DESDE A SUA REFÓRMA ATÉ 1830

EUROPA

Inglaterra	1702
Escocia	1702
Irlanda	1702
França	1725
Hespanha	1728

Suecia	1730
Napoles	1731
Hollanda	1731
Russia	1731
Toscana	1733
Portugal	1733
Hamburgo	1736
Suissa	1736
Sardenha	1737
Saxonia	1737
Baviera	1737
Prussia	1738
Austria	1738
Turquia	1738
Colonia	1739
Malta	1740
Dinamarca	1742
Bohemia	1744
Hungria	1744
Noruega	1747
Guernesey	1753
Jersey	1753
Hannover	1754

ASIA

Bengala	1728
Turquia	1738
Madrasta	1752
Ceylão	1771
Surate	1776
Ilha do Principe de Galles	1780
Persia	1812
Pondicheri	1820
Bombaim	1820

AFRICA

Cabo Costa	1736
Ilha Bourbon	1774
Ilha de França	1778
Cabo da Boa Esperança	1781
Santa Helena	1798
Serra Leôa	1819
Senegal	1822
Ilhas Canarias	1823

AMERICA

Canadá	1721
Massachussett	1733
Georgia	1735
Carolina do Sul	1736
New-York	1737
S. Christovão	1737
Martinica	1738
Antigoa	1742
Jamaica	1743
Ilha-Real	1745
S. Domingos	1749
Pensilvania	1753
Barbada	1754
Guadelupe	1754
S. Eustachio	1754
Nova Escocia	1762
Grenada	1764
Virginia	1765
Terra-Nova	1765
Guyana Hollandeza	1771
Bermudas	1774

Lusiana	1784
S. Thomaz	1818
Honduras	1819
S. Vincente	1819
Cubà	1821
Dominica	1823
Brasil	1823
Columbia	1824
Mexico	1824
Guyana Franceza	1827

OCEANIA

Java	1769
Sumatra	1772
Nova Galles do Sul	1828

Conclusão

O leitor é certamente lido nas sciencias e nas lettras humanas, e tem naturalmente bom coração, e uma consciencia sem sombras.

Ama a bôa litteratura, o romance, a historia, a poesia, todas essas creações da intelligencia humana, que arrebatam, que extasiam pelas bellezas que encerram, porque tem a intuição do bello, o amor do justo, do honesto e do proveitoso.

Por isso o convido a reflectir sobre o espirito geral que dictou este livro, que não visa outros intuitos senão bem servir a Humanidade.

Fallecem-me talento e illustração, para os grandes commettimentos intellectuaes.

Mas, em todo caso, a bôa vontade é sem limites, e as intenções são puras como a agua crystallina que brota dos seios fecundos da terra.

Ao escrever este livro, que não é totalmente meu, tive de ir beber ás fontes mais remotas e eruditas, transcrevendo o que de mais importante se ha escripto sobre os grandes mysterios que

envolveram a nossa instituição no seu alvorecer.

O trabalho de coordenação, de disposição e algumas vezes de apreciações, pertence-me.

Espero que o publico legente, que ama os livros, que estuda, e que pensa, não descortinará, com a publicação desta obra, desejos de ferir e de molestar a quem quer que seja, pois tolerante, como somos, partidario da mais completa liberdade de consciencia e de pensamento, só desejamos ver a humanidade elevada a esse gráo de aperfeiçoamento moral, que extingue no homem a paixão partidaria, a intolerancia religiosa, e que o dispõe para a benevolencia e para o perdão, attendendo á triste contingencia das nossas fraquezas, e dá nossa impotencia diante do Infinito, e do grande Architecto do Universo, fonte fecunda de bens, e de misericordia!!...

Nota Final

Crê o organisador deste livro que, com o conjuncto de estudos aqui enfeixados, elaborados por auctoridades no assumpto, conseguirá o objectivo a que visa: — dissipar as nuvens que obumbram os horisontes da Maçonnaria, e apresental-a ao mundo profano como ella é realmente, desfazendo as conjecturas erroneas, nascidas do obscurantismo, da ignorancia, e do fanatismo.

INDICE

Capitulo III

Capitulo IV

Capitulo V

Capitulo VI

Capitulo VII

Capitulo VIII

Capitulo IX

CAPITULO X

CAPITULO XI

CAPITULO XII

CAPITULO XIII

CAPITULO XIV

CAPITULO XV

CAPITULO XVI

ULTIMA PARTE

OBRAS DO MESMO AUCTOR

PUBLICADAS

Questão litteraria (*Qual o maior poeta do Brasil?*) Edição exgottada.

Discurso sobre educação.

Questões Politicas e Sociaes e **A Mentira Republicana** (pamphletos politicos) Edição exgottada.

A ENTRAR NO PRÉLO

Estado de Minas Geraes (Noticia sobre Juiz de Fóra).

O Livro das Escolas.

O Brasil Imperio e o Brasil Republica.

NO PRÉLO

Physionomias Politicas e Litterarias.

EM ELABORAÇÃO DIVERSOS TRABALHOS POLITICOS, LITTERARIOS E SCIENTIFICOS

A minha prisão politica. (Acontecimentos de 1893 a 1894.)